

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

**GISELLE QUAESNER**

**SOLIDARIEDADE: UM ESTUDO ANARQUISTA A PARTIR DA  
HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA**

**TESE**

**CURITIBA  
2023**

GISELLE QUAESNER

## **SOLIDARIEDADE: UM ESTUDO ANARQUISTA A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA**

**Solidarity: an anarchist study based on thematic oral history**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de “Doutora em Tecnologia” - Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti

CURITIBA  
2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Campus Curitiba**



GISELLE QUAESNER

**SOLIDARIEDADE: UM ESTUDO ANARQUISTA A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA**

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutor Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 31 de Maio de 2023

Dr. Francis Kanashiro Meneghetti, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Clovis Mendes Gruner, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Doris Accioly E Silva, Doutorado - Universidade de São Paulo (Usp)

Dr. Gilson Leandro Queluz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Rene Eugenio Seifert Junior, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 22/08/2023.

A todo/a aquele/a que possui esperança em uma sociedade mais justa e solidária.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta pesquisa foi possível por decorrência generosidade e grandiosidade de pessoas que passaram por minha vida. A todas elas expresso minha imensa e eterna gratidão.

Inicialmente, agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná que me acolheu durante toda a minha trajetória acadêmica entre Graduação e Pós-Graduação, permitindo o meu engrandecimento enquanto pesquisadora e pessoa.

Também agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade e à Coordenação de Aprimoramento de Pessoal de Nível Superior, os quais possibilitaram meu retorno ao meio acadêmico, me proporcionando suporte e crescimento a partir das maravilhosas reflexões que tive acesso durante meu percurso enquanto mestranda e doutoranda.

Das pessoas que me auxiliaram nessa jornada, primeiramente, devo agradecer ao meu orientador, Francis Kanashiro Meneghetti, por toda a dedicação e apoio, não somente para a realização da pesquisa, mas em âmbito pessoal, quando prestou solidariedade e acolhimento a diversos problemas que vivenciei durante minha trajetória acadêmica.

À minha amada e maravilhosa filha, expresso meu intenso e profundo agradecimento, pois foi, é e será sempre minha luz, minha força, minha razão para, muitas vezes, não desistir ou deixar as dificuldades me consumirem. Todo o amor e dedicação que ela expressou por mim estão refletidos em toda a minha trajetória científica ou em tudo que eu faço.

Ao meu amado e batalhador marido, um ser humano de grande valor, que me amou, apoiou e cuidou de nós durante boa parte do percurso, meu sincero e profundo agradecimento.

Aos meus queridos e amados pais, pessoas maravilhosas e meus exemplos, que sempre estiveram ao meu lado, mesmo nos momentos mais complexos, minha honesta e intensa gratidão.

Aos meus amados irmãos, cunhados e sobrinha, agradeço imensamente por todo o carinho e companheirismo que me recarregaram e motivaram durante todo o período acadêmico.

A todos os meus familiares, amigos e colegas, que me ajudaram, apoiaram, trouxeram contribuições e exemplos maravilhosos durante todo o percurso, minha enorme gratidão.

Às minhas amadas e guerreiras amigas Kalyane e Elen, que trouxeram luz e demonstrações da mais honesta amizade, sem a qual eu não conseguiria seguir em frente, minha indescritível gratidão.

Ao/às maravilhoso/as participantes desta pesquisa: Dona Maria, Jorge, Luciana e Maria de Lourdes, minha profunda admiração e sincera gratidão.

Por fim, aos professores e às professoras que aceitaram compor a banca de qualificação e defesa: Clóvis Gruner, Doris Accioly e Silva, Fernanda Tarabal Lopes, Gilson Leandro Queluz e Rene Eugenio Seifert Jr, minha intensa gratidão.

Eu sou profundamente grata a todas as pessoas que passaram por minha vida e contribuíram para o meu crescimento e aprendizado. Acredito que sem pessoas ao nosso redor, mesmo aquelas que nos colocam em dificuldades, não conseguiríamos evoluir e enxergar o mundo pela ótica da interdependência, reciprocidade, afetividade, ou seria impossível a prática da solidariedade. Sendo assim, expresso os melhores sentimentos que existem dentro de meu coração, pois sei da importância que as pessoas representam em nossas vidas.

Com grande e intenso amor,  
Giselle Quaesner

O amor, a simpatia e o altruísmo por certo desempenham papel crucial no desenvolvimento progressivo de nossos sentimentos morais. Mas não é no amor, e nem mesmo na simpatia, que a sociedade se baseia. É na percepção – mesmo que apenas no estágio do instinto – da solidariedade humana. É o reconhecimento inconsciente da força que cada homem obtém da prática da ajuda mútua; da íntima dependência que a felicidade de cada um tem da felicidade de todos; e do senso de justiça ou de equidade que leva o indivíduo a considerar os direitos de todos os outros indivíduos iguais aos seus. (KROPOTKIN, Piotr, 2009)

“A única autoridade grande e toda-poderosa e ao mesmo tempo natural e racional, a única que nós podemos respeitar, será a do espírito colectivo e público duma sociedade fundada na igualdade e na solidariedade, assim como na liberdade e no respeito humano e mútuo de todos os seus membros”.

(BAKUNIN, Mikhail, 1975)

## RESUMO

Este estudo objetiva compreender, a partir do referencial teórico anarquista, a presença da solidariedade nas histórias de quatro pessoas aposentadas ou desvinculadas do mercado formal, as quais adotaram um estilo de vida voltado ao apoio a outrem. A pesquisa se fundamenta sobre bases teóricas anarquistas, por meio das contribuições de pensadores e pensadoras como: Emma Goldman, Errico Malatesta, León Tolstói, Louise Michel, Maria Lacerda de Moura, Mikhail Bakunin, Murray Bookchin, Pierre Proudhon, Piotr Kropotkin e Voltairine Cleyre, além de apresentar as práticas e redes anarquistas. Contudo, também exhibe algumas das principais e breves discussões sobre o tema no campo da Sociologia, por meio das contribuições de Émile Durkheim, Jürgen Habermas e Hauke Brunkhorst, no direito romano, no cristianismo e na Revolução Francesa. Por conseguinte, estabelece uma discussão sobre a temática a partir do contexto da pandemia da Covid-19. O método escolhido para a pesquisa qualitativa foi o da História Oral, com recorte em História Oral Temática. Já a análise dos dados se baseou em cinco categorias anarquistas: quatro definidas por John Nightingale: vínculo entre individual e coletivo, inclusão universal, responsabilidade coletiva e produção social da individualidade e uma por nosso entendimento sobre o assunto: redes de ação solidária. A partir das categorias definidas, durante a manipulação dos dados encontrou-se um potencial resultado: satisfação ou felicidade. Concluiu-se, com base nos relatos coletados, que, mesmo em um contexto de desigualdades, os elementos que constituem a solidariedade anarquista encontram-se presentes na realidade de nosso/as participantes, embora este/as não manifestem a ação em prol da revolução social, apesar do desejo de vivenciarem uma sociedade melhor.

**Palavras-chave:** Solidariedade. Anarquismo. História Oral Temática.



## ABSTRACT

This study aims to comprehend, based on the anarchist theoretical framework, the presence of solidarity in the stories of four retired or disengaged individuals from the formal job market, who have adopted a lifestyle focused on supporting others. The research is grounded in anarchist theoretical foundations, drawing from the contributions of thinkers such as Emma Goldman, Errico Malatesta, León Tolstói, Louise Michel, Maria Lacerda de Moura, Mikhail Bakunin, Murray Bookchin, Pierre Proudhon, Piotr Kropotkin, and Voltairine Cleyre. It also presents anarchist practices and networks. Furthermore, the study briefly discusses the theme in the field of Sociology, with contributions from Émile Durkheim, Jürgen Habermas, and Hauke Brunkhorst, as well as in Roman law, Christianity, and the French Revolution. Additionally, it establishes a discussion on the subject from the context of the Covid-19 pandemic. The chosen method for qualitative research was Oral History, with a focus on Thematic Oral History. The data analysis was based on five anarchist categories: four defined by John Nightingale - the connection between the individual and the collective, universal inclusion, collective responsibility, and the social production of individuality, and one by our understanding of the subject: networks of solidarity action. From the defined categories, during the data manipulation, a potential outcome was found: satisfaction or happiness. Based on the collected accounts, it was concluded that, even in a context of inequalities, the elements that constitute anarchist solidarity are present in the reality of our participants, although they do not express action for the sake of social revolution, despite desiring to experience a better society.

**Keywords:** Solidarity. Anarchism. Thematic Oral History.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1.1 Publicações recentes sobre solidariedade e anarquismo</b> .....	<b>16</b>
<b>2 FUNDAMENTOS</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1 Solidariedade e suas raízes no Direito Romano</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2 Solidariedade Social</b> .....	<b>22</b>
<b>2.3 Solidariedade segundo Habermas e Brunkhorst</b> .....	<b>25</b>
<b>2.4 Solidariedade cristã</b> .....	<b>29</b>
<b>2.5 As diferenças entre Solidariedade, Fraternidade e Caridade</b> .....	<b>34</b>
<b>2.6 Dia Internacional da Solidariedade Humana e a pandemia do Covid-19</b> .....	<b>38</b>
<b>2.7 A importância da Solidariedade no Anarquismo</b> .....	<b>41</b>
2.7.1 Solidariedade, Liberdade e Igualdade .....	43
2.7.2 Solidariedade de classe, Autogestão e Economia Solidária.....	50
2.7.3 Apoio Mútuo e Ecologia Social .....	56
2.7.4 Anarcofeminismo.....	62
2.7.5 Anarco-cristianismo .....	67
2.7.6 Categorias anarquistas norteadoras .....	70
2.7.7 Práticas anarquistas .....	73
2.7.8 Redes anarquistas e a imprensa operária.....	79
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>84</b>
<b>3.1 História Oral</b> .....	<b>84</b>
<b>3.2 Descrição da abordagem</b> .....	<b>87</b>
3.2.1 Luciana.....	88
3.2.2 Jorge .....	90
3.2.3 Maria de Lourdes .....	90
3.2.4 Dona Maria.....	92
<b>3.3 Método de transcrição e análise</b> .....	<b>93</b>
<b>4 DADOS DE PESQUISA</b> .....	<b>95</b>
<b>4.1 Prólogo – história de Giselle Quaesner</b> .....	<b>95</b>
4.1.1 Breve história de Luciana .....	98
4.1.2 Breve história de Dona Maria .....	99
4.1.3 Breve história de Jorge.....	101
4.1.4 Breve história de Maria de Lourdes.....	102

<b>4.2 Análise das Histórias .....</b>	<b>103</b>
4.2.1 Vínculo entre Individual e Coletivo .....	104
4.2.2 Inclusão Universal .....	110
4.2.3 Responsabilidade Coletiva .....	114
4.2.4 Produção Social da Individualidade .....	118
4.2.5 Redes de Ação Direta .....	124
4.2.6 Satisfação e Felicidade: um resultado inesperado? .....	129
<b>5 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>144</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A solidariedade é um fenômeno social. Essa é a convergência em um campo de embates. Se ela molda a sociedade ou é moldada por ela, é onde começam as divergências que permitiram a realização deste estudo, uma vez que o tema assume um caráter inconclusivo, logo receptivo a novas abordagens.

O que nos motivou a tornar a solidariedade nosso objeto de estudo foi a emergência da nossa sociedade em encontrar meios de se opor ao individualismo cada vez mais presente em nosso cotidiano, o qual envenena não somente as relações profissionais e pessoais, mas também se estende à esfera político-ideológica, o que permite a liderança de figuras ou grupos autoritários e extremistas, que buscam se apropriar da subjetividade de seus/suas seguidores/as e destruir o senso de coletividade.

Não é de hoje que os discursos demagógicos enganam multidões com as promessas de uma falsa liberdade, seja por conteúdos ideológicos, seja econômicos, ambos dissociados da verdadeira consciência coletiva, a qual aproxima os seres humanos, espontaneamente, em direção ao bem-estar de todos/as. “A liberdade, a moralidade e a dignidade do homem consistem precisamente em ele praticar o bem, não por ser obrigado a isso, mas por ele o conceber, o querer e o amar” (BAKUNIN, 1975, p. 16).

A busca por uma falsa liberdade, movida por conteúdo ideológico, cria inimigos imaginários capazes de “destruir” sentimentos e valores, como: proteção, pertencimento, religiosidade, tradição. Lideranças, associadas ao totalitarismo, se utilizam das temáticas sensibilizantes ou identidades de grupo para despertarem o medo irracional e a intolerância, ou seja, a religião, o nacionalismo, a sexualidade são motivadores a enxergar ameaça em qualquer indivíduo ou grupo que tenha potencial para prejudicá-los, ameaçá-los.

A maior parte dos homens, não só nas massas populares mas também nas classes privilegiadas e esclarecidas, tanto e até mais do que nas massas, só se sentem tranquilos e em paz consigo próprios quando, nos seus pensamentos e em todos os actos da sua vida, seguem com fidelidade e cegueira, a tradição e a rotina. (BAKUNIN, 1975, p. 13-14)

Nesse tipo de pensamento, a liberdade será alcançada quando o inimigo for eliminado. Esse é o palco para as guerras, a escravização, as violências e intolerâncias associadas a gênero, cor de pele, étnicas, religiosas. “As eliminações, os assassinatos, os extermínios passam a ser planejados e sistemáticos,

obedecendo a uma dinâmica simbiótica com a realidade na qual essas organizações estão inseridas” (MENEGETTI, 2019, p. 17).

O outro tipo de falsa liberdade é a econômica. Embora pareça inofensiva, é igualmente perigosa. O indivíduo motivado por interesses puramente econômicos, movido pela competitividade, é capaz de se envolver em situações violentas contra si e contra os outros para atingir emancipação e poder. Esse é um tipo de ação não só aceita, mas aplaudida, desejada, invejada. Por isso tem caráter tão ameaçador.

Desde a industrialização, as discussões sobre a centralidade da liberdade (sobretudo econômica), hoje ideologicamente concebida como autonomia, acompanham os defensores do capitalismo, os quais pregam, com a mesma fé que cultuam Deuses, a importância de obtê-la a qualquer custo. Anarquistas, por outro lado, apresentam outra concepção para a liberdade, quando associada ao senso de cooperação, de igualdade, de solidariedade. Uma liberdade dissociada de ideais egoístas incentivados por relações de poder.

“Mas o que nos é preciso é mostrar que, apesar do individualismo autoritário que nos afoga, há sempre na nossa vida uma parte muito vasta em que se não age senão por livre entendimento [...]”(KROPOTKIN, 1953, p. 55). As considerações expostas nos mostram que precisamos dos outros e que é por meio de uma sociedade justa que alcançaremos a verdadeira liberdade, afinal um ser humano afastado das relações sociais, em total isolamento, morre intelectual, moral e, até mesmo, materialmente (BAKUNIN, 1975).

Isto posto, buscamos entender se as reflexões sobre o tema da solidariedade podem trazer direcionamentos e, até mesmo, esperanças para recuperarmos uma sociedade, hoje pautada, em parte, por concepções deturpadas, a qual se priva de experimentar o livre entendimento para depositar sua fé em falsas promessas de conquistas individuais, baseadas na competitividade.

Fundamentando-nos nessa premissa, estabelecemos o **objetivo geral: a partir da concepção anarquista de solidariedade, analisar como esta se encontra presente nas histórias de quatro pessoas.**

Para que pudéssemos alcançá-lo, formulamos três objetivos específicos que nos possibilitaram aprofundar o estudo do objeto e fazer o recorte adequado ao tema proposto. São eles:

- A partir de referencial teórico anarquista, delimitar categorias de orientação para identificar a presença da solidariedade nos relatos.

- Com base em história oral temática de quatro pessoas aposentadas ou desvinculadas do mercado formal, que adotam um estilo de vida voltado ao apoio a outrem, buscar elementos que se enquadrem nas categorias delimitadas pelo referencial teórico anarquista.
- Examinar os dados e buscar compreender se é possível, na realidade das pessoas participantes deste estudo, encontrar a solidariedade proposta pelas categorias anarquistas.

Para cumprirmos esses objetivos, utilizamos o método de História Oral, com recorte na técnica de História Oral Temática, pois acreditamos que a expressão de vivências individuais contém importantes elementos que podem explicar os eventos sociais. Desse modo, coletamos e recoletamos os relatos das quatro pessoas que se dispuseram a fornecê-los, nos permitindo cruzar essas informações para obtermos o resultado.

Por esta pesquisa estar inserida em um Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, no grupo de Tecnologia e Trabalho, é relevante justificarmos o porquê de escolhermos pessoas aposentadas ou desvinculadas do mercado formal, visto que nossa decisão desvia a discussão sobre trabalho na esfera à qual somos pertencentes.

Por esse motivo, consideramos necessário esclarecer nosso ponto de vista sobre trabalho. A partir das concepções dos teóricos marxistas, cujas contribuições sobre o labor são de grande relevância, entendemos por trabalho, “a condição básica de toda a vida humana” (ENGELS, 1876, p. 4) e, também, “um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 1996, p. 297).

No contexto em que vivemos, de uma sociedade regida pelas leis do capital, no entanto, é comum pensarmos em trabalho como uma ação que gera um retorno econômico. Essa concepção é reducionista e excludente, pois compreende apenas uma parte da sociedade (aquela que vende sua força de trabalho), e participa do produtivismo.

Também é necessário repensarmos a centralidade do trabalho formal que exige do/a trabalhador/a parte significativa do seu tempo e energia, além de limitar suas ações, não restando muitas oportunidades para contemplações que poderiam trazer novas ideias e modos alternativos de se viver.

A partir dessas considerações, escolhemos o público mencionado por não estar diretamente vinculado às pressões do labor convencional, o que permite um tempo maior para reflexões e para o despertar de diferentes pontos de vista que, muitas vezes, incluem a compreensão de valores (como senso de coletividade, cooperação e empatia) , os quais podem e são, em diversas ocasiões, deturpados pelas pressões do capital.

A estrutura desta tese se organiza em cinco partes, iniciando por estas noções introdutórias, seguida pela fundamentação teórica, partindo para a metodologia, passando pelos dados da pesquisa, para, enfim, apresentar as considerações do estudo.

Em Fundamentos, realizamos uma pesquisa bibliográfica com o intuito de entendermos as raízes do termo solidariedade, assim como as diversas noções atribuídas a ele, de acordo com diferentes correntes teóricas. Desse modo, partimos das raízes do termo no Direito romano, para uma abordagem sociológica fundamentada nas concepções de Durkheim, seguida pelas compreensões de Habermas e Brunkhorst. Também apresentamos discussões sobre as diferenças entre caridade, solidariedade e fraternidade, solidariedade cristã e o contexto pandêmico atual, que afetou as relações sociais

Embora tenhamos apresentado, de forma sucinta, as compreensões de autores da Teoria Crítica, dentre outras correntes teóricas, nosso interesse teórico se centra nas compreensões anarquistas, logo os autores supramencionados servirão para apresentar, preliminarmente, as diferentes discussões que envolvem a solidariedade. Para a análise pontual de nossa pesquisa, utilizaremos apenas concepções dos teóricos anarquistas, pois acreditamos que envolver os demais autores na análise dos dados causaria controvérsias às nossas proposições, além de demandar esforços que ultrapassam o tempo necessário para o desenvolvimento de uma Tese de Doutorado.

Sendo assim, realizamos ainda em fundamentos uma pesquisa mais ampla sobre as concepções anarquistas envolvendo solidariedade e conceitos complementares como liberdade e igualdade. Também trouxemos contribuições dos/as pensadores/as anarquistas sobre autogestão, economia solidária, anarcofeminismo, ajuda mútua e ecologia social. Por fim, apresentamos algumas práticas e redes do movimento libertário, assim como os estudos mais recentes sobre a temática.

Na sequência dos fundamentos, estabelecemos a metodologia por meio da técnica da História Oral, com enfoque na História Oral Temática. A partir da escolha do método, entrevistamos as quatro pessoas selecionadas e apresentamos os dados para, enfim, realizarmos a análise.

Para nos direcionarmos na pesquisa estabelecemos a partir das contribuições do pesquisador John Nightingale, cinco categorias norteadoras para analisarmos os dados obtidos em campo: vínculo entre individual e coletivo, inclusão universal, responsabilidade coletiva, produção social da individualidade e redes de ação solidária. Contudo, no decorrer da análise, encontramos um potencial resultado: satisfação e felicidade.

Como conclusão do estudo, conseguimos encontrar, a partir das categorias norteadoras, elementos da solidariedade anarquista dentro das histórias coletadas, apesar da ausência da atuação em prol da revolução social, esta tão almejada pelo movimento. Entendemos que, embora estejamos vivendo em um contexto de desigualdades e injustiças sociais, existem manifestações de solidariedade em nosso entorno, as quais mantêm a esperança na humanidade, mas ainda há um longo percurso em direção a uma sociedade realmente livre, justa e igualitária.

### **1.1 Publicações recentes sobre solidariedade e anarquismo**

Antes de partirmos para a próxima etapa de nossa tese, é importante apresentarmos as discussões recentes sobre a solidariedade associada ao movimento anarquista, a fim de entendermos em qual ponto nosso estudo poderá contribuir socialmente ou incluir novos questionamentos. Para tanto, realizamos pesquisas nas plataformas: SCIELO, SPELL, Portal de periódicos CAPES e Google Scholar.

As palavras-chaves utilizadas, inicialmente, nessa busca foram “anarquismo” e “solidariedade”, nos idiomas: português, inglês e espanhol, enquanto o período de publicação refere-se aos últimos quatro anos, ou seja, a partir do ano de 2019. Como resultado, encontramos alguns artigos nos idiomas: inglês e espanhol, mas nenhum em português, o que pode indicar um campo pouco explorado para pesquisas sobre o tema, principalmente no Brasil.

Dos materiais que conseguimos acessar gratuitamente, apenas um apresentou a discussão da solidariedade no movimento anarquista em um contexto



atual, os demais exibiram uma abordagem histórica do tema. *Solidarity, not charity: Learning the lessons of the COVID-19 pandemic to reconceptualise the radicality of mutual aid*, de Olt Mould, Jennifer Cole, Adam Badger e Philip Brown, publicado na revista *Transactions of the Institute of British Geographers*, aborda as implicações políticas envolvendo a pandemia da Covid 19 e a ajuda mútua, de modo a buscar um novo modo de enxergar/conceituar a solidariedade, sobretudo no campo da geografia política e da configuração pós-pandêmica da sociedade.

Partindo para uma abordagem histórica envolvendo a temática, tem-se publicado na revista *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, de março a agosto de 2020, o artigo: *Críticos y solidarios. El anarquismo argentino ante la Guerra Civil Española*, de Jacinto Cerdá, o qual aponta os reflexos da Guerra Civil Espanhola no movimento anarquista, sobretudo na formação de grupos, auto-organizados, de ajuda aos grupos de esquerda participantes do conflito.

Outros artigos encontrados estão alocados em plataformas pagas, logo não conseguimos acesso ao conteúdo integral, apenas ao título e resumo. Sendo assim, não incluiremos em nossos resultados por consequência da ausência de dados, posto que seja necessário entender os elementos presentes no texto, que vão além do resumo.

Em vista da escassez de publicações recentes acessíveis, cuja temática faça a junção de solidariedade com anarquismo, buscamos, também, nas plataformas indicadas, os termos “ajuda mútua” e “anarquismo”, visto que o primeiro foi e ainda é amplamente conhecido e disseminado como análogo ao conceito de solidariedade no movimento anarquista, dado que seja proveniente das contribuições do teórico dessa corrente político-ideológica, Piotr Kropotkin.

O artigo *Federalismo, ajuda mútua e as lições libertárias em tempos de pandemia*, de Guilherme Xavier Santana e Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti, publicado na revista *Estudos Libertários*, faz uma junção das contribuições político-ideológicas de Pierre Proudhon com a teoria de ajuda mútua de Kropotkin, para explicar a luta pela sobrevivência nas regiões periféricas do Rio de Janeiro (onde há uma significativa violência do Estado), em tempos de pandemia.

Da revista *Verve*, o artigo intitulado: *A prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade*, de Beatriz Scigliano Carneiro, reflete sobre o uso do termo ajuda mútua, sobretudo no contexto pandêmico (quando o termo passou a ser utilizado para expressar, também, ações de auxílio assimétrico), de modo que, para

a autora, a popularização da expressão acabou desviando seu sentido anarquista de uma relação simétrica entre o/a que oferece ajuda e o/a ajudado/a.

Publicado na “*Sage Journals*”, o artigo: *Mutual aid versus volunteerism: Autonomous PPE production in the Covid-19 pandemic crisis*, de Katya Lachowicz e Jim Donaghey, estabelece uma crítica às falhas estatais, sobretudo em crises como a da Covid-19, destacando a capacidade que a sociedade encontra em se autogestionar e suprir as necessidades sem o uso da caridade, ou de um voluntariado cooptado pela perspectiva neoliberal.

Por fim, o artigo: *Movimientos sociales y la ayuda mutua frente a la pandemia*, de Geoffrey Pleyers, publicado na “*Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública*”, apresenta uma abordagem antiutilitarista, principalmente nos movimentos sociais, de modo que a ajuda mútua e a auto-organização, particularmente no período pandêmico, ofereceram uma saída para a dependência estatal ou do mercado, podendo, inclusive, contribuir para um modelo social alternativo.

Como podemos perceber, a pandemia da Covid-19, à qual daremos mais ênfase na fundamentação desta Tese, permitiu diversas discussões sobre a solidariedade em contraposição às estruturas de poder, sobretudo estatais, nas quais se configura nossa sociedade. Para esta pesquisa, é importante sabermos desses apontamentos, pois pode situar nosso ponto de partida para as análises posteriores, afinal nosso/as depoentes também vivenciaram essa realidade.

## 2 FUNDAMENTOS

Embora seja utilizado há tempos como a expressão de um sentimento altruísta, o termo “solidariedade” conduz a uma série de interpretações e perpassa diversas áreas científicas, cada qual com suas tentativas e, até mesmo, embates sobre a forma mais adequada de empregar o vocábulo. Desse modo, explicitaremos brevemente/resumidamente algumas das discussões sobre a temática, buscando aprofundar o estudo nas teorias anarquistas.

Compreendemos que, por ser um termo polissêmico (WESTPHAL, 2008), não existe um caminho específico para se estabelecer a discussão, contudo o público que escolhemos para recolhermos as histórias direcionou nossos esforços para que o estudo não se centre no universo do trabalho, ainda que acreditemos que o assunto emergirá ocasionalmente nos relatos e também faz parte da formulação de alguns conceitos teóricos.

Também não nos aprofundaremos no viés Filosófico ou Sociológico da expressão, por ser esse um campo de consideráveis discordâncias, sobretudo pelos autores frankfurtianos, que muitas teorias elaboraram baseando-se na solidariedade. Consideramos importante, porém, citar as principais ideias desses estudiosos para que possamos situar nossa pesquisa sem ignorarmos que existem outras abordagens significativas.

Sendo assim, pela proximidade que temos com o anarquismo, daremos mais ênfase às contribuições dos teóricos dessa corrente político-ideológica, buscando associar, posteriormente, a influência da solidariedade para os anarquistas, com os dados coletados em pesquisa de campo.

### 2.1 Solidariedade e suas raízes no Direito Romano

A solidariedade é uma expressão da modernidade (CONSTANTINO, 2009; WESTPHAL, 2008), cuja concepção mais atual surgiu em 1848, durante a Revolta dos Trabalhadores. Todavia acredita-se<sup>1</sup> que suas raízes são provenientes do direito romano, por meio da expressão *obligatio in solidum*, ou seja, “obrigação moral de todos para com todos, com a unidade, com a justiça, com a solidariedade; uma

---

<sup>1</sup> A polissemia do termo e a escassez de estudos conceituais sobre o tema impedem saber com exatidão essa informação, contudo, a Tese de Alexandre Constantino (2009) revela que os estudiosos contemporâneos do vocábulo convergem na ideia de que a palavra latina *solidare* é proveniente da expressão *obligatio in solidum*.

lealdade e uma responsabilidade global, como na máxima ‘um por todos e todos por um’” (CONSTANTINO, 2009, p. 23).

Embora a frase *Unus pro omnibus, omnes pro uno*<sup>2</sup>, originária do romance: “Os três mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, bem como do lema tradicional da Suíça, seja popularmente conhecida e associada ao conceito contemporâneo de solidariedade, a expressão *obligatio in solidum* não é tão simples de compreender devido às diversas interpretações atribuídas a ela ao longo de sua trajetória. Por ser oriunda do Direito Romano, o primeiro obstáculo para a compreensão é a mudança nas formas de aplicação da justiça ao longo da história de Roma.

O que se compreendia, no direito arcaico, por <<obrigações>>, não é, como será visto, o que entendiam os romanos a partir da idade clássica. Como consequência da mentalidade primitiva do período antigo, a <<obrigação>> estava conectada à ideia de um direito sobre às outras pessoas físicas, ou seja, o devedor que não adimplisse sua dívida pagava com seu próprio corpo. (MARTIN, 2015, p. 14)

No caso de *obligatio*, em sua forma mais primitiva, a justiça aplicada àqueles que não cumpriam suas obrigações, ou seja, não pagavam suas dívidas, era executada por meio venda do corpo, como escravo, ou pela morte do devedor (MARTIN, 2015). Com a implementação da *Lex Poetelia-Papiria* (Lei da República Romana instituída em 326 a.C.), aboliu-se o *nexum*<sup>3</sup>, permitindo ao indivíduo endividado que oferecesse seu patrimônio no lugar de sua vida, em caso de inadimplência (SOUZA, 2020).

A partir dessa mudança, novos significados foram atribuídos juridicamente à ideia de “obrigação”. Nesse novo contexto, o devedor passa a ter a obrigação de dar (*dare*), fazer (*facere* ou *non facere*, no caso de uma atitude negativa) ou prestar (*prestare*) (MARTIN, 2015) para pagar seus débitos. Sendo assim, *dare* implica em entregar suas propriedades para executar a dívida, *facere* indica a prática de uma ação que restitua o credor, enquanto *prestare*, embora possua uma multiplicidade de interpretações para definir a expressão, pode-se compreender como uma garantia oferecida ao fiduciário.

<sup>2</sup> Tradução: Um por todos e todos por um.

<sup>3</sup>“*Nexum* era uma forma de *mancipatio*, uma transferência simbólica dos direitos que envolveu um conjunto de balanças, pesos de cobre, e um juramento de fórmulas, como disse Lívio (A história de Roma, VIII, 28). Nos termos do contrato *Nexum*, um homem livre se tornou um escravo por ligação ou nexo, até que pagasse a sua dívida ao credor, ou *obaeratus*” (ROMANO, 2016). Segundo o autor, foi o primeiro contrato formal produzido em Roma.

A criação desse sistema permitiu a correlação de um ou mais credores (*creditor*) a um ou mais devedores (*debitor*) ou, em termos menos jurídicos, sucessivamente, sujeitos ativos ou passivos. Essa pluralidade permitiu três possibilidades jurídicas: 1) obrigações parciais – quando há mais de um sujeito no lado passivo ou no lado ativo, mas apenas um objeto; 2) obrigações cumulativas – pode haver mais de um sujeito em ambos os lados, podendo aos credores exigir a totalidade da dívida dos devedores e, no caso de cada integrante não pagar, o débito se acumula até a quitação; 3) obrigações solidárias – pode haver múltiplos sujeitos, como nas obrigações cumulativas, mas se um dos sujeitos passivos quitar a dívida libera todos os outros. Esses dados podem ser visualizados com mais clareza na tabela a seguir:

**Tabela 1** – Obrigações parciais, cumulativas ou solidárias

Obrigações	Credores	Devedores	Objetos	Pagamento
<b>Parciais</b>	1 ou vários	1 ou vários	1	Cada credor pode ter acesso somente à sua parte do objeto, enquanto cada devedor precisa pagar somente a parte que lhe cabe
<b>Cumulativas</b>	1 ou vários	1 ou vários	1 ou mais	Todos os credores podem exigir o pagamento integral do objeto, tornando-se cumulativo a todos os devedores, a menos que a dívida seja paga integralmente
<b>Solidárias</b>	1 ou vários	1 ou Vários	1 objeto	O credor pode exigir o pagamento integral, mas um único devedor que quite a dívida, libera todos os outros. Ou, no caso de múltiplos credores, cada um só pode exigir a parte que lhe confere.

**Fonte:** Dados de pesquisa – elaboração própria

As obrigações solidárias tiveram importante função no sentido de unir pessoas desconhecidas a cumprirem, em comunhão, ou, em “irmandade”, as responsabilidades que assumiram em comum acordo (CONSTANTINO, 2009). Esse talvez seja o mais próximo que a concepção ascendente chegou do sentido atribuído à solidariedade nos tempos modernos, como veremos a seguir.

## 2.2 Solidariedade Social

Apesar de suas raízes na antiguidade romana, como já mencionamos, a solidariedade é um conceito da modernidade (CONSTANTINO, 2009) e, além de suas aparições iniciais no movimento trabalhista Europeu, também fez parte das discussões primárias da Sociologia. O primeiro sociólogo a empregar o vocábulo em suas reflexões foi o francês Augusto Comte, filósofo que viveu no período de 1798 a 1857, o qual foi responsável por dar os primeiros passos em direção à Sociologia como uma ciência consolidada.

Comte se inquietava com as mudanças que a Revolução Industrial provocava, interferindo nas relações entre os seres humanos. O autor viu na divisão do trabalho uma contradição entre o sentimento de pertencimento (CONSTANTINO, 2009), sustentado pela solidariedade entre os/as trabalhadores/as, e o desmembramento dos vínculos, principalmente ao envolver recursos econômicos, os quais começavam a assumir o protagonismo das relações sociais. O Estado, nessa associação incongruente, deveria assumir a função de regulador, proporcionando um equilíbrio.

As contribuições de Augusto Comte foram discretas em relação à solidariedade, porém influenciaram o desenvolvimento teórico da Solidariedade Social, elaborada pelo antropólogo Émile Durkheim (1858-1917), a qual teve maior notoriedade por decorrência do aprofundamento dos conceitos previamente apontados pelo primeiro teórico. O conceito foi defendido no ano de 1893, partindo da tese de Doutorado do autor, intitulada: “Da divisão do trabalho social”, posteriormente, segmentando-se em três livros.

A Solidariedade Social consiste em uma análise dos graus de integração humana na divisão do trabalho. Durkheim, contudo, avança nos estudos, incluindo a esfera do Direito em suas proposições, de modo que este assume a função organizadora das relações entre os seres humanos, não somente no âmbito do mercado profissional, mas em toda a esfera social.

A potência indistinta e imaterial da solidariedade social, ao reunir os homens, impele-os ao contato e às mais diversas formas de relação. Estas, quando passam, por sua constância, a adquirir um caráter durável, tendem,

por sua vez, a organizar-se segundo regras que as regulem e promovam.  
(CONSTANTINO, 2009, p. 60)

O autor segmentou a Solidariedade Social em duas principais formas de organização da sociedade: a Solidariedade Mecânica e a Solidariedade Orgânica, compreendendo que existe uma continuidade entre elas. A primeira seria uma forma mais primitiva, ou seja, mais simples, anterior ao capitalismo e, também, à divisão do trabalho complexa, sendo a força social ordenada na consciência coletiva, ou seja, a coletividade se sobrepõe à consciência individual.

Nesse tipo de solidariedade, Durkheim se contrapõe às ideias utilitaristas<sup>4</sup>, as quais sugerem que o indivíduo molda a sociedade, sendo que, para o sociólogo, é a sociedade que constrói o indivíduo. Desse modo, o indivíduo, moldado socialmente, não pode assumir um papel individual na divisão do trabalho, “Ademais, este também não podia ser responsável pela solidariedade social, visto que qualquer laço contratual pressupõe uma estrutura moral minimamente ordenada” (VARES, 2013, p. 153).

Enquanto a Solidariedade Mecânica se organiza de maneira mais simples, a Solidariedade Orgânica apresenta uma divisão do trabalho complexa, na qual há uma elevada divisão do trabalho social, ao mesmo tempo em que existe um grau de dependência entre os setores. Isso faz com que uma esfera comprometa o funcionamento do todo, ou seja, se uma categoria de trabalho como a logística de abastecimento alimentos, por exemplo, parar de funcionar, compromete o abastecimento de alimentos de toda a sociedade contemplada por esse serviço, podendo, inclusive, afetar outros campos de atuação que, não necessariamente, dependiam disso para se manterem.

A complexidade desse tipo de solidariedade se constitui, também, porque, apesar da interdependência, a consciência coletiva é inferior à individual, visto que há uma infinidade de funções a se assumir dentro dessa sociedade, o que não havia em sociedades mais simples. Não se deve confundir, contudo, a consciência individual com desconexão da vida social, essa se refere somente ao grau de dependência dos indivíduos dentro da sociedade. “De fato, é certo que a solidariedade, ao mesmo tempo que é, antes de mais nada, um fato social [...]” (DURKHEIM, 1999, p. 34).

---

<sup>4</sup> O Utilitarismo é uma filosofia cuja questão central se baseia nas ações proporcionais à felicidade, ou seja, quanto mais as atitudes dos indivíduos proporcionarem felicidade, mais corretas elas estão.

Outro fator de diferenciação das solidariedades Mecânica e Orgânica é a relação jurídica que assegura as relações sociais. Nas sociedades primitivas, os ajustes formais eram baseados nas tradições e costumes, enquanto nas sociedades contemporâneas, existem leis e acordos que asseguram os direitos dos/as cidadãos/ãs e trabalhadores/as, assim como os deveres.

Na possibilidade de não se encontrar meios de definir o tipo de solidariedade que organiza uma sociedade, Durkheim estabelece um indicador que tem potencial de esclarecer essa dúvida: o crime. Segundo o autor, cada tipo de sociedade tem seu mecanismo próprio de resolver os crimes e, embora existam violações de diversas naturezas, a aplicação da pena é comum em cada tipo de organização social.

Há, sem dúvida, crimes de espécies diferentes, mas entre todas essas espécies, existe não menos seguramente algo em comum. O que o prova é que a reação que eles determinam de parte da sociedade, a saber, a pena, é, salvo em diferenças de graus, sempre e em toda parte a mesma. (DURKHEIM, 1999, p. 39)

Na solidariedade mecânica, o tipo de tratamento destinado ao transgressor se define pelo Direito Repressivo, no qual a punição tem o intuito de restituir os laços sociais rompidos pela atitude do violador (SÁ, 2010). Nesse tipo de sistema, a pena se baseia em métodos mais primitivos e punitivos, englobando atos violentos ou, até mesmo, ações mais extremas como a pena de morte. Esse tipo de punição tem o objetivo de educar não só o autor dos crimes, mas toda a sociedade para que não ocorram reproduções dos atos por outrem.

Na orgânica, a justiça é aplicada por meio do Direito Remissivo, ou seja, a pena é imposta de modo a reintegrar o indivíduo na sociedade, posto que exista uma relação de interdependência entre as pessoas. Sendo assim, o infrator recebe uma punição restritiva e readaptativa, logo tem a oportunidade de retornar ao convívio social após o cumprimento das penalidades adequadas aos seus atos.

A Solidariedade Social, embora tenha relação com o Direito, pouca semelhança tem com as obrigações solidárias do direito romano. A primeira se fundamenta sobre o grau de coesão dos indivíduos dentro da divisão social do trabalho, enquanto a segunda tem relação com as responsabilidades entre indivíduos que se uniram em comum acordo, em irmandade. Ambas, porém, estão distantes do significado atribuído, pela visão popular, ao termo “solidariedade” na contemporaneidade.



Na sequência poderemos compreender outras formas conceituais de solidariedade, ainda no campo sociológico, mas com ênfase em políticas públicas, sobretudo envolvendo as discussões sobre a solução de problemas coletivos como a desigualdade e a exclusão em âmbito global ou de Estados-nação, na contemporaneidade.

### **2.3 Solidariedade segundo Habermas e Brunkhorst**

A Universidade de Frankfurt foi o berço de grandes teorias filosóficas e sociológicas, cuja principal contribuição ao meio acadêmico se deu por meio da Escola de Frankfurt. Associada ao Instituto para Pesquisa Social foi um projeto cuja conexão conceitual que ligava seus autores se denominava Teoria Crítica, a qual estabelecia uma adaptação, ao contexto do século XX, das ideias de Karl Marx.

Os autores frankfurtianos pertenciam a diversas correntes de pensamento, o que permitiu a elaboração de um vasto conjunto de conceitos, alguns convergentes, mas, muitos deles, divergentes, por decorrência da interdisciplinaridade de suas temáticas. Para esta pesquisa, contudo, é relevante citar, brevemente, as contribuições de Jürgen Habermas<sup>5</sup> cujas ideias incluíram o estudo da solidariedade.

Outro autor alemão, também pertencente à Universidade, mas não às gerações da Escola de Frankfurt foi Hauke Brunkhorst, o sociólogo contemporâneo mais dedicado ao estudo da solidariedade, conseguindo avançar em uma concepção normativa do termo (CONSTANTINO, 2009). Enquanto Habermas se dedicara, mais enfaticamente, aos termos autonomia e equidade, Brunkhorst se debruçou sobre a solidariedade pelo viés da democracia, formulando, posteriormente, um conceito denominado “solidariedade democrática”.

Para entendermos a solidariedade democrática, precisamos, inicialmente, nos situar no campo da Teoria Crítica, por meio da concepção de Habermas, visto

---

<sup>5</sup> É importante, antes de estabelecermos um comparativo entre os apontamentos de Habermas e Brunkhorst, apresentarmos, brevemente, o primeiro autor, considerado um importante intelectual dos séculos XX e XXI. Jürgen Habermas nasceu no ano de 1929, na Alemanha. Cresceu com acesso a obras proibidas pelo regime nazista, tais como as de Karl Marx e Friedrich Engels. Quando concluiu seu Doutorado, tornou-se assistente de ensino do filósofo Theodor Adorno. Habermas seguiu sua trajetória intelectual, apresentado um pensamento pragmático, o que implica em verdades parciais e aplicações práticas. Apesar de suas contribuições filosóficas herdadas da Escola de Frankfurt, o autor apresenta limitações e controvérsias, as quais recebem críticas de outros filósofos e/ou sociólogos, como Hauke Brunkhorst, que confronta o pensador no debate sobre a solidariedade. Outro ponto de questionamento em relação ao autor é o dos movimentos sociais em um contexto capitalista, sendo que a partir da teoria da ação comunicativa, o frankfurtiano passa a se afastar, aos poucos, de um

que a obra: “Teoria da ação comunicativa”, de 1981, ampliou o interesse de outros teóricos sobre o estudo da solidariedade. A discussão da temática, pelo autor, passou por muitas adaptações, por isso, e também pela complexidade do tema, citaremos brevemente o que é mais relevante para esta tese.

Preliminarmente, o Agir comunicativo habermasiano se sustenta sobre a razão comunicativa ou discursiva, a qual constitui um vínculo entre a teoria e a prática, por meio da linguagem, sendo esta a ferramenta para compreendermos a humanidade em suas relações sociais. Para o autor, existe um elemento universal presente em todos os seres humanos, o qual é capaz de organizar e estruturar a comunicação entre os indivíduos: a racionalidade. A racionalidade para autores como Marx, seria o trabalho, já para Habermas, a linguagem.

A ação comunicativa é o ponto de partida para localizarmos a solidariedade na Teoria Crítica. Para Habermas, a solidariedade é garantida pelas normas permissíveis que estabelecem aos participantes da comunicação a vinculação aos grupos sociais, ou seja, ela é assegurada pela sociedade. Por conseguinte, os movimentos, associações e organizações que interceptam as reverberações dos problemas sociais presentes na esfera privada, os sintetizam e os conduzem para a esfera pública política, são denominados, pelo autor, sociedade civil (ASSAI, 2017).

A esfera pública, por outro lado, é compreendida como um fenômeno social ou uma rede direcionada para comunicar conteúdos, conceder posicionamentos e opiniões (ASSAI, 2017). Esses três conceitos (sociedade, sociedade civil e esfera pública) são relevantes para compreendermos a crítica de Brunkhorst, baseada na limitação do pensamento habermasiano pós-nacional.

Todavia, primeiro vamos contextualizar brevemente as principais ideias do sociólogo acerca da solidariedade. Desse modo, autor apresenta uma visão dupla da temática: pelo mundo sistêmico (economia e Estado) e o mundo da vida (cultura, sociedade e personalidade dos indivíduos) (CONSTANTINO, 2009; PASCHOALI, 2008). Habermas entende que a justiça e a solidariedade são interligadas, sendo o primeiro termo, associado ao indivíduo e suas necessidades, enquanto o segundo representa a sociedade.

“Justiça” e “solidariedade”, portanto, são dois lados da mesma moeda. No indissociável – uma vez que intersubjetivo – binômio “indivíduo/sociedade”,

---

posicionamento anticapitalista (SILVA, 2016), de modo que “demandas anticapitalistas não podem ser condenadas a elementos constitutivos dos ‘velhos’ movimentos sociais” (p. 217).

a justiça diz respeito à manutenção da autonomia do indivíduo e seus direitos, enquanto a solidariedade, à manutenção da integridade do tecido social, sem a qual as individualidades não podem desenvolver-se plenamente. (CONSTANTINO, 2009, p. 120)

No âmbito filosófico, o autor acredita na centralidade do Direito, o qual surge como substitutivo à autoridade divina, à religiosidade, garantindo a justiça e a solidariedade. O Direito acaba se tornando um mecanismo de coesão, tanto entre o binômio indivíduo/sociedade, quanto entre o mundo da vida e o sistêmico.

Por conseguinte, Habermas acredita na solidariedade pelo viés da reciprocidade mútua, uma visão simétrica da temática, baseada nas ideias de Hegel. Essa visão do autor tem sido alvo de críticas, pois desconsidera situações assimétricas, nas quais se tem indivíduos sacrificando a própria existência para salvar a vida de desconhecidos (PASCHOALI, 2008).

Outro ponto de debate é o pensamento habermasiano para um contexto globalizado, no qual se considera os mecanismos de socialização e exclusão dos indivíduos, sendo que, para o sociólogo, as proposições de soluções para as relações excludentes estão vinculadas ao contexto dos Estados-nação.

Brunkhorst, por outro lado, referencia a questão da exclusão por uma perspectiva global. O autor apresenta um diálogo com as teorias de Marx sobre a classe dos excluídos, argumentando que, no período industrial, mesmo que existissem pessoas na “reserva” do labor industrial, um pouco de dependência recíproca ainda fazia parte do contexto.

A exclusão de grande parte da população global, do acesso à dinheiro, conhecimento, poder, oportunidades de reparação legal e assim por diante é de longe mais dramática do que a impressionante análise de Marx sobre a existência dentro da sociedade civil de uma classe de excluídos; essa classe pelo menos ainda estava incluída. Que significava, a saber, que o capital ainda dependia da força de trabalho do “exército industrial de reserva”, de modo que um mínimo de dependência recíproca ainda estivesse disponível, e a falta de acesso da maioria às conquistas do sistema pudesse ser compensada por meio de lutas promissoras para reconhecimento (BRUNKHORST, 2005, p. 123, *tradução nossa*<sup>6</sup>).

Segundo o teórico frankfurtiano, na atual conjuntura, por outro lado, o problema de exclusão compreende uma parcela da população referenciada por

---

<sup>6</sup> The exclusion of a large part of the global population from access to money, knowledge, power, opportunities for legal redress, and so forth is far more dramatic than Marx’s impressive analysis of the existence within civil society of a class of excluded persons; this class was at least still included. That meant, namely, that capital was still dependent on the labor power of the “industrial reserve army,” so that a minimum reciprocal dependence was always still available, and the lack of access by the

Hannah Arendt como uma “população excedente”, ou seja, uma população impulsionada para fora do sistema e invisibilizada por meio do isolamento em guetos.

Isso, porém, não é exatamente o que ocorre com o atual problema de exclusão. Do ponto de vista da sociedade global, os excluídos são uma “população excedente” (Arendt), no sentido de milhões de corpos funcionalmente supérfluos que simplesmente foram empurrados para fora do “ambiente” dos sistemas de comunicação altamente organizados e tornaram-se invisíveis através da guetização (BRUNKHORST, 2005, p. 123, *tradução nossa*<sup>7</sup>).

É por meio da associação da solidariedade com uma política democrática, que o autor busca avançar em direção a uma proposição para solucionar as desigualdades em um contexto global. Para Brunkhorst, ao considerarmos ampliar a democracia para um âmbito global devemos incluir em pauta, a função dos Direitos Humanos e de uma esfera pública global (LUBENOW, 2013).

Apelo e luta não são inúteis, pois, na luta para conseguir o processo de elaboração do código legal global para incluir a participação igualitária e a representação efetiva de todos os destinatários da lei global, eles podem se sustentar usando o substituto da autonomia democrática: o já legalizado quadro dos direitos humanos na sociedade global. Os resultados desta luta não podem ser previstos, mas seu objetivo é a conclusão do projeto constitucional de 1789, que consiste na correção revolucionária de uma cega evolução constitucional, através da autoconstitucionalização da solidariedade democrática (BRUNKHORST, 2005, pp. 161-162, *tradução nossa*<sup>8</sup>).

Uma esfera pública global envolveria um pacto que ultrapassa as decisões centradas na concepção de Estados-nação e permitiria decisões políticas de impacto mundial, contudo não existem formas consolidadas de fazê-los, desse modo, recorre-se aos Direitos Humanos para abordar temas que compreendem uma preocupação coletiva, como a pobreza.

---

majority to the achievements of the system could be compensated through promising struggles for recognition.

<sup>7</sup> That, however, is precisely not the case with the current exclusion problem. From the perspective of global society, the excluded are a “surplus population” (Arendt), in the sense of millions of functionally superfluous bodies that have simply been pushed aside into the “environment” of the highly organized systems of communication and have become invisible through ghettoization.

<sup>8</sup> Appeal and struggle are not hopeless since, in fighting to get the process of elaborating the global legal code to include the egalitarian participation and effective representation of all of the addressees of global law, they can support themselves by using the placeholder of democratic autonomy: the already legalized framework of human rights within global society. The results of this struggle cannot be predicted, but its goal is the completion of the constitutional project of 1789, which consists in the revolutionary correction of a blind constitutional evolution through the self-constitutionalization of democratic solidarity.

Hoje, a Organização das Nações Unidas cumpre a função de alertar e cobrar os Estados e nações sobre essa situação emergente, contudo, segundo as ideias de Brunkhorst, é necessário ir além da separação e pensar globalmente. A crítica do autor propõe solucionar os problemas coletivos, por meio da adoção de uma concepção normativa da solidariedade, mas de forma democrática e universal.

## **2.4 Solidariedade Cristã**

Partimos da esfera sociológica, para a teológica, especificamente baseada nas contribuições de Jesus Cristo. Com os exemplos dessa divindade, hoje se tem a doutrina cristã, ou cristianismo, uma crença religiosa monoteísta, de raízes judaicas, cuja autoridade principal se constrói na imagem de Cristo, sendo seu legado compartilhado por 12 discípulos que o acompanharam em sua jornada, os quais deixaram escritos que construíram o que conhecemos hoje como a Bíblia Sagrada.

Assim como no campo sociológico, a esfera teológica também apresenta seus embates e contradições. Apresentaremos, então, de forma sucinta, um pouco da historicidade do cristianismo para tentarmos compreender o modo como a solidariedade é caracterizada nesse meio. E para entendermos as contradições, mostraremos, também, alguns embates sobre o possível desvio das ideias propostas por Cristo.

Sendo assim, podemos estabelecer como ponto de partida a concepção de que determinar as origens dessa crença não é tão simples quanto se imagina. Embora seja comum enxergarmos um cristianismo baseado exclusivamente nas contribuições de Cristo, a criação de uma doutrina ou igreja não foi a proposição inicial do profeta.

No entanto, há muito a pesquisa afirma, e com razão, que Jesus de Nazaré pode perfeitamente ser compreendido dentro do judaísmo, como um praticante da religião de Javé, em seguimento à Torá e aos profetas. Jesus não tinha como objetivo criar uma igreja cristã. Ele foi um profeta que buscava a renovação de Israel (NOGUEIRA, 2021, s/p).

Durante um longo período após a passagem de Jesus Cristo pela Terra, crescia a quantidade de adeptos dos seus ensinamentos, principalmente nas classes menos favorecidas economicamente. Todavia, seus seguidores, sobretudo no Império Romano, eram mal vistos ou perseguidos política e socialmente.

Esse cristianismo (chamado de cristianismo primitivo) era descentralizado e não seguia um padrão unificado, embora suas raízes e algumas práticas seguissem

os preceitos judaicos. “Os distintos grupos fracionados dividiam expressões de solidariedade, mas também buscavam uma autodefinição, com a construção de fronteiras entre si, por diferentes práticas rituais e escriturais e por distintos ensinamentos sobre Jesus” (BRASILEIRO, 2021, p. 555).

Segundo Nogueira (2021), somente após eventos como a “conversão de Constantino”<sup>9</sup> e o Imperador romano Teodósio I declarar, em 380 d.C., “o cristianismo ortodoxo a religião do Estado, proibindo cultos pagãos” (s/p), por meio da lei Édito de Tessalônica, que a crença passou a ser reconhecida. Contudo, mesmo com a intervenção do Estado, as disputas entre pagãos e cristãos ainda prosseguiram, o que contribuiu para a queda do Império, em 476 d.C.

Com o início da Idade Média, o cristianismo apresentava novas configurações, fazendo uma mescla entre as tradições romanas e o paganismo germânico. Na Alta Idade Média, a religião já fazia parte da crença das classes mais privilegiadas, assumindo a posição de liderança espiritual, por meio da Igreja Católica. Também começou sua jornada como doutrina e educadora, afinal apenas a classe clerical conseguia ler ou escrever.

A liderança espiritual desta nova aristocracia medieval coube à Igreja Católica e à cultura cristã por ela fomentada, a qual, se ainda não era plenamente partilhada entre todas as pessoas da Europa, já era própria das classes dirigentes [...] A esmagadora maioria das pessoas – muitos da classe aristocrática – não sabia ler nem escrever no Ocidente da Alta Idade Média. Por essa razão as lideranças da Igreja representadas por um exército de padres, bispos e monges encarregou-se de desenvolver uma maneira mais fácil de ensinar a doutrina cristã e de ensinar também disciplinas como filosofia, lógica, literatura, etc. (ALEXANDRE, 2013, s/p).

A promoção da educação, assim como a produção artística e literária de base cristã são estimuladas significativamente no período carolíngico (séc. VIII ao IX). Nessa parte da história, a cultura cristã assume poder arraigado e abrangente (ALEXANDRE, 2013), quando a própria monarquia se declara devota aos preceitos da religiosidade.

Dos séculos XI ao XIII, a Igreja Católica organiza movimentos militares, denominados Cruzadas, cujo objetivo se centrava na ideia de conquistar a Terra Santa, a qual se encontrava sob domínio dos turcos seljúcidas de fé islâmica.

---

<sup>9</sup> A conversão de Constantino foi uma estratégia, sob a crescente popularidade do cristianismo no Império Romano, de fortalecimento do poder do Imperador e de enfrentamento à decadência romana. Em 313 d.C., Constantino se declarou cristão, por meio do lema: “Um Deus no céu, um Imperador na Terra”, proclamando a lei Édito de Milão, que permitia o livre culto a qualquer deus (MUNDO

Embora o movimento tenha se iniciado pela Igreja, outros interesses sustentavam essa iniciativa, como econômicos, sociais e de reafirmação cristã perante o Oriente.

No período intermediário às Cruzadas, mais precisamente, no século XII, o poder da Igreja Católica Romana já atingia o setor jurídico, iniciando, na França, um forte controle social denominado Santa Inquisição, cujo objetivo era combater costumes considerados inadequados aos princípios da fé cristã.

Os tribunais da Santa Inquisição se preocupavam em julgar casos de bruxaria ou heresia, se utilizando de métodos violentos ou repressivos. Paralelamente, estabelecia-se a Reforma Protestante, um movimento, também de base cristã, que apontava os abusos cometidos pela Igreja Católica.

Popularizada na figura do padre agostiniano Martinho Lutero, a Reforma Protestante contribuiu para transição da Idade Média para a Moderna. A partir da elaboração da prensa de tipos móveis foi possível ao protestantismo a tradução e distribuição da Bíblia, cujo monopólio de leitura e interpretação, até então, era da Igreja Católica.

Outras classes que aderiram ao protestantismo foram a monarquia e a burguesia. A primeira porque queria se desvincular das interferências da Igreja sobre os poderes da realeza, a segunda, porque encontrava na autoridade clerical uma barreira às atividades comerciais em ascensão, devido às censuras à prática de cobrança de juros.

A partir da modernidade, novas configurações sociais, políticas, econômicas e religiosas se apresentaram. Como esta pesquisa se centra na solidariedade, continuaremos a abordagem histórica no próximo tópico, contudo sobre outra temática. Neste, apresentaremos, ainda, algumas críticas e iniciativas solidárias cristãs.

Com base na breve passagem pela história do cristianismo, sobretudo Ocidental e de base católica, conseguimos ver as mudanças que a crença sofreu ao longo de sua trajetória. Ao ser cooptada pelo Estado, desde o Império Romano, passou a fazer parte das estruturas de poder, assumindo, inclusive, uma postura violenta e opressora.

É evidente que a história do cristianismo marcou a sociedade com diversos atos repressivos ou de manipulação das massas, o que nos impossibilita enxergar

---

ESTRANHO, 2018). Esse evento promoveu transformações no cristianismo que, com o tempo, acabou sendo absorvido pelo poder imperial (NOGUEIRA, 2021).

as Igrejas como entidades exclusivamente disseminadoras dos atos de bondade e apoio ao próximo.

Por outro lado, não se podem invalidar os esforços de entidades ligadas às igrejas cristãs, como a *Cáritas*<sup>10</sup>, cuja associação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), das Nações Unidas, assim como os projetos envolvendo a Economia Solidária como forma de amenizar ou erradicar as desigualdades sociais, tem sido relevantes para os 200 países e territórios nos quais atua.

A Confederação, com origem no ano de 1897, auxilia comunidades a trabalharem principalmente pela erradicação da pobreza, no entanto a forma de auxiliar a população atendida sofreu mutações ao longo da história da organização, tendo suas raízes em um modelo assistencial de caridade, posteriormente assumindo características solidárias.

Sua postura revolucionária e, muitas vezes, oposta aos interesses do Capital, fez a entidade se adaptar diversas vezes quanto à obtenção de recursos, o que moldou suas estruturas e a direcionou a adotar um “modelo autogestionário” (SOUZA, 2007) de desenvolvimento das comunidades contempladas.

Entretanto, não se pode esquecer que a Cáritas, sobretudo a organização brasileira, é coordenada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), uma entidade que apresenta formação hierárquica para promover ações ou tomar decisões. Logo a ideia de um “modelo autogestionário”, proveniente das propostas anarquistas, ainda não atingiu sua plenitude.

Mas, estatutariamente, o presidente nacional da Cáritas é sempre um bispo e a entidade é atada orgânica e formalmente à CNBB. Ou seja, ainda que uma cultura democrática ou “autogestionária” esteja em desenvolvimento, a relação com uma instituição altamente consideravelmente vertical e hierarquizada, como é a Igreja Católica, cujo poder parece cada vez mais centralizado no Vaticano, certamente tem implicações inquietantes. (SOUZA, 2007, p. 13)

Outra entidade que também tem significativa atuação em benefício dos/as vulneráveis socialmente é o Exército de Salvação. Fundada em 1865, pelo pregador metodista britânico William Booth e sua esposa Catherine Booth, e de origem protestante, a instituição foi a primeira a incentivar a atuação das mulheres em espaços genuinamente masculinos dentro da igreja.

---

<sup>10</sup> Confederação de organizações humanitárias da Igreja Católica. Segundo o site oficial da Caritas Brasileira, o organismo: “tem a prática de ouvir respeitosamente o sofrimento dos empobrecidos e dos que estão em situação de vulnerabilidade e favorecer ferramentas para transformar suas vidas”.



Seu slogan se baseia em “sopa, sabão, salvação” e, com a criação da APROSES (Assistência e Promoção Social Exército de Salvação), a entidade estabeleceu diretrizes para suas atividades de caráter social, dentre as quais:

- Combate ao Tráfico de Pessoas.
- Oficinas de Programas Claves contra abuso sexual às crianças e adolescentes e prevenção.
- Preservação dos direitos humanos.
- Lutas pelos Direitos das Crianças e Adolescentes.
- Combate ao Trabalho Infantil.
- Centros Educacionais, Acolhimento institucional e Atendimento Sócio Educativo em Meio Aberto (turno inverso ao período escolar).
- Incentivador da prática da cidadania.
- Combate a qualquer tipo de violência contra crianças, adolescentes e mulheres.
- Tratamento dos beneficiários de maneira integral e oferecendo a possibilidade de melhoria de vida no convívio familiar, social, psicológico e espiritual<sup>11</sup>.

Também existe o Fundo Nacional da Solidariedade (FNS) e o Fundo Diocesano da Solidariedade (FDS), criados em 1998, e atualmente administrados pela CNBB. Essas iniciativas tem o intuito de financiar projetos que buscam o auxílio social, sendo que o dinheiro é arrecadado por meio de contribuições dos/as fiéis à Campanha da Fraternidade, a qual possui os seguintes objetivos<sup>12</sup>:

- 1) Despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum.
- 2) Educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho.
- 3) Renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária (todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora da Igreja).

A partir dos recursos coletados, o FNS define três eixos para atendimento dos projetos: apoio a projetos educativos, auxílio a situações de insegurança

---

<sup>11</sup> Dados retirados do site da organização: <https://www.exercitodesalvacao.org.br/>.

<sup>12</sup> Dados retirados do último edital do Fundo Nacional da Solidariedade: <https://fns.cnbb.org.br/fundo/informativo/index>.

alimentar e vulnerabilidade social e capacitação para geração de renda, sendo que as entidades participantes devem seguir premissas como: possuir finalidade essencialmente humanitária e social, mesma organização proponente e organizadora e possuir “recomendação ou parecer do bispo arqui/diocesano da jurisdição, ainda que não seja uma entidade diretamente ligada à Igreja”<sup>13</sup>.

Essa última iniciativa possui um caráter mais limitado que as demais, pois estabelece um direcionamento aos seguidores da fé cristã, contudo sua atuação em prol da garantia de direitos fundamentais como segurança alimentar e geração de renda pode auxiliar comunidades em situações nas quais existe uma falha do Estado. No tópico posterior conseguiremos enxergar com mais clareza as formas de ajudar os outros, por meio da diferenciação da caridade, fraternidade e da solidariedade, afinal são conceitos que viajaram na história e estiveram presentes em diversas esferas da vida coletiva.

## **2.5 As diferenças entre Solidariedade, Fraternidade e Caridade**

O ano era 1789 quando os gritos ecoavam pelas ruas da França em busca de revolução. Não era novidade aos monarcas, clero e nobres da época, visto que os abusos eram evidentes, bem como as incoerências. Além dos excessivos impostos cobrados à população camponesa, mais de um terço das terras francesas pertencia aos privilegiados (VOVELLE, 2019).

Críticas emergiam sobre a regência de Luís XVI, assim como os conflitos entre os membros da nobreza, causados pela crise econômica, além do surgimento de uma nova classe, a qual se tornaria, posteriormente, mais promissora: a burguesia. Esses eventos contribuíram para três revoluções, “uma revolução institucional ou parlamentar na cúpula, uma revolução urbana ou municipal e uma revolução camponesa” (VOVELLE, 2019, s/n).

Irrompeu um evento decisivo para a inquietação começar a se materializar na França: a Convocação da Assembléia Geral, a qual acarretou mais encargos aos camponeses e plebeus. Em 15 de julho de 1789 a população parisiense se movimentava enfurecidamente para estabelecer o início da Revolução Francesa, derrubando o símbolo do Absolutismo real, a fortaleza da Bastilha, em um evento que ficou popularmente conhecido como Queda da Bastilha.

---

<sup>13</sup> Ibidem.

Desse dia em diante, o curso da história francesa mudaria. Instituiu-se, então, a Constituição da França e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a qual influenciou não só o país de origem, mas nações do mundo todo. Ademais, foi durante a Revolução Francesa que se estabeleceu um dos lemas mais famosos da história: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, o qual representava os interesses dos membros das Assembleias Constituintes, jacobinos, ou baixa burguesia e girondinos, ou alta burguesia.

O percurso da história francesa, que descrevemos, é relevante para esta pesquisa, pois revela os motivos que formularam o conceito moderno de fraternidade, um termo que, com o passar do tempo, foi substituído por solidariedade no âmbito político. Sendo assim, ao contarmos sua história, também contamos a história do objeto de nosso estudo, nos permitindo entender como diferenciá-los.

A fraternidade pressupõe uma relação horizontal de irmandade, tendo aparição na Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>14</sup> (1948), por meio do primeiro artigo, no qual: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”. No documento referenciado, o vocábulo ainda permanece em utilização, por isso vale ressaltar que quando nos referimos à substituição de uma palavra por outra, essa substituição é de valores, significados, não de uso.

Outra questão a destacar é a tríade à qual pertencia a fraternidade. A palavra acompanhava os termos liberdade e igualdade e acabou se tornando coadjuvante, ao longo do percurso político, posto que as disparidades entre girondinos e jacobinos se centravam na tentativa de sobreposição entre dois termos, de modo que os girondinos se afeiçoavam à noção de liberdade, enquanto os jacobinos, à noção de igualdade, logo a fraternidade se apagava do trio. Com o tempo, os três termos foram substituídos por autonomia, equidade e solidariedade.

A vida política da fraternidade foi breve, mas significativa. Todavia, o vocábulo apresentou outras concepções (menos populares) anteriores à Revolução Francesa. Na Roma Antiga representava a ligação entre irmãos por laços sanguíneos ou parentesco (MORAIS; TENÓRIO, s/d). A partir do cristianismo, se associou à ideia

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

de amor ao próximo, o que contempla todos os seres humanos, não somente aqueles que possuem proximidade familiar.

A concepção mais recente do termo se moldou sobre bases religiosas, caracterizando o auxílio aos menos favorecidos socialmente (MORAIS; TENÓRIO, s/d). Assim como a solidariedade, a fraternidade sofreu mutações de significados ao longo de sua trajetória, todavia, enquanto o primeiro vocábulo se fortaleceu no campo científico, com o passar do tempo, o segundo enfraqueceu, se estabelecendo no campo religioso, a esfera que abriga mais uma expressão comumente confundida com as referidas: caridade.

O conceito de caridade pertence, majoritariamente, ao domínio da religiosidade, desse modo, nos limita a investigação para compreendermos seu percurso no decorrer da história. Embora exista uma escassez de estudos sobre o tema, o que dificulta compreender suas raízes, a expressão se faz presente no novo testamento, da Bíblia Sagrada, exprimindo o amor de Deus por Sua criação: os seres humanos (MARIZ, 2015).

A predominância de reflexões sobre a caridade pertence à doutrina cristã, contudo é evidente que cada campo de atuação defenderá os sentidos que mais se adequarem aos próprios interesses. Nessa perspectiva, na área teológica, a caridade assume posição de destaque, tal qual uma qualidade moral e espiritual. Entretanto, não ocorre do mesmo modo no campo político, causando embates e discordâncias.

A solidariedade querida, amada e incentivada pela igreja emerge no século XIX, para «negar e excluir do campo social a caridade cristã. O viveiro da solidariedade foi o socialismo utópico e o solidarismo, mormente no espaço francês». O termo surge como «uma arma de arremesso dos socialistas e solidaristas contra a prática social da caridade». Vão criando distâncias entre a caridade cristã e a solidariedade, chamando à caridade cristã «filha do céu e à solidariedade filha da ciência». (MARIZ, 2015, p. 34)

Alguns/mas teólogos/as acreditam que a caridade faz parte dos ensinamentos de Jesus Cristo, logo tem caráter inquestionável, enquanto teóricos/as revolucionários/as encontram na temática um mecanismo de manutenção das desigualdades, pois entendem a caridade como esmola aos desvalidos, estabelecendo uma relação verticalizada, na qual se tem o/a doador/a e o/a receptor/a.

Esmola se refere ao ato de dar algo a alguém, sendo aquele/a que dá, mais abastado/a que o/a que recebe (MELLO, s/d). Desse modo, a doação resulta, muitas

vezes, na amenização das necessidades imediatas, mas pouco efeito possui em longo prazo, fazendo com que o/a assistido/a retorne à condição de escassez.

Nessa linha de pensamento, o indivíduo que recebe o auxílio ofertado, se associa ao doador em um sentimento de retribuição. Enquanto o/a doador/a se envolve pela satisfação de caminhar em direção à bondade cristã e ao cumprimento de seu dever social, o qual mantém a submissão dos miseráveis. “Que obscuros mecanismos nos levam a acreditar que existe nessa relação - que pressupõe a desigualdade, a dívida e a gratidão - um vínculo moralmente legítimo ou desejável?” (CAPONI, 2000, p. 14).

Há, também, que se pensar na obrigação que o/a assistido/a tem de aceitar a ajuda destinada a ele/a. Por vezes, aquele/a que envia donativos o faz sem considerar as necessidades do/a que recebe. Apenas pressupõe que exista uma ausência material a ser suprida, de modo que enviar auxílio o/a libera de conhecer a realidade do outro, fazendo deste/a, refém dos interesses que lhe servem.

A burguesia inglesa pratica calculadamente a beneficência, não faz nenhuma doação, considera suas contribuições atos comerciais; faz um negócio com os pobres e declara: Investindo em instituições beneficentes, compro o direito de não ser importunada e tratem vocês de permanecer em suas tocas escuras para não ferir meus nervos delicados com o espetáculo de sua miséria!(ENGELS, 2010, p. 310)

Um exemplo moderno da relação distante entre o/a doador/a e o/a receptor/a é a doação de cestas básicas às comunidades assoladas pela vulnerabilidade social. Alguns dos itens presentes no conjunto alimentar necessitam de cozimento para serem consumidos, o que, em diversos lares, é um processo comum e acessível, mas, para famílias vivendo em condição de miséria, não é simples, pois implica no acesso a técnicas ou tecnologias (fogareiro, fogão, gás, utensílios domésticos) que não são enviados com as cestas. Além de que, muitas vezes, a privação mais urgente desses seres humanos não é alimentar, mas não lhes foi dado o direito de expressá-la.

Em outra perspectiva, a caridade é compreendida como “uma ação benevolente para com o próximo necessitado, uma ação sem interesse egoísta” (MELLO, s/d, p.15) e essa talvez seja a visão mais utópica sobre o tema, posto que estamos sempre à espera de algo, uma retribuição, um sentimento, uma realização, ou, até mesmo, não precisar esperar por algo, o que caracterizaria nosso desprendimento.

A partir das diversas perspectivas sobre solidariedade, fraternidade e caridade, podemos situar os três termos no campo social, com matizes na doutrina cristã, contudo em significados drasticamente distintos. A solidariedade tem sua trajetória, hegemonicamente, nas esferas jurídica, política e científica, estabelecendo mutualidade e coesão social. A fraternidade percorreu, predominantemente, os âmbitos político e religioso, sustentando laços de irmandade, consanguíneos ou não. Já a caridade, majoritariamente, transitou no domínio religioso, caracterizando as ações benevolentes sobre outrem.

Isto posto, adotamos a solidariedade como categoria para análise conceitual devido a abrangência do termo e a aplicabilidade em diferentes esferas. Acreditamos que os termos fraternidade e caridade ocuparam uma posição limitada, no decorrer da história, enquanto solidariedade está em constante transição, se adaptando às diversas correntes de pensamento e áreas do conhecimento.

## **2.6 Dia Internacional da Solidariedade Humana e a pandemia do Covid-19**

No dia 20 de dezembro de 2005, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Internacional da Solidariedade Humana, durante uma Assembléia Geral, na qual se estabeleceu a resolução 60/209<sup>15</sup>, cujo tema central se baseia na erradicação da pobreza em nível mundial. A data aponta a responsabilidade dos governos respeitarem os compromissos e acordos internacionais formulados pela intergovernamental ao longo de sua trajetória rumo à justiça social.

Segundo o site das Nações Unidas<sup>16</sup>, “conceito da solidariedade é base do trabalho feito pela ONU desde a criação em 1945”, sendo que um dia dedicado a discutir e debater a temática torna a solidariedade um dos valores fundamentais e universais do século XXI (ONU, 2020). Contudo, não deixemos de lembrar que a ONU não abrange todas as nações e já foi criticada pelo “excesso de burocracia e pouco impacto na vida das pessoas” (BBC NEWS BRASIL, 2019).

Segundo a entidade, o Dia Internacional da Solidariedade Humana busca contribuir para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), os quais se estabelecem como uma proposta que visa substituir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), ampliando sua agenda de ações

---

<sup>15</sup> Disponível no site: <https://eurocid.mne.gov.pt/eventos/dia-internacional-da-solidariedade-humana-0>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://news.un.org>

que busquem oferecer uma vida digna para todos os seres humanos, bem como a proteção para o meio ambiente e o clima até o ano de 2030. São esses ODSs:

1. Erradicação da Pobreza.
2. Fome Zero e Agricultura Sustentável.
3. Saúde e Bem-estar.
4. Educação de Qualidade.
5. Igualdade de Gênero.
6. Água Potável e Saneamento.
7. Energia Limpa e Acessível.
8. Trabalho Decente e Crescimento Econômico.
9. Indústria, Inovação e Infraestrutura.
10. Redução das Desigualdades.
11. Cidades e Comunidades Sustentáveis.
12. Consumo e Produção Responsáveis.
13. Ação Contra a Mudança Global do Clima.
14. Vida na Água.
15. Vida Terrestre.
16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes.
17. Parcerias e Meios de Implementação<sup>17</sup>.

Embora as propostas da Agenda 2030 apontem a intenção de caminhar na direção dos direitos humanos e da preservação do nosso planeta, somente a consciência coletiva, não a dos Estados ou instituições, mas de cada indivíduo envolvido pelo espírito solidário, tem potencial de transformar nosso entorno em uma sociedade justa e livre. Nosso esforço, neste trabalho, é o de descobrir o emprego mais adequado, no momento em que vivemos, e a extensão desse espírito solidário. Todavia, acreditamos na contemporaneidade das contribuições dos pensadores anarquistas para a compreensão do termo, sobretudo quando é definido como um fator que determina a sobrevivência e evolução das espécies (KROPOTKIN, 1975).

O exemplo mais atual da necessidade de uma sociedade movida pela ação solidária se dá na pandemia causada pelo vírus Covid-19<sup>18</sup>. A união entre pessoas, instituições e nações tem se mostrado essencial para garantir a sobrevivência da

---

<sup>17</sup> Esses dados estão disponíveis no site Nações Unidas Brasil: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

<sup>18</sup> Consideramos relevante para esta pesquisa citar a pandemia da Covid-19, pois nos relatos coletados encontramos algumas referências a esse contexto.

espécie humana, posto que o perigo circunda todos os âmbitos da vida terrena, principalmente em países subdesenvolvidos, cujas condições de moradia, alimentação, saneamento e acesso à saúde e educação são, para parcela considerável da população, escassas ou inexistentes.

O coronavírus expôs nossas fragilidades sociais e despreparo para lidar com crises mais graves, em âmbito mundial. De um lado, viu-se a necessidade do isolamento para frear a disseminação do vírus, de outro, a instabilidade econômica, principalmente nos países menos desenvolvidos economicamente, impossibilitando a concretização, de forma adequada, do primeiro.

A doença matou, até o presente momento, 6,88 milhões pessoas em nível mundial, enquanto 699 mil destas são brasileiros, população do país que ocupa a segunda posição em mortes pela infecção no planeta<sup>19</sup>. Entretanto, além das mortes pelo Covid-19, muitos seres humanos enfrentam a pobreza extrema e a falta de acesso ao básico para a sobrevivência, o que torna o desejado e necessário distanciamento social, inviável, visto que, em muitas comunidades assoladas pela falta de recursos, o acesso às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), como máscaras de proteção, álcool em gel ou produtos de higiene e, principalmente, um local seguro para que as famílias possam se manter durante o período de isolamento, são lendas.

Segundo o “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, publicado pela Rede Brasileira de Investigação em Soberania Alimentar e Nutricional (PENSSAN), 19 milhões de brasileiros passaram fome no final de 2020, enquanto 55,2% da população se encontrava em situação de insegurança alimentar (2021).

As famílias que não conseguem garantir o sustento de seus lares acabam rompendo o isolamento para tentar trazer algum tipo de alimento para casa, o que acelera a disseminação do vírus, principalmente entre os menos afortunados. A vulnerabilidade social no contexto pandêmico evidenciou a indissociabilidade da saúde pública com a segurança econômica, de modo que desvelou a urgência de buscar meios de cumprir a agenda proposta pela ONU.

Os efeitos da pandemia nas condições de vida da população estão aumentando com o aumento gradual da pobreza e da pobreza extrema e a

---

<sup>19</sup> Dados atualizados até o dia 07/03/2023.



desaceleração da taxa de redução da desigualdade observada no período de cinco anos anterior à crise do coronavírus. (CEPAL, 2020, p. 14)

No Brasil, a maior dificuldade para conter a propagação do vírus e atuar na busca pela erradicação da pobreza é justamente a ausência de políticas públicas que proporcionem segurança e bem-estar social. O auxílio emergencial oferecido pelo Governo Federal, inicialmente nos valores entre R\$300,00 e R\$1.200,00, posteriormente, reduzido para R\$150,00 a R\$375,00, não foi suficiente para cobrir as despesas das famílias que necessitavam do contato presencial para garantirem sua renda.

A partir dessa conjuntura, surgem questionamentos sobre o papel que representam as políticas sociais, numa sociedade moldada pelo individualismo perverso do capital. Por mais que se fala em um vírus democrático que atinge todas as classes sociais, são os mais pobres que estão sujeitos as dificuldades habitacionais, de saneamento básico, mobilidade urbana, sobrecarga dos sistemas de saúde público e de segurança, entre outras questões. (QUINZANI, 2020, p. 45)

Além disso, o descaso com a compra de vacinas atrasou a imunização da população, gerando conflitos entre a propagação do vírus e o desenvolvimento e disseminação de novas variantes da doença, com a necessidade econômica da população, levando ao aumento de casos do vírus, ao mesmo tempo em que fez muitas famílias perderem seus meios de subsistência. Esse cenário evidencia a falta de proteção e cuidados com as necessidades do povo brasileiro, o qual ficou no aguardo de uma morte altamente desesperadora por um vírus que compromete o aparelho respiratório ou a semelhantemente tormentosa morte por desnutrição.

A partir dessa análise, destacamos a importância de repensarmos os mecanismos utilizados para garantir a sobrevivência da nossa espécie, posto que a dependência do Estado, muitas vezes, mostra-se insuficiente ou, no caso de uma política adotada por governantes extremistas, revela um entrave no lugar de um apoio, embora saibamos que a função de um governo seja o de administrar os bens públicos e garantir a proteção dos interesses dos cidadãos.

## **2.7 A importância da solidariedade no Anarquismo**

A partir deste tópico, abordaremos os conceitos norteadores para a análise dos dados coletados em pesquisa de campo. Os tópicos anteriores nos permitiram o vislumbre das diversas formas de se conceituar e praticar a solidariedade. Deste ponto em diante, veremos a pluralidade de vivências e reflexões dentro do próprio

movimento anarquista, contudo buscaremos entender as convergências e diretrizes para que possamos enxergar, nas histórias coletadas, categorias anarquistas da solidariedade.

Podemos iniciar, então, explicando o próprio movimento que foi, usualmente e erroneamente, associado à desordem, bagunça e, até mesmo, terrorismo, em tempos pregressos. Hoje, no entanto, existem diversos estudos acerca dessa ideologia política (CORRÊA; SILVA, 2013; COSTA, 2017; FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO, 2008; RAGO, 2000; SAMIS, 2008). Sua rejeição às estruturas de poder formuladas pelo sistema hierárquico que sustenta a sociedade desde a origem da propriedade privada desagradada àqueles/as que se beneficiam das desigualdades sociais ou têm esperança de um dia fazê-lo.

Há, também, os/as que se declaram anarquistas, mas devido a uma visão deturpada do movimento, promovem atos violentos, de natureza destrutiva ou apresentam posturas irracionais diante da realidade. Esses reforçam a disseminação de falsas concepções que promovem não somente o preconceito, mas também o medo.

Embora a forma de atingir os objetivos básicos do anarquismo não tenha sido uma convergência entre os teóricos mais consagrados, sobretudo quando se considerava a violência, esta somente era aplicada em busca de liberdade, revolução, transformação, não por uma ânsia de destruição sem propósitos.

Todos os anarquistas contestam a autoridade e muitos lutam contra ela. Mas isso não significa que todos aqueles que contestam a autoridade e lutam contra ela devam ser considerados anarquistas. Do ponto de vista histórico, o anarquismo é a doutrina que propõe uma crítica à sociedade vigente; uma visão da sociedade ideal do futuro e os meios de passar de uma para a outra. (WOODCOCK, 2002, p. 7)

Apesar das divergências, o que fundamenta o anarquismo são princípios que aproximam os seguidores, como democracia direta, autonomia, autogestão, associação voluntária, ajuda mútua e auto-organização, bem como a já mencionada rejeição ao autoritarismo, à dominação e às desigualdades provenientes do sistema estatal (GRAEBER, 2011).

Por outro lado, as discordâncias permitiram uma pluralidade de vertentes, dentre as quais: coletivismo, anarcocomunismo, mutualismo, anarcoindividualismo, anarcosindicalismo e pacifismo compreenderam a heterogeneidade do movimento. Os anarquistas buscaram e ainda buscam um equilíbrio “entre as reivindicações da

solidariedade humana geral e as do indivíduo livre” (WOODCOCK, 2006, p. 7), de modo que assumem uma posição universalista. Sendo assim, a solidariedade assume uma posição indissociável do movimento, mesmo que ainda não se tenha encontrado um meio de harmonizar os contrassensos.

Para libertários como Oscar Wilde, a solidariedade era uma consequência da liberdade (WOODCOCK, 2006). Para Proudhon, a sanção da justiça em uma sociedade igualitária. Para Kropotkin, um fator de evolução. No geral, para o anarquismo, a solidariedade se consolidava por meio da prática; da união entre conjuntos de trabalhadores que buscavam a emancipação. Isto posto, explicitaremos algumas das principais modulações que o termo assumiu dentro do movimento.

### 2.7.1 Solidariedade, Liberdade E Igualdade

O lema da revolução francesa, pautado nas ideias de liberdade, igualdade e fraternidade (solidariedade), assegurou a elaboração de diversas teorias políticas e sociais, em diferentes correntes teóricas. No anarquismo, essas ideias fizeram e ainda fazem parte dos discursos em todo o movimento. Embora o objetivo desta tese se centre no estudo da solidariedade, não raras vezes os três termos aparecem interligados nas abordagens teóricas de autores como Proudhon, Bakunin e Kropotkin. Por esse motivo, analisaremos neste subcapítulo as principais contribuições libertárias sobre o tema.

Pierre Proudhon foi o primeiro teórico a se assumir anarquista (WOODCOCK, 2007) e, apesar de ser considerado um individualista, sua atuação junto ao movimento dos trabalhadores, estabelecendo um companheirismo operário, foi de vital importância para o movimento anarquista, de modo que influenciou outros notórios pensadores como Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin.

Proudhon nasceu em uma família de poucos recursos econômicos, filho de um pai artesão e uma mãe cozinheira, cresceu em meio à liberdade da vida campestre, o que despertaria, posteriormente, suas concepções políticas (WOODCOCK, 2007). Apesar de criar-se em meio às dificuldades financeiras, desenvolveu o interesse pelos estudos e elaborou teorias capazes de incentivar grupos significativos de trabalhadores e trabalhadoras.

O teórico francês autodidata se afeiçoava, dentre tantas áreas do conhecimento, ao Direito, o que permitiu aprofundar suas análises de modo a impressionar grandes mentes como a de Marx, o qual, posteriormente, se tornaria

um rival teórico. As noções jurídicas de Proudhon ajudaram não só seus seguidores, mas visionários de outras vertentes, de modo que, na palavra “justiça”, o autor acreditava conter as esperanças na humanidade e na sociedade (WOODCOCK, 2007).

Assim tudo se harmoniza para nos dar a lei da igualdade: jurisprudência, economia política, psicologia. O direito e o dever, a recompensa devida ao talento e ao trabalho, os impulsos do amor e do entusiasmo, tudo se regula antecipadamente por uma bitola inflexível, tudo deriva do número e do equilíbrio. A igualdade das condições, eis o princípio das sociedades, a solidariedade universal, eis a sanção da lei. (PROUDHON, 1875, p. 214)

Na justiça, conseguia enxergar a aplicação dos três termos: igualdade, liberdade e solidariedade, sendo que o emprego desses conceitos, quando associados à justiça, acontecia tanto nos questionamentos e críticas do autor sobre a sociedade e política vigentes da época ou passadas, quanto nas idealizações de uma sociedade futura, a qual teria passado por um processo de transformação.

Como não se compreende que a fraternidade somente pode se estabelecer através da justiça? que é apenas a justiça, condição, meio e lei da liberdade, quem deva ser o objeto de nosso estudo e que é preciso perseguir sem cessar, nos menores detalhes, a sua determinação e a sua fórmula? (PROUDHON, p. 316)

Essa justiça, defendida pelo autor, “constitui, assim, a via de transposição das concepções sociais e políticas extremadas ou no indivíduo ou na sociedade, dado articular-se com a igualdade social e a liberdade política” (CABRITA, 1846, p. 31). Pode-se interpretar que a justiça, na visão de Proudhon, assegura o elo entre a autonomia do indivíduo e suas relações sociais. Também é possível compreender que a justiça estabelece a sustentação e o equilíbrio da ordem e da organização social.

A justiça é o astro central que governa as sociedades, o pólo sobre que o mundo político gira, o princípio e regra de todas as transações. Entre os homens nada se faz que não seja valorizar o direito invocando a justiça. A justiça não é obra da lei: pelo contrário, a lei é apenas a declaração e a aplicação do justo, em todas as circunstâncias em que os homens se possam encontrar relacionados. Portanto, se a ideia que nós fazemos do justo e do direito estivesse mal determinada, se fosse incompleta ou mesmo falsa, é evidente que todas as nossas aplicações legislativas seriam más, as instituições viciosas, a política errada: daí adviria desordem e mal social (PROUDHON, 1875, p. 23).

Em paralelo à justiça, Proudhon estabelece duas noções de liberdade. Segundo Silvio Gallo (1992), a primeira liberdade (simples) refere-se àquela vivenciada no isolamento e remete aos povos mais primitivos, já a segunda

(composta) remete a um equilíbrio entre o indivíduo e o social, de modo que a liberdade e a solidariedade são equivalentes e se complementam.

A partir da compreensão da liberdade composta, também podemos visualizar o equilíbrio entre autonomia e solidariedade “ao contrário da liberdade burguesa, a liberdade de um não termina onde começa a liberdade do outro, mas ambas liberdades começam juntas, e uma é garantia da outra” (GALLO, 1992, p. 16).

Quanto aos termos igualdade e solidariedade, o anarquista francês estabelecia uma ligação harmônica entre os conceitos, de modo que acreditava no caráter universal da solidariedade e, embora soubesse da impossibilidade de existir, sem mudanças profundas, uma sociedade moldada sobre a igualdade de condições, ressaltava sua necessidade.

A igualdade das condições nunca foi realizada devido às nossas paixões e ignorância; mas a nossa oposição a essa lei cada vez faz ressaltar mais a sua necessidade: a história dá um testemunho perpétuo disso e toda a sequência dos acontecimentos no-lo revela (PROUDHON, 1875, p. 215).

Proudhon se preocupou bastante em questionar o emprego desses termos no campo social e, em alguns momentos, nos apresentou uma visão idealista da sociedade que buscava alcançar a partir da união desses conceitos à sua concepção de justiça. O ideal social do autor se baseava, sobretudo, na igualdade, sendo a igualdade plena, um resultado da educação humana. Logo se entende que a educação era, na visão do libertário, um dos modos de se alcançar a sociedade livre, solidária e igualitária.

Insisto sobre este dado precioso da psicologia, cuja consequência necessária é que a hierarquia das capacidades não poderia ser doravante admitida como princípio e lei da organização: apenas a igualdade é a nossa regra, como ela também é nosso ideal. Da mesma forma assim como demonstramos, pela teoria do valor, que a igualdade da miséria deve se converter progressivamente na igualdade de bem-estar, da mesma forma a igualdade das almas, negativa em seu começo, pois ela representa apenas o vácuo, deve reproduzir-se positivamente no último termo da educação da humanidade (PROUDHON, pp. 179-180).

Como percebemos, na obra de Proudhon, a igualdade assumia a centralidade da organização social idealizada. Já a solidariedade estabelecia, juntamente à liberdade, o elo entre indivíduos e grupos ou, em uma perspectiva jurídica, sancionava a lei de igualdade.

Na sociedade não-igualitária do regime de propriedade, o político constituía-se por oposição à sociedade econômica e para dominar os conflitos de classe que a desigualdade suscitava. Pelo contrário, numa sociedade socialista, onde a livre solidariedade uniria os indivíduos e os grupos, o direito público, longe de se opor a sociedade econômica, deveria admitir os princípios e não fazer mais que prolongar a organização econômica (PROUDHON, 2001, p. 10)

Outro emprego da solidariedade também estava presente nas concepções do autor, o das lutas operárias, visto que Proudhon teve grande participação nessa esfera, por meio de propostas em assembleias, projetos, ou no setor da comunicação, especificamente no jornalismo, que era a principal fonte de comunicação de massa do período.

O libertário francês trouxe importantes contribuições ao movimento operário, seja pela elaboração do Mutualismo ou da formulação das ideias que possibilitaram um dos modelos mais populares do anarquismo: o da autogestão. Essa temática, no entanto, será desenvolvida com mais detalhes no próximo subcapítulo deste estudo.

A tríade liberdade, igualdade e solidariedade marcou presença não só nos escritos de Proudhon, mas de outros consagrados anarquistas como Bakunin. Para o teórico russo, a solidariedade se constrói sobre as relações entre os seres humanos, sendo não só parte da sociedade, mas a própria essência desta quando aquela se submete às leis naturais. Em “O conceito de liberdade”, o autor compreende a indissociabilidade das leis humanas de solidariedade social e liberdade, sendo uma complementar à outra.

A lei da solidariedade social é a primeira lei humana; a liberdade é a segunda lei. Estas duas leis interpenetram-se e, sendo inseparáveis, constituem a essência da humanidade. Assim, a liberdade não é a negação da solidariedade; pelo contrário, ela é o seu desenvolvimento e, por assim dizer, a sua humanização. (BAKUNIN, 1975, p. 17)

Para entendermos a postura do autor em relação aos termos, é importante contextualizarmos o período em que viveu. Mikhail Bakunin nasceu em 1814, na Rússia. Apesar de pertencer à aristocracia e da aproximação de seu pai com o liberalismo, se afinizou com as ideias revolucionárias socialistas e comunistas. As diversas revoltas sociais, movimentos de libertação e repressões do período impulsionaram o pensador a se vincular às lutas operárias e a se reconhecer como um anarquista.

Por ser um homem de ação, participou de conflitos sociais e atividades políticas que estabeleceram sua rivalidade com figuras como Karl Marx, por

divergências “na questão do período de transição entre a ordem social vigente e futura” (WOODCOCK, 2007, p. 191). No caso dos marxistas, a transição ocorreria por uma transferência temporária de poder estatal ao proletariado, enquanto Bakunin tinha a concepção de uma eliminação total da ideia de Estado (WOODCOCK, 2007).

Mas sua jornada não se centrou somente em disparidades, Bakunin também foi responsável por movimentos de apoio e libertação, como nas revoltas polonesas contra a ocupação da Rússia e Áustria. Quando os dois últimos países estabeleceram uma repressão contra as revoltas do primeiro, Bakunin liderou um movimento de solidariedade e libertação (WOODCOCK, 2007). As atitudes do pensador revelam que a prática sustentava suas teorias e estabelecia a inter-relação entre conceitos como solidariedade e liberdade.

Agora podemos entender a postura de Bakunin sobre a liberdade e sua vinculação à solidariedade. No período conflituoso política e socialmente em que viveu, as discussões acerca da construção social e econômica apresentavam divergências sobre o grau de importância da liberdade, igualdade e solidariedade. Os liberais, por exemplo, defendiam a liberdade econômica acima de qualquer dos outros dois termos. Anarquistas, como Bakunin, por outro lado, buscavam a inter-relação entre os três termos, sendo a solidariedade social e liberdade complementares e inseparáveis na constituição humana.

Utilizamos o termo “solidariedade social”, pois Bakunin apresenta a concepção de que tanto a liberdade, quanto a solidariedade são resultados do convívio social. A sociedade, segundo o autor, é imposta naturalmente à humanidade e “a influência natural que os homens exercem uns sobre os outros...é a própria base material, intelectual e moral, da solidariedade humana” (BAKUNIN, 1975, p. 16).

Para Bakunin, a inter-relação também acontecia entre liberdade e igualdade, de modo que a primeira sem a segunda era uma liberdade burguesa, ou seja, uma liberdade na qual o grupo dos burgueses se beneficiava e acumulava riquezas, enquanto os trabalhadores eram escravizados e viviam na miséria. “Mas não compreendem a liberdade sem a igualdade: porque a liberdade na desigualdade é o privilégio, isto é, a felicidade de alguns fundada sobre o sofrimento de todos” (BAKUNIN, 1979, p. 6)

A associação de liberdade e igualdade também esteve presente nas reivindicações do pensador pela libertação dos camponeses e, especificamente, das mulheres. Em “O conceito de Liberdade” (1975, p. 22), Bakunin citou as reflexões de Kornilov (291) e Mazzini (pp. 110-111, 71), respectivamente nos trechos a seguir:

Em quase todo o mundo as mulheres são escravas; enquanto elas não estiverem completamente emancipadas a nossa liberdade será impossível.

...e nenhum povo conseguiria ser completo e solidariamente livre no sentido humano desta palavra, enquanto toda a humanidade não o estiver.

Bakunin acreditava que só seria verdadeiramente livre em um regime de igualdade, desse modo, buscava expressar sua solidariedade aos mais oprimidos, como os camponeses, operários e as mulheres. O libertário entendia que a Revolução social era o meio de se conquistar a sociedade ideal, sendo esta o resultado das atitudes solidárias e da eliminação das desigualdades, para se chegar a uma configuração na qual a base compreende a igualdade social e econômica e a estrutura, a liberdade, a moralidade e a solidariedade.

Façam a Revolução social. Façam com que todas as necessidades se tornem realmente solidárias, que os interesses materiais e sociais de cada um se tornem conformes às obrigações humanas de cada um. E para isso, só há uma solução; destruam todas as instituições de desigualdade; fundem a igualdade econômica e social para todos, e nesta base erguer-se-á a liberdade, a moralidade e a humanidade solidária de toda a gente (Obras III, 69 a 72, 71) (BAKUNIN, 1975, pp. 20-21).

Na idealização do autor podemos visualizar a harmonia entre os conceitos, todavia o protagonismo da igualdade, o que era uma aproximação comum aos adeptos da esquerda, na época. Por outro lado, o autor estabelece à solidariedade a função de auxiliar na construção dessa nova sociedade a partir da extinção das desigualdades.

A extinção das desigualdades também foi reivindicada por Kropotkin, que viu a incoerência no lema da Revolução Francesa, expondo o sentido vazio de suas palavras enquanto existisse a desigualdade de gênero. Para o autor, só haveria uma revolução real quando todos os seres humanos se emancipassem, de modo que as mulheres pudessem ocupar os espaços públicos.

Isto se fará, já o dissemos, e começa já a fazer-se. Uma revolução que se decorasse com as mais belas palavras de Liberdade, Igualdade, Solidariedade, mantendo ao mesmo tempo a escravidão do lar, não seria revolução. A metade da humanidade, submetida ainda à escravidão do lar e



da cozinha, teria ainda que se revoltar contra a outra metade. (KROPOTKIN, 1953, p. 54)

Para o autor, a Revolução não poderia envolver somente metade da população, a libertação deveria ser universal; a mesma reivindicação que encontramos na obra de Bakunin. Esse assunto, no entanto, abordaremos com mais detalhes no subitem 2.4.4, o qual apresentará as ideias acerca do anarcofeminismo e suas principais referências na temática, assim como no item 2.4.3 aprofundaremos as concepções de solidariedade na obra de Kropotkin.

Todavia, o que podemos adiantar é que Kropotkin conseguiu associar solidariedade ao estudo das ciências naturais e elaborar um dos conceitos mais disseminados no movimento anarquista: ajuda mútua. Sendo assim, neste item, nos compete compreender brevemente as concepções do autor sobre os três termos.

Na obra de Kropotkin, tal como na de Bakunin, a liberdade e a igualdade, seriam as bases da sociedade que passou pela Revolução. Entretanto, o autor determinou e ressaltou o principal entrave para o alcance desse modelo social: o Estado, o qual era compreendido pelo pensador como “um obstáculo à revolução social, um tropeço, por excelência, ao desenvolvimento de uma sociedade baseada na igualdade e na liberdade” (KROPOTKIN, 2000, p. 8).

A crítica de Kropotkin ao Estado se baseou nos ideais políticos com os quais o pensador se afinizou. O autor era adepto de um modelo social denominado anarco-comunismo, no qual se construiria a liberdade política e a humanidade econômica, sem a presença de um governo.

Segundo estes indícios, somos de opinião que a nossa primeira obrigação, quando a revolução tiver quebrado a força que sustenta o sistema atual, será realizar imediatamente o comunismo: comunismo anarquista, sem governo – o dos homens livres. É a síntese dos dois fins visados pela humanidade econômica e a liberdade política (KROPOTKIN, 1953, p. 16).

Outra característica do comunismo anarquista seria o bem-estar para toda a humanidade, o qual compreenderia a igualdade no setor do trabalho, ou seja, a divisão justa de tudo que seria produzido. O autor acreditava que isso seria possível de se realizar, desde que acontecesse a expropriação. O anarco-comunismo se estabeleceria então em um regime de igualdade, contudo sua principal característica seria a liberdade.

O autor, no entanto, entendia que os povos ainda não estavam preparados para o estabelecimento da anarquia, isso só seria possível por meio da educação e

do exemplo dos que já vivenciavam a liberdade absoluta (aquela que não interfere no direito do outro). Da mesma forma, enxergava o potencial da solidariedade nesse contexto: “podendo desde já conceber a solidariedade, esse poder imenso que centuplica a energia e as forças criadoras do homem, a sociedade nova marchará à conquista do futuro com todo o vigor da mocidade” (KROPOTKIN, 1953, p. 100).

Kropotkin também via a ajuda mútua, entendida como sinônimo da solidariedade, como forma de sobrevivência, resistência às repressões estatais e um fator de evolução para as sociedades, logo quanto menor a intervenção estatal, maior o desenvolvimento social e mais chances de sobrevivência da espécie humana. Sendo assim, a solidariedade direcionaria a humanidade à revolução social, a qual se fundamentaria sobre os ideais de igualdade e liberdade, trazendo recursos como justiça na divisão do trabalho e bem-estar para todos/as.

Analisando as concepções dos três autores sobre a tríade, podemos perceber uma convergência na ideia de construção de uma sociedade pautada na liberdade, igualdade e solidariedade, conquistada por meio da revolução social, da abolição do Estado e das desigualdades sociais. Cada pensador, no entanto, se afeiçoou a diferentes mecanismos de coesão para o alcance da sociedade anarquista: Proudhon, à justiça, Bakunin, à destruição da opressão e Kropotkin, à ajuda mútua.

A solidariedade assumiu, nas teorias dos três pensadores, funções de direcionar a humanidade ao despertar para a revolução social e de auxiliar na construção e manutenção da nova sociedade pautada na igualdade e liberdade. Podemos notar a indissociabilidade do conceito no movimento anarquista e a necessidade de vinculação à igualdade e liberdade para a evolução da humanidade. A solidariedade no anarquismo, entretanto, não se limita ao contexto da idealização ou da crítica social, o termo esteve e ainda está presente no universo do trabalho, nas ciências naturais e nas práticas anarquistas que percorreram toda a trajetória do movimento, como veremos adiante.

### 2.7.2 Solidariedade de classe, Autogestão e Economia Solidária

O anarquismo enquanto movimento socialmente constituído se estabeleceu durante a transição industrial do século XIX, acompanhando as mudanças políticas e sociais da época. Desse modo, a teorização voltada à classe operária e seus

interesses, assim como suas dificuldades e possíveis emancipações, assumiu a posição de destaque dentre os pensadores da época.

A industrialização atualizou a organização da vida pública por classes sociais. Do mesmo modo, a exploração assumiu um novo perfil identitário: trabalhadores e trabalhadoras do chão de fábrica. Novos significados foram atribuídos a termos como liberdade, igualdade e solidariedade. No movimento dos trabalhadores, a solidariedade expressava a luta dos oprimidos em busca de melhores condições salariais e de trabalho (WESTPHAL, 2008).

O pensador mais conhecido por seus estudos sobre as adversidades enfrentadas pelos/as operários/as do período foi Karl Marx, todavia raras vezes se utilizou do termo solidariedade em suas reivindicações, de modo que, quando expressado, assumia a condição de instrumento para a superação da exploração promovida pelo capitalismo (WESTPHAL, 2008).

Seu rival teórico, Pierre Proudhon, por outro lado, fez da expressão uma lei fundante do Mutualismo - teoria criada pelo anarquista francês para definir a reciprocidade e cooperação entre os/as trabalhadores/as, cada qual “dispondo (e não possuindo) de seus próprios meios de produção, ligados por contratos de permuta e crédito mútuo que assegurariam a cada um o produto de seu próprio trabalho” (WOODCOCK, 2007, p. 20).

A partir do Mutualismo, Proudhon foi o principal idealizador da proposta “autogestionária”, definida por Fernando Prestes Motta (1980), como um modelo combativo às organizações burocráticas, as quais se estabelecem por meio de um controle social que se expande a todos os setores da vida. Segundo Motta, o anarquista francês nunca chegou a utilizar o termo, contudo foi responsável pela criação da estrutura na qual se baseia a autogestão.

[...] um conjunto social de grupos autônomos, associados tanto nas suas funções econômicas de produção quanto nas funções políticas. A sociedade autogestionária, em Proudhon, é a sociedade organicamente autônoma, constituída de um feixe de autonomias de grupos se auto-administrando, cuja vida exige a coordenação, mas não a hierarquização. (p. 168)

Embora Proudhon valorizasse a individualidade e buscasse questionar conceitos como “associação” que, nas palavras do autor: “parece-me esconder uma segunda intenção de exploração e despotismo” (PROUDHON, 2006, p. 49), seu senso de coletividade também era evidente, o que o configurava como um homem de paradoxos (WOODCOCK, 2007).

Por outro lado, essa dualidade estabelece um vínculo entre o individual e o coletivo que, segundo John Nightingale (2015), compreende um componente ineliminável da solidariedade em qualquer perspectiva. No caso de Proudhon, essa solidariedade se manifesta espontaneamente a partir da autonomia das relações sociais.

Para Proudhon, o ser coletivo é um ser vivo, dotado de inteligência e atividades próprias, possuindo leis e propriedades próprias. Dessa forma, a solidariedade não é o resultado artificial de uma força externa, mas advém diretamente da espontaneidade da vida social (MOTTA, 1980, p. 143).

No contexto das lutas operárias, Proudhon entende que a classe trabalhadora encontra-se alienada pelo capital e pelo Estado, mas incentiva sua emancipação para se chegar a uma “sociedade organicamente autônoma, constituída de um feixe de autonomias de grupos se auto-administrando, cuja vida exige a coordenação, mas não a hierarquização” (MOTTA, 1980, p. 168), ou seja, uma sociedade autogestionária.

A autogestão se contrapõe ao modelo de organização que acompanha as sociedades desde o período industrial: a heterogestão. Para Fernando Motta (1980), a burocracia, combatida por Proudhon, assume a função de agente de repressão em sociedades heterogestionárias, ou seja, aquelas organizadas hierarquicamente por um sistema piramidal que sustenta os ideais do capitalismo. Outra característica da heterogestão é a sobreposição do individual sobre o coletivo, na qual se estimula a competitividade, de modo que as conquistas são do indivíduo, não do grupo ao qual se é pertencente (AQUINO; LIMA, s/d).

A competição, como propôs Malatesta (2007), é o oposto da solidariedade, ou seja, em uma sociedade heterogestionária é difícil ou, em algumas situações, inviável, sobretudo no universo do trabalho, a prática da ação solidária. O capital se apropria do que é coletivo e adequa aos próprios ideais. Um exemplo disso é o emprego atual, pelo mercado, do termo “autogestão”. Este assumiu a função de ferramenta de controle para as organizações heterogestionárias, ou seja, é visto como um mecanismo autocontrole, no qual o indivíduo organiza o próprio tempo e aperfeiçoa seus resultados para se inserir como “predador” no mercado competitivo. “A autogestão, sem a autonomia pessoal que lhe dá, de imediato, um sentido de empenho individual, arrisca a transformar-se no seu próprio contrário” (BOOKCHIN, 2004, p. 69).

Nesse tipo de apropriação do termo autogestão, é possível às organizações oferecerem aos/às trabalhadores/as um suposto poder de tomar decisões para se utilizar delas como contribuição à manutenção do próprio sistema, logo o resultado do esforço coletivo permanece no controle das hierarquias. Sendo assim, como propõe o teórico anarquista Murray Bookchin (2004), as contribuições da classe operária tornam-se moda de gestão, em vez de assumirem uma contribuição social.

O “controle operário” pode mesmo tornar-se uma moda de gestão, sem qualquer implicação social de relevo, enquanto os operários consentirem em ser encarados apenas enquanto operários. As suas decisões podem até ser consideradas e tidas em conta, já que, também elas, podem contribuir para racionalização técnica das operações industriais (p. 66).

Bookchin acrescenta a ideia de que o termo autogestão só deve ser empregado em situações nas quais o trabalho se transforma em uma atividade livre e criativa, caso contrário, é necessário reexaminar o uso da expressão. Sendo assim, o autor vê a possibilidade de emprego dessa dinâmica somente em grupos libertários. “O grupo libertário de afinidades pode ser uma união ética de indivíduos livres e moralmente fortes, capazes de tomarem decisões por consenso, já que eles vivem num reconhecimento mútuo de competências recíprocas” (BOOKCHIN, 2004, p. 69).

A reciprocidade, que era uma das grandes reivindicações de Proudhon, também assume posição de destaque nas propostas de Bookchin, assim como a autonomia, as quais são parte de uma organização social voltada à emancipação da população aprisionada em uma condição limitada a sofrer abusos pelas mãos da burguesia e do Estado.

Outra parte importante da organização idealizada pelo movimento anarquista é o senso de cooperação, cujo principal defensor foi Errico Malatesta. O ativista italiano contribuiu enfaticamente para as proposições de um novo modelo social e, embora, assim como Proudhon, não tenha se utilizado abertamente do termo “autogestão”, suas concepções sobre a temática contribuíram para a estruturação do modelo social baseado na democracia direta e na eliminação da burocracia e dos métodos opressivos, tal como a competição, que o autor tanto se opôs em sua trajetória.

O libertário italiano era grande defensor da ação direta, participando de diversas atividades junto ao operariado, dentre elas, as greves que, segundo

Maurício Tragtenberg (2003), na visão de Malatesta, tinham função educativa, sobretudo para o despertar da solidariedade e do apoio mútuo.

[...] Malatesta pregava a “ação direta”, a “greve geral” e a solidariedade de classe acima da divisão dos partidos políticos operários [...] Para ele, a greve tinha uma função educativa, especialmente na sua preparação, os trabalhadores aprendem a lição da solidariedade, do apoio mútuo, embora não seja a greve que irá resolver a questão social (p. 203).

Em âmbito social, Malatesta tinha a concepção de que a organização era a aplicação da cooperação e da solidariedade, sem a necessidade de métodos opressivos de controle ou do desenvolvimento e atuação de hierarquias, tal como é proposto em todo o movimento anarquista. Para o autor, a vida em sociedade e a organização eram/são premissas da existência humana.

A organização outra coisa não é senão a prática da cooperação e da solidariedade, é a condição natural, necessária, da vida social, é um fato inelutável que se impõe a todos, tanto na sociedade humana em geral quanto em todo grupo de pessoas que tenha um objetivo comum a alcançar. O homem não quer e não pode viver isolado, não pode sequer tornar-se verdadeiramente homem e satisfazer suas necessidades materiais e morais senão em sociedade e com a cooperação de seus semelhantes (MALATESTA, 1927, p.3).

Malatesta defendia a solidariedade de classe, compreendendo que a força das transformações sociais era o movimento operário, o qual, em cooperação, deveria buscar a emancipação. Segundo o autor, a partir da consciência da opressão sofrida, os trabalhadores começariam a buscar melhorias dentro do próprio sistema capitalista para, enfim, atingirem a revolução.

Por suas organizações, fundadas para a defesa de seus interesses, os trabalhadores adquirem a consciência da opressão sob a qual se curvam e do antagonismo que os separa de seus patrões, começam a aspirar a uma vida superior, habitam-se à vida coletiva e à solidariedade, e podem conseguir conquistar todas as melhorias compatíveis com o regime capitalista e estatista. Em seguida, é a revolução ou a reação (MALATESTA, 1927, p. 4).

O autor via na solidariedade uma contraposição à concorrência, bem como na liberdade uma antítese à opressão. Em “Escritos revolucionários”, de 1823 a 1932, o pensador compreendia a cooperação aliada à solidariedade como antídotos à má organização social, sendo esta a causadora da maior parte dos males que afligem a humanidade (MALATESTA, 2007).

Dentre os autores citados, Malatesta talvez seja o que mais se utiliza, de forma explícita, do termo solidariedade. Pode ser por sua defesa persistente aos

ideais de cooperação ou por sua postura voltada à ação direta que o coloca em contato expresso com as reivindicações, potencialidades e fraquezas da classe operária nas lutas sociais.

Como podemos observar a partir das concepções apresentadas, no período industrial as discussões sobre trabalho e organização social estavam em polvorosa, devido às condições precárias oferecidas aos/às trabalhadores/as, as desigualdades sociais e o desejo de emancipação. Esse cenário estimulou o desenvolvimento ou aprimoramento de relevantes teorias e modelos de estruturação da sociedade como a autogestão e a Economia Solidária.

A Economia Solidária não tem suas origens definidas em um local ou data específicos, contudo se intensificou no período industrial a partir da lógica socialista. Sua proximidade com o movimento anarquista se manifesta pelos princípios de igualdade, solidariedade, coletividade e, sobretudo, pela autogestão que sustenta esse modo de produção.

Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Se são pequenas cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa (SINGER, 2008, p. 289).

Atualmente, as discussões sobre Economia Solidária tem se intensificado, de modo que desvelam um desejo de emancipação ainda presente, mesmo em uma sociedade com novas configurações da divisão do trabalho e da vida. Segundo Paul Singer (2008) os/as trabalhadores/as instruídos/as no sistema capitalista tem cada vez mais chances de migrar para a Economia Solidária. Isso acontece, segundo o autor, por falhas administrativas que levam os/as funcionários/as a se organizarem em cooperativas, nas quais eles/as precisam assumir as responsabilidades pelo empreendimento.

No modo de produção da Economia Solidária, além do cooperativismo e igualdade de direitos, a autogestão se enquadra como um dos princípios fundantes, logo não existem figuras autoritárias, competitividade ou burocracias que visem controlar os membros do grupo de trabalhadores/as. Entretanto, não há garantias salariais ou de direitos, como férias remuneradas, 13º salário, Fundo de Garantia do

Tempo de Serviço (FGTS), seguro-desemprego. Nas cooperativas solidárias, os membros se beneficiam integralmente dos lucros, bem como assumem os possíveis prejuízos, o que pode ser considerado um entrave àqueles/as orientados/as pelas ilusórias garantias que o sistema heterogestionário oferece.

A junção de trabalhadores/as se responsabilizando pelos riscos e compartilhando os resultados de seus esforços expõe a centralidade da solidariedade para esse sistema. Na Economia Solidária, o termo tem potencial de assumir diversas matizes provenientes das teorias anarquistas: uma consequência da liberdade (WILDE), a sanção da justiça em uma sociedade igualitária (PROUDHON), um fator de evolução (KROPOTKIN) ou a antítese para a competitividade (MALATESTA).

O que os autores libertários nos permitem enxergar sobre a solidariedade anarquista, em um contexto de lutas operárias, é a dualidade entre a diversidade de concepções e a complementaridade de pensamentos. Por um lado tem-se as disparidades sobre os meios de se contrapor ao modelo heterogestionário e alienante que configura a sociedade capitalista e o emprego da solidariedade nesse contexto, por outro, as convergências sobre o resultado das lutas contra o sistema e a concepção de que a solidariedade é indissociável desse novo modelo social.

As contribuições anarquistas sobre solidariedade, no entanto, não se limitam aos modelos sociais ou às lutas operárias. Autores como Kropotkin e Bookchin conseguiram estender a discussão para as ciências naturais, incorporando estudos sobre sobrevivência e evolução das espécies e ecologia.

### 2.7.3 Ajuda Mútua e Ecologia Social

O pensador anarquista mais preocupado em entender a natureza das relações entre os seres vivos foi Piotr Kropotkin. Em “Ajuda Mútua: um fator de evolução”, o autor buscou na natureza e nas experiências históricas da humanidade exemplos dos mecanismos utilizados para garantir a sobrevivência e evolução das espécies, encontrando no apoio mútuo uma forma de complementar à teoria de Darwin sobre seleção natural.

O geógrafo, nascido em Moscou no ano de 1840, cresceu em meio à estabilidade econômica de uma família poderosa. Filho de um general rigoroso passou muito tempo aos cuidados de criados/as, o que permitiu suas reflexões sobre a bondade existente nos corações dos camponeses (WOODCOCK, 2007).



Descendente da família imperial russa teve a oportunidade de servir a uma exclusiva escola militar: o Corpo de Pajens, por ordem de Nicolau I, o regente da época. Acabou conquistando a simpatia de alguns de seus oficiais e, quando questionado sobre o regimento que gostaria de servir, escolheu a Sibéria, por ser um lugar onde poderia se dedicar à ciência.

Sua vivência em território siberiano permitiu uma análise da natureza local. Um estudo posteriormente útil para a formulação de uma das obras mais significativas do autor: “Ajuda mútua: um fator de evolução”, na qual Kropotkin se contrapôs às ideias de neodarwinistas como Thomas Huxley e Thomas Malthus.

Na teoria de Malthus, o crescimento populacional superaria o da produção de alimentos, sendo necessário um controle do primeiro, por meio de desastres, epidemias, guerras, ou pela sobrevivência dos mais fortes. Huxley, nessa mesma linha de pensamento, via no conflito entre seres da mesma espécie uma inevitável condição de progresso. A competição e a luta eterna se transformariam em uma proveitosa disputa social (WOODCOCK, 2007).

Kropotkin, por outro lado, encontrou na natureza e nas relações humanas, desde as sociedades ancestrais, exemplos de ajuda mútua, ou seja, de mecanismos, entre seres da mesma espécie, que garantiam não somente a sobrevivência, mas a evolução de seus semelhantes. Para o teórico, o apoio mútuo estava presente em todos os seres vivos, mesmo nas plantas, revelando um instinto ou forte sentimento de solidariedade ou sociabilidade (KROPOTKIN, 2009), diferentemente de amor ou simpatia que se manifestavam, de forma seletiva, entre os/as mais próximos/as.

Embora as construções teóricas do geógrafo russo não caminhassem rigorosamente na direção das concepções de Darwin, Kropotkin não era um crítico ao naturalista, de modo que acreditava em interpretações errôneas ou reduzidas das ideias darwinistas. Sendo assim, acabou complementando as concepções do biólogo, compreendendo que existia sim, na natureza, uma “Lei da Competição Mútua”, mas também uma “Lei de Ajuda Mútua”<sup>20</sup> (KROPOTKIN, 2009), sendo esta mais relevante que a primeira, em termos evolutivos.

Mesmo que não conhecêssemos quaisquer outros fatos da vida animal além dos relacionados às formigas e às térmitas, já poderíamos concluir com segurança que a ajuda mútua (que leva à confiança mútua, a primeira

---

<sup>20</sup> Conceitos elaborados pelo zoólogo Kessler.

condição da coragem) e a iniciativa individual (a primeira condição do progresso intelectual) são dois fatores infinitamente mais importantes para a evolução do reino animal do que a luta de todos contra todos (KROPOTKIN, 2009, p. 27).

O expoente do anarquismo, embora apresentasse uma pesquisa opositiva ao pessimismo de Huxley, não se identificava com a postura otimista de autores como Rousseau, o qual encontrava na natureza uma existência harmônica destruída pela humanidade (KROPOTKIN, 2009). A visão de Kropotkin se estabelecia com base em fatos e em um equilíbrio entre a dualidade do reino animal, bem como dos humanos.

E, se não quisermos que o naufrágio dessa herança seja completo; se, apesar dos crimes cometidos durante esta guerra “civilizada”, ainda pudermos ter certeza de que os ensinamentos e tradições da solidariedade humana vão, afinal de contas, emergir intactos da provação pela qual estamos passando agora, é porque, ao lado do extermínio organizado a partir de cima, vemos milhares daquelas manifestações de ajuda mútua espontânea, da qual trato neste livro nos capítulos dedicados ao ser humano (KROPOTKIN, 2009, p. 9).

No início da obra “Ajuda mútua”, o autor realiza uma análise baseada nas cooperações entre animais invertebrados, como as formigas e abelhas, com suas complexas formas de organização e proteção do grupo, e de animais vertebrados menores, como pássaros e patos. Na sequência analisa as atividades de animais maiores como lobos, cavalos, assim como roedores, encontrando em variadas espécies, manifestações de auxílio mútuo, mesmo contra fatores climáticos. Com isso, o geógrafo russo entende que os mais aptos são aqueles dotados de maior sociabilidade.

Os mais aptos são, portanto, os animais mais sociáveis, e a sociabilidade aparece como o principal fator de evolução, tanto diretamente, ao assegurar o bem-estar da espécie e diminuir a perda de energia, quanto indiretamente, ao favorecer o desenvolvimento da inteligência (KROPOTKIN, 2009, p. 55).

Posteriormente, Kropotkin apresenta as expressões de apoio entre os seres humanos, buscando, desde as sociedades primitivas, exemplos que possam corroborar com suas proposições. Todavia, durante toda a obra, deixa claro que existem as ações predatórias e conflituosas, as quais são documentadas e compartilhadas com mais ênfase por outros pensadores, o que incentiva as noções pessimistas acerca, sobretudo, da raça humana. Para o anarquista, o apoio mútuo é a outra via, é o potencial de evolução das espécies e é o que as mantém vivas.

Ao analisar sociedades contemporâneas, Kropotkin apresenta a ideia de que o desenvolvimento em diversos setores, como científico, técnico/industrial ou nas artes aconteceu de forma mais rápida e abrangente quando “as instituições baseadas na tendência de ajuda mútua chegaram a seu apogeu” (KROPOTKIN, 2009, p. 232). Sendo assim, para o autor, o progresso técnico está diretamente associado às práticas de ajuda mútua, o que confronta as concepções de que o individualismo e a competição determinaram e ainda determinam o desenvolvimento da esfera laboral.

Em conclusão, Kropotkin reitera o potencial evolutivo da ajuda mútua e acrescenta uma esfera na qual ela é indissociável: da ética. Segundo o autor, as práticas de ajuda mútua compreendem a origem das nossas concepções éticas, portanto é o auxílio de uns para com os outros que determina nosso progresso ou evolução no campo da ética e não as disputas sociais.

Quanto ao termo solidariedade, que é o objeto de nosso estudo, especificamente, é pouco mencionado na obra citada, contudo suas aparições nos levam a entendê-lo como sinônimo da ajuda mútua. Logo as expressões de apoio encontradas na natureza e nas relações humanas são expressões de solidariedade.

Com base na análise científica do pensador anarquista, a solidariedade compreende um fator de proteção, sobrevivência e evolução, assim como uma antítese aos ideais competitivos, tal como acreditava o ativista italiano, Errico Malatesta. Complementarmente às correntes teóricas citadas anteriormente, Kropotkin ampliou sua análise ao reino animal/vegetal, o que permite compreender a complexidade que a temática assume em diferentes contextos.

Outro teórico anarquista preocupado com as questões relacionadas à sobrevivência foi Murray Bookchin. O pensador anarquista elaborou um conceito denominado ecologia social, no qual expõe a necessidade de mudanças sociais profundas para solucionar os problemas ecológicos.

Segundo o autor, as crises ecológicas são produto dos conflitos entre os humanos, ou seja, as dominações de uns com os outros refletem na dominação dos humanos com a natureza. Como solução para esses problemas, Bookchin propõe uma mudança na sociedade, o que garante à solidariedade uma função de destaque nas transformações sócio-ecológicas.

A partir do conceito de ecologia social, apenas o ser humano, enlaçado por suas próprias relações sociais em profunda interação com o meio ambiente e o

ecossistema global, poderá eliminar as formas de exploração do homem pelo homem, restituir o livre desenvolvimento das potencialidades humanas e resistir solidária e organizadamente a eventuais catástrofes naturais inesperadas (MARIANA, 2008, p. 96).

O autor entende que existe a possibilidade das atitudes humanas causarem destruições ao ecossistema global, contudo, assim como Kropotkin, busca apresentar outra via para as conspirações pessimistas ou, no caso da ecologia, apocalípticas que sustentam os discursos sobre a temática. Para tanto, propõe que as ideias anarquistas de uma “comunidade equilibrada, de uma democracia direta e interpessoal, de uma tecnologia humanística e de uma sociedade descentralizada não são apenas desejáveis, eles constituem agora as pré-condições para a sobrevivência humana” (BOOKCHIN, s/d, p. 5).

Para Bookchin, a sociedade capitalista precisa ser substituída por uma que busque eliminar os abusos ecológicos, ou seja, uma sociedade ecológica. Nessa sociedade ecológica, eliminam-se as hierarquias, classes e domínio sobre a natureza, dando espaço para novas: racionalidade, ciência e tecnologia.

É importante ressaltar que o autor não busca a transformação social por meio da eliminação dos progressos tecnológicos ou industriais, tal como propõe o primitivismo, nem busca ressaltar o pensamento tecnocrático, embora defenda o uso da ciência e da tecnologia, porém de forma equilibrada e direcionada a uma sociedade livre e consciente.

Bookchin também defende o equilíbrio e a harmonia das relações sociais e naturais, assim como a diversidade presente tanto na natureza quanto na sociedade, sendo que essa diversidade é uma das condições para a evolução. A diminuição da diversidade natural implica em um desequilíbrio e em um ambiente inadequado às formas mais complexas de vida.

A essência da mensagem reconstrutiva da Ecologia pode ser resumida na palavra "diversidade". Na visão ecológica, o equilíbrio e a harmonia na natureza, na sociedade e, por inferência, no comportamento, é alcançado não pela padronização mecânica, mas pelo seu oposto, a diferenciação orgânica (BOOKCHIN, s/d, p. 5).

Em uma sociedade ecológica, a diversidade não só é respeitada como incentivada e estabelece um equilíbrio ou união entre o individual e o coletivo, sendo que “este sentido de unidade refletirá a harmonização dos interesses entre indivíduos e grupo, comunidade e ambiente, humanidade e natureza” (BOOKCHIN, s/d, p. 8).

O elo entre o individual e o coletivo é visto na obra de Bookchin pelo ponto de vista da interdependência e da reciprocidade. Em “Ecologia da Liberdade” (1982), o autor ressalta o modo de vida de sociedades antigas, nas quais não existia a separação de classes e a implantação do Estado, sustentado por ideais de solidariedade coletiva e com a natureza, senso de coletividade, respeito à diversidade e à individualidade, desde que esta não entrasse em conflito com os interesses da comunidade.

Com base nas experiências dessas comunidades antigas, Bookchin compreende que a ecologia social não é um produto da atualidade, ela existe há muito tempo e podemos nos utilizar do exemplo desses povos citados para a transformação social, resgatando o equilíbrio e harmonia presentes nesse tipo de configuração coletiva e aplicando / adaptando em nosso contexto atual.

A sociedade ecológica, então, busca substituir os conflitos humanos por cooperação, solidariedade, interdependência, reciprocidade, de modo a garantir a harmonia, o equilíbrio e eliminar a destruição da natureza, a qual só acontece por consequência das disparidades existentes nas relações entre os seres humanos.

A partir dessa perspectiva, a solidariedade, que é o objeto de nossa pesquisa, assume um caráter indissociável da perspectiva de ecologia social, proposta por Bookchin. Ela ajuda a garantir o equilíbrio e a harmonia entre a sociedade e a natureza, indispensáveis a essa ecosociedade idealizada pelo autor, a qual garantirá a sobrevivência da espécie humana.

Aqui encontramos a complementaridade às ideias de Kropotkin, cujo conceito de solidariedade / ajuda mútua compreende um fator de sobrevivência e evolução das espécies. Bookchin acrescenta a esse conceito a noção de equilíbrio entre a humanidade e a natureza, também em direção à garantia da sobrevivência e evolução.

Podemos concluir que os dois autores trouxeram discussões complementares ao movimento anarquista, talvez por serem mais contemporâneos que os demais expoentes. Além de estenderem a análise à esfera natural, também incluíram em suas argumentações temas como a desigualdade de gênero, que era ainda pouco explorado por outros autores, mas que muita relação tinha / tem com a busca por uma sociedade livre e equilibrada idealizada pelas propostas libertárias. Esse tipo de discussão, no entanto, será mais apropriada pelo ponto de vista das mulheres anarquistas que grandes contribuições também trouxeram ao movimento.

#### 2.7.4 Anarcofeminismo

Embora o movimento anarquista tenha se popularizado por meio de nomes como Proudhon, Bakunin, Kropotkin, dentre outros, as lutas movimentadas por mulheres libertárias foram e tem sido essenciais para questionar e combater as opressões estatais, do sistema capitalista e do patriarcado.

O movimento feminista, assim como o anarquista, carrega uma pluralidade de vertentes e debates sobre as formas mais adequadas de buscar a justiça social. Sua primeira onda iniciou na segunda metade do século XIX, quando mulheres em diversos países iniciaram a luta por variadas temáticas, desde o direito ao voto (sufrágio), até melhorias nas condições de trabalho, acesso à educação formal, dentre outros.

Embora as abordagens históricas se centrem no movimento das mulheres brancas da Europa e América do Norte, o movimento aconteceu em diversos grupos ao redor do mundo. “E essa formação deu-se em meio a um processo intenso de lutas, materializadas em associações de mulheres, panfletagens, publicações em jornais, manifestações, greves, congressos, passeatas” (ZIRBEL, 2021, p. 13).

Após a Segunda Guerra Mundial, algumas reivindicações, como o direito ao voto, foram concedidas, bem como a Declaração dos Direitos Humanos “reconheceu a igualdade entre os sexos, assim como a igualdade entre os cônjuges” (ZIRBEL, 2021, p. 15). No entanto, poucos progressos aconteceram nos setores da ciência, do trabalho ou na política, pois ainda eram hegemonicamente masculinos e a ideia das limitações femininas aos espaços privados era fortemente difundida.

Na década de 1960, iniciou-se então, a segunda onda do feminismo, a qual, embora se centrasse na ideia de libertação da opressão, incluía pautas mais diversificadas e grupos heterogêneos como: socialistas ou marxistas, negras ou latinas, liberais, ecofeministas, lésbicas e anarcofeministas.

Ainda que as lutas feministas tenham garantido avanços em inúmeros setores. Na perspectiva libertária, no entanto, as feministas não buscavam / buscam a inserção das mulheres em espaços de opressão masculina, o que ainda garantiria / garante as estruturas de poder, mas uma libertação total da sociedade baseada nos princípios de auto-organização e apoio mútuo.

Não buscam mudanças ou soluções dentro de instituições governamentais, na legislação (ou sua alteração), através do voto ou com a inserção da

mulher no sistema político partidário tradicional, muito menos na transformação de mulheres em chefes capitalistas. Ao contrário, acreditam na prática da ação direta para a completa emancipação, na auto-organização e no apoio mútuo (VASCONCELOS, 2017, p. 54).

É importante mencionar essas divergências em pontos de vista, pois elas ainda estão presentes nas lutas sociais e longe de alcançar um consenso. Apresentaremos então as principais ideias e pensadoras que marcaram o anarcofeminismo, sendo este baseado em todos os princípios fundantes da ideologia libertária, dentre elas, a solidariedade.

O anarcofeminismo se coloca contra as práticas autoritárias e seus valores de dominação, exploração, agressividade, competitividade e insensibilidade, todos altamente valorizados em civilizações capitalistas. Faz referência à criação de uma sociedade não autoritária, uma sociedade baseada na cooperação, no cuidado, no apoio mútuo, na autogestão, na descentralização e na solidariedade, princípios estes anarquistas (VASCONCELOS, 2017, p. 55).

Dentre as principais disseminadoras do movimento estavam Emma Goldman, Maria Lacerda de Moura, Louise Michel e Voltairine de Cleyre, todas inseridas nas lutas anarquistas, porém com diferenças na forma de alcançar a sociedade desejada. A questão da solidariedade também pode ser interpretada por diferentes pontos de vista, como veremos adiante, ao entendermos o percurso que despertou as motivações de cada uma.

Nascida em 1830, na França, Louise Michel teve uma trajetória significativa às lutas sociais contra diversas formas de opressão. Embora tenha se declarado anarquista após um longo período de descobertas e decepções, sua atuação junto ao movimento foi capaz de influenciar outras pensadoras do período.

A militante cresceu cercada pelo contato com a natureza e com acesso a diversas obras filosóficas. No momento de definir sua ocupação, escolheu a docência, o que a levou a Paris, onde realizou parte significativa de sua jornada libertária. Todavia, Michel não passou a vida toda seguindo os ideais anarquistas, em tempos pregressos, se enxergava como republicana, mas os desapontamentos com o Estado a fizeram modificar sua visão.

A partir desse momento, passou a defender o movimento anarquista e se associou à Comuna de Paris, onde se integrou à luta armada, por acreditar ser o único meio de se alcançar uma sociedade livre, tanto para os homens, quanto para as mulheres, os quais viveriam em união livre e solidariedade.

Assim, para ela, a mulher e o homem não estavam em posições opostas. As opressões sentidas por um e outro, embora diferentes, eram fruto da mesma coisa: da sociedade capitalista de classes e suas instituições políticas, econômicas, sociais, culturais, morais e religiosas. Juntos, homens e mulheres, deveriam derrubá-la para alcançar a libertação total e real, através da construção da sociedade anarquista e comunista, onde solidariedade e união livres seriam os principais valores sociais (MENDES, 2010, pp. 139-140).

Michel influenciou outras anarcofeministas do período e seus escritos foram compartilhados em diversos periódicos, contudo, seu ponto de vista sobre o meio pelo qual se alcançaria a revolução não foi partilhado por todos/as os/as anarquistas do período. O uso da força ou violência para se obter a transformação social foi e ainda é um tema de divergências dentro do movimento anarquista.

Não se pode dizer o mesmo da solidariedade que se apresenta em diversas interpretações, mas existe um consenso de que ela é indissociável da ideologia libertária. Podemos interpretar a questão da solidariedade para Michel, por dois caminhos: um meio para um fim e a base de uma sociedade ideal.

No primeiro caso, a solidariedade se insere na luta contra a opressão, ou seja, os/as companheiros/as em busca de libertação se apoiam mutuamente e se solidarizam uns com os outros para destruir, por meio da luta armada, as estruturas de poder e dominação. No segundo caso, a solidariedade é a base de uma sociedade livre e igualitária (MENDES, 2011), tendo a educação como sua propagadora.

De modo semelhante, Voltairine Cleyre também acreditava na solidariedade como base de uma sociedade livre. Todavia, a construção desse projeto só seria possível com a união de dois métodos: a ação direta e a ajuda mútua direta, ou seja, por meio da luta e do apoio entre os/as oprimidos/as que buscam a libertação.

[...] porém ela deveria estar acompanhada da ajuda mútua direta (tal como defendeu Proudhon no que se refere ao mutualismo), essencial para que os trabalhadores pudessem se manter em luta sem muitos prejuízos materiais e para que aprendessem e sentissem na prática a solidariedade, que seria a base da sociedade livre e igualitária, mas que sozinha não levaria à revolução. A revolução social, que só seria vitoriosa através da derrubada do monopólio legal da terra e do dinheiro, pela expropriação total (assim como defendeu Kropotkin), só seria alcançada através dessas duas premissas, ou métodos: ação e ajuda mútua diretas (MENDES, 2010, p. 148).

A ativista nasceu no ano de 1866, nos Estados Unidos e por ser de uma família de poucos recursos, na adolescência, por motivos econômicos, foi



matriculada em um convento, do qual, tempos após, fugiu. Essa experiência a fez se afastar da religiosidade, adotando, posteriormente, o ateísmo.

Na sua trajetória militante, participou de greves, protestos, produziu discursos e conteúdos escritos que motivaram libertárias como Emma Goldman, a qual chegou a considerá-la “a mulher anarquista mais talentosa e brilhante que a América do Norte produzira” (GOLDMAN, 2019, p. 61).

Suas ideias revolucionárias vieram do pai e do avô, os quais foram influenciados pela Revolta dos Trabalhadores, de 1848. Contudo, seguiu o próprio percurso, se afinizando com mais de uma vertente do anarquismo, desde o mutualismo, até o individualismo, mas sem perder o objetivo de alcançar a libertação de todos os homens e mulheres.

Essa é, de fato, a palavra triunfante do Anarquismo: ela vem como a conclusão lógica de trezentos anos de revolta contra a autoridade temporal e espiritual externa – a palavra que não tem compromisso a oferecer, que mantém diante de nós o ideal inabalável do Homem Livre (CLEYRE, 1897, s/p).

Do mesmo período, a libertária Emma Goldman nasceu em 1869, na Lituânia. Teve uma infância e adolescência baseadas na opressão e violência de seu pai, o que a direcionou a questionar o casamento burguês. Aos 15 anos foi obrigada a se casar e, revoltada por querer estudar, fugiu para os Estados Unidos (MENDES, 2010).

No solo norte-americano se deparou com as desigualdades e a exploração do capitalismo, tendo que se submeter ao trabalho fabril e a um casamento sem companheirismo. Já era adepta dos ideais socialistas, mas não se envolvia nas lutas operárias. Com a greve de Haymarket e a execução dos anarquistas envolvidos, se aproximou do movimento.

Goldman foi grande defensora da liberdade no amor, na união e na maternidade. “Desse modo, a anarquista defendeu e reivindicou a emancipação feminina plena, vivenciada por meio da maternidade voluntária, da livre união e da livre desunião, do amor livre, da liberdade sexual e formação intelectual feminina” (CONCEIÇÃO, 2020, p. 305).

No movimento anarquista, se aproximou das ideias de Cleyre, entendendo que as greves eram a base das lutas operárias, no entanto, não eram suficientes para a revolução, todavia, não possuía a mesma posição da ativista norte-americana em relação à violência. Goldman defendia a propaganda anarquista como o modo

mais adequado de se atingir a libertação, o que praticou com grande empenho, sendo, inclusive, presa diversas vezes por sua insubordinação.

O pecado mais imperdoável na sociedade é a independência do pensamento. Que isso possa ser tão evidente em um país cujo símbolo é a democracia, é muito significativo do tremendo poder da maioria [...] A consequência é que, ao invés de ser uma massa de indivíduos, onde cada um fala de suas convicções sem medo e sem hesitação, somos na verdade, uma massa de covardes se comparados a outras nações (GOLDMAN, 2008, p.127).

Sua visão sobre solidariedade não se distanciava das ideias de Cleyre e Michel, todavia acreditava que para se construir uma sociedade pautada pelos ideais de solidariedade e amor e união livres, não era necessário o uso da força, embora defendesse quem se utilizasse desses recursos para derrubar o Estado.

A mesma postura não era apresentada por Maria Lacerda de Moura, visto que era adepta da doutrina da não-violência. A ativista nasceu em 1887, no Estado brasileiro de Minas Gerais. Ao crescer, demonstrou desenvoltura para a área educacional, por isso, tornou-se professora e passou a defender os ideais de uma pedagogia libertária, influenciada por nomes importantes da educação, como Francisco Ferrer y Guardia e Maria Montessori.

A partir das opressões estatais às escolas libertárias, Maria Lacerda iniciou o contato com o professor militante anarquista José Oiticica (RAGO, 2007) e passou a se afeiçoar mais com as ideias libertárias. Posteriormente, quando foi viver em São Paulo colaborou com a imprensa operária, em jornais como A Plebe, e Lanterna.

Tentou participar das lutas feministas, por meio do movimento sufragista de Bertha Lutz, com quem se correspondia, chegando “a colaborar com a criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (1918), no Rio de Janeiro” (LOUSADA; LAGUARDIA, 2013, p. 100). Todavia, por diferenças ideológicas, rompeu com essa perspectiva.

Sua atuação política se centrou nas lutas pela libertação das mulheres nos campos da educação, moral e sexualidade (MENDES, 2010), sendo uma das principais defensoras, assim como Goldman, do amor e maternidade livres. Contudo também participou das iniciativas anticlericais e em favor da classe operária.

Por acreditar na construção de uma sociedade baseada no amor livre, na solidariedade e igualdade, por meio da não violência, da educação libertária e das artes (MENDES, 2010), aproximou-se mais das ideias pacifistas de Tolstói.

A partir da trajetória de Maria Lacerda, em nosso entendimento, solidariedade faz parte de uma harmonia entre a libertação de todas as formas de opressão, incluindo as que envolvem gênero e sexualidade, a arte e a educação. Também é a base da sociedade idealizada pelo movimento anarquista, tal como outras autoras também ansiavam.

E a minha mente finita – busca no Eterno e no Infinito da minha vida subjectiva, procura tirar das criptas profundas da superconsciência, essa nota de Harmonia Universal perdida nos abismos de luz e sombra da alma humana. O programa da vida em toda sua plenitude é o programa da Liberdade integral, é o programa do Direito Humano dos que soluçam e cantam e aspiram a um sonho mais alto de Amor e de Beleza. É o programa da Solidariedade Humana – para a vontade de Harmonia (MOURA, 2023, s/p).

O que podemos concluir com as lutas das ativistas anarcofeministas é que a solidariedade era/é uma parte indispensável dos movimentos libertários de resistência contra a opressão e também a base de uma sonhada sociedade livre e igualitária. Embora a libertação da sociedade como um todo seja a proposta de qualquer vertente do movimento anarquista, é importante evidenciar as pautas específicas das mulheres, pois são reivindicações que ficaram invisibilizadas por muito tempo e nos permitem ver além do convencional.

#### 2.7.5 Anarco-cristianismo

Embora já tenhamos abordado, no item 2.4, uma discussão sobre a solidariedade cristã, é relevante estendermos e aprofundarmos a análise para entendermos sobre o cristianismo, dentro do recorte de nosso estudo, o qual compreende a solidariedade a partir da perspectiva anarquista.

Para tanto, iniciaremos esta etapa, apresentando a trajetória do principal expoente da corrente libertária que associa o movimento anarquista ao cristianismo primitivo. León Tolstói nasceu em 1828, no seio de uma família pertencente à aristocracia russa. Já no início de sua vida, perdeu os pais, o que o direcionou, juntamente aos irmãos, a crescer sob os cuidados de parentes. Em 1844, iniciou os estudos na Universidade de Kazan, contudo não chegou a concluí-los.

Em 1851 entrou para o exército, onde permaneceu durante os cinco anos seguintes. Essa experiência foi relevante para o despertar de suas habilidades como escritor e de seu reconhecimento como um pacifista, ou seja, adepto de uma filosofia oposta aos ideais de guerra e violência. Outro evento que influenciou em sua

aversão à brutalidade foi uma execução, por meio da guilhotina, que presenciou em Paris, no ano de 1857 (WOODCOCK, 2007).

Tolstói, a partir de então, se aproximou do movimento anarquista, se afeiçoando com as reflexões de Proudhon, Bakunin e Kropotkin. No entanto, embora apresentasse repulsa às estruturas de poderes, tais como o Estado, a Igreja, além do desejo de liberdade e de uma fraternidade universal, divergia, parcialmente, dos demais expoentes na forma como se consolidaria a sociedade ideal. Por sua postura pacifista, acreditava que a revolução deveria acontecer, sobretudo, por meio da razão.

Para chegar a essa sociedade, Tolstói – como Godwin e, até certo ponto, como Proudhon – prega uma revolução moral, mais do que uma revolução política. Uma revolução política luta contra o Estado e a propriedade de fora, uma revolução social trabalha dentro da sociedade má e vai minando suas bases [...] Mas a única forma realmente efetiva de transformar a sociedade, segundo Tolstói, é através da razão e, basicamente, através a persuasão e do exemplo (WOODCOCK, 2007, p.264).

Com sua conduta não violenta, acabou influenciando figuras importantes, como Mahatma Gandhi, o líder indiano que conduziu o povo a lutar pela independência de seu país, sem o uso da força. Para Tolstói, a melhor forma de combater a opressão do Estado era recusar-se a colaborar com ele. “Contra a autoridade, a maior arma é a desobediência” (RAMUS, 2008, p. 172).

Além de suas contribuições no âmbito moral, político e social, Tolstói também percorreu o campo religioso, tornando-se o precursor do anarco-cristianismo, uma corrente libertária que buscava, na concepção primitiva do cristianismo, um resgate dos valores deturpados pela figura da Igreja. Segundo o autor, em sua obra intitulada “O reino de Deus está em vós”, “[...] não só nada existe em comum entre as igrejas e o cristianismo, exceto o nome, como seus princípios são absolutamente opostos e hostis” (p. 43).

O escritor teve acesso às reflexões de grupos como os *quackers*<sup>21</sup>, os quais reprovavam as atuações violentas realizadas em nome de uma cultura cristã. A junção de pessoas insatisfeitas com as repressões sociais sustentadas pela Igreja e pelo Estado abriu espaço para se discutir e aplicar o apoio mútuo, conceito anarquista, elaborado por Kropotkin, que leva a uma das compreensões contemporâneas da ideia de solidariedade, ou seja, nessa visão, a comunhão de

---

<sup>21</sup> Grupo religioso com raízes no protestantismo inglês, conhecido pela simplicidade e pacifismo.

peças unidas em prol de uma transformação comunitária em direção à liberdade e ao bem-estar coletivo.

Para Tolstoi (s/d), a ação incessante das igrejas impedia que os seres humanos conseguissem refletir e entender sobre a doutrina de Cristo. “E é por isto que as igrejas não interrompem sua ação por um só momento” (p. 49). O teórico também condenava a atuação de líderes religiosos que, limitados por suas próprias visões, disseminavam entendimentos sobre as práticas do profeta.

O discípulo de Cristo, cuja doutrina consiste na penetração progressiva do pensamento evangélico, em sua observância, cada vez maior, no caminho para a perfeição, não pode afirmar, por conta própria ou por conta de outrem, exatamente por ser discípulo de Cristo, conhecer por inteiro Sua doutrina e observá-la. Menos ainda pode afirmá-lo em nome de toda uma assembléia. (TOLSTOI, s/d, p. 43)

A partir das reflexões do autor, é possível questionar quando seria verdadeiramente possível associar solidariedade à doutrina cristã. No contexto de uma institucionalização dos valores cristãos, sobre uma estrutura de poderes, será viável desvincular a fé da figura da Igreja? Afinal, a história aponta para um caminho de controvérsias e discordâncias.

A dificuldade de separar a fé da necessidade de se vincular à Igreja é justamente pela posição de poder que a instituição assumiu ao longo da história, bem como sua associação ao Estado, o que legitimou a autoridade da entidade perante a sociedade. “As igrejas são as mesmas por toda a parte e, se as igrejas católica, anglicana, luterana não têm nas mãos um governo assim tão dócil, não é, certamente, porque não o desejem” (TOLSTÓI, s/d, p. 47).

Por outro lado, o próprio autor nos apresentou suas expectativas de que um dia, apesar do cenário pouco otimista de seu tempo (e da atualidade), os princípios que sustentavam o cristianismo primitivo fariam (ou ainda farão) parte, de modo natural e simples, da vivência humana.

Parece-nos, hoje, que as exigências do cristianismo, a fraternidade universal, a supressão da nacionalidade, a supressão da propriedade e o tão estranho preceito da não-resistência ao mal com a violência são inaceitáveis [...] Virá o tempo — e já está vindo — no qual os princípios cristãos da vida — fraternidade, igualdade, comunhão de bens, não-resistência ao mal com a violência — parecerão tão simples e tão naturais como hoje parecem os princípios da vida doméstica e social. (TOLSTOI, s/d, p. 61).

Como podemos notar, os princípios cristãos, defendidos pelo escritor, muita relação tem com os princípios do próprio movimento anarquista, como a liberdade, a

igualdade e a fraternidade universal, a qual podemos entender como análoga à solidariedade universal, na abordagem do pensador. A única questão que não é consensual entre todos/as os/as autores/as citados/as na pesquisa é a forma de lidar com as repressões de entidades em posição de poder, a qual, no caso de Tolstoi, envolve a desobediência sem o uso da violência.

Compreendemos, desse modo, que o ideal sócio-político de Tolstoi caminha lado a lado com o ideal religioso, sendo que o pensador não mediu esforços em defendê-los, despertando a admiração de seguidores e um prestígio que o permitiu acessar a liberdade contra perseguições políticas, deixando uma lição importante, compartilhada por Woodcock (2007), na qual “a força moral de um único homem que insiste em ser livre é maior do que a de uma multidão de escravos silenciosos” (p. 266).

Em síntese, podemos perceber que Tolstoi, assim como Proudhon, Bakunin e Kropotkin, também incorpora os termos solidariedade (fraternidade ou apoio mútuo), igualdade e liberdade em suas contribuições teóricas, de modo a demonstrar um desejo por uma sociedade ideal, contudo essa idealização inclui a prática da religiosidade de forma racional e natural, complementando a configuração política e social.

Creio ter dito o suficiente para demonstrar que, em sua essência, as doutrinas de Tolstoi, condenando a ordem autoritária da sociedade, propondo uma nova ordem libertária e sugerindo meios para alcançá-la são um verdadeiro anarquismo. E, como sua religião é uma religião natural e racional e busca seu reino no domínio da justiça e do amor aqui na Terra, ela não transcende a teoria anarquista, mas é um complemento dela (WOODCOCK, 2007, p. 264).

Diferente do cristianismo citado no item 2.4, o anarco-cristianismo, proposto por Tolstoi, procura estabelecer a prática religiosa de forma descentralizada (sem a figura da Igreja) e anti-autoritária (sem a intervenção do Estado), para que as pessoas possam exercer a sua fé do mesmo modo que participam da vida política em uma sociedade anarquista, ou seja, em um regime sustentado pelos ideais de liberdade e igualdade, em espírito de solidariedade de uns para com os outros.

#### 2.7.6 Categorias anarquistas norteadoras

Agora que conseguimos, ainda que brevemente, explanar alguns dos conceitos acerca da solidariedade, sobretudo no movimento anarquista, compreendemos a necessidade de estabelecermos as categorias norteadoras para

realizarmos a análise a partir dos relatos coletados e apresentados na quarta parte desta pesquisa. Para tanto, utilizaremos as contribuições do anarquista John Nightingale, cuja tese de Doutorado apresenta uma abordagem conceitual sobre a solidariedade no movimento anarquista.

O autor inicia seu trabalho com uma exposição sobre as análises acerca da morfologia, principalmente nas concepções do cientista político Michael Freeden, o qual desenvolve o conceito de morfologia ideológica, que busca analisar conceitos políticos e os sistemas de pensamento que operam (Nightingale, 2015).

Para Nightingale, esse conceito se encaixa nas proposições de sua pesquisa, contudo alguns fatores como as traduções das obras originais podem atrapalhar ou distorcer o que foi dito pelos teóricos escolhidos. Outro ponto apresentando pelo autor é a questão da ideologia e do inconsciente, ou seja, como saber se o autor está usando conscientemente o conceito ou está referenciando por outras razões.

É possível que quando se realiza uma análise conceitual de obras que foram produzidas em tempos pregressos, muitos detalhes sobre as teorias ou a própria vivência dos autores passem despercebidos, assim como alguns termos dependerão de interpretações que, talvez, não reflitam com exatidão o que se buscou compartilhar. Mesmo porque muitos dos autores estudados mudam suas convicções no decorrer de sua trajetória de vida, logo um mesmo termo pode apresentar diferentes significados em períodos distintos. No entanto, a partir das repetições em diferentes conteúdos ou do estudo do contexto / história, é possível se aproximar da integridade do conteúdo transmitido.

Por realizar uma análise morfológica ideológica, Nightingale se atenta aos detalhes da bibliografia citada, todavia entende e compartilha as dificuldades do método. A tese do pesquisador busca entender as contribuições de quatro expoentes do anarquismo: Bakunin, Kropotkin, Bookchin e Chomski, sobre a solidariedade no movimento, sendo que cada um deles apresenta noções e práticas diferentes, o que Nightingale se esforça bastante para explicitar.

Como já trabalhamos as teorias dos principais expoentes do anarquismo, partiremos para as conclusões que o autor conseguiu formular a partir das concepções de solidariedade no movimento anarquista, afinal elas nortearão as nossas análises das histórias coletadas em campo.

Sendo assim, Nightingale conclui sua tese encontrando uma categoria comum e indissociável a toda abordagem sobre solidariedade: **vínculo entre individual e coletivo** e três categorias que especificam a solidariedade no movimento anarquista: **inclusão universal, responsabilidade coletiva e produção social da individualidade**, de modo que a primeira estabelece a conexão da identidade dos indivíduos com os grupos aos quais são pertencentes. Esse componente, no entanto, para o autor, não é suficiente para entendermos o conceito de solidariedade, é necessário ir mais a fundo a partir das outras categorias.

Já a inclusão universal compreende “a ideia normativa de que as relações de solidariedade são estendidas a uma comunidade que é verdadeiramente global em escopo” (p. 191, *tradução nossa*). A inclusão universal tem relação com as propostas anarquistas de eliminação das hierarquias, das fronteiras e construção de uma sociedade livre e igualitária. Como vimos nas propostas anarquistas, as estruturas de poder associadas ao Estado, às Igrejas ou as próprias relações de dominação de gênero devem ser abolidas para que se alcance a sociedade ideal.

Para Nightingale, tanto Bookchin, quanto Kropotkin, acreditavam que a solidariedade se associava aos preceitos de uma sociedade universalmente inclusiva, ou seja, de uma comunidade global destituída de classes ou hierarquias. Bakunin, por outro lado, não chegou a manifestar a mesma compreensão, direcionando seus esforços à solidariedade de classe, ou das massas, para lutar contra a burguesia. No entanto, Nightingale entende que a noção de inclusão social está implícita na ideia de reconhecimento mútuo apresentada pelo autor, a qual garante a interdependência dos indivíduos dentro da sociedade. Já Chomsky, segundo o autor, buscava na solidariedade um agente de mudança social baseado na inclusão de todas as pessoas.

Na categoria responsabilidade coletiva, Nightingale entende que os autores estudados (Bakunin, Chomsky e Bookchin) apresentam ideias convergentes sobre uma preocupação coletiva com o bem-estar de cada indivíduo dentro de uma comunidade, de modo que a participação comunitária em tarefas simples cria um “senso de responsabilidade pela comunidade” (BOOKCHIN, 2005, p. 111 apud NIGHTINGALE, 2015, p. 193).

A mesma concepção não é identificada explicitamente na obra de Kropotkin, todavia levemos em consideração a análise de Nightingale por uma perspectiva morfológica da solidariedade. Sendo assim, o próprio autor entende que a



responsabilidade coletiva está implícita no conceito de ajuda mútua do expoente anarquista.

Por fim, a categoria produção social da individualidade é apresentada por John Nightingale como uma união entre a autonomia de cada indivíduo com a vida coletiva, estabelecendo uma interdependência entre eles. Assim como a responsabilidade coletiva não está explícita nas ideias de Kropotkin, a produção social da individualidade está implícita na noção de reconhecimento mútuo de Bakunin, enquanto para os outros três autores a temática é evidente.

Como podemos ver, embora as categorias apresentadas sejam características do movimento libertário, nem sempre estão explícitas nos discursos de seus expoentes. Por outro lado, o autor entende que essas categorias podem ser encontradas em outras perspectivas sobre a solidariedade que estão fora do anarquismo. Por exemplo, a inclusão universal é um conceito discutido pelo teórico frankfurtiano Brunkhorst.

Seguiremos as conclusões de Nightingale como base para nossas análises das histórias orais temáticas, contudo incluiremos mais uma categoria, pois acreditamos ser relevante e pouco explorada nos estudos sobre solidariedade: **redes de ação solidária.**

Como vimos nas teorizações acerca anarquismo e adiante veremos nas práticas libertárias, a formação de grupos de apoio e ação direta para a solução de problemas sociais sempre esteve presente no movimento. As autoras anarcofeministas, por exemplo, estiveram à frente de lutas por uma sociedade livre, mesmo em um contexto no qual as mulheres eram desencorajadas ou privadas de acessar espaços públicos.

Entendemos que essa última categoria poderia ser analisada dentro das outras três, contudo consideramos importante dar um espaço de destaque a ela, pois trabalharemos com histórias de pessoas cujos propósitos de vida estão diretamente ligados às práticas ou ações de auxílio social.

### 2.7.7 Práticas anarquistas

Nos subitens anteriores buscamos realizar uma abordagem conceitual, apresentando as principais teorias e reflexões acerca da solidariedade no movimento libertário. Todavia, o anarquismo também contribuiu e ainda contribui

socialmente por meio de suas práticas, o que é relevante para esta pesquisa, visto que essas práticas seguem os preceitos da já mencionada solidariedade anarquista.

Historicamente, a partir do desenvolvimento industrial, algumas iniciativas anarquistas buscaram combater os avanços do Estado e dos interesses burgueses. Essas práticas, que já aconteciam no meio laboral, também envolveram setores como o de produção e disseminação cultural, artístico, literário, audiovisual, dentre outros, como o próprio cinema que despertava cada vez mais o interesse popular.

Entre os anos 1901 e 1921, pensadores anarquistas elaboraram o cinema do povo, “um instrumento da propaganda social, direcionada à constituição de uma nova sociedade e de um novo homem” (FIGUEIRA, 2003, s/p), cujos propósitos se centravam na disseminação da arte revolucionária, a qual estabelecia uma contraposição aos produtos do cinema industrial ou burguês.

O intuito dessa iniciativa era a promoção de educação libertária à classe trabalhadora, por meio da arte que estava em evidência e acessível na época, sendo que o Estado, a burguesia e a Igreja se utilizavam desse meio de comunicação de massa para manipular e entreter a população operária, desviando a atenção das lutas e reivindicações (FIGUEIRA, 2003).

No período entre guerras, o cinema foi amplamente utilizado como uma estratégia de distribuição de conteúdo ideológico, conhecida como Cinema de Propaganda Político-Ideológica (FERREIRA, 2007). Regimes como o Nazista e o próprio Estado Norte-Americano, por meio dos Estúdios Disney, encontravam na sétima arte um modo de transmitir sentimentos de nacionalismo e submissão aos valores direcionados aos interesses estatais.

Vendo o potencial de atingir significativo número de pessoas que o cinema possuía, os anarquistas tentaram o uso da ferramenta para estimular a libertação das massas operárias, por meio da educação. Embora, as estruturas de poder e dominação tenham impedido a popularização desse tipo de iniciativa, em grande escala, não conseguiram invalidar as lutas libertárias.

Outro exemplo das práticas anarquistas em períodos progressos foi a criação, em 1933, do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo. Esse espaço iniciou suas atividades culturais e educativas, por meio de palestras, cursos, festivais e manifestações públicas.

O Centro Social se associava a outros dois núcleos libertários: o jornal periódico anarquista e anticlerical “A Plebe” e a Federação Operária de São Paulo,

sendo estes, respectivamente, responsáveis pela divulgação dos eventos / iniciativas e pela organização sindical dos trabalhadores da época.

Esses núcleos eram dirigidos por comissões compostas de membros eleitos em Assembléias pelos militantes associados, os quais realizavam o que se entendia por "ação direta", ou seja, procuravam atuar junto à sociedade, organizando reuniões sindicais, periódicos libertários, panfletos, manifestações públicas e greves, com o objetivo de reunir os trabalhadores em organizações autônomas de classe. Com isso, os militantes buscavam preparar o proletariado para uma ação revolucionária libertária (GERALDO, 1998, p. 167).

A união desses três núcleos possibilitava aos militantes anarquistas uma atuação abrangente nas lutas operárias. Todavia, as atividades duraram até 1935, “em conseqüência do golpe da criação do Estado Novo de Vargas” (GERALDO, 1998, p. 166), o que garantiu a interrupção do Centro Social. Na reabertura, em 1947, a organização não teve o mesmo entusiasmo e restringiu as práticas a conferências, apresentações teatrais e cursos, afastando-se do movimento operário.

Novamente, por motivos políticos (dessa vez no regime militar), em 1969, o Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo fechou suas portas. Sua segunda reabertura ocorreu em 1985, com a redemocratização, permanecendo até os dias atuais com uma postura educativa e de preservação da memória no movimento anarquista.

Ainda no contexto do século XX, mais um exemplo de práticas libertárias – talvez o maior no setor da educação - foi a implantação da Escola Moderna, pelo pedagogo anarquista, Francisco Ferrer. O libertário autodidata nasceu em 1859, na Catalunha e, por meio da herança de uma ex-aluna francesa (GALLO, 2013), conseguiu, em Barcelona, implantar seu projeto mais revolucionário.

A Escola Moderna foi inaugurada no dia 08 de setembro de 1901, com um total de 30 alunos: 12 meninas e 18 meninos, em um regime de coeducação (quando há um processo educativo misto e sem distinções) tanto de gênero, quanto social, o que era incomum na época.

As bases da pedagogia de Ferrer são a coeducação de sexos e de classes, a ausência de recompensas e castigos, a educação integral, o ensino fundado na ciência e não em misticismos ou noções religiosas, a formação permanente do caráter, o cultivo da vontade, a harmonia corpo-intelecto-moralidade, sempre com base nos exemplos e na grande lei natural da solidariedade; a educação infantil deveria buscar métodos adaptados à psicologia da criança (ACCIOLY & SILVA, 2011, p. 99).

No entendimento de Silvio Gallo (2013), a proposta do pedagogo se centrava em “um processo educativo que eduque pela razão, para que cada ser humano seja capaz de raciocinar por si mesmo, conhecer o mundo e emitir seus próprios juízos de valor, sem seguir nenhum mestre, nenhum guia” (pp. 243-244).

Além da Escola Moderna, Ferrer também fundou uma editora que publicaria os livros a serem utilizados em seu projeto e um boletim para divulgação de suas propostas pedagógicas. As iniciativas do anarquista, no entanto, incomodaram tanto os conservadores da época, quanto os monarcas, clero e o próprio Estado. Sendo assim, a escola e a editora foram fechadas pelo governo espanhol e as produções, destruídas.

Cheguei ao ponto culminante de minha vida e de minha obra. Meus inimigos, que são todos os reacionários do mundo, representados pelos estacionários e pelos regressivos de Barcelona, em um primeiro momento e, em breve, de toda Espanha, acreditaram ter triunfado ao me incluir em um processo com ameaça de morte e de difamação de memória e ao fechar a Escola Moderna; mas seu triunfo não passou de um episódio de luta empreendida pelo racionalismo prático contra o grande obstáculo atávico e tradicionalista (FERRER I GUÀRDIA, 2010, p. 80).

Tempos após o fechamento da Escola Moderna, Francisco Ferrer continuou sua militância, mas, durante a uma revolta operária, foi apontado como um dos líderes do movimento e condenado à pena de morte por fuzilamento. Seu legado, todavia, ficou registrado como uma proposta de grande relevância para a educação libertária.

As iniciativas apresentadas são apenas exemplos de que as práticas anarquistas se fazem presentes durante toda a trajetória teórica do movimento. Na atualidade, existem grupos regionais, nacionais e internacionais, os quais se comunicam e prestam apoio uns aos outros.

Dentre eles, existem coletivos e organizações nacionais, como: *Organização Anarquista Socialismo Libertário (SP)*, *Federação Anarquista do Rio de Janeiro (RJ)*, *Coletivo Mineiro Popular Anarquista (MG)*; internacionais: *Zabalaza Anarchist Communist Front (África do Sul)*, *Black Rose Anarchist Federation (EUA)*, *Alternativa Libertaria/FdCA (Itália)*, *Union Communiste Libertaire (França)*; movimentos, tais como: *AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros*, *Amorabi – Joinville*, *Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB* e mídias informativas: *Biblioteca Terra Livre*, *CMI – Centro de Mídia Independente*, *Editora Faísca*, *El Coyote*.

A seguir apresentaremos, sucintamente, as atividades executadas por algumas dessas organizações, assim como seus respectivos objetivos e o que conseguimos coletar sobre suas associações ou trajetórias, visto que alguns grupos carecem de exposição de suas memórias.

### **Coordenação Anarquista Brasileira**

A Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) é um articulador nacional de organizações e grupos anarquistas, resultante do Fórum do Anarquismo Organizado (FAO). A estratégia da organização se baseia nos movimentos populares e nas lutas sociais para se chegar à revolução, seguindo os princípios: ideologia anarquista, luta de classes dos movimentos populares, conceito de classe inclusivo, revolução social, organização, ética, propaganda, autogestão, federalismo, busca pelo consenso, responsabilidade coletiva, dentre outros.

A CAB conta com grupos anarquistas em diversos Estados brasileiros e assume as frentes de luta nos setores: agrário, territorial, estudantil, de gênero, de raça e sindical. Também mantém uma relação de irmandade com organizações internacionais de países da América Latina, do Norte, Europa, África e Oceania.

### **Coletivo Anarquista Luta de Classe**

O Coletivo Anarquista Luta de Classe (CALC) é um dos membros da Coordenação Anarquista Brasileira, com atuação no Estado do Paraná. Dentre as ações da organização estão as lutas contra a opressão do sistema e pela garantia dos direitos humanos.

O CALC também é responsável pela promoção da cultura e do conhecimento, por meio da livraria Alberto “Pocho” Mechoso, do jornal libertário No Batente e do Círculo de Estudos Libertários, além da disponibilização de textos e vídeos de conteúdo anarquista.

### **Cruz Negra Anarquista**

A Cruz Negra Anarquista é uma organização de apoio a prisioneiros em todo o mundo, sendo que seus esforços se concentram no fornecimento de literatura política e no apoio material / legal da população encarcerada. O grupo iniciou suas atividades na Rússia, com o nome de Cruz Vermelha Anarquista, em contraposição às instituições humanitárias como a Cruz Vermelha, as quais se negavam a

defender presos políticos anarquistas. Posteriormente, alterou o nome para Cruz Negra Anarquista.

A Cruz Negra Anarquista começou como Cruz Vermelha Anarquista, uma organização separatista da Cruz Vermelha Política, organizada para ajudar os presos políticos na Rússia czarista. De acordo com Rudolph Rocker, um dos primeiros tesoureiros da Cruz Vermelha Anarquista em Londres, a organização foi fundada na Rússia durante o “período entre 1900 e 1905.” O grupo entrou em destaque depois da Revolução de 1905, com o aumento de anarquistas presos na Rússia<sup>22</sup>.

Ao longo dos anos, a organização se espalhou para outros países, lutando contra as injustiças e perseguições políticas contra anarquistas, flexibilizando sua atuação. Um exemplo disso ocorreu durante o período bolchevista, quando associou-se ao Exército Insurgente da Ucrânia e assumiu os cuidados médicos emergenciais e de autodefesa dos prisioneiros.

### **Coletivo Anarquista Terra Livre**

Com o intuito de elaborar um centro de documentação anarquista, o Coletivo Terra Livre foi fundado em São Paulo, no ano de 2004, por militantes anticapitalistas. Sua proposta inicial se centrou na proposição de reflexões libertárias, por meio de colóquios, feiras e revista, contudo, ao associar-se a outros grupos, conseguiu ampliar suas atividades e fundar o espaço político-cultural Ay Camela!.

O Terra Livre é também, e acima de tudo, um grupo de ação anarquista. Seja por meio da ação direta ou da propaganda impressa, o caminho a seguir é sempre o mesmo: rumo à liberdade e à igualdade; rumo ao fim da exploração do homem pelo homem; rumo à destruição do capitalismo e à abolição do Estado e de todo autoritarismo<sup>23</sup>.

Segundo o site da organização, com a implantação da Biblioteca Terra Livre, o coletivo passou a promover novas atividades como: grupos de estudos, debates, cineclubes, palestras, feiras, dentre outras atividades, além de fornecer conteúdo libertário, por meio de seus livros, cartazes, panfletos, filmes e conteúdo audiovisual.

### **Coletivo Anarquista Bandeira Negra**

Associado à Coordenação Anarquista Brasileira, o Coletivo Anarquista Bandeira Negra (CABN) busca uma atuação direta nas lutas populares. A

---

<sup>22</sup> Texto retirado do site: <https://www.anarquista.net/cruz-negra-anarquista/>.

<sup>23</sup> Texto retirado do site: <https://www.inventati.org/terralivre/libertarios.htm>.

organização possui mais de 10 anos de atividade e direciona seus esforços em auxiliar os debates e ações no Estado de Santa Catarina.

O Coletivo Anarquista Bandeira Negra é uma organização específica anarquista de Santa Catarina, integrante da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB), que defende o anarquismo social, em contato direto com as lutas populares. A bandeira negra, símbolo histórico do anarquismo, representa a negação a bandeiras de pátrias e partidos eleitorais. Nada disso nos une, senão a verdadeira solidariedade humana, na luta contra a exploração e a dominação, em busca do socialismo libertário<sup>24</sup>.

O site da organização compartilha conteúdos escritos de variadas correntes teóricas anarquistas e promove círculos de estudos libertários, além de disponibilizar as publicações de três jornais e uma revista: o informativo do Coletivo – Palavras de Luta, o jornal Socialismo Libertário, o jornal Luta Social e a revista Socialismo Libertário.

### **Federação Anarquista**

A Federação Anarquista é uma mídia online de agrupamento e disseminação de conteúdos e informações anarquistas. A plataforma se apresenta como um banco de dados multilíngüe, cujas publicações são provenientes de mais de 50 fontes anarquistas, em diversos países.

Segundo o site da organização<sup>25</sup>, a justificativa para sua atuação se segmenta em seis argumentos: melhorar a presença online, combater a censura, otimizar a distribuição de conteúdo, funcionar como uma mídia independente, proporcionar arquivamento para o futuro e conectar grupos por meio da máxima: “a união faz a força”.

#### **2.7.8 Redes anarquistas e a imprensa operária**

Uma extensão das práticas anarquistas e também um assunto relevante para identificarmos a solidariedade no movimento é a formação de redes. Antes de discorrermos sobre algumas das redes que marcaram a trajetória do anarquismo, devemos esclarecer o nosso direcionamento sobre a temática que, em nossa interpretação, refere-se a “uma estrutura construída pela existência de laços ou

<sup>24</sup> Texto retirado do site da organização: <https://www.cabn.libertar.org/>.

<sup>25</sup> <https://www.federacaoanarquista.com.br/>.

relações entre diversos indivíduos” (PORTUGAL, 2007, p. 61, apud TELES, 2016, p. 7, *tradução nossa*<sup>26</sup>).

Sabemos que existem outras abordagens e concepções (muito mais complexas e diversificadas) sobre a temática, contudo nos limitaremos a essa ótica, pois atende aos propósitos desta pesquisa. Logo, aprofundar os estudos sobre as teorias de redes desviaria nossos propósitos e demandaria grandes esforços em caminhos muito amplos.

Seguiremos então com os apontamentos sobre a formação de redes libertárias. De acordo com Scherer-Warren (2006, p. 122) “as redes, assim como qualquer relação social, estão sempre impregnadas pelo poder, pelo conflito, bem como pelas possibilidades de solidariedade, de reciprocidade e de compartilhamento”. No movimento anarquista, entretanto, a formação de redes busca justamente a eliminação dessas relações de poder que perpetuam os conflitos e as desigualdades sociais.

No início do século XX, por exemplo, libertários construíram redes de comunicação e solidariedade internacional, por meio da troca de correspondências e da elaboração de jornais e panfletos (SOUSA, 2013). Desse modo, pessoas ligadas às lutas do movimento conseguiam encontrar meios de se apoiar, independente do local de atuação.

A imprensa operária foi grande articuladora dessas redes. “Suas falas, em geral, caminham na contramão dos discursos hegemônicos, sempre visando servir de instrumento de construção de um novo mundo, sem exploração, miséria, opressão, fome e outros problemas sociais” (TELES, 2016, p. 8).

Já mencionamos alguns jornais e boletins que mobilizavam a classe operária no período que a comunicação de massa ainda caminhava lentamente em direção às inovações tecnológicas. Todavia, agora no contexto das redes, apresentaremos novos exemplos.

O primeiro impresso de grande circulação que podemos mencionar é o *La Battaglia*, publicado no Estado de São Paulo. Idealizado por imigrantes italianos, o jornal apresentou 360 edições ao longo de nove anos (ROMANI; BENEVIDES, 2017) e foi um dos primeiros periódicos anarquistas no Brasil. Suas publicações abordavam diversos assuntos, desde reflexões do campo das ciências naturais, até

---

<sup>26</sup> Una estructura construida por la existencia de lazos o de relaciones entre diversos individuos.



conteúdos anticlericais. Também serviu como uma importante fonte de informações sobre as atividades em outras localidades

O *La Battaglia* foi reflexo da formação de redes de imigrantes italianos em território brasileiro, os quais trouxeram as ideias libertárias para o seio das discussões políticas no país. A partir dessas redes, foi possível espalhar a propaganda anarquista para um número significativo de pessoas.

Outro ponto importante envolvendo a união dos anarquistas imigrantes italianos e suas atuações no solo brasileiro foi a característica transnacional<sup>27</sup>, ou seja, a formação de redes de solidariedade e comunicação dos que chegaram ao Brasil, com os que permaneceram na Itália.

Apesar da dispersão, eles mantiveram vínculos entre si, por meios que iam desde o intercâmbio de publicações, possibilitando a circulação de informação e ideias, até campanhas de solidariedade e ações em conjunto. Desse modo, os estudos transnacionais e a história do anarquismo resultaram em um encontro fértil (CUNHA, 2017, pp. 1-2).

Essa abordagem transnacional rendeu diversos debates no campo dos estudos libertários, principalmente no período que as discussões políticas e insatisfações com a violência estatal, clerical e burguesa estavam adquirindo uma quantidade significativa de adeptos.

As publicações operárias permitiam, então, a consolidação dessa cultura transnacional e da formação de redes, as quais auxiliavam países assolados pelas repressões dos conservadores que impediam a livre circulação de informações, como no caso da Itália, em que parte da população foi exilada ou precisou deixar o país, encontrando no Brasil um meio de se expressar temporariamente<sup>28</sup>.

Além das redes transnacionais, os anarquistas brasileiros também formaram redes locais, regionais e nacionais, as quais permitiram uma atuação em diversos segmentos. Isso também possibilitou a elaboração de periódicos como *A Lucta Social*, o qual assumiu, por volta de 1914, a responsabilidade de compartilhar as lutas operárias e conteúdos anarquistas ao povo do Pará.

No periódico paraense, as publicações buscavam defender os interesses da classe trabalhadora, como a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias

---

<sup>27</sup> Hoje o termo “transnacional” é utilizado no meio empresarial para denominar corporações multinacionais.

<sup>28</sup> A atuação dos anarquistas italianos não durou muito tempo, pois as perseguições contra os insubordinados, os quais eram categorizados como subversivos, se iniciaram tempos após, por volta

(que também eram reivindicações dos socialistas), além das denúncias de prisões ou deportações de operários anarquistas participantes da Greve Geral de 1917<sup>29</sup> (TELES, 2016). Os idealizadores de *A Lucta Social* também realizavam uma troca de informações com os libertários do Amazonas, articulando uma rede regional que permitia a solidariedade entre os operários do norte do Brasil.

Fora do Brasil, a imprensa operária também atuava ativamente em busca de liberdade e solidariedade entre os/as companheiros/as de luta. No México, o periódico que acompanhou as movimentações sociais foi o *Regeneración*, sendo um informativo oficial do Partido Liberal Mexicano (PLM) (SOUSA, 2013).

Sua criação, no ano de 1900, estava associada a uma crítica liberal ao regime ditatorial dos governantes da época, assim como à insatisfação com as opressões clericais. Com a filiação de Ricardo Flores Magón e a pressão gerada pela violência estatal, o *Regeneración*, assim como o PLM, adotaram uma postura anarco-sindicalista (SOUSA, 2013).

No período de atuação do *Regeneración*, as terras mexicanas foram palco do governo opressor de Porfírio Díaz que, associado às explorações do sistema capitalista, direcionou o país à Revolução Mexicana: um conflito político-social que buscava a reforma mexicana contra as desigualdades sociais.

Como oposição ao governo de Díaz, duas tendências se difundiram, a social e econômica do Partido Liberal Mexicano e a democrática e política de Francisco Madero (SOUSA, 2013). Madero, no entanto, foi escolhido para assumir o governo mexicano com a promessa de realizar as reformas sociais, contudo não cumpriu seus propósitos, resultando em um golpe de Estado que causou sua morte.

O periódico *Regeneración* esteve no centro da Revolução Mexicana e serviu não só como fonte de informações para a classe operária mexicana, como um incentivador das revoltas contra as consecutivas lideranças arbitrarias. Seu conteúdo também desempenhou a função de informar libertários de diversos países das Américas sobre as atualizações dos acontecimentos mexicanos.

O *Regeneración* circulou e foi lido por diversos militantes ácratas organizados em núcleos e organizações anarco-sindicalistas no continente americano, principalmente nos países em que o movimento operário estava

---

de 1919, de modo que muitos foram expulsos ou deportados, outros desapareceram de circulação, enquanto alguns ficaram detidos e incomunicáveis (ROMANI; BENEVIDES, 2019).

<sup>29</sup> A greve geral de 1917 foi uma revolta nacional da classe operária em busca de melhores condições de trabalho e salários, tendo como influência as ideias de pensadores anarquistas como Errico Malatesta.

consolidado, como Cuba, Uruguai e Argentina. Com o estalar da Revolução, o interesse dos anarquistas da América Latina pelos acontecimentos no México aumentou, e o periódico de combate do PLM intensificou a sua distribuição em outras regiões, chegando inclusive ao Brasil (SOUSA, 2010, p. 8).

Em vista das lutas sociais acontecendo em diversas localidades, uma rede de solidariedade se formou, sobretudo por meio da imprensa operária. Nas Américas, grupos anarquistas compartilhavam não somente correspondências e publicações de apoio às revoltas nacionais, mas também apoio financeiro aos informativos vizinhos, como no caso do periódico paulista A Lanterna, que arrecadou fundos ao *Regeneración*, no período da Revolução Mexicana.

Com os exemplos citados, podemos ver que a imprensa operária teve significativa importância nas práticas libertárias e na formação de redes locais, regionais, nacionais e transnacionais de comunicação e apoio às lutas sociais por melhores condições de vida e combate às desigualdades.

A sociedade ocidental, no início do século XX, foi palco de grandes dificuldades, da mesma forma que de diversas formas de violência e opressão. No entanto, também foi marcada pela força das redes de apoio entre as classes oprimidas que buscavam meios de emancipação e oportunidades para todos/as. O movimento anarquista, nesse período, contribuiu fortemente para construir laços de solidariedade que contribuíram para resistências e revoluções significativas.

Sabemos que a maior parte dos movimentos do período não conseguiu impedir os avanços das explorações promovidas pelo sistema capitalista, nem conseguiu dar conta das violências estatais, contudo serviu como barreira para muitas ações que poderiam ter piorado muito as condições da classe operária. Hoje existem diversos movimentos e associações de resistência baseadas nas contribuições dos militantes do período, como as apresentadas no subitem anterior.

### 3 METODOLOGIA

A solidariedade, como explicamos anteriormente, é um conceito fundado ou fundante do social, ou seja, sua existência depende necessariamente da sociedade. Desse modo, não existe solidariedade em um contexto individualista. Por esse motivo, consideramos importante a escolha de uma metodologia de pesquisa que possa incluir experiências de outras pessoas.

Sendo assim, escolhemos como caminho metodológico para este estudo, a pesquisa qualitativa com enfoque na técnica de História Oral Temática, pertencente ao grupo de História Oral, na qual podemos vislumbrar a perspectiva do/a entrevistado/a direcionada ao tema proposto.

Em se tratando da História Oral Temática, busca-se, a partir de um assunto específico, a narrativa de um entrevistado sobre evento definido, preestabelecido. Os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse à medida que revelam aspectos vinculados à temática central (CASTELO BRANCO, 2020, p. 12).

Inicialmente, pretendíamos utilizar a técnica de histórias de vida, todavia percebemos que a história oral temática se adequaria melhor aos nossos objetivos, visto que estes estavam muito abrangentes. A partir de uma definição menos ambiciosa de nossos propósitos, entendemos que uma modificação na metodologia seria mais adequada. Nos tópicos a seguir explicaremos nossas motivações para escolhermos esse percurso.

#### 3.1 História Oral

Para justificarmos nossas motivações, é importante explicarmos a técnica selecionada. A História Oral (HO) é um conjunto de métodos de caráter qualitativo, cuja natureza se insere no campo historiográfico. O elemento central desse procedimento é a memória, já que o/a narrador/a acessa suas lembranças para transmitir sua experiência ao/à pesquisador/a.

Quem conta uma história, faz necessariamente apelo a sua memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista (SILVA; BARROS, 2010, p. 69).

A trajetória contemporânea desse método se inicia em 1920, na escola de Sociologia de Chicago, quando começou a ter visibilidade acadêmica. A partir de 1960, passou a fazer parte das discussões na Inglaterra, assumindo uma

característica militante e politicamente engajada. Sua legitimação entre as ciências sociais históricas, no entanto, só ocorreu nos anos 1980. No Brasil, demorou ainda mais, pois somente no início da década de 1990 irrompeu no campo científico (SANTOS; ARAÚJO, 2007).

Hoje é um mecanismo amplamente utilizado por “permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos” (MATOS; SENNA, 2011, p. 95) e, também, por seu caráter reflexivo, não somente sobre a realidade de uma única pessoa ou um grupo específico, mas sobre o contexto social, cultural no qual os/as narradores/as estão inseridos/as, assim como seus respectivos pontos de vista sobre as memórias explanadas.

A História Oral inscreve-se em uma reflexão de natureza historiográfica na história contemporânea. É um recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Um conjunto de procedimentos que têm como ponto de partida um projeto, e que têm como definição pessoas a serem entrevistadas. Tais entrevistas são gravadas, transcritas, conferidas e com autorização para serem usadas. É uma história que propicia diferentes diálogos, bem como possibilita compreender a constituição de classes sociais e a tradição de gerações, contada a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p. 192).

Dentro da HO, existem três vertentes que compreendem abordagens diferentes: a história de vida, história oral temática e tradição oral, sendo a primeira livre ao/à narrador/a para contar suas experiências pessoais, enquanto a segunda é direcionada pelo/a entrevistador/a para uma temática específica, já a terceira tem mais valor coletivo do que individual (CASTELO BRANCO, 2020).

A mais popular das três vertentes é a história de vida, sendo que o método abrange “o retrato de uma pessoa cuja trajetória é significativa para a compreensão de eventos, períodos e de práticas culturais e históricas” (SILVA; BARROS, 2010, p. 71). Ou seja, ao passo que o/a depoente manifesta o seu relato, consegue trazer, também, elementos que descrevam o contexto social e cultural de sua existência.

Intenta-se a construção do conhecimento por meio do “contar sua história”, modo pelo qual se busca compreender a perspectiva do sujeito sobre si e os fatos sociais, com base em sua própria capacidade de análise e seu momento para tal (COLOMBY; COSTA; LOPES; PERES, 2016).

É importante ressaltar que existem diferenças entre a história oral, sobretudo na vertente história de vida, e a biografia, embora ambas passem a impressão de trabalhar os mesmos pontos. Na segunda, o enfoque se direciona aos aspectos singulares do indivíduo, enquanto na primeira, se estende ao coletivo ao qual o/a

narrador/a é pertencente (SILVA, 2002). Por esse motivo, existem discussões sobre as diferenças e, até mesmo, o grau de importância de cada um desses métodos.

[...] o eixo do relato situa-se na reconstrução da trajetória de vida do indivíduo desde a infância até a atualidade. Mas, nelas, o objetivo do pesquisador não é descrever um personagem - como seria na Biografia, e sim ultrapassar o caráter individual e singular do que lhe é transmitido, rumo ao desvelamento das relações sociais nas quais se insere. (RIGOTTO, 1998, p. 120)

Por história de vida ser um método muito abrangente e com poucas intervenções do/a entrevistador/a, consideramos necessário trocar por história oral temática, nesta pesquisa, visto que encontramos dificuldades em obter resultados a partir do primeiro relato de uma das participantes.

A história oral temática é um método que direciona o conteúdo do discurso para um assunto determinado pelo/a pesquisador/a, de modo que “Os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse à medida que revelam aspectos vinculados à temática central” (CASTELO BRANCO, 2020, p. 12).

Por fazer parte do grupo de história oral, a memória também assume um caráter primordial para esse tipo de proposta, de modo que “vale dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo” (MATOS; SENNA, 2011, p. 96).

Essa técnica permite ao/à pesquisador/a uma atuação mais ativa no processo da coleta do discurso, de modo que, à medida que as memórias são acessadas, é possível o direcionamento para um tema pré-estabelecido ou a intervenção para explorar melhor o que o/a narrador/a explana.

Posto isso, entendemos que também é possível realizar a pesquisa utilizando a técnica história de vida, mas julgamos que a mudança de percurso é uma escolha mais sensata para este estudo em específico, já que observamos a necessidade de uma participação mais dinâmica por parte da pesquisadora.

Acreditamos que o método escolhido possa contribuir para entendermos melhor as escolhas de vida do/as participantes e como a solidariedade, por uma perspectiva anarquista, está presente na vida dessas pessoas. Esperamos, também, que este estudo possa auxiliar no enriquecimento das pesquisas anarquistas, pois ainda existe significativa incompreensão social sobre os princípios dessa ideologia política.

### **3.2 Descrição da abordagem**

Nossa ideia inicial era a realização de uma pesquisa qualitativa, com enfoque na técnica história de vida, cujos/as entrevistados/as apresentassem o perfil: aposentados/as com mais de 60 anos e um estilo de vida voltado ao auxílio de outrem. Percebemos, no entanto, que deveríamos selecionar melhor o método e o recorte do público.

Como já mencionamos, a técnica foi definida a partir da necessidade de uma atuação mais incisiva de minha parte, de modo que história oral temática se enquadrou melhor nesse cenário. Já o recorte do público, precisou ser adaptado, pois uma das depoentes não se enquadra nas categorias: ocupação e idade. Sendo assim, optamos por modificar a demarcação para pessoas que estão desvinculadas do mercado formal e adotam um estilo de vida voltado ao auxílio de outras pessoas.

Para alcançarmos esse público, perguntamos aos amigos e familiares se conheciam pessoas com o perfil definido inicialmente (aposentadas com mais de 60 anos) e recebemos indicação de três das quatro pessoas que fazem parte deste estudo. A quarta depoente surgiu inesperadamente, quando marcamos entrevista com outra pessoa que se enquadrava na proposta inicial. Essa potencial entrevistada não se sentiu apta a participar do estudo e nos direcionou à participante Luciana, coordenadora de um projeto social que busca o auxílio de pessoas em condição de vulnerabilidade social.

Para organizarmos melhor esta parte do estudo, segmentaremos a descrição da abordagem a partir da coleta dos relatos de cada participante, visto que cada um/a nos forneceu a história oral temática em duas oportunidades distintas, logo nos permitiu avançar nas pesquisas e apresentar novos questionamentos na segunda ocasião. O recolhimento dos depoimentos foi realizado por meio de dispositivos eletrônicos (gravadores), os quais permitiram o acesso aos áudios para a transcrição posterior.

Em todas as entrevistas apresentamos a temática sem introdução das nossas concepções sobre o assunto, para não interferirmos nas compreensões de cada depoente, e propusemos a narrativa a partir da perspectiva da solidariedade. Como a proposta inicial se centrava em coletar histórias de vida, as quais se desenvolvem com pouca intervenção do/a entrevistador/a, no primeiro contato buscamos não trazer muitos questionamentos, a menos que a pessoa não estivesse conseguindo acessar sozinha suas memórias.

No segundo contato, a partir da compreensão de que utilizaríamos o método de história oral temática, estabelecemos alguns assuntos norteadores (influência da família, vinculação ao mercado formal, dentre outros), mas sem perguntas estruturadas, pois acreditamos que a entrevista flui melhor quando conduzida de forma natural e à vontade. A seguir apresentaremos os questionamentos propostos no segundo encontro com cada participante.

### 3.2.1 Luciana

Luciana foi a depoente que não se enquadrava na proposição inicial de nosso estudo, o que nos fez refletir sobre o recorte de nossos objetivos e adaptá-los. A participante indicada, a princípio, era conhecida de meu padrasto por sua atuação na área social. Recebi seu contato telefônico e marquei uma conversa no estabelecimento onde realizava suas atividades voluntárias.

Quando cheguei ao local combinado, expliquei a proposta a ela, mas fui encaminhada para a coordenadora do projeto, com a justificativa de que seria a pessoa mais indicada para me ajudar. Conversei então com Luciana, uma mulher de 54 anos que, embora possua formação em Engenharia Civil, escolheu se desvincular do mercado formal para dedicar-se a outros assuntos, como o voluntariado.

Iniciei a abordagem explicando o projeto e o tema com o qual iríamos trabalhar. Considerei importante esclarecer previamente, pois permite ao/à depoente acessar memórias que podem esclarecer pontos relevantes para a pesquisa. Esse procedimento foi realizado com todos/as os/as participantes.

O ambiente estava cheio de voluntárias e havia bastante barulho, mas Luciana me levou a uma sala um pouco mais isolada para que eu pudesse gravar o relato com o meu celular. Seu relato se iniciou com uma breve apresentação, então foi necessário introduzir algumas perguntas para que ela pudesse explanar detalhadamente alguns âmbitos de sua vida.

Tive bastante dificuldade, nesse primeiro momento, em obter informações sobre a vida pessoal de Luciana. Acredito, em parte, porque estávamos em seu local de atuação voluntária e a movimentação ao redor, assim como o barulho, poderiam dificultar o acesso às memórias. Também penso que o local estimulou a pensar em sua trajetória vinculada àquele ambiente.



Em nosso segundo encontro, a narradora apresentou uma facilidade maior em se expressar. Nessa nova oportunidade, não conseguimos conciliar os horários para um encontro presencial, então concordamos com uma entrevista por vídeo em um momento que ela não estivesse ocupada com seus afazeres da ONG. Não notei prejuízos para a pesquisa a ausência do contato presencial.

Outra vantagem da segunda coleta foi a possibilidade de encontrar, nos primeiros relatos, questionamentos que poderiam indicar padrões de acordo com categorias como classe, etnia e gênero, bem como as influências que podem ou não ter despertado esse espírito solidário no/as entrevistado/as.

No caso de Luciana, o segundo depoimento permitiu explorar um pouco melhor suas motivações e sua relação familiar, sobretudo envolvendo a atividade voluntária que desempenha. Como identificamos a religiosidade e a relação materna como influências no despertar do/as entrevistado/as para a ação solidária, assim como buscamos entender a formação de redes de solidariedade, propus os seguintes questionamentos à depoente, em seu segundo relato:

- 1) Na minha pesquisa apareceu, mais de uma vez, a ideia de que a influência desse tipo de ação solidária veio da mãe. Eu queria saber como é a relação com a sua mãe e como é a relação da sua mãe com esse tipo de causa.
- 2) Você acha que se estivesse atrelada ao mercado formal, trabalhando na sua profissão, você conseguiria ter o mesmo desempenho que tem hoje no projeto?
- 3) E você acha que entre eles<sup>30</sup> existe uma rede de apoio, uma solidariedade, ou só quando vocês vão lá?
- 4) E quanto ao grupo de vocês, como é a construção da rede? Como chegam as pessoas até vocês?

A partir desses questionamentos, obtivemos respostas que nos permitiram esclarecer as dúvidas e padrões apresentados nos primeiros depoimentos. Todavia, somente com a segunda coleta dos demais relatos, conseguimos estabelecer nossos parâmetros de análise para atingirmos os objetivos propostos na parte introdutória do estudo.

---

<sup>30</sup> Pessoas em situação de rua que são beneficiárias do projeto de Luciana.

### 3.2.2 Jorge

Conseguí o contato do Jorge por intermédio de meu pai. Ambos atuam voluntariamente em projetos de apoio, coordenados pelo centro espírita que freqüentam. Marquei a primeira entrevista por telefone e o local escolhido foi o escritório de advocacia da família do depoente.

No ambiente proposto estava silencioso e não ocorreram interferências durante o período em que estive lá. Jorge escutou atentamente à proposta e pediu alguns minutos para ativar suas memórias. Não notei dificuldade em se expressar ou lembrar-se dos momentos de sua vida pregressa, então precisei intervir poucas vezes para propor questionamentos direcionados à temática determinada.

A segunda entrevista ocorreu no centro espírita em que Jorge atua. Como marcamos no período da tarde, o local estava vazio e tranquilo, afinal a maior parte das atividades acontece no período noturno. Jorge me direcionou a uma sala de reuniões onde acontecem as decisões administrativas da instituição.

Nesse contato notei o depoente com uma disposição menor em contar sua história e um interesse maior em falar sobre o que entendia ou como praticava a solidariedade. O deixei livre para se expressar, mas, nos períodos de conclusão do raciocínio, aproveitei para explorar melhor o tema, por meio de perguntas direcionadas, dentre as quais:

- 1) Ali nos meus resultados apareceu alguma influência familiar. Você poderia dizer como era a sua relação com seus pais e se eles tinham essa prática, como era a relação deles com a solidariedade e se isso te influenciou a seguir esse caminho?
- 2) E essa sua relação com seus amigos, já que você entende a solidariedade pelo compartilhamento com outras pessoas, desde criança você já tinha essa concepção ou foi desenvolvendo com o decorrer da trajetória?

Embora, na segunda entrevista, Jorge tenha se atentado menos a contar sua história, isso não afetou o processo, afinal ele trouxe relevantes complementos ao material coletado no primeiro contato. As perguntas direcionadas também permitiram acrescentar novas vivências à história do depoente.

### 3.2.3 Maria de Lourdes

Eu conheci Maria de Lourdes muito tempo atrás, quando ela trabalhava como diarista para sustentar sua família. Com o passar dos anos descobriu uma

doença que a impediu de se manter no mercado formal. Desde que a conheço, atende pessoas do Brasil e da Europa, com sua fé e seus conselhos.

Nosso contato inicial, para marcarmos a entrevista, foi realizado via telefone e o depoimento foi coletado em sua residência, o que permitiu uma tranquilidade maior para que ela pudesse acessar suas memórias. Também não tivemos dificuldades com interrupções ou barulhos.

Inicialmente, Maria de Lourdes estava um pouco insegura sobre o que dizer, mas a tranquilizei, pois não havia certo ou errado, apenas um relato das lembranças que conseguisse acessar naquele momento. No decorrer da narração, conseguiu se libertar da tensão e as memórias começaram a emergir com mais facilidade.

No segundo contato, Maria de Lourdes havia se mudado para a casa da filha por problemas de saúde, por isso precisei ir à casa de sua filha para realizar a entrevista. Quando cheguei ao local só estavam presentes Maria de Lourdes e seu genro, contudo em cômodos diferentes da residência.

Assim como ocorreu com o Jorge, notei em Maria de Lourdes uma dificuldade maior em compartilhar sua história e uma aptidão maior em falar sobre o seu entendimento e vivência sobre a solidariedade, logo a deixei livre para se expressar da forma que se sentiu melhor.

Assim como na primeira narrativa, a depoente apresentou insegurança sobre o que dizer, mas, ao decorrer da entrevista, estabeleci alguns questionamentos para que ela pudesse se situar com maior facilidade. Dentre eles:

- 1) A partir das primeiras entrevistas, nós encontramos alguns pontos de convergência na questão familiar. Você poderia falar um pouco mais da sua relação com seus pais?
- 2) E você acha que eles influenciaram essa questão do despertar da solidariedade ou você acha que veio por outros meios?
- 3) E como é a sua relação com a solidariedade? Como você se vê nesse cenário?
- 4) E qual é a sua perspectiva de vida a partir do que você faz pelos outros?
- 5) Você acha que se estivesse hoje no mercado formal, você conseguiria fazer o trabalho que faz hoje com as pessoas?
- 6) Você gostaria de contribuir com mais alguma coisa que foi importante?

Ao final, a depoente me surpreendeu propondo um questionamento: por que uma pessoa tão intelectual, tão inteligente me escolheu para fazer essas perguntas?

Embora seja uma situação incomum, procurei responder ao questionamento, o que permitiu à respondente debater sobre a minha resposta estender suas contribuições um pouco além.

Maria de Lourdes me relatou que, após nosso primeiro contato, conseguiu trabalhar na superação de alguns conteúdos sensíveis para ela. Por não ser acostumada de compartilhar esses assuntos, não tivera a oportunidade de refletir sobre eles e entender o quanto a afetava. Após a entrevista, repensou e buscou se libertar dos fardos do passado.

### 3.2.4 Dona Maria

Dona Maria é conhecida por significativa parcela da população na região onde mora, devido às suas atividades de caráter social. Eu a conheci anos atrás, pois morei em um edifício próximo à sua residência. Não tivemos muito contato na época, mas a reconhecia por ser a vizinha que sempre olhava as latas de lixo para ver se encontrava artefatos que pudesse doar às pessoas em condição de vulnerabilidade.

Para marcarmos a primeira entrevista, fui à sua casa e pedi seu telefone, assim poderíamos nos organizar para uma data que não comprometesse suas atividades sociais. A coleta do depoimento foi em sua residência e, como a depoente estava sozinha, aconteceu sem interferências. Dona Maria não apresentou dificuldades em falar de si ou das atividades que executa.

Na segunda entrevista, retornei à sua casa, contudo a respondente estava acompanhada por três pessoas, seu sobrinho e um casal que contratou para as atividades de jardinagem. Ficamos sozinhas em uma sala e a narração começou bem, contudo uma interrupção a fez perder o raciocínio e, posteriormente, mesmo com questionamentos direcionados, não consegui fazer Dona Maria se aprofundar em suas memórias. A depoente estava divagando sobre outros assuntos e não conseguia manter o foco na solidariedade.

A entrevista inicial trouxe alguns elementos que nos direcionaram a buscar mais informações no segundo contato, como a relação com a avó, cujos ensinamentos influenciaram a atuação social da depoente. No entanto, o desvio de foco ocorrido no segundo encontro dificultou a abordagem desses assuntos. Sendo assim, os questionamentos que tentei propor foram:

- 1) Você poderia falar um pouco mais sobre a sua avó?

- 2) Essa questão da solidariedade com a sua avó, como era?
- 3) E quais foram as principais lições que você aprendeu com sua família: seu pai, sua avó, para te incentivar nesse caminho da solidariedade?
- 4) E os seus netos, eles também atuam nessa área social?
- 5) Você acha que se estivesse trabalhando no mercado formal, conseguiria fazer esse trabalho que faz na área social?
- 6) E qual o impacto dessa solidariedade em sua vida?
- 7) O que te ensina essa sua jornada?
- 8) Da última vez, você mencionou que sua avó foi escravizada, ela te falava como era a questão do apoio entre eles?
- 9) Então as pessoas que te influenciaram a seguir por esse caminho foram seu pai e avó...

Apesar da proposição de variados questionamentos, algumas respostas acabaram sendo curtas e vagas, todavia as indagações trouxeram alguns elementos que buscávamos entender melhor. Se fosse um primeiro encontro, talvez fosse necessário retornar em outra oportunidade, mas, como já tivemos um primeiro contato, o segundo assumiu a função complementar que buscávamos.

### **3.3 Método de transcrição e análise**

A partir dos dados coletados foi possível manipular e analisar o material. Como estamos trabalhando com histórias orais temáticas, buscamos apresentá-las em dois momentos: o primeiro, uma narração resumida dos relatos de cada participante; o segundo, fragmentos discursivos que apresentaram conteúdos relevantes aos nossos propósitos.

Consideramos relevante apresentar a forma resumida das histórias para que o/a leitor/a pudesse conhecer cada participante e entendesse com mais clareza o desenvolvimento da análise posterior, visto que os relatos, na íntegra, estão dispostos somente no espaço “apêndice” desta pesquisa.

Os fragmentos dos relatos originais possibilitaram encontrar elementos significativos para o cumprimento do nosso objetivo central: a partir da concepção anarquista de solidariedade, analisar como esta se encontra presente nas histórias de quatro pessoas.

O processo de análise baseou-se nas categorias anarquistas apresentadas no item 2.5 desta pesquisa, dentre as quais: vínculo entre o individual e o coletivo,

inclusão universal, responsabilidade coletiva, produção social da individualidade e redes de ação direta. Contudo, encontramos mais uma categoria que possibilitou a compreensão mais profunda dos resultados: felicidade e satisfação.

## **4 DADOS DA PESQUISA**

A fundamentação teórica deste trabalho permitiu a compreensão das diversas formas de se teorizar a solidariedade, bem como as divergências constantes que cerceiam a temática. O que podemos estabelecer como premissa para prosseguirmos com o estudo é o caráter social da solidariedade. Esse é um consenso atemporal e interdisciplinar que o vocábulo nos apresentou, contudo acreditamos na possibilidade de trazer novas reflexões ou contribuições acerca da temática.

Para isso, coletamos e recoletamos as histórias de quatro pessoas e, por meio da metodologia de pesquisa nos foi possível selecionar a técnica mais adequada para os nossos propósitos, de modo que, neste capítulo, utilizamos as transcrições das histórias orais temáticas para identificarmos as categorias da solidariedade anarquista, apontadas na fundamentação.

Para situarmos o/a leitor/a nas motivações que iniciaram este estudo, escrevi um prólogo com a minha história. Acreditamos que é importante explicitarmos o lado humano do/a pesquisador/a quando utilizamos métodos que acessam as vivências de outras pessoas. O/a pesquisador/a também possui uma história e, algumas vezes, isso pode estabelecer confiança para que os/as narradores/as consigam compartilhar suas memórias sem preocupações.

Na sequência, apresentamos a narração resumida de cada uma das histórias coletadas, combinando os relatos do primeiro e segundo encontro, para que o/a leitor/a conheça cada um/a do/as participantes, podendo, assim, compreender as análises posteriores.

### **4.1 Prólogo – história de Giselle Quaesner**

Todos/as nós carregamos histórias que definem nossas escolhas e trajetórias posteriores. A minha se inicia no dia 04 de novembro de 1990, às 7 horas da manhã, na cidade de Curitiba - Paraná. À medida que eu crescia, buscava, talvez, acelerar meu desenvolvimento, de modo que comecei a andar aos nove meses. Aos dois anos, já falava corretamente muitas palavras da língua portuguesa, ou, ao menos, é o que ouvi de meu pai.

Lembro-me de momentos, por volta dos quatro anos de idade, nos quais eu queria crescer rapidamente, ser adulta (não sei explicar o porquê, afinal não passei por nenhum tipo de violência que me impulsionasse ao desejo de libertação e

independência que, teoricamente, os adultos possuem). Tive esse sentimento até, de fato, crescer.

Por ser a mais nova das três irmãs e bastante interessada em explorar coisas novas, aprendi a ler e escrever antes mesmo de entrar na escola, visto que, nas brincadeiras, eu era a aluna. Isso motivou minha jornada como autodidata. Por ser de uma família de poucos recursos, comecei a estudar diversos assuntos de forma autônoma, sempre aproveitando os conhecimentos das minhas irmãs mais velhas ou de meus pais.

Quando meu irmão mais novo nasceu, minha necessidade de cuidar floresceu. Eu enxergava como uma vida mais sensível e inocente, logo eu poderia trazer um pouco de proteção (o que era uma fantasia de criança). No entanto, aprendi algumas coisas sobre cuidados, que seriam utilizadas posteriormente, com minha sobrinha e minha filha.

Minhas habilidades, sobretudo artísticas, se manifestaram muito cedo. Comecei a desenhar em um período no qual as crianças se expressam por meio de rabiscos. Similarmente, passei a esculpir, ainda na infância, o que me permitiu enxergar o mundo por meio das artes visuais e manuais.

A arte me proporcionou uma infinidade de possibilidades, experimentos, conhecimentos e ideias. Por meio dela, potencializei a criatividade, que é uma capacidade, inerente a todo ser humano, de encontrar soluções para assuntos, muitas vezes, complexos. Também me fez enxergar a beleza em diversos assuntos.

Por outro lado, durante a minha trajetória, a arte serviu como um refúgio para as inseguranças e incertezas, assim como sustentou minhas fugas do contato social. Em momentos de infelicidade e sofrimento, trouxe desafios que exigiam a máxima concentração para solucioná-los, desviando a atenção do que me preocupava.

A arte manteve meus esforços como autodidata, sendo que, à medida que eu crescia, conquistava a liberdade almejada e necessária para alguém que deseja entender como o mundo funciona. Todavia, um/a artista necessita inspirar-se e é nesse momento que outra busca se inicia.

Quem sou eu? Do que eu gosto? O que eu quero? O que me faz feliz? Perguntas simples, mas que passamos a vida tentando responder. Não existem respostas corretas e, ainda que saibamos responder, os interesses mudam e as necessidades também, logo as respostas se modificam.



Na minha trajetória, a busca por essas respostas, em uma vida sustentada pela arte e pela sede de conhecimento, levou à urgência de entender o outro, afinal é por meio da convivência e intercâmbio de conhecimentos que, ao aplicarmos, adquirimos sabedoria para lidarmos com nossos desafios individuais.

O outro tem a capacidade de nos apresentar entendimentos sobre nós que, muitas vezes, passam despercebidos. De outro modo, quando nos colocamos na posição do outro, ou seja, exercitamos a empatia, aprendemos coisas que talvez nunca fôssemos capazes sozinhos/as.

Com o outro, aprendi a amar, respeitar, compartilhar. Por outro lado, senti dores, até então, inimagináveis em minha experiência de vida. A dor e o sofrimento se tornaram inevitáveis, sendo que, não existiam modos de voltar atrás, afinal eu já havia compreendido que sem o outro eu não poderia viver neste mundo. A única forma era entender essas adversidades e transformá-las em aprendizado.

Aqui chegamos ao ponto central de minhas inclinações para realizar a pesquisa; o motivador de meu interesse em uma temática tão complexa. A busca por inspiração, por entender meus diversos “eus”, chegando ao outro como uma fonte inesgotável de reações aos mais complexos estímulos e o impacto dessas reações em minha vida, de modo que, muitas delas, causavam dores e sofrimento.

Podemos enxergar a dor e o sofrimento como a parte negativa de nossa existência, todavia, em meu percurso, pude compreender a importância desses sentimentos. Muitas vezes, eles nos permitem entender e respeitar os momentos de outras pessoas, o que pode nos impulsionar às atitudes de apoio aos outros.

Como experiência pessoal, posso dizer que, antes de iniciar minha pesquisa, passei por períodos devastadores, que me induziram à depressão, ansiedade e outras doenças. Pensei que nunca conseguiria ser feliz, ter motivação ou inspiração novamente. Há períodos que custam a passar e/ou necessitam de muito auxílio.

Durante essa etapa, recebi o apoio de muitas pessoas, todavia, a maior parte delas não conseguia entender o que eu estava passando, pois buscava ajudar de acordo com sua experiência de vida, enquanto o que eu realmente precisava era de alguém definitivamente disposto a enxergar a situação de acordo com a minha vivência. E como poderia? A vivência era minha, afinal.

O meio que encontrei de seguir adiante foi a reclusão, o recolhimento. Por um tempo deixei de sentir (pelo menos era o que eu pensava, mas, na realidade, apenas estava bloqueando minhas respostas aos estímulos externos). Quando

recebia notícias impactantes sobre outras pessoas, não sentia empatia ou qualquer outro sentimento. Por um lado era bom, estava protegida, por outro, qual o sentido da vida nessa dinâmica? Uma pessoa que não sente, não consegue viver plenamente, não consegue se cercar de amor, de afeto, de bondade.

Era o momento de mudar. Comecei a buscar qualquer fagulha dentro de mim e encontrei. Tive um período de boas experiências que terminaram em sofrimento. Esse foi um marco importante de minha trajetória, pois, nesse momento, voltei a sentir.

Passei pelo despertar para um novo ciclo, no qual, após o amadurecimento e a superação do sofrimento, estava apta a entender a dor de outras pessoas, contudo, assim como a minha experiência apontou, não poderia fazê-lo pela limitada ótica de minha vivência. Era necessário ouvir o outro. Esse foi o combustível de minha pesquisa. Esse é o motivador de meu percurso atual nessa vida cercada pela arte e pelo esforço em entender o mundo, podendo, talvez, encontrar pessoas inspiradas em transformá-lo.

Por hora, o resultado mais relevante de meu projeto de vida, o qual (orgulhosamente) posso compartilhar é a desenvoltura de minha amada filha com as questões inerentes aos outros seres humanos. Sua sensibilidade em entender as dores alheias e respeitar os momentos, assim como as singularidades de cada um/a me faz entender que, mesmo os meus desejos mais ambiciosos são capazes de realização. É principalmente por ela que hoje eu continuo nessa caminhada, com a crença de que, embora ainda estejamos engatinhando no processo evolutivo e na busca pela justiça social, ainda há esperança em um dia consegui-lo.

#### 4.1.1 Breve história de Luciana

Luciana nasceu em uma família estruturada. Cresceu em um contexto de tranquilidade e muitas oportunidades. Estudou em bons colégios, mas no momento de escolher a profissão, seguiu as instruções do pai. Ao realizar um teste vocacional, seu perfil apontou para Assistência Social, todavia seu pai lhe deu três opções: Engenharia, Medicina ou Direito. Mesmo sem gostar das áreas propostas, Luciana optou pela primeira e formou-se engenheira civil. Nunca se identificou com a área, mas não se arrependeu da escolha que usa em sua vida até o momento atual. Casou-se e teve dois filhos.

No nascimento do segundo filho, abandonou a carreira para cuidar das crianças e quando cresceram, decidiu dedicar-se ao que realmente queria fazer. A busca resultou em um contato realizado por acaso em um aniversário de uma amiga. Luciana sentou-se ao lado de uma senhora que participava de um projeto social, o qual entregava sopa na praça Tiradentes. Luciana pediu para participar e, quando chegou ao local, entrou em pânico, não conseguia descer do carro.

Pensou que poderia ser assaltada, que era muito diferente e não iria dar certo. Encorajou-se e, mesmo com medo, contida, foi. Era uma fila enorme e Luciana foi designada a entregar copos plásticos para que as pessoas alocadas nessa fila pudessem receber suco. Luciana começou a entregar, ainda distante, quando se deparou com um senhor que a chamou de anjo. Esse acontecimento a acalmou e, ao se encantar pela atividade, decidiu que era o que gostaria para sua vida.

Passou a fazer parte do grupo e ofereceu sua casa para produção dos alimentos. A dinâmica, no entanto, começou a incomodar a família, então o marido de Luciana propôs alugar uma casa perto da praça, para essas atividades. Lá começou o projeto Luz, o qual produzia alimentos e entregava semanalmente para pessoas em situação de rua.

Outras iniciativas também aconteceram juntamente ao projeto, dentre elas: os Médicos de Rua e o Banho do Bem, ambas voltadas para a população de rua. Durante a pandemia, foi o período que o projeto Luz mais atuou, sendo que as entregas semanais de comida passaram a ser diárias. Também foram distribuídas cestas básicas, chegando a 500 por mês.

Outra ação era o cuidado com ferimentos, nas pessoas em situação de rua, para evitar a entrada de doenças. O projeto cresceu nesse período e, atualmente, completará seis anos de existência. Luciana se dedica integralmente às atividades desse projeto e entende que sua vida gira em torno da solidariedade, sendo que a solidariedade, em sua visão, compreende a doação de tempo, nem que seja por meio da ida a um asilo para conversar com os idosos.

#### 4.1.2 Breve história de Dona Maria

Dona Maria iniciou sua jornada de auxílio ao próximo aos sete anos de idade. Sua mãe acolhia pessoas que não tinham onde ficar e repartia alimentos, mesmo quando escassos. Aprendeu a dividir também com a avó, uma senhora

negra que passara pelo regime escravocrata e compartilhou diversos conhecimentos com Dona Maria, como o valor do que vem da terra, amor ao próximo, tratar das plantas, costurar, cozinhar e religiosidade.

A relação com a avó era de grande afetividade e proximidade. Dona Maria cuidou da avó até o falecimento desta, aos 103 anos. Para estabelecer os cuidados, Dona Maria optou por não estudar. Fez apenas um ano de escola, mas freqüentou a igreja católica e fazia catequese. Também cuidou do pai, com quem tinha semelhante relação afetiva, o qual faleceu aos 97 anos. O pai a ensinou carpintaria, construção, elétrica, além de valores morais como educação e respeito.

Aos 14 anos, Dona Maria trabalhou em uma confeitaria, na qual sempre buscava fazer doações às pessoas que pediam ajuda. Aos 15 anos, assumiu a responsabilidade sobre a confeitaria, pois os donos eram estrangeiros e precisavam viajar. Permaneceu cuidando desse empreendimento até se casar.

Em sua primeira gravidez, perdeu a criança em seus braços, o que a motivou a buscar a adoção. Durante o processo, descobriu sua segunda gravidez. Depois de um período, a filha ficou doente e foi internada. Após sua recuperação, pediu uma irmã, logo Dona Maria adotou outra criança. Quando a filha adotiva estava com dois anos e meio, o marido de Dona Maria veio a falecer.

Tal como a avó, que ficara viúva muito cedo, Dona Maria criou as filhas sozinha, passando por muito sofrimento. No entanto, as filhas cresceram ligadas à mãe. A filha adotiva decidiu seguir os passos de Dona Maria na ação social, de modo que coordena uma escola e casas de apoio às crianças abandonadas e adolescentes, a outra filha auxilia as igrejas no local onde mora.

Fortemente devota à fé católica, Dona Maria desempenhou e desempenha diversas atividades voluntárias em igrejas. Também atuou e atua em hospitais, comunidades assoladas pela vulnerabilidade social e leprosário, além das atividades com coleta de doações e cuidados com outras pessoas.

Suas ações ajudaram pessoas a se reerguerem, como uma mulher que estava desempregada e prestes a ser despejada. Dona Maria a recolheu em sua casa e a mulher conseguiu emprego em um escritório. Por meio do diálogo, auxiliou um homem a buscar recuperação em uma casa de apoio. Também ajudou uma mulher, que se encontrava em estado vegetativo, a recuperar a saúde.

Dona Maria se sente muito bem e feliz em ser útil, ser solidária e repartir, desde alimentos, até um sorriso, um cumprimento ou remédios. Sendo assim,

ressalta a importância de parar, dar tempo, dar atenção e dialogar. Também entende que solidariedade é dar a mão, servir e ser útil.

#### 4.1.3 Breve história de Jorge

Jorge nasceu na zona rural, no interior do Paraná. De uma família humilde, via os pais praticarem a solidariedade com a vizinhança, por meio da troca de serviços, auxílio em atividades como buscar animais em outros locais, doação de leite e de produtos de origem animal, como a carne ou lingüiça do porco. A vizinhança retribuía da mesma forma, quando criava porcos.

Diariamente, por uns três anos, ia andando para a escola, posteriormente, passou a ir de bicicleta. Nesse trajeto, que levava em média uma hora, tanto na ida, quanto na volta, Jorge idealizava uma vida diferente, uma condição melhor, embora considerasse um sonho ambicioso nas circunstâncias em que vivia.

Jorge entendia que poderia alcançar seus objetivos por meio dos estudos, por isso se dedicou a eles, fazendo o ensino normal (para quem queria ser professor) e o técnico em contabilidade. Ficou sabendo, por meio de um amigo, da cidade de Curitiba e, ao se tornar presidente do grêmio estudantil, precisou ir à Curitiba para cuidar dos quadros de formatura. Conseguiu carona com o tio de um amigo e partiu.

Ao chegar à cidade, encantou-se e decidiu que iria morar nela. Convenceu três amigos a participarem desse plano e, ao conversarem com algumas pessoas, descobriram uma república ou pensionato no qual poderiam morar juntos. Jorge fez amizade com a dona do pensionato, a qual, posteriormente, o apresentou à sua sobrinha, que viria a ser esposa de Jorge.

Também apresentou o filho, que trabalhava no Estado, o qual indicou um concurso ao Jorge e seus amigos. Dos quatro amigos, três passaram, sendo Jorge um deles. Começaram a trabalhar e Jorge logo foi progredindo. Quando chegou ao ápice de sua carreira, estava passando por uma crise interna. Nesse momento relembrou de um amigo e marcou um reencontro. Durante a conversa, o amigo indicou a ele a doutrina espírita.

Jorge iniciou suas atividades em uma casa espírita e logo se identificou com o espírito de solidariedade e fraternidade presente no ambiente. Exerceu, dentro da casa, diversas funções, dentre elas a de diretor. Atualmente, busca a implementação de projetos de apoio social, dentre eles o departamento da família.

Essa iniciativa tem o intuito de atender famílias que necessitem de ajuda. As ações propostas pelo projeto incluem a realização de palestras voltadas a diversos assuntos referentes ao contexto familiar, rodas de conversas com os/as participantes, além da escuta direta com famílias em situação de vulnerabilidade para entender suas necessidades e buscar soluções.

Jorge compreende a solidariedade e a fraternidade como virtudes muito próximas. Sua visão sobre a temática é a de que ninguém se basta sozinho, todo o sucesso e as conquistas acontecem por intermédio de alguém. Na casa espírita, entende a solidariedade pelo viés espiritual e psicológico, ou seja, por meio do acolhimento, carinho e amor dedicado às pessoas.

#### 4.1.4 Breve história de Maria de Lourdes

Quando estava com seis anos de idade, Maria de Lourdes perdeu seu pai, uma boa referência que tinha em sua vida. Após sua partida, a família foi atingida pela miséria e a fome. Aos nove anos, foi expulsa de casa pela mãe e precisou trabalhar como empregada doméstica em um regime exaustivo, das quatro da manhã à meia noite. Por esse motivo, não teve oportunidade de estudar.

Passou por uma relação conflituosa com sua mãe, pois acreditava que era o pai que supria as necessidades da família. Após o falecimento deste e a instauração da vulnerabilidade, começou a questionar o porquê da partida do pai, o qual trazia comida para casa, e não da mãe.

A mãe, no entanto, lutava para suprir as necessidades dos filhos, mas a fome os fazia não compreenderem isso. A matriarca tinha uma comadre que aparecia quando tinha comida. Pela privação, tentava mudar o horário das refeições para que não faltasse aos filhos, mas Maria de Lourdes avisava a comadre sobre as mudanças, pois acreditava que se todo mundo comia e ainda sobrava um pouco, era porque dividir estava dentro das possibilidades.

Maria de Lourdes cresceu, então, com a concepção de que devia sempre dividir com quem precisa, de acordo com as necessidades de cada um. A doação, para ela, é uma forma de se conectar com a felicidade. A partir dessa concepção, encontrou pessoas, tais como ela, dispostas a compartilhar, como uma vizinha com quem dividia os alimentos, em condição de reciprocidade. Para Maria de Lourdes, sem a solidariedade não há motivos para estarmos neste mundo.

Na fase adulta, desejava uma família, o que a impulsionou a se casar e ter quatro filhos, todavia acabou se separando e passou por dificuldades para criar as crianças com os restos de comida da geladeira das casas em que trabalhava como diarista. Também sofreu com o rompimento familiar, já que havia se aproximado da família do ex-marido, mas entendeu que precisava seguir o caminho que estava construindo.

Na trajetória para a criação dos filhos encontrou pessoas que proporcionaram oportunidades, dentre as quais, a casa na qual mora e uma viagem à Europa. A pedido de um homem para quem trabalhava, o mesmo que lhe comprou a casa, Maria de Lourdes foi a Portugal onde passou dez anos de sua vida. Após retornar ao Brasil, lutou judicialmente pelo bem-estar da neta e conquistou o direito de criá-la. Atualmente, com doenças que limitam sua capacidade motora, recebe os cuidados da neta que criou.

Maria de Lourdes se encontrou ao adotar a filosofia espírita, o que reforçou sua intenção em dividir. Também lhe proporcionou a base para auxiliar as pessoas a alavancarem suas vidas. Por decorrência da doença, deixou de trabalhar e passa seu tempo auxiliando pessoas que a procuram, o que sente ser sua força e o que a mantém viva.

## **4.2 Análise das Histórias**

Uma vez que apresentamos brevemente as histórias de cada depoente, seguimos com a análise para entendermos como a solidariedade, na concepção anarquista, se encontra presente nas histórias das quatro pessoas que participaram do estudo.

Utilizaremos as categorias norteadoras de John Nightingale como referência para estabelecer a análise, contudo entendemos que existem diferenças entre as concepções de teóricos anarquistas, cujas reflexões político-ideológicas datavam de outro período e apresentavam um ideal de sociedade que nunca chegou a se concretizar, e os participantes desta pesquisa, que buscam aplicar a solidariedade de acordo com a realidade que vivenciam hoje.

Desse modo, buscaremos adaptar a análise de acordo com os resultados e interpretar com base em nosso contexto social. O objetivo não é forçar o enquadramento dos depoentes na perspectiva libertária, mas entender se é possível encontrar elementos da solidariedade anarquista nas ações solidárias de pessoas

que não estão vinculadas ao movimento. Também devemos esclarecer que a análise se baseia em coesão com as temáticas propostas e não em uma definição do que é certo ou errado.

A partir dessa premissa, selecionamos fragmentos das histórias que possam se aproximar de cada tema proposto, nos permitindo estabelecer a discussão e chegar a algum resultado.

#### 4.2.1 Vínculo entre Individual e Coletivo

Apesar de a solidariedade ser um fenômeno social, sua atuação, na concepção anarquista, não inclui somente os interesses coletivos, mas estabelece uma relação entre as singularidades de cada indivíduo e a participação da vida em comunidade. A solidariedade assume a função de equilibrar esse elo individual-coletivo.

Em parte das sociedades pautadas na desigualdade, os interesses individuais se sobrepõem às decisões coletivas. O resultado dessa dinâmica é a instauração da competitividade, da heterogestão, da meritocracia, da deturpação moral ou do senso de justiça e das relações predatórias e superficiais.

Também existem casos nos quais as reivindicações coletivas desconsideram as particularidades dos seres humanos. Isso resulta em opressão e exclusão dos que não se enquadram nas expectativas ou no perfil da maioria. Em ambos cenários, a tendência é o isolamento do indivíduo, a separação por grupos de afinidades e o estabelecimento de conflitos sociais.

A proposição do movimento anarquista é a eliminação desses males por meio da solidariedade, da reciprocidade e da educação para chegarmos a uma sociedade pautada na igualdade e na liberdade, respeitando e incluindo nas decisões coletivas as singularidades dos indivíduos dela pertencentes.

No contexto de nossos depoentes, algumas noções sobre suas singularidades vinculadas ao coletivo foram apresentadas. Maria de Lourdes, por exemplo, apresenta, em alguns momentos, o questionamento sobre o quanto, a partir de suas condições, tem a contribuir com o coletivo.

Daqui um pouco, começa, a minha filha trazia um da família, desesperado: “Eu vou me matar. Eu vou me matar”; porque não aceitava a morte da mãe. Eu conversava com aquele, aquele ia embora, estava calmo. Aparecia outro. [...] Começou a aparecer gente lá para mim conversar, e as pessoas me abraçavam e diziam: “Eu estou melhor. Já estou bem”. Eu falei: Poxa



vida, então eu tenho que continuar, eu ainda sou importante aqui (Maria de Lourdes).

Suas ações em benefício do outro, no entanto, recuperam sua confiança e permitem que ela compreenda sua importância na sociedade. Por outro lado, preocupações de Maria de Lourdes não se enquadram em um evento isolado, mas em uma condição social, na qual idosos são excluídos, desqualificados e, até mesmo, violentados pelos mais jovens. Contudo, não podemos desconsiderar que também existe a desqualificação dos mais jovens pelas pessoas mais velhas, estabelecendo um conflito bilateral.

Dados da pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência Organizacional – NUEVO, com 1009 respondentes, apontam 325 pessoas que afirmam “já terem sido vítimas de intolerância geracional ou de idade” (DE STEFANI *et al.*, 2020, p. 109). O estudo ainda revela as principais formas de violência, sendo elas: desqualificação pessoal devido às ideias e forma de pensar, cujos principais agressores compreendem familiares diretos (88% das respostas), parentes (86%) e colegas de trabalho (78%) e piadas no ambiente onde estava, indicando amigos (75%) e parentes (75%) como os violentadores.

A pesquisa do NUEVO ainda apresenta o percentual de vítimas de acordo com a idade e os resultados mostram a faixa entre os 10 e 19 anos como principais alvos (43%), seguidos pelos 20 a 29 anos (36%), 50 a 59 anos (35%), chegando aos 60+ (31%). Apesar dos resultados serem alarmantes às populações mais jovens; nacional e mundialmente o aumento de violência contra idosos tem preocupado os órgãos de proteção.

O secretário geral da ONU declarou que a pandemia da Covid-19 colocou as pessoas idosas em maior risco de pobreza, discriminação e isolamento<sup>31</sup>. No Brasil, as denúncias de violência contra idosos, ao disque 100 (número destinado às notificações de violações aos Direitos Humanos), superaram o valor de 35.000, em 2022, segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania.

Essa discussão nos desperta a reflexão sobre a desigualdade das relações sociais e o avanço do pensamento individualista, o que confronta o equilíbrio e interdependência do vínculo individual-coletivo presente nas teorias sobre solidariedade.

Desse modo, casos de violência / intolerância geracional ou de idade revelam conflitos pouco explorados, mas que sua reversão é indispensável à construção de uma sociedade baseada nos princípios de solidariedade, igualdade e liberdade. A partir dessa concepção, retomamos as contribuições de Bakunin, nas quais “só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres” (1975, p. 22). Para isso, é necessário estender as lutas sociais para o âmbito universal, incluindo, nas decisões coletivas, cada indivíduo em sua singularidade.

Outra situação de relevância social precisa ser apontada. Durante a pandemia da Covid-19, as discussões acerca das necessidades individuais contra as urgências coletivas estiveram em alta. Por um lado havia uma doença se espalhando, um vírus do qual pouco se sabia, não havia perspectiva de cura e estava causando a morte de muitas pessoas. Para frear o vírus era necessário o distanciamento social, ou seja, cada um permanecer em seu lar até diminuir a propagação.

Por outro lado, o avanço das desigualdades sociais, o aumento da insegurança alimentar e do desemprego. Muitas empresas encerraram seus negócios por falta de movimento e alguns serviços foram temporariamente dispensados. Luciana, nesse período, precisou fazer uma escolha: ou respeitava os decretos para permanecer em casa e proteger a si e aos outros da disseminação do vírus, enquanto as pessoas que ajudava poderiam morrer de fome, ou desrespeitava as regras, expondo-se aos riscos, mas conseguiria distribuir alimentos e amenizar as necessidades de outras pessoas.

Nunca ficou em casa, mas assim, a gente não fez isso desrespeitando as regras, não, porque a gente viu que realmente se a gente não desrespeitasse, as pessoas iam morrer de fome. Não era de Covid, eles iam morrer de fome (Luciana).

A complexidade da situação envolve a nossa configuração social e a falha do Estado em lidar com a crise, o que causa um embate entre o individual e o coletivo. Logo a população, dependente das decisões estatais (as quais, muitas vezes, não conseguem amenizar as desigualdades e não suprem as necessidades),

---

<sup>31</sup> Discussão apresentada no site da Biblioteca Virtual da Saúde. Disponível no link: <https://bvsmms.saude.gov.br/15-6-dia-mundial-de-conscientizacao-da-violencia-contra-a-pessoa-idosa-2/>

precisa fazer uma escolha pela sobrevivência, normalmente acompanhada de sacrifícios, o que estimula a sobreposição do individual em relação ao coletivo.

Na sociedade idealizada pelos anarquistas, onde não há estruturas hierárquicas determinando as decisões sociais e quem são os incluídos ou excluídos, existe uma harmonia ou interdependência entre as necessidades individuais / autonomia dos indivíduos e as decisões coletivas, de modo a promover a justiça e o bem-estar para todos/as, independente da idade, cor de pele, gênero ou qualquer característica que, em nossa configuração atual, determina as formas de opressão de uns pelos outros. Todavia esse ideal de sociedade está longe de se tornar uma realidade.

No contexto desta pesquisa, a solidariedade baseada no vínculo entre o individual e o coletivo acaba parcialmente ofuscada pelas relações desiguais e pelos conflitos resultantes destas. Isso é apresentado nas contribuições das entrevistadas, as quais demonstram diversas vezes a abdicação de si em benefício do outro ou a necessidade de dividir o mínimo necessário à sobrevivência, quando todos/as deveriam ter o suficiente.

Dona Maria, por exemplo, relata que chegou a doar o próprio cabelo ou a filha doou as próprias roupas para uma pessoa em necessidade. Embora sejam atitudes que demonstram empatia e a compreensão de que o outro importa, também demonstram que a abdicação de coisas básicas e, por vezes, necessárias (como o caso das roupas), com o intuito de amenizar as desigualdades alheias.

Até doação de cabelo, eu tinha o cabelo pela cintura, cortei e doei [...] A filha adotiva, um dia quase sem roupa para vestir uma de rua no centro, aí ligou para mim: “mãe, to sem nada aqui, fiquei com dó, assaltaram, levaram tudo, mãe, só não fiquei sem roupa aqui, mas dei tudo”. Disse: “bem que fez” (Dona Maria).

Luciana, da mesma forma, demonstrou abdicar do tempo para si e para a família em busca de prosseguir ajudando os outros, alegando que sua vida gira em torno da solidariedade. Contudo, por vezes, demonstrou exaustão e vontade de desistir, mas continuou executando as atividades do projeto.

Agora tem dias muito tensos que eu volto, assim, acabada. Acabada porque a gente vê situações que não dependem da gente, que a gente vê pessoas largadas na rua, que a gente tenta acolhimento, tenta pelo menos, sei lá, assim, é uma forma de viver, sabe? [...] Às vezes dá vontade de desistir, vou falar que às vezes...hoje mesmo deu vontade de desistir porque às vezes a gente se sente muito impotente [...]Você tem que abdicar de tudo para fazer isso, não tem outra vida. É o dia inteiro isso. (Luciana).

Já a Maria de Lourdes, muitas vezes abdicou do seu tempo de descanso, quando trabalhava em uma rotina exaustiva, ou, até mesmo, nesse período em que se encontra com problemas de saúde, para atender outras pessoas e buscar auxiliar nas soluções de seus problemas.

Se você chegar às dez, não me importa quanto tempo eu vou conversar com você". Eu tinha muita gente que chegava na minha casa às dez da noite para conversar, muita gente. Então eu nunca limitei o tempo para conversar com as pessoas, mas sempre procurei conciliar o meu trabalho que era o meu sustento, o sustento dos meus filhos e as pessoas. E deu certo, acho que deu certo [...] Hoje não, hoje eu tenho das sete da manhã até as dez, onze da noite conversando com pessoas sem olhar no relógio ou se preocupar com horário (Maria de Lourdes).

Essas atitudes demonstram a dificuldade das depoentes em pensarem nos próprios interesses e necessidades, quando há pessoas ao redor que estão em condições de vulnerabilidade e insegurança. Diferente da perspectiva individualista, na qual as vontades do indivíduo se sobrepõem ao coletivo, as depoentes demonstram uma preocupação maior com o coletivo. Em ambas as circunstâncias existe um desequilíbrio que dificulta o emprego da solidariedade baseada na ligação entre o individual e o coletivo.

Por outro lado, Jorge consegue estabelecer um grau de coesão com a temática por meio da ligação entre a materialização de seus sonhos e o apoio aos outros. Sua trajetória, até onde nos foi compartilhada, não apresenta a abdicção de si ou de seus interesses/objetivos em benefício de outras pessoas.

E aí, claro que passei por muitas dificuldades, mas eu aprendi muito com essa experiência. Que, assim, para que você possa ser alguém na vida, você precisa ter amigos, precisa ter pessoas que te auxiliem, te ajudem. Observei também que os sonhos poderiam ser materializados. Eu observei com a minha própria experiência (Jorge).

Jorge busca no auxílio a outras pessoas um modo de retribuição ou de expressar a gratidão por tudo que conquistou que, segundo o depoente, não seria possível sem a ajuda de outrem e enxerga esse estímulo em seu entorno, entendendo que a ajuda mútua é a própria dinâmica da sociedade.

E sempre o que me motivou, o que me leva a despertar, o que mais me comove é exatamente esse sentimento, essa gratidão de poder retribuir aos outros aquilo que os outros fazem por nós; uns fazem voluntariamente, cada um faz de uma forma, outros fazem por profissão, por retribuição a um pagamento, outros fazem essa mesma caridade de forma... sem nenhum pagamento, mas o fato é que de uma forma ou de outra, a sociedade como um todo vive um ajudando o outro, não importa de que forma (Jorge).

O depoente demonstra a satisfação tanto da prática, quanto da recepção da ação solidária e procura a retribuição à sociedade de acordo com as possibilidades proporcionadas pelo seu desenvolvimento.

E eu comecei a falar assim: “bom, essa gratidão eu preciso ter com as pessoas, porque assim como alguém me ajudou, essas pessoas me ajudaram ao longo da minha vida, desde muito jovem, vai chegar o momento que eu vou retribuir isso para as pessoas também. Porque é muito legal você receber isso, é muito bom receber isso. Então eu vou, quando tiver condições, na medida das minhas opções, das minhas posses, eu vou também fazer as mesmas coisas com os outros” (Jorge).

Jorge se diferencia das demais depoentes, nessa categoria, pois pratica a solidariedade de acordo com suas condições e possibilidades, por isso, consegue estabelecer um vínculo entre seus sonhos e projetos individuais e suas práticas sociais, sem a realização de sacrifícios, para tanto. Isso estabelece um equilíbrio indivíduo-coletivo, tal como propõe este capítulo.

Por conseguinte, nos relatos de Maria de Lourdes, Luciana e Dona Maria, a solidariedade baseada no vínculo individual-coletivo se apresenta ofuscada pelas desigualdades. Contudo, não significa que ela não exista na vida das entrevistadas, afinal só conseguimos acesso ao que foi compartilhado no momento das entrevistas. Também existem momentos em que as participantes demonstram alegria e satisfação ao realizarem suas atividades solidárias, mas isso é uma análise pontual que realizaremos posteriormente.

Nightingale entende o vínculo individual-coletivo como um componente ineliminável da solidariedade, todavia sua análise se baseia em teorias de pensadores associados às ciências sociais e políticas. Nesta pesquisa, analisamos as compreensões de pessoas desligadas do meio acadêmico que vivenciam a solidariedade por meio da prática, muitas vezes sem oportunidade de encontrar outras vias para se obter a justiça social.

É importante separarmos a teoria das práticas, pois mesmo os teóricos mais consagrados, os quais também participavam ativamente das ações em prol das mudanças sociais, não conseguiram promover as transformações que tanto buscavam. Seus legados, no entanto, foram deixados para as gerações futuras repensarem os caminhos sociais de seu tempo.

#### 4.2.2 Inclusão Universal

Como vimos anteriormente, a solidariedade, por uma perspectiva mais ampla, estabelece uma ligação entre as particularidades de cada indivíduo e a vivência coletiva. Daqui por diante, a temática se insere nas categorias anarquistas definidas por Nightingale, sendo a primeira delas a inclusão universal, um conceito baseado nas relações de solidariedade em uma comunidade global.

Do/as participantes de nossa pesquisa, apenas Maria de Lourdes estendeu suas reflexões a um contexto global, ressaltando seu desejo por um mundo melhor. O/as outro/as participantes, no entanto, apresentaram contribuições sobre reciprocidade, interdependência e afetividade por outros seres humanos, o que pode nos direcionar nessa temática da inclusão universal visto que estabelece uma relação harmônica entre os indivíduos e gera conseqüências na sociedade.

Podemos iniciar com Dona Maria e a relação de amor e reciprocidade que estabeleceu com a avó. A depoente relatou que aprendeu boa parte das coisas que sabe ou faz com a avó, uma senhora idosa com experiências que auxiliaram o processo de aprendizagem e o senso moral de Dona Maria, enquanto esta estabelecia os cuidados com a avó, em momentos nos quais os outros familiares não demonstravam a mesma consideração.

Eu dormia aos pés dela, do amor que eu tinha por ela e por mim, porque os outros não queriam saber, era velha...e eu não, eu sempre valorizei, então dormia aos pés dela. . Se ela precisava de alguma coisa eu estava pronta. E na época não tinha panela elétrica, panela de pressão, era tudo no fogão de lenha. Ela que me ensinava. Como é que fazia, o tempo, o valor, tudo (Dona Maria).

A relação de afeto e preocupação que estabeleceu com a avó se estendeu às relações que estabeleceu com o restante da sociedade, buscando a inclusão daqueles que, muitas vezes, são excluídos ou esquecidos na sociedade, como o caso dos idosos que precisam de cuidados e atenção e nem sempre recebem dos mais próximos, ou a população de rua, que permanece invisibilizada.

Embora Dona Maria não tenha apresentado, em seus relatos, uma preocupação com as ações de extensão global, seus esforços cuidar de todos/as que chegam a ela nos permitem enxergar o desejo de acabar com as desigualdades e estabelecer uma relação de interdependência, sobretudo no campo religioso, embora demonstre frustrações ou ressentimentos, por exemplo, com os irmãos que não se articulam da mesma forma que a depoente.

Esse talvez seja o primeiro entrave na aplicação da inclusão universal, afinal nem todos/as estão dispostos/as a dedicar-se da mesma forma. Contudo devemos considerar a atuação solo de Dona Maria que, embora faça voluntariado em instituições como hospitais e igrejas, suas atividades não estão diretamente associadas a um grupo de pessoas que se reúnem com o mesmo intuito.

Jorge, por outro lado, buscou associar-se a um grupo de pessoas, ligadas pela fé, onde encontrou meios de realizar atividades de impacto social. O grupo se reúne para praticar a solidariedade, determinada pelo depoente como espiritual ou psicológica e, também, para proporcionar o acolhimento, carinho e amor às pessoas. Estas, em nossa compreensão, são formas de inclusão daqueles que estão com dificuldades ou carências.

A solidariedade maior aqui é exatamente a solidariedade espiritual, a solidariedade psicológica, o acolhimento, o carinho, o amor com que às vezes você se dedica às pessoas. Então, essa me parece que é a maior solidariedade que a gente pratica aqui. É lembrando as pessoas (Jorge).

Além da participação em grupo, a trajetória do participante, amparada pela ajuda de outras pessoas, influenciou sua compreensão da solidariedade e a forma de praticá-la, assim como seu entendimento sobre a importância das relações sociais.

Então hoje eu procuro dar atenção a esse sentimento que eu tenho e trabalhar ele também, trabalhar praticando, dando testemunho daquilo que eu sinto, que eu penso, que eu creio, que é o meu ideal, exatamente dar um pouco de mim ao próximo, assim como o próximo também dá um pouco de si em benefício de mim também. Assim é a vida, nós não existiríamos sozinhos, nós não seríamos felizes sozinhos, nós não nos realizaríamos sozinhos, ninguém se realiza sozinho. Todos o nosso sucesso, nossas conquistas é graças à solidariedade ou à companhia de alguém, você nunca se basta sozinho (Jorge).

Como podemos notar no trecho acima, Jorge compreende a solidariedade pelo viés da reciprocidade, quando menciona a dinâmica de dar um pouco de si em benefício do outro, enquanto o outro retribui com a mesma ação. A reciprocidade é um dos conceitos disseminados por autores como Proudhon e Bakunin, em suas reflexões sobre as relações sociais e suas formas de resistência ou transformação. Também existe uma ligação com a inclusão universal na reciprocidade, pois estabelece um vínculo de interdependência entre os seres humanos dentro da sociedade, como propôs John Nightingale.

Jorge reitera, mais de uma vez, o senso de interdependência, compreendendo que ninguém se realiza sozinho. Para o participante, todas as conquistas, o sucesso, a felicidade ou a própria existência dependem da solidariedade ou da companhia de outras pessoas.

Sozinho você não chegará a lugar nenhum e não será nada. E comecei a observar que o pouco que eu tinha conquistado era graças a mim, mas também com ajuda de pessoas, muitas pessoas. Uma indicação, uma ajuda, um empréstimo, avalizando alguma coisa, endossando nos bancos e etc. Pessoas que, às vezes eu nem conhecia direito e faziam aquilo por mim (Jorge).

Como analisamos no tópico anterior, o depoente também encontra na solidariedade uma forma de retribuição ou gratidão por seus triunfos. Sendo assim, um ponto importante apresentado por Jorge, na questão da retribuição, é a solidariedade praticada com estranhos. Essa compreensão é importante, pois estabelece um vínculo com a sociedade e não uma relação direta com a pessoa que realizou a ação solidária.

Essas pessoas que fizeram as coisas para mim ou por mim, grande parte deles, eu, às vezes, nem tive como retribuir aquilo que eles fizeram para mim, eu fui retribuir aquilo para outros. Então aqueles mesmos que fizeram alguma coisa por mim, talvez nem precisassem de um favor meu, de uma solidariedade minha. Aqueles que fizeram e que eu pude contribuir ou colaborar com eles, à medida das minhas possibilidades, da possibilidade também deles aceitarem a minha ajuda, minha solidariedade, eu a pratico. Mas a solidariedade mesmo, na verdade você a exerce, a pratica exatamente com quem você nem conhece, nem sabe quem é (Jorge).

A dinâmica da retribuição precisa ser considerada com ressalvas. No caso de Jorge, a sua busca compreende retribuir à sociedade as benfeitorias que auxiliaram em sua caminhada. O depoente não busca a retribuição direta pelas ajudas que presta, pois seria uma forma de cobrança, como propõe Maria de Lourdes:

É o que acontece hoje na sociedade. Qualquer coisa que um faz, qualquer coisa que der errado: “olha, eu fiz isso para fulano e fulano me fez isso”, quer dizer, então você não estava doando, você estava vendendo. Você está exigindo. Então não deixe a sua mão esquerda saber o que a mão direita deu (Maria de Lourdes).

Complementarmente, é importante definirmos a diferença entre a ação social em troca de uma retribuição direta, o que determina uma relação de cobrança, logo não tem relação com a solidariedade, e reciprocidade, a qual estabelece uma relação natural de cooperação entre os seres humanos.



No caso de Jorge, o depoente defende a realização da ação social sem esperar algo em troca. Quando existe a possibilidade de prestar solidariedade àqueles que o ajudaram, realiza não como um pagamento por ações anteriores, mas como a própria relação de interdependência e reciprocidade que estabeleceu com a sociedade.

Que tá exatamente a maior solidariedade, a maior virtude tá nisso, é fazer sem esperar nada em troca. Porque se eu fizesse em favor daquele que fez alguma coisa por mim, eu tava retribuindo praquêle, mas eu fui fazer exatamente com outro, que, às vezes, eu não sabia nem quem era ou que não tinha feito nada por mim, pra mim (Jorge).

Outra depoente que pratica a solidariedade com estranhos é Luciana. Durante a pandemia, a participante se deparou com uma realidade impactante enfrentada pela população de rua. Além da exclusão pela vulnerabilidade social, o isolamento veio, também, por meio das orientações no setor de saúde, pois as recomendações para a contenção do vírus incluíam o distanciamento social, o cuidado com as vias respiratórias, por intermédio do uso de máscaras e com as mãos, para evitar espalhar a doença ou se auto-infectar.

As pessoas em situação de rua pouco ou nenhum acesso tiveram às medidas de prevenção ao Covid-19, por isso, Luciana estabeleceu uma invenção que simbolizaria a igualdade de condições em relação a essa temática: uma pia portátil para permitir a essa população um meio de seguir às recomendações da saúde pública.

Daí eles olhavam pra mim e falavam assim: “Luciana, por que eles mandam a gente lavar a mão e manter o distanciamento? A gente não tem nem onde lavar a mão. Como a gente vai fazer isso?”. Daí eu ficava assim: “meu Deus, que injustiça”. A gente inventou uma pia, daí. A gente levava uma pia e levava a mão deles, passava álcool, mas a gente sabia que aquilo era só com o intuito deles não serem diferentes. Como todo mundo tinha que lavar a mão, para eles não ficarem diferentes perante a sociedade (Luciana).

Luciana demonstrou a compreensão de que não tem condições de mudar a sociedade, mas tem a capacidade de melhorar o tratamento em relação às pessoas excluídas socialmente, mesmo que em uma atitude simbólica, mas que estabelece uma tentativa de inclusão.

Sabemos que medidas como essa ainda não conseguem eliminar os problemas sociais, mas despertam a reflexão sobre a inclusão e a urgência de mudanças sociais. As formas de mudança social, compreendidas pelos teóricos

anarquistas, incluem a solidariedade, a reciprocidade e a educação, sendo a importância desta referenciada por Maria de Lourdes em seus depoimentos.

Então, acho que é para se pensar, nesse momento, a Educação. A Educação, ela tem que ser um ponto importantíssimo, crucial, na sociedade, a educação da criança (Maria de Lourdes).

A depoente reflete sobre um projeto de sociedade, no qual existe a igualdade e entende que a educação é o caminho para essa evolução. Para Maria de Lourdes, sem a educação não há formação ou crescimento.

Então, é... acho que estamos todos numa caminhada de aprendizagem, de descobrir a melhor forma de ter uma sociedade com seus direitos e com um projeto de caminho, é dando oportunidades iguais para todos; e sem educação, não há formação, não há um país evoluído, não podemos crescer sem a Educação. E estamos muito longe daquilo que é o ideal para alavancar uma sociedade com igualdade (Maria de Lourdes).

Entretanto, a participante também demonstra a compreensão de que estamos longe de atingir uma sociedade igualitária, questionando a substituição de valores sociais, que nem a priorização de doação de recursos materiais como brinquedos, em comunidades carentes, em vez de fornecer, por meio da educação, uma perspectiva de futuro para as crianças.

Não era melhor deixar a criança sem aquele brinquedo, mas com uma boa educação, com um caminho para um futuro, e não esperando sempre a doação? Será que nós não estamos alimentando essas crianças, e esperar sentado que alguém venha doar? (Maria de Lourdes).

A visão de Lourdes, nessa discussão, se assemelha às propostas anarquistas, as quais encontram na educação um meio de libertação para se atingir a sociedade idealizada que, dentre seus valores, encontramos a inclusão universal. Podemos concluir que, nesta categoria, os relatos coletados conseguem apresentar algumas aproximações com as proposições do movimento anarquista, incluindo valores como reciprocidade, interdependência e valorização da educação.

#### 4.2.3 Responsabilidade Coletiva

A responsabilidade coletiva compreende a preocupação coletiva com o bem-estar de cada indivíduo dentro da comunidade. Embora, em nossa configuração, as desigualdades e o avanço do individualismo dificultem o senso de coletividade, na esfera deste estudo, limitada à realidade de nosso/as participantes, encontramos

algumas manifestações de preocupação com o bem-estar alheio dentro da comunidade da qual são pertencentes.

Maria de Lourdes compartilha, em seus relatos, diversas reflexões sobre a sociedade vigente e suas relações, seus desejos para o mundo e suas críticas ao comportamento humano diante das desigualdades. A depoente acredita que os seres humanos se preocupam mais com gastos exorbitantes, como em viagens espaciais<sup>32</sup>, do que com o bem-estar de seus semelhantes.

Eu gostaria de um mundo melhor. Eu acho que somos poucos solidários, vejo que as pessoas são muito preocupadas em viajar para outros planetas, gastar milhões, quando do lado da nossa casa tem alguém com fome, tem alguém com sede de uma palavra amiga, de um abraço, de um aperto de mão, de um “bom dia”. Então, eu acho que isso me fez dividir o que eu tenho, e eu sou muito feliz com o pouco que eu tenho (Maria de Lourdes).

Podemos notar o senso de responsabilidade de Maria de Lourdes que, ao perceber a presença do individualismo em nossa sociedade, busca dividir o pouco que possui com as pessoas que necessitam. Essa intenção de dividir partiu da infância da depoente, quando a família, assolada pela vulnerabilidade, recebia visitas inesperadas no momento das refeições.

A minha mãe mudava o horário da comida para não encaixar com a comadre; porque, tipo assim: Pô, não tem nem para vocês. E eu, talvez de propósito, não sei, dizia sempre para a comadre, que a minha mãe ia dar o almoço mais cedo ou mais tarde, e a comadre embalava naquilo; e a gente acabava tendo que dividir a polenta, dividir aquela comida. E eu sempre pensava assim: Todo mundo comeu, e ainda sobrou um pouco; então, dá para dividir (Maria de Lourdes).

Ao ver a família dividir os escassos recursos alimentares e ainda sobrar um pouco, Maria de Lourdes entendia que era possível sempre compartilhar com quem precisasse. Ao crescer, passou a encontrar pessoas com os mesmos princípios e, ao passo que se preocupava com o bem-estar de outras pessoas, recebia semelhante consideração.

Tinha uma amiga, que era minha vizinha, num bairro antes desse aqui, no São João, que ela passava na minha casa e diz assim: “Lourdes, você tem feijão?” Eu dizia: “Olha, feijão eu não tenho, eu tenho arroz.” – “Não, porque eu ganhei dois quilos de feijão, eu vou te deixar um”. Ela também tinha mais filho do que eu, ela tinha sete filhos, e nós dividíamos as coisas (Maria de Lourdes).

---

<sup>32</sup> A depoente está referenciando a iniciativa do empresário Elon Musk, CEO da Tesla, na qual seria possível o turismo espacial ao redor da Terra.

O apoio prestado por pessoas como a amiga de Maria de Lourdes, despertou na depoente o desejo de retribuição, tal como aquele vivenciado por Jorge e, da mesma forma que este praticava a retribuição, quando possível, por meio da solidariedade com estranhos, Maria de Lourdes expressa a compreensão de que a retribuição pode ser direta ou destinada a outrem.

Não é uma vida de milagres, milagres não existe, existe um trabalho que você... como formiguinha, lentamente, e sempre com o pensamento de retribuir aquilo que fez; se não for para essa pessoa, é para outra (Maria de Lourdes).

A depoente acredita em uma dinâmica de contribuir para o bem-estar dos outros a partir dos pequenos esforços individuais, os quais promovem lentas, mas relevantes mudanças. Como resultado, por meio do diálogo e incentivo, conseguiu visualizar mudanças significativas na vida de pessoas, sobretudo quando estas são atormentadas pela dependência.

E eu tenho tido esse resultado bem positivo, principalmente vício, dependência, eu tenho conversado bastante, bastante, bastante com as pessoas, que eu tô vendo uma mudança tão significativa que é o prêmio, é a Mega Sena que eu ganho (Maria de Lourdes).

De modo semelhante, Dona Maria aposta no diálogo, na atenção e no tratamento igualitário como agentes de mudanças. A participante vivenciou os resultados quando pessoas em situação de rua conseguiram conquistar seus objetivos ou um dependente químico foi em busca de ajuda, em casa de apoio, para sua recuperação.

Que nem muitos de rua passam, pedem uma comida. Eu dou, mas fico conversando, eu dou atenção. Tem dois que se formaram padres e hoje um passou aqui que está indo para a casa de apoio para se recuperar [...] Eu paro, converso, dou atenção, dou tempo e muitos já mudaram, já não são mais de rua, já alcançaram os objetivos deles, só que daí eu não vi, acho que estão pra fora ou estão fazendo curso, mas esse também eu faço. Parar, dar tempo, dar atenção, dialogar. Não é porque é de rua, porque tá com mau cheiro que eu não vou dar atenção, muito pelo contrário, quem sou eu? (Dona Maria)

Sua atuação em benefício do outro ultrapassa as limitações da caridade. Apesar de distribuir roupas e alimentos, também busca doar seu tempo e atenção, o que pode, muitas vezes, gerar impactos mais duradouros que a supressão imediata das necessidades básicas, embora esta seja indispensável e urgente em muitos casos.

Dona Maria também se dedica ao voluntariado, o que permite diversas formas de atuação, desde a coleta e manipulação de roupas, alimentos ou outros artigos de supressão das necessidades básicas, até os cuidados com o bem-estar e a saúde das pessoas, o que consegue realizar dentro dos hospitais.

Mas então, eu continuo fazendo esse serviço, voluntariado. E eu não paro. Tá ali, 10 sacos de roupa, vieram de Colombo. Esses dias mandei 15 sacos para o Cotelengo. Lavo, arrumo, conserto e ajudo o próximo também. Então esse é o meu costume, meu ritmo e eu não paro [...] Aí que eu me dediquei mais ainda para a doação e para fazer voluntariado, principalmente dentro de hospital e sempre a ala que eu mais trabalhei em hospital, a ala dos homens porque ninguém queria esse tipo de trabalho (Dona Maria).

Seu ato de escolher a ala menos concorrida é um sendo de responsabilidade que compartilha com Jorge, o qual, ao iniciar suas atividades no templo religioso, buscou a mais humilde e próxima das pessoas. Ao passo que se dedicava ao outro, via ampliar em si a solidariedade.

Aí olhei e vi todas as coisas que tinha e vi que o que era mais humilde, mais ajudava diretamente as pessoas, era uma determinada atividade, falei: “então é nessa que eu quero trabalhar”. E aí então comecei a minha atividade nessa escola filosófica praticando então a caridade e a solidariedade. E aquilo, evidentemente, que só veio aflorando em mim, só veio ampliando cada vez mais esse sentimento (Jorge).

Já Luciana, assim como Maria de Lourdes e Dona Maria estabelece um vínculo de carinho e atenção com as pessoas que são beneficiadas pelas ações solidárias de seu projeto. A depoente estabeleceu, por meio do diálogo, um vínculo de amizade com as pessoas assistidas e ressalta a relevância na entrega em mãos dos alimentos que o grupo se dedica a preparar.

Foi enviado para somar e faz ações junto e a gente tem esse propósito de toda semana entregar a melhor comida, porque a gente faz uma comida assim de coração, a gente elabora cardápio uma semana antes, vai atrás dos itens e entregar, assim, com dignidade, na mão, entregar o refrigerante, o bolo, o doce e, além disso, sentar com eles e conversar. Assim, não é só você entregar comida direto; entregar e virar as costas. Não! Hoje a gente conhece pelo nome, eles já conhecem a gente, então criou aquele laço de amizade (Luciana).

Apesar das ações de acolhimento e supressão das necessidades, a participante ressalta as limitações que possui em relação a situações mais severas, como no caso da dependência às drogas. Diferente de Lourdes e Dona Maria, as quais apontaram a possibilidade de encaminhar dependentes químicos por meio do diálogo, Luciana aponta a omissão do poder público em solucionar essas questões.

Eu sei acolher, sei abraçar, sei conversar, agora eu não tenho preparo pra pegar uma pessoa e internar, não posso, eu não sei essa outra parte, daí a gente precisava mais do poder público ajudando a gente. Se tivesse um trabalho conjunto, a gente ia poder ajudar muita gente (Luciana).

Podemos entender a divergência de opiniões entre Luciana e as demais depoentes pelas diferentes formas de atuação: no caso da primeira participante, suas atividades são institucionalizadas e seu *modus operandi* compreende a atuação nas ruas, diretamente com a população mais excluída e invisibilizada, a qual, muitas vezes, chegou a esse espaço justamente pela dependência química e abandono familiar.

Já as demais participantes atuam de modo descentralizado e acabam tendo mais contato com as pessoas que as procuram, o que indica, em alguns casos, a iniciativa em busca de regeneração ou, ao menos, aceitação de sugestões. Porém, mesmo com diferenças em pontos de vista e modos de atuação, o problema existe, é parte do cotidiano das depoentes, mas também impacta a sociedade, pois revela nossas falhas e limitações em proporcionar o bem-estar coletivo.

Nossa, tinha que começar do zero, porque tá completamente...eu acho que assim, até eles perderam o rumo porque cresceu muito a quantidade de pessoas que estão em situação de rua, sabe? Cresceu muito e, assim, é muita droga, é muita droga, eles tem muito acesso à droga, a álcool e eu não sei nem por onde começar, mas eu sei que projetos bons sozinhos a gente só consegue fazer redução de danos, a gente acha que a gente reduz danos, só isso, porque a gente não consegue ir além disso (Luciana).

Independente da forma que se apresentam, os casos de dependência química são casos de saúde pública e precisam ser considerados na busca pelo bem-estar coletivo. Entretanto, na nossa configuração social, como propõe Luciana, sem o auxílio do poder público, o que as iniciativas individuais ou coletivas podem fazer é reduzir os danos. É o trabalho de formiguinha proposto por Maria de Lourdes.

Notamos, a partir dos relatos, que há uma preocupação do/as depoentes com o bem-estar social, o que indica a presença da responsabilidade coletiva, sendo que as iniciativas de nosso/as participantes e seus grupos caminham em direção ao senso de responsabilidade pela vida em comunidade, contudo há limitações em incentivo, oportunidades e na própria estrutura da sociedade.

#### 4.2.4 Produção Social da Individualidade

A produção social da individualidade compreende a autonomia dos indivíduos a partir da vida coletiva, estabelecendo uma interdependência entre eles.

Embora essa categoria se aproxime bastante da que estabelece um vínculo entre o individual e o coletivo, existe uma diferença entre elas. O vínculo individual-coletivo busca promover um equilíbrio entre a identidade do indivíduo e a vida coletiva, enquanto a produção social da individualidade, de uma forma mais sofisticada, propõe que o indivíduo depende do apoio coletivo para a realização de sua individualidade (NIGHTINGALE, 2015), sendo assim, “a diversidade das individualidades produzidas pela vida social contribui para a solidariedade do grupo” (p. 197, *tradução nossa*).

Desse modo, nessa perspectiva, o individual é produto do social, o que nos permite outra abordagem, com diferentes resultados, visto que, na primeira categoria, a solidariedade acabou ofuscada pelo desequilíbrio entre o individual e o coletivo, quando as depoentes, cientes das desigualdades sociais, demonstraram abdicar de si em benefício do outro.

Logo, a partir das vivências na sociedade, o/as entrevistado/as produzem suas singularidades e, embora atuem em prol de outrem, são formas de atuação e modos de pensar diversificados. Maria de Lourdes, por exemplo, acredita no potencial humano em agir em benefício do coletivo, podendo utilizar a palavra como instrumento para tanto.

Qualquer pessoa é capaz de fazer alguma coisa para a raça humana, basta querer. Você não tem ouro, tem palavra. Não importa a simplicidade da palavra, mas desde que ela seja tirada do teu coração, que você sinta aquilo, que você já viveu aquilo, que deu certo para você (Maria de Lourdes).

A depoente apresenta uma postura reflexiva sobre a nossa função em benefício do coletivo, apontando questionamentos sobre a nossa conduta durante o período pandêmico e se utilizamos esse período que passamos sozinhos/as para refletirmos e nos melhorarmos, a fim de melhorarmos o mundo em que vivemos.

O quê que nós aprendemos dentro desse silêncio, que passamos quase todo o tempo sozinhos? Aprendemos alguma coisa? Ajustamos os nossos parafusos da nossa consciência? Melhoramos alguma coisa dentro de nós? Acrescentamos alguma coisa, que podemos fazer para deixar o mundo melhor? (Maria de Lourdes)

A pandemia foi um momento de grande sofrimento para muitas pessoas, em parte pelas incertezas, em parte pelas perdas, em parte pelas inseguranças, mas, em outra parte, pelo isolamento, pois, mesmo com os avanços no setor da

tecnologia para os meios de comunicação, o contato tecnológico não supera o contato presencial na convivência com outros seres humanos.

Contudo, também foi um período que permitiu uma reflexão profunda sobre os rumos que a humanidade está tomando e se estamos valorizando a presença de cada indivíduo dentro da comunidade. Maria de Lourdes aproveitou o momento para estabelecer uma auto-análise a fim de entender como pode melhorar para, enfim, contribuir com o coletivo.

A solidão, a pior solidão é aquela que você está na multidão e está se sentindo só. Quando você tem essa oportunidade de ficar fechada dentro de um ambiente, é um momento de reflexão, de pensar, de reavaliar, refazer a tua história, o teu formato. O quê que você pode melhorar? O quê que você pode acrescentar? E foi isso que eu fiz; e tenho certeza, que todo mundo que pensa com humildade e com respeito à vida, fez a mesma coisa (Maria de Lourdes).

A depoente, como já mencionamos, apresenta alguns questionamentos sobre o quanto consegue contribuir socialmente. Todavia, mesmo com suas oscilações de confiança, suas limitações de saúde não a impediram de se enxergar como parte da sociedade, encontrando na palavra um meio de contribuir para auxiliar as pessoas que necessitam ajuda.

Então, eu acho que a doença, ela não me assusta, ela me deu tempo para que eu pensasse, corrigisse, acrescentasse, melhorasse; então, eu estou melhorando, a doença me fazendo com que eu tenha tempo para pensar e para as pessoas. Eu recebo, em média, de uns 30 telefonemas, por dia; de fora, de dentro de Curitiba, pessoas que batem na porta, e... e eu consigo receber. Não sei, se eu faço bem para as pessoas, mas consigo receber essas pessoas, e elas voltam. Se você volta é porque alguma coisa você levou de bom, não é? E isso vai me mantendo viva, e vai de dando força para mim seguir adiante (Maria de Lourdes).

A participante enxerga na doença uma oportunidade de refletir, melhorar a si e dar mais atenção às pessoas. Talvez se não tivesse em seu entorno tantos indivíduos buscando atenção e acolhimento, não se sentiria tão motivada a continuar sua caminhada. Na dinâmica da produção social da individualidade, sua experiência de vida, sua fé e suas condições atuais determinam suas singularidades construídas a partir do coletivo.

Eu me vejo como uma pessoa que tem muito pouco para dar para os outros que vem me procurar, mas eu sinto que as pessoas, você simplesmente ter o carinho, o prazer de parar e ouvir, eu acho que as pessoas saem melhores. E eu trabalho na partida das pessoas, não na chegada. Como elas saem? Então isso me dá ânimo que eu tô contribuindo e fazendo alguma coisa para que o ser humano se sinta melhor e acredite mais na



vida, no que ele veio fazer aqui, na responsabilidade que ele tem (Maria de Lourdes).

Sendo assim, Maria de Lourdes acredita que, ao proporcionar acolhimento, permite que as pessoas se sintam melhores, ao mesmo tempo em que sente estar contribuindo socialmente. Isso ressalta sua interdependência com o coletivo e aumenta o grau de solidariedade do grupo, tal como propõe a perspectiva da produção social da individualidade.

Jorge, com semelhantes reflexões, avalia a contribuição do indivíduo em benefício dos outros pelo viés da realização íntima. Ao passo que pratica a solidariedade e vê as conquistas e superações alheias, sente a própria satisfação. Sua singularidade de constrói a partir dessas interações com o coletivo.

Mas só a recompensa de você ver um irmão, irmã, um semelhante superar, conquistar ou adquirir alguma coisa e que você contribuiu direta ou indiretamente praquilo, já é uma grande realização íntima da gente. Então, assim, em poucas palavras, eu diria que minha vida nesse aspecto, no ponto de vista solidário, é isso (Jorge).

O depoente, no entanto, apontou sua compaixão pelos outros como uma característica natural, algo que sentia em seu íntimo, mas não expressava (ou expressava pouco) com práticas. A procura por um meio de transmitir esses sentimentos, fez com que se deparasse com diversas filosofias e doutrinas, se encontrando no espiritismo. Contudo, Jorge compartilha a consciência de que essa experiência, adquirida em âmbito social, acrescentou ao seu modo de ser, ou seja, o social contribuiu para a construção da sua individualidade.

Então eu sempre tive essa compaixão, essa piedade dos outros, me apiedava do sofrimento alheio e tal. Não fazia nada ou quase nada, mas eu sentia aquilo dentro de mim, aquela emoção forte e tal. Então assim, eu fui passando por várias terminações e, evidentemente, que cada uma delas agregou alguma coisa na minha vida, sua filosofia, seu modo de ser (Jorge).

A partir de da construção de suas singularidades e do seu processo de aprendizado em âmbito coletivo, passou a enxergar a possibilidade de também contribuir para o grupo do qual participava. Segundo o depoente, ao passo que estabelecia suas práticas, seu grau de solidariedade aumentava.

E depois, à medida que o tempo foi passando, eu vi que aqui eu também poderia doar um pouco de mim. Eu não sabia o que fazia aqui direito, só vi que podia fazer. Aí eu fui ficando na casa, fui estudando e fui trabalhando, fui me doando [...] E aí evidentemente que, à medida que os anos foram passando, dentro das minhas possibilidades, foi aumentando o meu grau de solidariedade, de ajuda, de fazer o bem, de ajudar as pessoas, de ser

solidário, de ser caridoso, de ser amigo. Aí à medida que os anos foram passando, eles foram ficando cada vez mais fortes. (Jorge).

As histórias tanto de Maria de Lourdes, quanto de Jorge, conseguem evidenciar a presença da produção social da individualidade. A trajetória de ambos expõe a ampliação de sua consciência a partir do contato social. De modo similar, Luciana estabelece sua individualidade por meio de sua atuação social.

A depoente relatou uma inclinação para a área social, mas as barreiras familiares a impediram de seguir esse caminho. Quando tomou a decisão de fazer o que gostava, encontrou nas ações sociais um meio de desenvolver suas singularidades e passou a enxergar o mundo de outro modo.

Eu sou outra pessoa. Dou muito mais valor a tudo, eu vejo o mundo de outra forma. Eu quero ficar só ao lado das pessoas que sintam essa mesma compaixão pelos outros, sabe? (Luciana).

Luciana, assim como Jorge, relatou que possuía uma vontade prévia de contribuir com o coletivo, mas não sabia como fazê-lo. A depoente revelou seu desejo em ajudar as pessoas, mas a união com outros indivíduos, os quais apresentavam os mesmos propósitos, resultou no projeto que coordena.

Eu nunca quis um projeto assim, só queria ajudar as pessoas, é que parece que as pessoas do bem vão se unindo, mas hoje isso aqui é uma casa aberta onde quem quiser vir ajudar vem, sabe? (Luciana).

O projeto de Luciana junta pessoas com perfis diferentes, as quais, em uma relação de interdependência, atuam em benefício do coletivo. Ao passo que buscam, por meio da ação solidária, ajudar pessoas em vulnerabilidade, também aumentam o grau de solidariedade do grupo, contribuindo entre elas (em uma relação de reciprocidade) para a solução de problemas familiares.

A hora que você chega no Luz, você tem que passar das duas até as seis cozinhando, brincando, então você vê pessoas de todos os níveis sociais, são mulheres super diferentes e você vê que todos os problemas são iguais. Então aquilo ali é uma terapia (Luciana).

Esse contato da depoente com o grupo e com a comunidade externa auxilia a produção de sua própria individualidade e, quando essa individualidade se harmoniza com as demais, aumentam a solidariedade do grupo, tal como propõe a categoria analisada.

Dona Maria, por outro lado, cresceu com os exemplos e o direcionamento para a contribuição social. Observando seus familiares (mãe, pai e avó) seguiu sua trajetória com a compreensão de que era necessário dividir e ajudar.

A minha mãe recolhia, repartia o pão, um ovo valia para 10 pessoas (risos) e eu fui pegando esse ritmo. A minha avó falava o que era repartir o pão, o que era saber dividir as coisas e eu fui pegando (Dona Maria).

Seu desenvolvimento se baseou na fé católica e na relação de proximidade e aprendizado com os familiares próximos, sobretudo a avó, a qual transmitia à neta todo o seu conhecimento técnico, religioso e moral. A partir da interdependência entre as familiares, Dona Maria estabeleceu suas escolhas que produziram sua individualidade, dentre elas a de estabelecer os cuidados com a avó em vez de freqüentar a escola.

Eu ia para a Igreja, fazia a catequese e a minha avó tinha 103 anos, não, tinha 100, morreu com 103 anos, mas me ensinava tudo, o valor e o significado do que vinha da terra, o valor de amor ao próximo, tudo, alimentação, de Deus, ela amava muito. E daí eu fazia a catequese, saía da catequese e vinha ficar com ela em vez de eu estudar. Eu estudei um ano só (Dona Maria).

Sua fé, sua vontade de ser útil e de amar o próximo também refletem sua relação com a produção social da individualidade, pois são adquiridas por meio do contato social, configurando a individualidade da depoente, ao mesmo tempo em que estabelecem seu vínculo com a comunidade e aumentam o grau de solidariedade desta.

Não sei se tô certa, mas eu vejo assim. A solidariedade é dar a mão, servir, ser útil [...] E amor ao próximo também. Por mais que fechasse a cara, não cumprimentasse, mas eu fazia a minha parte (Luciana).

Assim como Maria de Lourdes, Dona Maria também acredita no acolhimento como forma de contribuição social, estabelecendo uma interdependência entre sua individualidade, pautada na vontade de ser útil, e o coletivo que recebe suas ações solidárias e estabelece mudanças, contribuindo com o todo.

Eu paro, converso, dou atenção, dou tempo e muitos já mudaram, já não são mais de rua, já alcançaram os objetivos deles, só que daí eu não vi, acho que estão pra fora ou estão fazendo curso, mas esse também eu faço. Parar, dar tempo, dar atenção, dialogar.

Embora tenhamos escolhido fragmentos dos relatos de nosso/as participantes, os quais direcionam a discussão para um momento mais atual de suas

vivências, a produção social de suas individualidades perpassa toda a trajetória de suas vidas, afinal parte da premissa de que o individual é produto do coletivo. Toda a construção de sua autonomia principia de seu convívio social desde o início de suas vidas, contudo sua relação com a solidariedade se fortalece a partir de eventos marcantes.

Para Maria de Lourdes, a solidariedade se expressa, com mais ênfase, após a condição de miséria que sofreu na infância, para Dona Maria, a partir dos ensinamentos familiares, para Jorge, após a realização de seus sonhos e para Luciana, quando iniciou a busca pelo que gostaria de fazer.

Cada depoente construiu sua relação com a solidariedade ao passo que desenvolvia sua própria individualidade e estabelecia uma interdependência entre elas. Podemos concluir, então, que a produção social da individualidade é um conceito presente no contexto desta pesquisa e nas vivências de todos os participantes. Contudo essa categoria não expressa a totalidade da solidariedade neste estudo, é importante unirmos todas as informações para chegarmos a um resultado mais completo.

#### 4.2.5 Redes de Ação Solidária

Os relatos coletados revelaram a formação de algumas redes de ação solidária estabelecidas nos grupos dos quais os/as próprio/as depoentes participam ou pelas pessoas do entorno (familiares, pessoas que são assistidas pelas atividades). Dentre as redes formadas, também surgiram algumas naturezas, como religiosas, regionais ou de apoio entre os/as que se encontram em vulnerabilidade.

Maria de Lourdes revelou que passara fome na infância e crescera com a compreensão da importância de dividir os recursos que possuía. Após a maternidade e sua separação, se deparou novamente com as necessidades alimentares, contudo tinha a responsabilidade de assumir a provisão do lar.

A depoente encontrou diversos entraves pelo caminho, contudo também encontrou pessoas passando por semelhantes dificuldades, como amigas / vizinhas que também eram mães, as quais estabeleceram uma rede de apoio para enfrentar as dificuldades na criação dos filhos.

Apesar dos recursos escassos, a rede de mães, à qual pertencia Maria de Lourdes, dividia alimentos e compartilhava refeições, tal como sopas de ossos, que a depoente conseguia no açougue, às quais acrescentava alguns legumes e

cozinhas para servir aos quatro filhos, os sete filhos da vizinha Marilu e os quatro filhos da outra vizinha, Elza.

Cortava aqueles ossos, com carne, com cartilagem, com tudo, e eu trazia com uma grande cabeça de repolho, um quilo de batata, umas cenouras; com o dinheiro que eu tinha ganho no dia. Tinha uma panela enorme, chegava em casa, punha aquilo tudo para cozinhar; e cada um ganhava um pedaço de osso, e aquela sopa. Então, era os sete da Marilu, os quatro da Elza, e os quatro meu. Então, aquela panela de sopa, era como se você jogasse farelo de pão num tanque de piranha, num minuto não tinha mais; mas estavam todos com a barriguinha cheia. E amanhã? Amanhã veremos. Se Deus nos deu para hoje, amanhã vai tomar a mesma providência, e eu vou ter para amanhã. E sempre tinha (Maria de Lourdes).

A rede de mães buscava superar a crise em conjunto e estabelecer uma dinâmica para suprir as necessidades de todos/as sem pensar no futuro. Como estavam em situação de vulnerabilidade, a dinâmica da sobrevivência poderia se estabelecer por meio da limitação de recursos aos dependentes, tal como buscava a mãe de Maria de Lourdes, contudo esse grupo de mães viu que no compartilhamento, na rede de apoio, era possível dividir e ninguém passar fome.

Outra forma de rede estabelecida em condições de vulnerabilidade foi compartilhada por Luciana, a qual relatou a rede de proteção entre as pessoas em situação de rua. Segundo a depoente, as pessoas que vivem nas ruas optam por reunirem-se em grupos, para dormir, com o intuito de protegerem uns aos outros contra a violência cometida por outras pessoas.

Eu acho, acho que eles tem. Porque mesmo assim, mesmo se você passar em uma marquise, eles dormem todos juntos porque sempre tem alguém que vai lá e bate, então eles preferem estar em grupo para proteção, inclusive (Luciana).

Para auxiliar as necessidades de pessoas em vulnerabilidade, Luciana, por meio do seu projeto de assistência social, estabeleceu uma rede para suprir as necessidades básicas não só nas ruas, mas em comunidades que passam por privações. Essa atuação direta permitiu que ela pudesse entender a realidade dessas pessoas e suas carências, que vão além da esfera alimentar.

Durante a pandemia, a gente se propôs a fazer marmitas todos os dias, porque nos projetos a gente teve que parar e a gente falou assim: “não, vamos embora, vamos fazer!”. A gente começou a entrar nas comunidades, a gente nunca tinha entrado e começou a levar cestas básicas. E a entender também esse outro mundo deles, que é um mundo muito difícil, tem muita casa que não tem banheiro, sabe? Que é um jeito que vive que é assim (Luciana).

O projeto de Luciana também estabeleceu uma rede de voluntárias, formada, normalmente, por mulheres aposentadas ou desligadas do mercado formal, de diferentes níveis sociais. Enquanto elas se reúnem para cozinhar, com o intuito de ajudar pessoas em vulnerabilidade, acabam encontrando o apoio mútuo para seus problemas domésticos / familiares, visto que compartilham histórias e se ajudam, por meio do diálogo.

A hora que você chega no Luz, você tem que passar das duas até as seis cozinando, brincando, então você vê pessoas de todos os níveis sociais, são mulheres super diferentes e você vê que todos os problemas são iguais. Então aquilo ali é uma terapia. É uma terapia, eu falo. Porque assim, você vê que todas as casas são iguais, os problemas são os mesmos, então é interessante, essa parte é muito interessante (Luciana).

A rede de voluntárias desvela a importância de uma rede que, muitas vezes, determina a situação emocional, econômica e psicológica das pessoas: a rede familiar. Luciana vivencia nas ruas o reflexo da falta de estrutura familiar e o impacto desses problemas na vida das pessoas.

São pessoas assim muito carentes de tudo, principalmente de afeto, principalmente. Porque assim, eu acredito muito que muitas delas estão ali em função da família que foi assim, alguma coisa que aconteceu na vida deles, traição, eu vejo um senhorzinho falando que foi traído, ficou desesperado, desiludido. O que eu escuto é essa parte (Luciana).

Luciana compartilhou, em seu depoimento, a informação de que muitas das pessoas em situação de rua vivenciam essa condição por falta de estrutura familiar ou por problemas com drogas, o que, em sua compreensão, depende do apoio familiar para a recuperação.

Pelo menos assim, pelo menos acolhendo essas pessoas e dando um pouco de oportunidade que nem eu tive, porque eu tive muitas oportunidades, abracei as oportunidades, claro que eu tive uma família muito estruturada, que o motivo deles...muitos que estão na rua, sempre não tem estrutura familiar alguma, sempre é um problema da família, além da droga, né? Acha que depois de 6 meses na rua é muito difícil de se recuperar a pessoa e se ela não tiver a família junto, ajudando, fica muito difícil (Luciana).

A rede familiar pode contribuir para a trajetória dos filhos também no caminho da solidariedade, como no caso de Jorge, cuja família humilde, da zona rural, vivia em uma dinâmica de ajuda mútua com a vizinhança. Dentre as ações praticadas na comunidade rural, estava a troca de serviços ou a execução de tarefas do setor agropecuarista.

Eu, na verdade, vivi até pouco com os meus pais, mas assim, eles também, dentro de suas possibilidades, e eram pessoas humildes, eles também praticavam essa solidariedade retribuindo para os vizinhos, às vezes uma troca de um serviço, às vezes o vizinho precisava buscar um animal, por exemplo, então o meu pai às vezes se prontificava: “não, eu vou junto com o senhor lá para buscar isso”. Às vezes precisava fazer uma cerca; essas coisas que tem lá na zona rural (Jorge).

O pai do depoente também compartilhava o resultado de sua criação bovina, que ajudava a garantir o sustento da família: a produção de leite. Essa prática era realizada com pessoas que não tinham possibilidade de comprar o produto, pessoas que estavam doentes ou, até mesmo, crianças.

Às vezes meu pai também se solidarizava. Ou às vezes um litro de leite, que a gente tinha vaca, então o meu pai dava para as pessoas, para as crianças, por um período grande de tempo. Dava para pessoas humildes que às vezes não podiam comprar um litro de leite. A gente tinha muito leite, então tirava o leite e vendia pelos frigoríficos e eu sei que ele dava leite para as pessoas que não tinham possibilidade de comprar, pessoas doentes, eu sei que ele dava (Jorge).

Outra prática recordada por Jorge era o compartilhamento de produtos de origem suína com a vizinhança. Essa era uma atividade comum e se estabelecia em uma dinâmica de reciprocidade. Sendo assim, a solidariedade entre vizinhos era um valor transmitido tanto pelo pai, quanto pela mãe de Jorge.

Às vezes, na zona rural também é muito comum matar porco, porque o porco é uma forma de você ter a carne, você ter a gordura, a banha que eles chamam, então é característico da zona rural criar porco exatamente com esse viés de você ter o porco para você ter a carne, ter a banha e tal. E era costume dos meus pais dar, presentear os vizinhos, com um pedaço de carne, uma lingüiça. Então eu via isso e achava legal. Assim como também meus pais às vezes ganhavam de um vizinho ou outro, quando o outro matava lá um porco, dava também um pedaço de carne. E eu via, a minha mãe sempre falava para ajudar os nossos vizinhos e eu achava legal isso (Jorge).

Os pais de Jorge transmitiam ao filho a importância de ajudar a comunidade em que viviam e, por meio das ações, estabeleciam a reciprocidade com seus semelhantes. Outra forma de ensinar valores aos filhos foi compartilhada por Maria de Lourdes, a qual encontrou na religiosidade um meio de se basear em princípios e direcioná-los a se encontrarem.

Então, esse método é uma fé raciocinada, uma fé que não seja fanática, que não ensina as pessoas o fanatismo; mas que ensine eles buscarem os seus próprios valores que têm escondido. Isso eu passei para os meus filhos; então, hoje, eu tenho quatro filhos que não são pessoas que venceram financeiramente, mas que estão equilibrados no mercado de trabalho, têm uma vida correta; e têm uma filosofia parecida com a minha, também acredita no ser humano, acredita na evolução da espécie, acredita que a evolução cabe a nós nos evoluirmos, e focar no planeta como um espelho que vai refletir na sociedade (Maria de Lourdes).

A fé, segundo a depoente, precisa ser raciocinada, ou seja, se afastando do extremismo. Sua aproximação com essa fé estabeleceu outro tipo de rede: de atuação religiosa, na qual Maria de Lourdes encontra meios de auxiliar as pessoas que buscam seu auxílio.

Se você ficar sentada se lamentando, você não pode chegar a lugar nenhum. Então, o quê que essas pessoas fazem? Se reúnem em grupo e fazem orações, uma corrente de pensamentos positivos vai mantendo a pessoa de pé, dando força para ela, e ela começa a caminhar. Foi esse método que eu achei que eu deveria adotar, pois não teria capacidade de buscar outros métodos mais avançados, procurei o caminho mais simples (Maria de Lourdes).

A rede de atuação religiosa liga as pessoas pela fé, de modo que os grupos buscam meios de se apoiar mutuamente, transmitindo força uns aos outros, por meio da oração. Essa dinâmica também é compartilhada por Jorge que, associado à fé espírita, busca uma atuação mais incisiva na solução de problemas sociais.

E a gente vai trabalhar, exatamente, que a casa tem muitas atividades, mas eu acho que essa vai ser a mais elevada de todas e estão dentro, então, dessa ação, dessa promoção social, dessa ajuda social e nós vamos fazer isso ao nosso conhecimento, com as nossas dispensas, com a nossa estrutura e não queremos ajuda de governo, de prefeitura e nem... apenas nós vamos fazer isso (Jorge).

O grupo religioso de Jorge busca a atuação na área social sem o auxílio das organizações estatais, ou seja, por meio dos esforços coletivos, em busca de atividades que auxiliem seus semelhantes. Essa rede de atuação religiosa, como podemos notar, se apresenta tanto de forma institucionalizada, quanto em grupos autônomos. Também pode se apresentar sem vínculos diretos, como no caso de Dona Maria. A depoente, devota da fé católica, atua em diversas igrejas, fazendo parte de uma rede de ajuda ao próximo, mas sem vinculação direta com os grupos.

Não sei, enquanto Deus me der saúde eu vou à luta. E da Igreja do Perpétuo Socorro me conhecem, do Guadalupe, Igreja do Rocio, em Paranaguá e Aparecida. Recebo cartas em agradecimento pelo que eu faço e que eu não pare de fazer (Dona Maria).

Como podemos perceber, a formação de redes compreende uma parte importante na vivência do/as participantes desta pesquisa, tal como também fez parte da realidade dos pensadores e pensadoras anarquistas, chegando a assumir a centralidade da atuação de alguns/mas deles/as. Embora as teorias sejam indispensáveis às mudanças sociais, afinal disseminam reflexões e podem despertar mobilizações, é por meio da ação que se pode obter a tão desejada revolução social.



No contexto desta pesquisa, as práticas de solidariedade, assim como a formação de redes, assumiram, em sua maior parcela de discursos convergentes, um caráter de resistência ou enfrentamento às desigualdades. Mas, também, tiveram manifestações de inclusão, acolhimento e de senso de comunidade baseadas na reciprocidade. A partir desses resultados, nos resta, no próximo tópico, entender se as histórias compartilhadas nos forneceram alguma resposta sobre as consequências da solidariedade na vida dessas quatro pessoas.

#### 4.2.6 Satisfação e Felicidade: um resultado inesperado?

Os motivos que despertaram o desejo de ajudar outras pessoas no/as participantes desta pesquisa variaram entre influências familiares, condições sociais, busca por retribuição ou por encontrar o que gosta de fazer. Nenhum/a deles/as relatou a procura pela felicidade como um motivador, mas todos/as demonstraram felicidade ou satisfação como consequência de suas atuações solidárias.

Dona Maria vê na capacidade de ser útil, solidária e de repartir, um meio de se sentir bem. Durante o relato, a depoente demonstrou, diversas vezes, a satisfação de sua atuação em benefício alheio.

Mas me sinto bem, nossa, como me sinto bem fazendo isso e dando continuidade [...] Nossa, como eu me sinto maravilhosamente bem em ser útil, ser solidária, repartir, não só o pão, mas, às vezes, a pessoa tá pra baixo, esboçar um sorriso, um cumprimento, é remédio. Então eu vejo assim. Não sei se tô certa, mas eu vejo assim (Dona Maria).

De modo análogo, Luciana demonstra o prazer em se dedicar os seus semelhantes, assim como retorna feliz ao saber que as pessoas que ajuda estão bem. Apesar de demonstrar vontade de desistir, em alguns momentos de seu relato, as motivações que direcionam a depoente a tal inclinação não tem relação com a satisfação ou insatisfação que a atividade proporciona, mas com a impotência em relação às desigualdades que encontra em sua jornada.

Então, aqui é um prazer, a hora que a gente está fazendo os alimentos, a cozinha. Então, assim, você vê essa energia, todo mundo querendo levar o melhor para eles. Tem muitos dias que eu volto da entrega feliz, porque eu vejo que eles estão bem (Luciana).

Jorge, ao relatar sua atuação na esfera religiosa, revela a intensidade da felicidade proporcionada pelas ações solidárias. O participante descreve a felicidade encontrada nas atividades realizadas em seu templo como mais intensas, fortes e duradouras que aquela possibilitada pela obtenção de recursos materiais.

E aí eu fui ficando e à medida que eu fui fazendo e mais e mais possibilidades foram aumentando para que eu também me doasse cada vez mais e eu me sentia feliz, me sentia realizado fazendo essas coisas. Eu via que era uma felicidade diferente da felicidade de outras coisas. Às vezes de um bem material ou de um momento passageiro. Eu via que a felicidade aqui era mais intensa e mais forte, mais duradoura que a felicidade, digamos, material (Jorge).

O depoente estabelece uma relação de estímulo e resposta, por meio da doação. Jorge entende que, ao passo que se dedica os outros, recebe um retorno em forma de saúde, felicidade e aprimoramentos mentais / intelectuais. Sua relação com a solidariedade se estabelece por meio de uma troca, na qual ele se doa e obtém momentos agradáveis.

À medida que eu me dão, também recebo, recebo em forma de felicidade, recebo em forma de saúde e de despertar mental, despertar intelectual. É uma troca, o próprio universo me retribui isso de várias formas, de momentos agradáveis. Então a solidariedade que eu pratico é exatamente essa. É uma espécie de gratidão de tudo que eu recebi na vida, das bondades que eu recebi na vida e que me foram muito caras, muitos marcantes, porque através delas que eu materializei meus sonhos (Jorge).

Outro sentimento demonstrado por Jorge é o de gratidão, que permite acessar suas memórias, lembrando as ações solidárias que recebeu, as quais permitiram a realização de seus sonhos. Ao expressar gratidão, o depoente demonstra satisfação e contentamento.

Maria de Lourdes, por outro lado, associa diretamente felicidade à solidariedade. A conduta que leva a depoente a dividir tudo o que possui pode se basear na sensação de felicidade e satisfação que essa dinâmica provoca.

E eu aprendi que você ser solidária, é você ser feliz. Eu sou feliz doando sempre o momento, uma palavra, dividindo o que eu tenho, eu sempre dividi tudo: comida [...] se eu tinha dois pacotes, e a minha vizinha não tivesse, eu chamava os filhos para comer na minha casa, ou eu dava metade daquilo que eu tinha. Sempre fiz isso. Então, eu aprendi que é uma alavanca, a doação me faz grande, me faz me sentir bem, me faz me sentir feliz (Maria de Lourdes).

Além da sensação de felicidade, Maria de Lourdes demonstra, a partir de sua trajetória, auto-realização. A participante relata sentir-se uma heroína por suas conquistas: “eu me sinto uma heroína. Sinto, que tudo o que eu quis, eu consegui” (Maria de Lourdes). Sua história, marcada por períodos de vulnerabilidade, ressalta a força de suas palavras.

A fome, o sofrimento, a miséria, que a gente não podia estacionar, que a gente tinha que crescer; mas crescer dando a mão, estendendo a mão, de qualquer forma; e eu aprendi que você ser solidária, é você ser feliz. Eu sou

feliz doando sempre o momento, uma palavra, dividindo o que eu tenho, eu sempre dividi tudo (Maria de Lourdes).

O que podemos notar, a partir das contribuições de nosso/as participantes, é a resposta emocional proporcionada a partir da prática da solidariedade. Embora o/as depoentes demonstrem não procurar obter retribuições a partir das suas ações sociais, recebem retorno na forma de satisfação e/ ou felicidade. A partir desse resultado, que não compreende parte de nossas categorias de análise, mas traz elementos relevantes ao estudo, conseguimos transmitir nossas conclusões.

Com base nos nossos propósitos desta pesquisa, os quais buscavam a presença da solidariedade, a partir da perspectiva anarquista, nas histórias de quatro pessoas, podemos concluir que existe sim a manifestação de alguns elementos presentes na solidariedade anarquista nas práticas de nosso/as participantes.

Embora o vínculo individual-coletivo tenha se ofuscado pelo fator desigualdade e pela abdicação das participantes em benefício do próximo, não se mostrou totalmente ausente nas histórias. Por outro lado, algumas expressões de inclusão universal, responsabilidade coletiva e produção social da individualidade foram encontradas.

Também tivemos a oportunidade de encontrar a formação de redes, tanto diretamente associadas ao/às depoentes, quanto indiretamente, ou seja, por meio de familiares ou pessoas assistidas pelas ações sociais. Por conseguinte, conseguimos perceber um resultado, talvez inesperado, já que não compreendia uma das categorias anarquistas exploradas: satisfação e felicidade como reflexos das práticas de solidariedade.

Embora não estivesse nas categorias norteadoras de nosso estudo, a felicidade não está desvinculada do movimento anarquista. O expoente do anarquismo, Kropotkin, chegou a considerar o termo em um regime de igualdade, criticando a ideia das pessoas buscarem a própria felicidade sem considerarem as necessidades dos outros (2009).

O amor, a simpatia e o altruísmo por certo desempenham papel crucial no desenvolvimento progressivo de nossos sentimentos morais. Mas não é no amor, e nem mesmo na simpatia, que a sociedade se baseia. É na percepção – mesmo que apenas no estágio do instinto – da solidariedade humana. É o reconhecimento inconsciente da força que cada homem obtém da prática da ajuda mútua; da íntima dependência que a felicidade de cada um tem da felicidade de todos; e do senso de justiça ou de equidade que

leva o indivíduo a considerar os direitos de todos os outros indivíduos iguais aos seus. (KROPOTKIN, 2009, p. 15)

As belas palavras do autor expressam a importância da solidariedade humana na configuração da nossa sociedade e a felicidade se estabelece, nessa dinâmica, em uma condição de interdependência. Como podemos perceber, tanto no movimento anarquista, quanto nas limitações de nossa pesquisa, a solidariedade caminha junto com conceitos como igualdade, liberdade, reciprocidade, interdependência e, por fim, felicidade.

Contudo não podemos deixar de considerar a questão da busca pela revolução social, indispensável ao movimento anarquista, esta quase que imperceptível nos discursos coletados. Com isso, podemos entender que a solidariedade, presente na vida das pessoas entrevistadas, apresenta apenas os elementos presentes nas teorias anarquistas, contudo não manifesta a ação em prol da revolução social, apesar do desejo do/as participantes em vivenciarem uma sociedade melhor.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Quando meu orientador e eu definimos a temática desta pesquisa, senti uma satisfação reconfortante de que escolhera um tema simples, descomplicado, fácil. Enganei-me. Nossa pesquisa bibliográfica rendeu madrugadas em claro tentando amenizar os conflitos que circundavam minha mente.

Em busca de teorias que fundamentassem minhas intenções, me senti em uma sessão de luta livre, horas era a juíza, horas a assistente oferecendo água e toalhas, horas a torcedora assídua com um bilhete na mão, esperando a vitória daquele raciocínio que tive acesso no momento. No final, não havia vencedores ou perdedores.

Não foram excepcionais os momentos em que retornei ao tópico anterior, ou aos anteriores, para amenizar minhas incoerências, visto que os embates são muito frequentes quando se trata de estudar a solidariedade. Contudo, me aprofundi em pesquisas para tentar uma forma de simplificar os conceitos estudados, permitindo que o tema esteja acessível a todo/a aquele/a que deseje compreendê-lo.

Meu intuito, com este estudo, é o de contribuir para tornar a ciência mais acessível, sobretudo àqueles/as que desconhecem seus esforços e seu valor para a sociedade. Frequentemente, o campo científico vem sendo bombardeado com o desmerecimento de sua importância social. Parte, acredito, por pessoas que não buscam conhecer os conteúdos produzidos nesse ambiente, o que as torna suscetíveis a manipulações, parte, pelos/as manipuladores/as que, muitas vezes, conhecem seus conteúdos, mas entendem a revolução que o acesso massivo a eles pode provocar. Mas, também, há aqueles/as que sequer tem acesso ao conteúdo produzido nesse ambiente.

Como pesquisadora anarquista, aposto na educação como a chave para a transformação social, mas para atingirmos a consciência da importância dessa educação, em escala global, precisamos rever nossos mecanismos de coesão social, ou a forma que temos utilizado para nos apoiarmos enquanto semelhantes, em uma sociedade que tem potencial de evolução, mas caminha em direção ao abismo.

Quando compreendermos que nossas ações afetam o todo e que, não só nós, mas nossos amigos, familiares, pessoas que amamos também pertencem a esse todo; quando entendermos que atos geram conseqüências, muitas vezes, irreversíveis e permanentes; quando enxergarmos a mesma dor que sentimos, em

peças de diferentes cores de pele, gênero, crenças, culturas; quando aprendermos que o progresso real só é possível quando existe um equilíbrio econômico, social e um comprometimento com a natureza, então estaremos no caminho da evolução.

Isto posto, eu concluo esta pesquisa, mesmo sabendo das desigualdades e das incoerências de nossa sociedade, com a esperança ainda desperta, pois consigo enxergar e evidenciar manifestações de solidariedade e desejos de transformação social. Embora tenha me limitado a um público restrito, estou certa de não serem as únicas pessoas que buscam auxiliar seus semelhantes, plantando sementes que podem germinar no futuro.

As expressões de solidariedade surgem como uma forma de resistência e resgate da esperança no potencial humano, pois, mesmo com os avanços do individualismo e das repressões sociais, ainda existem significativas intenções ou ações em direção a uma sociedade melhor.

Quanto aos resultados deste estudo, conseguimos visualizar elementos da solidariedade anarquista em nosso/as participantes, embora limitado/as ao contexto sócio-político no qual estão inserido/as, logo um contexto de desigualdades, exclusões e, muitas vezes, priorização de valores materiais. Bem longe dos ideais de uma sociedade libertária.

A proposta do movimento anarquista foi e ainda é a construção de uma sociedade baseada na igualdade, justiça, liberdade, interdependência, reciprocidade e solidariedade. Para tanto, seria/é necessária a Revolução social, na qual se elimina a configuração atual, pautada na repressão social e nas estruturas de poder, para estabelecer um novo regime no qual todos/as são igualmente livres.

O caminho para chegarmos lá, no entanto, ainda será árduo e obscuro. É necessário lutarmos pela educação transformadora, a educação integral que levará as próximas gerações ao entendimento de que só existe liberdade real quando todos/as estiverem livres e incluídos na sociedade. Também é importante o exemplo, por meio das ações solidárias e dos cuidados de uns para com os outros.

A partir da abordagem anarquista e das histórias do/as participantes, chegamos à compreensão de que a solidariedade é um fenômeno intersubjetivo, constituído a partir dos compartilhamentos íntimos entre os sujeitos da e nas suas histórias no contexto sócio histórico que habitam. Ser solidário é Ser, na sua

completude existencial entre viver e permitir os viveres dos outros em um tempo histórico.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY E SILVA, Doris. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan/mar. 2011.

ALEXANDRE, Luis Fernando Pessoa. Reflexões em torno do processo de expansão do cristianismo na Alta Idade Média e sua relação com o estabelecimento dos reinos germânicos: um debate historiográfico. In: **VI Congresso Internacional de História**, Jataí, 2013. Disponível em: [http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/500\\_trabalho.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/500_trabalho.pdf). Acesso em 20 de novembro de 2022.

ASSAI, José Henrique Sousa. Crítica e normatividade: breve leitura filosófica social sobre a solidariedade política e o orçamento participativo. **Aufklärung**, João Pessoa, v. 4, n. 3, p. 161-180. 2017.

AQUINO, Alysson Eduardo de Carvalho; LIMA, Nabylla Fiori de. Para além da autogestão: a construção de uma subjetividade solidária no movimento anarquista. In: **Desafios da autogestão**, São Paulo, s/d. Disponível em: [http://conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/iiconpes/gt08/2/para\\_alem\\_da\\_autogestao\\_a\\_construcao\\_de\\_uma\\_subjetividade\\_solidaria\\_no\\_movimento\\_anarquista.pdf](http://conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/iiconpes/gt08/2/para_alem_da_autogestao_a_construcao_de_uma_subjetividade_solidaria_no_movimento_anarquista.pdf). Acesso em: 24 ago. 2021.

BAKUNIN, Mikhail. **Conceito de liberdade**. Porto: Rés limitada, 1975.

BAKUNIN, Mikhail. **Socialismo Libertário**. São Paulo: Global editora e distribuidora limitada, 1979.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: **BÍBLIA**. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BOOKCHIN, Murray. **A filosofia da Ecologia Social**. S/d.

BOOKCHIN, Murray. **Por uma Ecologia Social**. California: The Anarchist Library, 2019.

BOOKCHIN, Murray. **The Ecology of Freedom: The Emergency and Dissolution of Hierarchy**. California: The Anarchist Library, 1982.

BRASILEIRO, Ricardo Adriano Massara. Cristianismo primitivo rumo à institucionalização: Contexto imperial romano (séc. I). **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, set/dez, p. 551-572. 2021.

CABRITA, Maria João. Teoria proudhoniana da justiça. **Veja**, v. 1, p. 334, 1846.



CAPONI, Sandra. **Da compaixão à solidariedade: uma genealogia da assistência médica**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Missão**. Disponível em: <<https://caritas.org.br/missao>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CARNEIRO, Beatriz S. A prática anarquista da ajuda mútua e seu seqüestro na atualidade. **Verve**, v. 38, p. 10-24, 2020.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

CASTELO BRANCO, Samantha. História Oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, Pelotas, v. 8, n. 13, jan/jul. 2020.

CERDÁ, Jacinto. (2020). Críticos y solidarios. El anarquismo argentino ante la Guerra Civil Española. **Archivos De Historia Del Movimiento Obrero Y La Izquierda**, n. 16, p. 155-175. Disponível em: <https://doi.org/10.46688/ahmoi.n16.252>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.

CLEYRE, Voltairine de. Why I Am an Anarchist. **The Anarchist Library** (edição eletrônica). 2011. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-why-i-am-an-anarchist>. Acesso em 05 de março de 2023.

COLOMBY, R. K.; PERES, A. G. L.; LOPES, F. T.; COSTA, S. G. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 3, n. 8, p. 852-887, 2016.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE. **Panorama social de América Latina**. Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/>>. Acesso em 18 ago. 2021.

CONCEIÇÃO, Andrea da. Liberdade e igualdade para as mulheres na perspectiva da anarquista Emma Goldman. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, v. 5, n. 9, jul/dez. 2020.

CONSTANTINO, Alexandre Krüger. **Solidariedade: entre o desencanto e o reencanto**. 2009. 277 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael Viana da. Anarquismo, teoria e história. **Instituto de Teoria e História Anarquista**, 2013.

COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. Brasiliense, 2017.

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. Para além das fronteiras: a história do anarquismo através da ótica transnacional. In: **XXIX Simpósio da História Nacional**. 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502054088\\_ARQUIVO\\_Cunha](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502054088_ARQUIVO_Cunha),

Eduardo-

Paraalemdasfronteiras=ahistoriadooanarquismoatravesdaoticatransnacional.docx.pdf.  
Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

DA SILVA, Hélio Alexandre. Habermas, Honneth e os movimentos sociais: repensando diagnósticos e alternativas. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 8, n. 17, p. 201-222, 2016.

DE STEFANI, Dorival *et al.* Intolerância geracional e de idade. In: MENEGETTI, Francis Kanashiro; DE STEFANI, Dorival (orgs). **Intolerância: uma análise sobre a realidade brasileira**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumman. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 1999.

ECONOMIA solidária: entrevista com Paul Singer. **Estudos avançados**, v. 22, p. 288-314. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/WYVnc8gJVQYFDnrCgbZxjCG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO. Anarquismo social e organização. **Programa político**). Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Alexandre Maccari. A produção Disney em época de Segunda Guerra Mundial: cinema, história e propaganda. In: **XXIV Simpósio Nacional de História**. 2007. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.1241.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

FERRER I GUÀRDIA, Francisco. **A Escola Moderna**. Piracicaba: Ateneu Diego Gimenez, 2010.

FIGUEIRA, C. A. R. O Cinema do Povo: Um Projeto de Educação Anarquista (1901-1921). **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/25>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

GALLO, Silvio. Francisco Ferrer e Guàrdia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 2 (71), p. 241-251, maio/ago. 2013.

GALLO, Silvio. Educação e Liberdade: a experiência da escola moderna de Barcelona. **Pro-Posições**, Campinas, v. 3, n. 3 (9), p. 14-23. 2013.

GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do centro de cultura social anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). **Cadernos AEL - anarquismo e anarquistas**, Campinas, n. 8/9, p. 165-192. 1998.

GRAEBER, David. **Fragmentos de uma antropologia anarquista**. Tradução de Coletivo Protopia S.A. Porto Alegre: Deriva, 2011.

GOLDMAN, Emma. Minorias versus majorias. Tradução: Eliane Knorr. **Verve**, São Paulo, n. 13, p. 123-133. 2008.

GOLDMAN, Emma. Voltairine de Cleyre: escrito em vermelho. Tradução: Flávia Lucchesi. **Verve**, São Paulo, n. 36, p. 61-90. 2019.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

KROPOTKIN, Piotr. **O Estado e seu papel histórico**. Tradução de Alfredo Guerra. Imaginário, 2000.

LACHOWICZ, Katya; DONAGHEY, Jim. Mutual aid versus volunteerism: Autonomous PPE production in the Covid-19 pandemic crisis. **Sage Publications**, Califórnia, v. 46, n. 3, p. 427-447. 2022.

LOUSADA Isabel; LAGUARDIA Angela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas. **Navegações**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 99-104, jan/jun. 2013.

LUBENOW, Jorge Adriano. Hauke Brunkhorst e o conceito de solidariedade democrática como crítica à esfera pública pós-nacional de Jürgen Habermas. **Veritas**, v. 58, n. 1, p. 118-130. 2013.

MALATESTA, Errico. Anarquia e Organização. **Biblioteca Anarquista** (edição eletrônica). 1927. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/mirror/e/em/errico-malatesta-anarquia-e-organizacao.a4.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2023.

MALATESTA, Errico. **Escritos revolucionários**. Org. e Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007.

MARIANA, Fernando Bomfim. **Educação e Ecologia: práticas de autonomia social ou renovados discursos do poder do capital transnacional?** 2008. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARIZ, Roberto Rosmaninho. A solidariedade social como rosto da caridade. **Theologica**, v. 50, n.1, p. 27-39. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.34632/theologica.2015.2645>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MARTIN, Fabiana Barros de. **Das obrigações solidárias: relação com as obrigações indivisíveis no sistema jurídico romano e reflexo no direito brasileiro**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: volume 1, livro primeiro, tomo 1**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 1 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Histórias**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108. 2011.

MELLO, Reynaldo França Lins de. **Economia da esmola: uma introdução à economia do dízimo**. Disponível em: <[https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/2economia\\_esmola.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/2economia_esmola.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889 – 1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

MENDES, Samanta Colhado. Louise Michel e a Comuna de Paris (1871). **História Revista**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 69-89, jul/dez. 2011.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **Organizações totalitárias: esquadrões da morte, tribunais do crime e o Hospital Colônia de Barbacena**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.

MORAIS, Silvia Regina Ribeiro Lemos; TENÓRIO, Robinson Moreira. Considerações introdutórias sobre as diferenças entre os conceitos de fraternidade e solidariedade. In: **Determinantes da Equidade no Ensino Superior**, Salvador, 2015. Disponível em:

<[http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oe.faced.ufba.br/files/consideracoes\\_introdutorias\\_sobre\\_as\\_diferencas\\_entre\\_os\\_conceitos\\_de\\_fraternidade\\_e\\_solidariedade\\_-\\_silvia\\_morais\\_e\\_robinson\\_tenorio.pdf](http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oe.faced.ufba.br/files/consideracoes_introdutorias_sobre_as_diferencas_entre_os_conceitos_de_fraternidade_e_solidariedade_-_silvia_morais_e_robinson_tenorio.pdf)>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MOTTA, Fernando C. Prestes. **Burocracia e autogestão: a proposta de Proudhon**. 1980. 224 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1980.

MOULD, Olt; COLE, Jennifer; BADGER, Adam. & BROWN, Philip. (2022) Solidarity, not charity: Learning the lessons of the COVID- 19 pandemic to reconceptualise the radicality of mutual aid. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 47, 866– 879. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/tran.12553>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

MOURA, Maria Lacerda de; FERNANDES, Mariana Patrício. **Amai e... não vos multipliqueis**. São Paulo: Chão Editora, 2023.

NIGHTINGALE, John. **The Concept of Solidarity in Anarchist Thought**. 2015. 224 f. Tese (Doutorado em Fisiologia), Loughborough University, Loughborough, 2015.

NOGUEIRA, Paulo. **Breve história das origens do cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2021.

PASCHOALI, Roberto. **A razão nos limites da solidariedade: um projeto social entre as idéias de Richard Rorty e Jürgen Habermas**. 2008. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

PESSAN Rede. **Encuesta Nacional sobre Inseguridad Alimentaria en el Contexto de la Pandemia de la Covid-19 en Brasil**. 2021.

PLEYERS, Geoffrey. Movimientos sociales y ayuda mutua frente a la pandemia. **Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública**, Equador, v. 8 n. 1, p. 9-22. 2021.

PROUDHON, Pierre Joseph. **Do princípio Federativo**. Tradução de Francisco Trindade. São Paulo: Nu-Sol, 2001.

PROUDHON, Pierre Joseph. **O que é a propriedade?** Tradução de Marília Caeiro. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

PROUDHON, Pierre Joseph. **Sistema de contradições econômicas ou Filosofia da Miséria**. Tomo 1. Tradução de J.C. Morel. São Paulo: Ícone, 2003.

PROUDHON, Pierre Joseph. Sobre o princípio da associação. Tradução: Martha Gambini. **Verve**, São Paulo, n. 10, p. 44-74. 2006.

QUINZANI, Marcia Angela Dahmer. O avanço da pobreza e da desigualdade social como efeitos da crise da covid-19 e o estado de bem-estar social. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, ano II, v. 2, n. 6, 2020.

RAGO, Margareth. O anarquismo e a história. **BRANCO, Guilherme Castelo; PORTOCARRERO, Vera**. Rio de Janeiro: Nau, p. 88-116, 2000.

RAGO, Margareth. Ética, Anarquia e Revolução em Maria Lacerda de Moura. In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge. **As esquerdas no Brasil: A Formação das Tradições, 1889-1945**, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 262-293, 2007.

RAMUS, Gustavo. Anarquismo cristão e sua influência no Brasil. **Verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 13, 2008.

REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO. Como foi a conversão do Império Romano ao cristianismo? **Mundo Estranho**, São Paulo. 4 de julho de 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-a-conversao-do-imperio-romano-ao-cristianismo/>. Acesso em 12/03/2023.

RIGOTTO, Raquel Maria. As técnicas de relatos orais e o estudo das representações sociais em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 111, n. 1, p. 116-130, 1998.

ROMANI, Carlo Maurizio; BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá. A rede dos anarquistas italianos em São Paulo no início do século XX. **Revista Estudos Libertários**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2. 2019.

ROMANO, Rogério Tadeu. Nexum e a teoria dualista. **Jus**, Teresina, Set. 2016. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/52329/nexum-e-a-teoria-dualista>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SÁ, Geraldo Ribeiro de. O crime, a pena e o direito em Émile Durkheim. In: XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 2010, Fortaleza. **Anais do CONPEDI**, Fortaleza, 2010. p. 8859-8373.

SAMIS, Alexandre. O anarquismo no Brasil. **História do Anarquismo. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Faísca: Imaginário**, 2008.

SANTANA, Guilherme X.; CAVALCANTI, Hannah C. T. Federalismo, ajuda mútua e as lições libertárias em tempos de pandemia. **Revista Estudos Libertários**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, Ed. Especial nº1. 2020.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 6, jan/dez. 2007.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2002.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

SINGER, Paul. Economia Solidária: entrevista com Paul Singer. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62. 2008.

SOUSA, Fábio da Silva. A Revolução Mexicana de Regeneración e as redes libertárias nas Américas. **Revista Eletrônica Da ANPHLAC**, São Paulo, n. 9. 2013.

SOUZA, André Ricardo. Entre a assistência e a autogestão: a economia popular solidária da Cáritas. **Revista Nures**, São Paulo, n. 5, jan./abril. 2007.

SOUZA, Danillo Rodrigues de. A prisão do depositário infiel e sua inconstitucionalidade. **Jusbrasil**, Itumbiara. S/d. Disponível em: <<https://nillodansouza.jusbrasil.com.br/artigos/825970201/a-prisao-do-depositario-infiel-e-sua-inconstitucionalidade>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

TELES, Luciano Everton Costa. A Lucta Social e a existência de uma rede anarquista regional: Tércio Miranda/AM e Antônio Carvalho/PA (1914). **Revista Piauiense de História Social e do Trabalho**, Parnaíba, ano II, n. 02, jan/jul. 2016.

TOLSTÓI, Leon. **O reino de Deus está em vós**. Tradução de Ceuna Portocarrero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, s/d.

TRAGTENBERG, Maurício. Malatesta e sua concepção voluntarista de anarquismo. **Verve**, São Paulo, n. 4, p. 195-227. 2003.

VARES, Sidnei Ferreira de. Solidariedade mecânica e solidariedade orgânica em Émile Durkheim: dois conceitos e um dilema. **Revista Mediações**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 148-171, jul./dez. 2013.

VASCONCELOS, Juliana Santos Alves de. Anarcofeminismo: o protagonismo feminino nas lutas sociais. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 18, n. 1, p. 55-67, jan/jul. 2017.

VOVELLE, Michel. **A revolução francesa 1789-1799**. Tradução de Mariana Echalar. 2. Ed - São Paulo: Unesp Digital, 2019.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan/abr. 2006.

WESTPHAL, Vera Herweg. As diferentes matizes da ideia de solidariedade. **RevistaKatálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 43-52, jan./jun. 2008.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas, vol. 2: O movimento**. Porto Alegre: L&PM Pocket, vol 274, 2006.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas, vol. 1: a idéia**. Porto Alegre:L&PM Pocket, vol 273, 2007.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31. 2021.

## APÊNDICE

### HISTÓRIA DE MARIA DE LOURDES – PARTE 1

**Respondente:** ensinou a fazer alguma coisa para o próximo foi a minha vida, a minha infância. A fome, o sofrimento, a miséria, que a gente não podia estacionar, que a gente tinha que crescer; mas crescer dando a mão, estendendo a mão, de qualquer forma; e eu aprendi que você ser solidária, é você ser feliz. Eu sou feliz doando sempre o momento, uma palavra, dividindo o que eu tenho, eu sempre dividi tudo: comida, eu di... eu, tudo o que... se eu tinha dois pacotes, e a minha vizinha não tivesse, eu chamava os filhos para comer na minha casa, ou eu dava metade daquilo que eu tinha. Sempre fiz isso. Então, eu aprendi que é uma alavanca, a doação me faz grande, me faz me sentir bem, me faz me sentir feliz. Eu gostaria de um mundo melhor. Eu acho que somos poucos solidários, vejo que as pessoas são muito preocupadas em viajar para outros planetas, gastar milhões, quando do lado da nossa casa tem alguém com fome, tem alguém com sede de uma palavra amiga, de um abraço, de um aperto de mão, de um “bom dia”. Então, eu acho que isso me fez dividir o que eu tenho, e eu sou muito feliz com o pouco que eu tenho. Eu sou feliz nessa casa, eu sou feliz com as pessoas que vêm na minha casa, eu sou feliz em juntar roupa e dividir com as pessoas que precisam. Eu fico feliz quando você manda as tuas roupas, que eu conheço até pelo cheiro, para dividir. Você entendeu? Então, eu acho que se nós não formos solidários, nós, não vale a pena estar aqui. E acho que quando nós adotamos uma filosofia de vida, é como se fosse uma barra de ferro que nos sustenta, que nos faz viver, que nos faz buscar força para continuar aqui. Respondi?

**Entrevistadora:** aham. A pergunta inicial, sim. Agora eu quero saber a tua história de vida, como tudo isso começou, a partir de quais motivações?

**Respondente:** o meu pai faleceu quando eu tinha 06 anos, e dali, de lá para cá, a gente passou muita miséria, muita fome. Em seguida, a minha mãe quis refazer a vida dela, aí os filhos, ela teve que expulsar os filhos de casa, não é? Eu saí, tinha 09 anos, e fui para a casa dos outros, trabalhar de empregada doméstica; que não é hoje, quem é empregada doméstica tem todo o amparo, não é, jurídico, leis trabalhistas. Naquela época não tinha, você... eu me lembro, que eu levantava às 04:00 da manhã, e dormia meia-noite. Não fui para a escola, não estudei. E tinha



que desenvolver uma forma de ser feliz, de me proteger, e construir alguma coisa, um família, eu queria uma família; e consegui construir essa família, Aí veio a separação, novamente, quatro filhos pequeno, eu sem profissão, sempre fui diarista; então, criei esses quatro filhos com os restos de comida de geladeira das casas que eu trabalhava. E aí adotei a filosofia espírita na minha vida, foi ali que eu tomei um rumo e descobri o quê que eu vim fazer aqui, qual era a minha missão. Era contribuir, de alguma forma, com as pessoas que tinha menos do que eu; e assim segui, dividindo tudo. Saí do Brasil, morei fora, sobrevivi lá fora, até hoje tenho amigos lá; mas com uma... uma fé bem raciocinada, que você tem que contribuir para que o planeta cresça. E de que forma você vai contribuir? Com dinheiro, ou estendo a mão para aquele que está pior do que você? Eu escolhi estender a mão, e aqui estou eu. Respondi?

**Entrevistadora: com certeza. E você poderia explicar um pouquinho melhor como é que é esse trabalho que você desenvolve, mais detalhadamente?**

**Respondente:** é, eu, com pouco estudo, eu descobri que as pessoas precisam ser direcionada, ou com uma filosofia de vida, ou com uma fé. Como eu adotei o espiritismo na minha vida, a doutrina espírita, eu ensino as pessoas a alavancar e sair do carma. O carma é aquilo: “Eu sou a pessoa mais infeliz do mundo. Nada dá certo para mim”. Se você ficar sentada se lamentando, você não pode chegar a lugar nenhum. Então, o quê que essas pessoas fazem? Se reúnem em grupo e fazem orações, uma corrente de pensamentos positivos vai mantendo a pessoa de pé, dando força para ela, e ela começa a caminhar. Foi esse método que eu achei que eu deveria adotar, pois não teria capacidade de buscar outros métodos mais avançados, procurei o caminho mais simples. Acabei tendo jovens, todos universitários, todos muito dinâmicos, que me ensinaram muito; e, de alguma forma, eu ensinei alguma coisa para eles, também; porque senão eles não continuariam vindo na minha casa. Não é? Então, esse método é uma fé raciocinada, um fé que não seja fanática, que não ensina as pessoas o fanatismo; mas que ensine eles buscarem os seus próprios valores que têm escondido. Isso eu passei para os meus filhos; então, hoje, eu tenho quatro filhos eu não são pessoas que venceram financeiramente, mas que estão equilibrados no mercado de trabalho, têm uma vida correta; e têm uma filosofia parecida com a minha, também acredita no ser humano, acredita na evolução da espécie, acredita que a evolução cabe a nós nos

evoluirmos, e focar no planeta como um espelho que vai refletir na sociedade; e estamos seguindo a vida. Respondi?

**Entrevistadora: com certeza.**

**Respondente:** é, eu fico tão orgulhosa; de repente, vendo você, que eu admiro a tua... o teu QI, admiro a tua capacidade. Admiro muito, aprendo muito com você. É, de repente, escolher a mim para fazer essa... esse trabalho teu. Eu fico muito orgulhosa, e deixo um recado: Qualquer pessoa é capaz de fazer alguma coisa para a raça humana, basta querer. Você não tem ouro, tem palavra. Não importa a simplicidade da palavra, mas desde que ela seja tirada do teu coração, que você sinta aquilo, que você já viveu aquilo, que deu certo para você. Eu acredito nisso, e tenho sorte de ter muitos jovens dinâmicos perto de mim, no meu grupo, que não é meu, é um grupo; eu tenho, você vê, o tamanho da minha sala, às vezes nós estamos em 30 pessoas aqui, e todo mundo sai... é, traz uma bagagem, traz um conteúdo, para crescer mais o conhecimento do grupo, e leva também; porque não devemos dizer: Ah, eu tenho que ser pobre, porque assim eu sou. Não. A pior pobreza é a do espírito, ninguém é mais e menos do que ninguém. Simplesmente, as pessoas pensam pequeno, ela tem um espírito pequeno. Se ela pensa grande ela tem um espírito grande. Ela não é diminuída perante a sociedade, perante grupos, perante estudiosos, nada. Cada um traz o seu contributo naquilo que é capaz, e desde que ele seja verdadeiro, ele é muito bem aproveitado nessa sociedade terrivelmente perdida. Fico feliz com o jovem, com uma dinâmica enorme. Molecas, meninas, de 20, 30 anos, já com conhecimento enorme; não só universitário, mas espiritual, sabe? Pessoas que respeita a natureza, respeita as pessoas. Isso é fantástico, nós estamos vivendo a melhor época do planeta, porque os jovens estão crescendo com uma sede de tomar conta, de cuidar, de zelar; eu acho que nós vamos começar a respeitar esse planeta como ele merece, com essa nova geração. Eu só tenho pena de não pertencer a essa nova geração, queria viver eternamente para estar aqui, para ver essa evolução. Nem vamos falar de política, nem vamos falar disso, vamos falar da obrigação de cada ser humano nesse planeta, cada obrigação nossa que nós temos aqui. Gosto de pessoas, gosto de grupo de pessoas, gosto de ouvir jovens, gosto de aprender com os jovens. Acho que nós temos aí uma nova geração invejável, e é nessa nova geração que nós apostamos. Respondi?

**Entrevistadora: você falou que o que te motivou, o teu combustível para essa jornada foi a fome. Você quer falar mais um pouquinho sobre isso?**

**Respondente:** é, a fome é tão engraçada, que eu tive um problema sério com a minha mãe, que arrastou até a partida dela; porque como eu era muito pequena, eu sentava na porta e falava: “Deus, porque que o senhor não levou a minha mãe e deixou o meu pai, que era o meu pai que trazia a comida para essa casa”. Então, isso gerou um atrito muito grande entre eu e a minha mãe, porque a noção era: Era o meu pai que fazia as compras, agora ele não está, não tem, temos fome. E também ela lutava tanto para poder suprir aquela falta do meu pai, mas a gente não compreendia isso; e a fome faz com que você pensa, e eu me lembro muito que nós morávamos numa casa velha, e a minha mãe tinha uma comadre, e quando tinha uma comida, a comadre sempre vinha no horário da comida, e a minha mãe mudava o horário da comida para não encaixar com a comadre; porque, tipo assim: Pô, não tem nem para vocês. E eu, talvez de propósito, não sei, dizia sempre para a comadre, que a minha mãe ia dar o almoço mais cedo ou mais tarde, e a comadre embalava naquilo; e a gente acabava tendo que dividir a polenta, dividir aquela comida. E eu sempre pensava assim: Todo mundo comeu, e ainda sobrou um pouco; então, dá para dividir. Dá para dividir. Então, fiquei solidária, adotei aquele sistema, que nós devemos sempre dividir com aquele que precisa. Sempre. (Conhece)(?): Ah, é drogado, não merece. – Não, mas tem fome. Ele é uma vítima da sociedade. Então, bateu na porta, dá lá a ajuda. Ah, porque o fulano, é para beber. – Olha, ele está pedindo. – Mas ele bebe. – Ué, mas se ele precisa da bebida, ele não quer a comida, ele quer a bebida, é a necessidade dele. Quem somos nós para julgar? Quem somos nós? Um, quer para a droga. O outro, quer para o arroz e feijão. O outro quer para comprar um sapato, que é de luxo. Ele está usando o outro. Mas quem será que está sendo usado? Ele que está pedindo desnecessariamente, ou quem nega a dar? Certa vez, em Portugal, eu trabalhava com uma senhora, que tinha uma clínica de desintoxicação de heroína; e nós fomos no mercado fazer compra. Chegou um menino, num estado deplorável, pedindo um dinheiro. E ela disse, e eu fiquei parada olhando ela, e ela falou: “Quer comer? Eu te compro um pão”. Ele disse: “Eu não quero comida, quero dinheiro”. Daí ela falou: “Então, eu não dou. Para droga, eu não dou”. Eu falei: “A fome dele não é de pão, a fome dele é da droga. Está entendendo? Se você não der, outra pessoa vai dar. Mas

olha a tristeza dele, o olhar dele para a senhora? Ele não quer comida, ele quer o alimento que ele precisa, a droga. Não há o que fazer nesse momento”. Ela chamou ele, voltou, e deu o dinheiro para ele. Mas ele saiu numa corrida, numa corrida, numa corrida, mancando, direto para ir buscar a comida que ele precisava, a droga. E ela olhou para mim, e disse assim: “Que bom que você não teve estudo, senão você seria uma pessoa muito difícil”. E é porque, como quem diz: Essa visão que você tem, se você tivesse ocupado um lugar de destaque, você ia fazer muita coisa na sociedade. E eu disse para ela: “Talvez não, talvez eu fosse tão vaidosa quanto tantos aí que têm estudo”. Não é ter, é saber como ter. Não é? Não vou atender para não atrapalhar, só vou... é Portugal. Ah, eu sou importante. Então, Giselle, eu fico muito feliz com o grupo aqui em casa, eu estou com fome, com sede de conhecimento, sede de encontro, sede de estar junto com o grupo, ouvir o que cada um traz, em cada semana. Eu estou precisando disso; mas também aproveitamos muito para avaliar o quê que nós estamos fazendo aqui nessa pandemia, como estamos nos comportando. O quê que nós aprendemos dentro desse silêncio, que passamos quase todo o tempo sozinhos? Aprendemos alguma coisa? Ajustamos os nossos parafusos da nossa consciência? Melhoramos alguma coisa dentro de nós? Acrescentamos alguma coisa, que podemos fazer para deixar o mundo melhor? Ou, simplesmente, se lamentamos: Ai, eu não aguento mais. Está fechado aqui. Porque a depressão. Porque. Porque. Sabe? Ou aproveitamos esse silêncio para pensar? Como será que cada um se comportou durante esse período? Eu sentia muita falta, chegava quarta-feira... terça-feira, eu já começava a sentir, [ufh], ferver dentro de mim, amanhã; então: Ah, não. Amanhã não tem. Claro que tem, cada um na sua casa, e a mentalizar, pensar, e em pensamento íamos estar juntos. A solidão, a pior solidão é aquela que você está na multidão e está se sentindo só. Quando você tem essa oportunidade de ficar fechada dentro de um ambiente, é um momento de reflexão, de pensar, de reavaliar, refazer a tua história, o teu formato. O quê que você pode melhorar? O quê que você pode acrescentar? E foi isso que eu fiz; e tenho certeza, que todo mundo que pensa com humildade e com respeito a vida, fez a mesma coisa. Mais alguma pergunta?

**Entrevistadora: é mais uma conversa informal, não pense que é uma coisa estruturada.**

**Respondente:** não, até... até porque eu estou muito à vontade, porque também te conheço; então, estou muito à vontade com isso; mas, é... não sei muito bem como me comportar nessa entrevista, nessa conversa.

**Entrevistadora:** não, não é uma entrevista, não tem uma forma estruturada, é para saber mais de você, os teus pensamentos mais profundos, a tua história de vida e se você tiver algo a mais a acrescentar, porque a gente vai ter outros encontros, não é?

**Respondente:** é, eu gostaria de acrescentar sobre o relacionamento das pessoas. Eu tive um... o sonho da união, de ter uma família, foi desastrosa, foi desastrosa. E eu aprendi muito com essa separação, aprendi muito, muito, muito, muito; porque fiquei sozinha, ele tinha uma família enorme, eu tinha uma família muito distante, e eu adotei a família dele, a minha família. Quando houve a separação, eu perdi tudo, não é? Perdi ele, perdi toda a família dele. E eu parei, uma vez, e falei: Mais uma vez eu estou numa encruzilhada, e não sei para onde que eu vou agora. Quatro filhos pequenos, eu só tenho um caminho, é seguir esse caminho que eu fiz, e que estava dando certo, para mim não me desviar, foquei naquele caminho. E quase 20 anos depois; é, a família dele voltou para mim e disse: "Lourdes, você foi a melhor cunhada que eu já tive. Você é o orgulho da nossa família, como você criou os meus sobrinhos". Aquilo me deixou tão feliz, porque eu fui reconhecida, 20 anos depois, que eu era uma boa mãe, que eu era uma boa companheira, quem errou foi ele. Então, só foi uma alavanca que me diz: Você está no caminho, siga em frente. E depois, outros acontecimentos que foi acontecendo na minha vida; como a Emily, não é, a minha neta, que hoje cuida de mim, que eu comecei a cuidar dela, ela tinha 08 meses, hoje tem 16 anos, e eu dependo dela para tudo; e quando... eu consegui com que entrasse na justiça, para o bem-estar da criança, e consegui se manter a amizade com a mãe. Eu achei isso, foi uma coisa que me deixou muito feliz, é falar com ela, conversar com ela, gostar dela, e ter lutado na justiça com ela, por causa dessa criança. A gente conseguiu ter esse parâmetro de separar as coisas, e eu sempre digo que eu gosto muito dela, e só não gostava das coisas que ela fazia; então, lutei em cima daquilo, mas não contra ela; e deu certo. Então, eu acho que a minha vida é de sucesso, eu me considero... eu tenho 70, vou fazer 72 anos, é... hoje eu tenho uma saúde bastante difícil; e como eu nunca tive tempo de deitar e pensar, sem ter que trabalhar, hoje eu estou com todo esse tempo para pensar.

Então, eu acho que a doença, ela não me assusta, ela me deu tempo para que eu pensasse, corrigisse, acrescentasse, melhorasse; então, eu estou melhorando, a doença me fazendo com que eu tenha tempo para pensar e para as pessoas. Eu recebo, em média, de uns 30 telefonemas, por dia; de fora, de dentro de Curitiba, pessoas que batem na porta, e... e eu consigo receber. Não sei, se eu faço bem para as pessoas, mas consigo receber essas pessoas, e elas voltam. Se você volta é porque alguma coisa você levou de bom, não é? E isso vai me mantendo viva, e vai de dando força para mim seguir adiante. E acho que qualquer filosofia de vida, qualquer religião, ela é muito importante na vida do ser humano, ela tem que ser equilibrada, mas ela tem um peso muito grande. E cada vez que eu penso, que nem agora, eu pensei: Poxa, eu acho que eu vou suspender esse grupo, porque realmente eu estou ficando muito debilitada com essa pandemia, então eu vou... vou ter que suspender o grupo, ou vou passar para o Marcos, ele está vindo para Curitiba, eu vou passar para ele, para ele dar continuidade, porque eu acho que eu já não tenho força. Não, não é força, eu já não estou conseguindo ajudar as pessoas. Então, é tão engraçado, que eu fiz a prece de noite, ao deitar, para isso. No outro dia, eu fui para a casa da minha filha. Isso, há uma semana atrás. Fui para a casa da minha filha, no sábado; cheguei lá, a vizinha da minha filha tinha tido um rompimento da aorta, e minha filha tinha levado ela para o hospital, estava acompanhando a cirurgia; e no domingo, de manhã, eu levantei bem disposta, falei: Vou tomar café na mesa; porque a minha filha sempre traz café para mim na cama. Vou tomar café na mesa. Sentei na mesa, tomei café, comecei a conversar; eu tive um mal-estar, um mal-estar horrível, horrível, horrível; falei: “Glória, mede a minha pressão, que eu estou enfartando”; a mão formigava, dormente. Ela mediu, e disse: “Sua pressão está ótima”. Eu olhei para ela, falei: “A mãe da Adriana faleceu”. O telefone tocou, e a senhora tinha falecido mesmo, no hospital. Aí eu pensei, eu falei: Bom. Voltei, já tinha voltado para a cama, porque eu ia enfartar, estava com todo aquele sintoma, eu falei: Vou morrer deitada, confortavelmente. Daí não era, fiquei deitada, falei: Bom. Aquela correria, a minha filha tentando ajudar a filha da senhora, a... na funerária, e todo aquele trâmite, que é horrível. E eu deitada na cama, falei: Ah, então, no final, eu ainda sou importante, eu tenho que continuar com o grupo. Daqui um pouco, começa, a minha filha trazia um da família, desesperado: “Eu vou me matar. Eu vou me matar”; porque não aceitava a morte da mãe. Eu conversava com aquele, aquele ia embora, estava calmo. Aparecia outro. Eu falei: Mas, afinal de

conta, não precisava usar tudo isso para me dizer que eu tenho que continuar com o meu trabalho. Não é? Porque hoje era um dia que eu quase enfartei, eu também tinha o direito de ficar descansando. Não é? Começou a aparecer gente lá para mim conversar, e as pessoas me abraçavam e diziam: “Eu estou melhor. Já estou bem”. Eu falei: Poxa vida, então eu tenho que continuar, eu ainda sou importante aqui. Isso, na semana passada. Então, é... eu tenho que continuar ouvindo. Eu tenho que continuar ouvindo. Eu gostaria muito de escrever uma biografia. Gostaria muito. É, eu ainda penso nisso. Ainda penso nisso. Porque às vezes eu me pergunto: Poxa, todos esses anos, estou vivendo aqui, e não estou deixando um legado, não estou deixando uma história, eu não estou deixando uma continuação daquilo que eu penso, ou daquilo que eu desenvolvi para poder sobreviver, e bem, com felicidade, eu não... quando eu for embora, ninguém vai contar a minha história. Isso é muito chato. Madre Teresa deixou uma história. Madre Dulce deixou uma história. Mandela deixou uma história. Gandhi deixou uma história. E a minha, onde fica? Chico Xavier deixou uma história magnífica. Eu preciso deixar uma história. Nem que seja uma biografia de um livro empoeirado, numa estante qualquer, mas que alguém pegue e folhe. Eu preciso. Olha, você já disse que vai fazer, escrever esse livro para mim, vamos pensar nisso.

**Entrevistadora: escrevo sim.**

**Respondente:** vamos pensar nisso. Engraçado, você, no caminho da tua vida, você fala: Bom, a primeira relação não deu certo. A segunda foi um desastre total, a única coisa boa foram os filhos que ficaram. Eu vou vir e ir embora, sem saber o quê que é ser feliz? Aí você tem a oportunidade, que você conhece uma pessoa que... que corresponde todas aquelas indagações que você fez a tua vida inteira, aí você começa a viver fora do país, essa pessoa maravilhosa, que eu ia fazer, trabalhava fazendo baby-sitter, ele ficava na janela me esperando. E um dia eu perguntei para mim: Não é legal ver uma pessoa que fica todo o tempo te... te protegendo ali, eu preciso dessa... desse espaço, eu preciso ser livre, eu já tive o que eu queria, eu queria saber como é que era alguém te amar, te fazer tudo para você ser feliz. E eu parei e pensei, e falei: Não, eu não estou sendo correta, eu estou tirando proveito disso; porque, na verdade, isso está me prendendo, eu estou me sentindo amarrada. E cheguei e falei: “Olha, eu estou indo embora, eu já reservei a passagem, eu... o meu voo é diz tal, tal e tal”. Então, é muito interessante, é como se você quisesse

voar como uma gaivota, com um monte de pessoas em sua volta, mas ninguém que te prenda. Então, às vezes você pensa que ser feliz é ter alguém ao seu lado, quando você tem, você descobre que você tem que voar muito alto, e que aquela pessoa, ou não vai te permitir que voe; ou então, não quer voar com você, começa a pôr empecilho no teu caminho; e você diz: O meu projeto de vida não... não inclui esta ligação. E você, novamente, voa, e vai embora, para ser livre para fazer o que você acha que tem que ser feito, fazer as mudanças que você acha que tem que ser feitas as mudanças. Eu sempre digo “apertar o parafuso da sua consciência”. Então, amar é bom, mas não pode ser um amor que te aprisione, tem que ser uma coisa que te deixe você livre para voar. Então, cuidado com as paixões, com os amores, porque as pessoas têm que ser livres para pensar, para agir, para a sua fé, é... para ajudar. Se você não tem um companheiro, que não te compreende naquele caminho. Você tem que fazer um pé de meia, mas para que? Nós estamos no verão, nem preciso de meia. Pé de meia é uma poupança. Eu acho justo você arrumar a tua vida, mas você nem sabe se você vai acordar amanhã de manhã para tomar o café. Não é? Às vezes você fala: Eu tenho um quilo de feijão, a minha vizinha está sem feijão, se eu desse meio quilo para ela, eu ia ficar com meio quilo. Mas e amanhã, o quê que eu faço? Será que amanhã eu vou acordar para comer o feijão? Tinha uma amiga, que era minha vizinha, num bairro antes desse aqui, no São João, que ela passava na minha casa e diz assim: “Lourdes, você tem feijão?” Eu dizia: “Olha, feijão eu não tenho, eu tenho arroz.” – “Não, porque eu ganhei dois quilos de feijão, eu vou te deixar um”. Ela também tinha mais filho do que eu, ela tinha sete filhos, e nós dividíamos as coisas; e a gente é amiga até hoje, a gente é... sabe, ela tem a mesma visão minha, é uma pessoa completamente louca, mas uma louca saudável, uma pessoa super agradável, e a gente dividia tudo, e aquilo era muito bom. Ela dizia: “Lourdes, você pode fazer a sopa e dar para as crianças, porque eu vou chegar mais tarde hoje.” – “Claro que eu posso.” – “Vai fazer sopa do que, Lourdes?” – “De osso”. Então, tinha um frigorífico embaixo, que eu passava lá, tinha um menino que chamava Jesus, eu dizia: “Jesus, você tem uns ossos aí para mim e para os meus cachorrinhos?” – “Claro que eu tenho, Dona Lourdes”. Cortava aqueles ossos, com carne, com cartilagem, com tudo, e eu trazia com uma grande cabeça de repolho, um quilo de batata, umas cenouras; com o dinheiro que eu tinha ganho no dia. Tinha uma panela enorme, chegava em casa, punha aquilo tudo para cozinhar; e cada um ganhava um pedaço de osso, e aquela sopa. Então, era os sete



da Marilu, os quatro da Elza, e os quatro meu. Então, aquela panela de sopa, era como se você jogasse farelo de pão num tanque de piranha, num minuto não tinha mais; mas estavam todos com a barriguinha cheia. E amanhã? Amanhã veremos. Se Deus nos deu para hoje, amanhã vai tomar a mesma providência, e eu vou ter para amanhã. E sempre tinha. Então, eu descobri, que doando, sempre você tem o retorno. Uma forma simples de viver. Muito engraçado, eu fui trabalhar com um senhor, não trabalhar para ele, ele vinha de São Paulo para cá, eu fui trabalhar com a decoradora dele, cuidando do apartamento que ela estava decorando. Então, eu ia lá no final da tarde, depois que os peão saía, tirava o pó, limpava tudo bem limpinho, fechava a casa e vinha embora. No outro dia, 07:00 da manhã, eu ia lá, abria, e os pedreiro entrava, eu ia para o meu trabalho, voltava lá, trabalhava até as 10:00, 10:30 da noite, e vinha embora. No término do... que ela terminou a deco... a reforma, que decorou, ela fa... ela era uma decoradora de São Paulo, um (0:36:33), Cláudia, e ela falou: “Lourdes, se você vai ter que ficar com a chave, porque o Roosevelt só chega em Curitiba daqui 15 dias”. Eu falei: “Ah, muito bem”. Ela me pagou muito bem, eu fiquei imensamente feliz, fiquei os 15 dias, ia no domingo limpar, ajeitar, arrumar. Aquele senhor chegou depois de 15 dias, todo bronzeado, que estava vindo da Bahia, de férias, é... muito elegante, aquela casa chiquérrima, um apartamento lindíssimo. Eu comecei a trabalhar com ele, ele era ateu; então, sempre ele dizia assim: “Olha, eu vou... eu queria fazer um jantarzinho na quarta-feira.” – “Olha, na quarta, eu não posso te ajudar, porque eu tenho reunião na Casa Espírita.” – “Lá você, Maria de Lourdes. O quê que isso está te trazendo de bom?” Eu falei: “Meu Deus, o meu equilíbrio, minha base”. E ele brincando. Uma vez, ele disse assim para mim: “Eu vou te levar em casa”. Estava uma chuva, eu falei: “Ai, meu Deus, ele não vai levar na minha casa”; porque eu morava no fundo de uma casa, que era um corredor bem estreito, e a água da chuva entrava todo por ali, você ia com a água até quase o joelho para chegar em casa. E ele desceu aquela ladeira comigo, queria conhecer os meus filhos. Entrou, e a minha filha estava fazendo um Virado de Feijão. Quando ela viu aquele homem entrando, ela abriu a tampa do fogão, enfiou a frigideira lá dentro, ele falou: “O quê que você está fazendo que está cheirando tão bem?” E ela ficou parada olhando para ele, assim; daí ela disse: “Virado de Feijão”. Ele disse: “Eu quero”; e começou a comer o Virado de Feijão. E aí, em seguida, ele falou assim: “Lourdes, arruma a minha mala, que eu vou para São Paulo, só para três dias, e uma roupa, é...um terno bom, que eu vou no show

do...”. Como é que chama, meu Deus do Céu? Ney Matogrosso. Eu falei, eu olhei, eu falei: “Que legal, Ney Matogrosso”. Arrumei a mala dele, quando ele estava saindo, ele falou assim para mim: “Ô, Lourdes, conversa com esse teu Deus, que eu tenho um amigo, que eu fiz um empréstimo para ele, de um grande dinheiro, só que eu não tenho comprovante, já faz 03 anos e ele não me dá notícia. É Umberto, e ele mora em Nova Iorque. Conversa com esse teu Deus, vê se ele, se o Umberto me paga esse dinheiro, que eu compro uma casa para você”. E eu disse: “Roosevelt, não é assim ‘conversa com o teu Deus’, eu preciso ter merecimento para isso. Se, por acaso, eu for merecedora, você vai receber esse dinheiro, senão não, porque você não precisa”. E ele foi embora para São Paulo. Passado umas 04 horas, ele telefonou e disse assim: “Magrela, deixa tudo aí, e vai procurar uma casa, que o Umberto depositou o dinheiro na minha conta, e eu vou te comprar a casa”. E eu ri muito, e falei: “Bom, eu vou procurar uma casa num lugar bem pobrezinho, porque como é que eu vou pagar essa casa para ele, meu Deus do Céu? Eu não quero de graça”. Fui procurar lá no Rio Verde. Quando ele chegou de carro, ele falou: “Então, vamos lá ver a casa”. Chegamos na metade do caminho, ele disse: “Vamos voltar, você não vai morar aqui. Você sai de casa 06:00 da manhã, e chega e meia-noite, como é que você vai deixar as crianças?” Aí eu falei: “Ó, tem uma amiga que mora nesse bairro aqui”. Então, entramos nesse bairro, e essa casa aqui estava com uma placa Vende-se; e ele falou assim: “É casa de madeira, Lourdes. Você não vai ter dinheiro para reformar. Vai ser uma casa que estraga rápido”. Eu falei: “É esta, ou então, não é nenhuma, porque essa eu posso te pagar”. Orgulhosa, não é? Eu falei, eu perguntei para a vizinha da frente: “A senhora sabe aonde que mora esse senhor?” Ela disse: “Eu tenho a chave da casa”. Eu falei: “A senhora me empresta a chave para mim ver?” – “Empresto”. Daí eu falei: “Roosevelt, é essa”. E ele comprou essa casa para mim. Só que você sempre pensa assim: A árvore está cheia de frutos. E você colhe os frutos. Mas você tem que cuidar da árvore, para que no próximo ano, ela volte a dar fruto. E eu fiquei pensando: De que forma eu vou cultivar isso para que volte a dar fruto? É uma forma de dizer “obrigada”. Passado um tempo, ele foi embora para Portugal. Um dia, eu estava trabalhando num lugar muito bom, que eu estava amando, eu trabalhava num hotel para bebê, que fica aqui no Juvevê, o Fraldinha. Eu estava com um cargo importante, eu estava me sentindo nas nuvens ali, porque eu amava aquele trabalho. E veio um telefonema: “Lourdes, venha cuidar de mim, porque eu estou morrendo de fome, que eu não consigo abrir

uma torneira, sem força”. Eu disse: “Como que eu vou fazer isso, meu Deus do Céu?” – “Eu te mando a passagem”. E lá a Lourdes velha, analfabeta, embarca no avião, e vai para Portugal. Então, o pé de laranja que você tem que cuidar, adubar, para voltar a dar fruto. Lá estava eu cuidando dele até a morte. Então, se juntarmos todas as histórias, seria um livro bastante interessante, para quem está com preguiça de lutar, com medo de enfrentar a vida. Eu me sinto uma heroína. Me sinto, que tudo o que eu quis, eu consegui. Não paguei a casa para ele, mas retribuí com carinho, com amor, com cuidado, durante 05 anos, que ele viveu. Então, se você tiver o cuidado de analisar todas essas suas pegadas, você pode corrigir a marcha, você pode escolher os melhores caminhos, e desde que você faça isso com uma coisa muito simples, respeito ao ser humano. Só isso. E seguir em frente. Não é uma vida de milagres, milagres não existe, existe um trabalho que você... como formiguinha, lentamente, e sempre com o pensamento de retribuir aquilo que fez; se não for para essa pessoa, é para outra. Uma vez, veio uma freira aqui em casa, estava indo para Angola, num trabalho de voluntariado. Conversando comigo, eu fazia velas de decoração; e assim, ela veio comprar uma vela. E nós conversando, eu falei: “Ah, você vai para Angola?” – “Vou. Vou para Angola”. Eu falei: “Nossa, vai encontrar um trabalho bastante interessante em Angola”. Daí ela falou: “Eu vou trabalhar numa instituição de caridade”. Eu falei: “Eu acho tão engraçado, você, como freira, atravessar o oceano, para fazer esse trabalho de voluntariado; quando aqui, no Brasil, você vai no Nordeste, você vai ali nas praias, você vai encontrar imensas pessoas pre... precisando de pessoas como a senhora, para dar uma palavra amiga, pegar a mão de uma criança e caminhar com ela. Não é mesmo? Porque é que você tem que ir tão longe, se do lado da tua porta tem alguém gritando socorro. Devemos ter cuidado para não mostrar para a sociedade que estamos aqui fazendo um trabalho simplesmente para nos projetar. Devemos fazer esse trabalho em silêncio. Jesus nos ensinou isso. Silêncio no que faz, não deixa a mão esquerda saber o que a mão direita doou”. E ela ficou pensando: “Você tem razão, mas eu pertenço a Ordem tal, e me fui designada para lá”. Sabe, vi tanto amor naquela moça, mas vi uma fé dominadora. Você não poder amar, não poder casar, não poder ter um namorado; isso é meio complicado, não é, por causa da fé? Como é que você vai poder ser uma boa conselheira, se você não viveu. Você aprende no casamento, é ter filhos. Isso é que te ensina você a doar, a renunciar, é... aprender como você pode fazer melhor o teu trabalho, a tua obrigação. A minha filha era terrível, a Glória.

Ela estudava num colégio estadual, e chegava carta aqui em casa, mas ela que ficava em casa o dia inteiro, ela rasgava as cartas, e eu nunca era convocada para ir na escola, eu falava: Nossa, está indo tudo bem, eu nem estou sendo chamada na escola. Quando menos espero, uma bomba enorme, chego lá, na escola, uma salinha pequenina, a diretora, a pedagoga, mais um não sei quem lá, que era orientador de classe; e aquela salinha pequenininha, eu sentei ali, e começou uma briga da minha filha com a diretora, com a pedagoga, com aquele orientador; eu, simplesmente, levantei, abri a porta e saí; é, aí a senhora veio atrás: “Você vai aonde? Vamos conversar”. Eu falei: “Eu estou esperando vocês brigarem, para a gente poder conversar”. Aí voltei para dentro da sala, eu perguntei: “E a senhora tem filhos?” Ela disse: “Não, não tive filho, mas tive sobrinho”. Eu falei: “É muito difícil a senhora ser uma diretora de colégio, se a senhora não teve filhos. Como é que a senhora vai fazer uma experiência dessa, se a senhora não viveu. Dentro de casa, nós precisamos ser mãe, madrasta, diretora, tudo dentro de uma casa; porque os conflitos também estão lá em casa”. Então, no final, ela me abraçou e disse assim: “Me perdoa, eu não tive a paciência que eu deveria ter tido com a sua filha”. Então, a rebeldia, talvez seja uma ansiedade de viver, e as pessoas não compreender. Cuidado com as crianças que são rebeldes, ansiosas, elas buscam, elas buscam aquilo que a escola, ou a família, não está podendo dar, velocidade no andamento das coisas. Hoje, a minha filha é bem sucedida, tem filhos, é dura com os filhos, como... o mesmo método que eu usei para criar eles, ela está criando os filhos, com sucesso. Então, na vida, você encontra pessoas que estão ocupando cargos da maior relevância, mas não estão preparadas para estar lá; principalmente, na Educação; está faltando diálogo, compreensão. “Ah, esse aluno é ótimo. Ai, é o meu, a minha queridinha”. Mas não é aquele que precisa, quem precisa é o rebelde, o rebelde que precisa de aconchego, saber o quê que ele busca, o quê que o atormenta. Então, acho que é para se pensar, nesse momento, a Educação. A Educação, ela tem que ser um ponto importantíssimo, crucial, na sociedade, a educação da criança. É, ó, o favelado, é aquele, é que precisa mostrar o caminho da luz. Então, instituições, é... que eu sou contra, eu sou totalmente contra: Chega Natal, junta aquele monte de brinquedo, porque o Correio, porque não sei quem, e leva na favela; e a criança fica feliz com aquele brinquedo. E o resto dos 10 meses, 11 meses? É, a ideia do Natal, ela tem que ser repensada, ela tem que ser repensada. Nós fazemos com que a criança fique esperando todo o ano, no Natal,

que chega alguém, com uma fantasia enorme, com os pacotes lindos, e entrega para a criança. E o resto? Não era melhor deixar a criança sem aquele brinquedo, mas com uma boa educação, com um caminho para um futuro, e não esperando sempre a doação? Será que nós não estamos alimentando essas crianças, e esperar sentado que alguém venha doar? Eu nunca aceitei, sabe o quê que eu fazia? Tinha uma fábrica de móveis perto da minha casa, no Solar, eu passava lá no sábado, trazia um fecho de madeira, martela e preguinho. Pregavam dedo, martelava dedo, fazia carrinho, desmontava, eles trabalhavam o dia inteiro com madeira no meu quintal. “Construa. Você quer um brinquedo? Construa”. Eu acho que extrairmos do ser humano a capacidade de ser alguém, de gritar alto na sociedade, é ensinar ele a pescar. O Paulinho era preguiçoso, quando eu fazia sopa lá em casa, acabava de fazer a sopa, ele já levantava e saía correndo. “Opa. Cara, vem cá. Vai lavar o teu prato. Vai lavar o teu prato, Paulinho. Vai lavar o teu prato, você comeu, você sujou, vai lavar”. Chorava, chorava. Claro, que ele lavava tão mal, que ia ser lavado depois, mas ele não saía sem lavar o prato. Então, quando batia a sopa, que eu dizia: “Quem quer sopa?” Ele pensava: Vou ou não vou. Vou ou não vou. Mas acabava vindo, porque sabia que tinha que lavar o prato. Então, é... acho que estamos todos numa caminhada de aprendizagem, de descobrir a melhor forma de ter uma sociedade com seus direitos e com um projeto de caminho, é dando oportunidades iguais para todos; e sem educação, não há formação, não há um país evoluído, não podemos crescer sem a Educação. E estamos muito longe daquilo que é o ideal para alavancar uma sociedade com igualdade. É isto.

## **HISTÓRIA DE MARIA DE LOURDES – PARTE 2**

**Respondente:** você sabe que a minha descoberta de estender a mão foi a minha infância? Eu tive uma infância difícil. Bom, a infância que eu merecia. E saí de casa com nove anos, fui para a casa dos outros para trabalhar e passei minha vida inteira trabalhando com as pessoas e descobri que encontrei muita gente boa pelo caminho. Também encontrei pessoas que me sacrificaram enorme. Aí eu pude saber o que é o certo e o errado e optei por caminhar do lado certo. Sempre, sempre, sempre estendendo a mão para quem quer que seja que me peça ajuda. E então tive a oportunidade de morar fora, tive muita gente que me apoiou, outros que dificultaram minha situação, mas eu sempre me encontrei no caminho de ser solidária com as pessoas e continuo assim. Depois desenvolvi a doença, que em vez

de me derrubar, me deixar amarga, me levantou, dizendo: “hoje você tem tempo de conversar com as pessoas, hoje você tem tempo de ouvir as pessoas, mesmo que você ache que não tem nada para dar”, mas eu vou ouvir as pessoas. E tenho feito isso continuamente nove anos pra cá, depois da doença. E tanto é que isso me faz tão bem que todas as pessoas que começaram o tratamento comigo já partiram e eu ainda estou aqui. Então acho que é sinal que fazer o bem te faz bem. Eu sou muito feliz, mesmo com todos os altos e baixos e acho que a nossa estadia aqui, ela tem sempre uma razão de ser e alguma coisa nós estamos fazendo aqui além daquilo de viver. Temos algo a mais. E quando descobrimos esse algo a mais, nós procuramos fazer com que o diamante cada vez fique mais lapidado, para se tornar mais leve a nossa próxima estadia.

**Entrevistadora: a partir das primeiras entrevistas, nós encontramos alguns pontos de convergência na questão familiar. Você poderia falar um pouco mais da sua relação com seus pais?**

**Respondente:** É muito engraçado que, se eu disser para você o que foi a minha descoberta sobre pai, mãe, irmãos, é a relação mais difícil que nós temos para enfrentar quando chegamos aqui é a família. Porque eu não tenho uma boa referência de mãe, então eu me sinto muito triste quando as pessoas chegam e dizem assim: “Nossa, minha mãe!”. Eu não consigo ter essa relação com a minha mãe. Acho que ela ter me empurrado para o mundo, de uma certa forma foi bom porque eu aprendi a viver, mas de repente, aquela referência “Mãe”, que é um nome tão pesado, você põe em dúvida até que ponto é, quem é a mãe, que mãe você está falando. Eu estou falando da minha mãe. Talvez eu também não tenha sido uma boa mãe, não sei. Talvez um dia eu pergunte para os meus filhos, mas eu lutei muito para que eles tivessem um mínimo, para que eu pudesse dar para eles, pros meus quatro filhos sozinha. Mas não tenho essa referência da minha mãe. Então eu tenho referência de pessoas que passaram pela minha vida, que não tinha relação consangüínea nenhuma, mas eu tenho um agradecimento eterno com essas pessoas. Então quando você me pergunta, talvez pela minha falta de estudo, de conhecimento, eu não consigo fazer essa interpretação “mãe”. Então é uma coisa que, se eu disser para você que me incomoda: não, não me incomoda, porque eu acho que é a lei da sobrevivência. Você adota um caminho e segue aquele caminho. Quando você sente que você é negligenciado por aquela pessoa que você depositou

toda a confiança, você também perde a confiança. Então não tem mágoa. Então tenho irmãos, quase todos já partiram. Eu tenho uma relação de amizade assim não tão íntima como eu tenho com os amigos, com um irmão que é o meu irmão Antônio. Também já está com 90 anos. Mas a minha relação família eu nunca consegui entender muito bem.

**Entrevistadora: e o seu pai?**

**Respondente:** meu pai era uma figura muito importante, mas ele viveu muito pouco. Eu tinha seis anos quando ele partiu. Então o que eu trago ou o que eu consigo guardar de lembrança dele, foi muito bom, muito agradável, porque ele cantava pra gente, ele tocava acordeon, ele era um pai presente. Mas viveu muito pouco. Então a única referência que eu tenho foi uma referência boa, mas que durou muito pouco tempo.

**Entrevistadora: e você acha que eles influenciaram essa questão do despertar da solidariedade ou você acha que veio por outros meios?**

**Respondente:** eu acho que eles abriram essa janela para mim, porque eu sempre pensava: “eu não posso nunca fazer para os outros o que fizeram para mim”. Então eu acho que eles foram uma referência para que eu não repetisse o mesmo erro. Então a minha preocupação sempre foi, mesmo eu trabalhava na casa das pessoas desde muito criança, nove anos, e às vezes eu ia deitar e lembrava que um dos meninos, o sapato ou alguma outra coisa, eu era capaz de levantar, organizar aquilo, para no outro dia ele não ter problema. Então eu me preocupava muito com o bem-estar das pessoas e me preocupo muito com o bem-estar das pessoas.

**Entrevistadora: e como é a sua relação com a solidariedade? Como você se vê nesse cenário?**

**Respondente:** eu me vejo como uma pessoa que tem muito pouco para dar para os outros que vem me procurar, mas eu sinto que as pessoas, você simplesmente ter o carinho, o prazer de parar e ouvir, eu acho que as pessoas saem melhores. E eu trabalho na partida das pessoas, não na chegada. Como elas saem? Então isso me dá ânimo que eu tô contribuindo e fazendo alguma coisa para que o ser humano se sinta melhor e acredite mais na vida, no que ele veio fazer aqui, na responsabilidade que ele tem.

**Entrevistadora: e qual é a sua perspectiva de vida a partir do que você faz pelos outros?**

**Respondente:** eu nunca paro para pensar em retorno, apesar de que eu tenho retorno todos os dias, mas eu nunca faço absolutamente nada pensando em retorno. Eu fiz, eu plantei uma semente. Escolhi o melhor lugar. Eu espero que ela dê frutos, mas eu não vou sentar perto dela esperando ela dar frutos. Eu sigo em frente, acreditando sempre que eu dei tanto amor, tanto carinho naquela plantação, que vai haver frutos e por incrível que pareça eu tenho visto muitas colheitas, muitas colheitas. E eu sempre pensei, por eu ser analfabeta, que eu ia sempre ter um nível de pessoas igual ao meu e pra minha surpresa, não sei o porquê, isso me faz uma grande curiosidade, essa busca do porquê, as pessoas que me rodeiam são todas pessoas mais jovens e pessoas com um nível intelectual muito alto, que às vezes eu tenho dificuldade até de conversar com essas pessoas. Isso é uma pergunta que eu ainda não achei a resposta, por quê? E dou sempre mais tempo pro jovem do que pras pessoas com mais idade, porque os jovens estão começando a caminhar, então aquela sede de descoberta me faz muito feliz, me faz muito feliz, porque eu sei que um dedinho de conversa, alguma coisa que esteja mal direcionada na vida dele, ele vai pensar duas vezes. Então eles tem um caminho mais limpo para caminhar. E eu tenho tido esse resultado bem positivo, principalmente vício, dependência, eu tenho conversado bastante, bastante, bastante com as pessoas, que eu tô vendo uma mudança tão significativa que é o prêmio, é a Mega Sena que eu ganho. Não quer dizer que eu não jogue para ganhar o jogo mesmo (risos), mas minha Mega Sena é essa, é a evolução e a transformação do jovem, procurando outro caminho, procurando amadurecer, se livrar dos vícios, isso para mim é o maior presente que Deus poderia me dar. E eu nunca choro de tristeza, eu choro quando fico muito feliz, aí eu choro.

**Entrevistadora: você acha que se estivesse hoje no mercado formal, você conseguiria fazer o trabalho que faz hoje com as pessoas?**

**Respondente:** eu conseguiria, mas não por inteiro como eu faço, porque eu sempre trabalhei com as pessoas, mas eu tinha o hábito de falar: “ah, você quer falar comigo? Depois das dez está bom para você? Porque até as dez eu estou organizando minha vida, o trabalho, organização da casa. Se você chegar às dez,



não me importa quanto tempo eu vou conversar com você”. Eu tinha muita gente que chegava na minha casa às dez da noite para conversar, muita gente. Então eu nunca limitei o tempo para conversar com as pessoas, mas sempre procurei conciliar o meu trabalho que era o meu sustento, o sustento dos meus filhos e as pessoas. E deu certo, acho que deu certo. E os meus amigos duram para sempre. Então acho que deu certo, está dando certo. Hoje não, hoje eu tenho das sete da manhã até as dez, onze da noite conversando com pessoas sem olhar no relógio ou se preocupar com horário.

**Entrevistadora: você gostaria de contribuir com mais alguma coisa que foi importante?**

**Respondente:** a espiritualidade foi muito importante para mim. Eu não gosto de religião que me determine: é pecado, o céu, o inferno, eu não me dava bem com isso. Eu sempre pensava assim: “pô, mas se Deus é esse amor tão grande, universal, por que o céu e o inferno? Por que Ele não domina o céu em vez de ter um inferno?”. Eu queria uma religião que não me cobrasse absolutamente nada a não ser eu mesma com a minha consciência, o que é certo e o que é errado. A espiritualidade, o kardecismo me trouxe essa base, essa zona de conforto, que eu devo sempre, sempre, sempre à fé é trabalhar a minha consciência. O que não é bom para mim, não pode ser bom para você. Se eu tiver que te dar alguma coisa, eu vou te dar uma coisa que eu esteja em condições, que esteja à sua altura de usar, ou uma roupa, ou um calçado, ou um prato de comida, que seja com muito carinho e respeito. Como se fosse para mim, como eu gostaria que fizessem para mim. Então o kardecismo me educou nesse sentido. Eu achei o caminho que não prega “faça o que eu te mando, mas não faça o que eu faço”. Não, “olhe para a tua consciência e veja se é bom para você, é bom para a Giselle”. Talvez seja muito louca essa maneira que eu achei de viver, essa postura, mas foi onde eu me encontrei. Não há milagre, mas há um trabalho intenso para melhorar.

**Entrevistadora: e como você vê a solidariedade na espiritualidade?**

**Respondente:** eu acho que a espiritualidade lida com pessoas e quando nós lidamos com pessoas, eu acho que o ser humano é como um degrau de escada, um está no primeiro, outro no segundo, outro no terceiro, outro no quarto, mas não quer dizer que as pessoas vão estacionar. Talvez nesse exato momento uma pessoa que

está dentro da espiritualidade, no meu ver falta alguma coisa, mas não tem que se preocupar que falta alguma coisa, tem que agradecer a Deus e pedir que ele mude de degrau e comece a melhorar. Não esperamos das pessoas tudo aquilo que queremos, aí nós vamos moldar as pessoas ao nosso feitio. O que é bom para mim pode não ser bom para eles, não seja o momento deles. Você abre uma janelinha e deixa ele trabalhar naquela janelinha. Não dê o peixe, dê a vara para ele pescar. Eu acho que cada um no seu tempo, mas todos nós vamos atingir o topo da escada.

**Entrevistadora: e para você o que seria esse topo da escada?**

**Respondente:** o topo da escada é quando você deita na sua cama e bota a tua cabeça no travesseiro e começa a ver o seu dia como um promotor. Você não fica com vergonha daquelas oito horas que você teve no dia, você não tem arrependimento do que você falou, do que você fez, do que você pensou. Eu acho que isso é chegar no topo. Eu tô trabalhando para chegar lá. Muito, muito.

**Respondente: posso fazer uma pergunta?**

**Entrevistadora:** claro!

**Respondente: por que uma pessoa por que uma pessoa tão intelectual, tão inteligente me escolheu para fazer essas perguntas?**

**Entrevistadora:** porque você é uma pessoa que ajuda os outros, essa é a sua perspectiva de vida e eu acho que isso é muito importante porque as relações estão muito superficiais. Então é uma busca de resgatar, na nossa sociedade, aquilo que a gente está perdendo. Hoje em dia você vê muita gente que está trocando as relações sólidas por coisas muito banais: por dinheiro, por poder, por outras coisas que elas não vão levar.

**Respondente:** é que nós vivemos em um mundo que é como uma fantasia de carnaval. É maravilhoso, é lindo, mas acaba em oito dias. E você vai ter que voltar para a realidade. Então a própria sociedade e as próprias religiões, essa divisão, esse céu e inferno, essa roupa da moda, a grife, as pessoas estão muito preocupadas em cuidar de sua aparência física. E eu sempre digo que o tratamento não pode ser de fora para dentro, é de dentro para fora. Você pode ter 70 anos e ter um espírito jovem, porque você procura todos os dias renovar de dentro para fora e sua consciência, as suas ações, o que você pode fazer, onde pode melhorar. Não colocar uma roupa lindíssima de marca, que eu não sou contra isso, e por dentro

você ver tão vazio, como se fosse um balão, com um mínimo furinho ele esvazia e desaparece. Não podemos ser balões. Não podemos selecionar as pessoas com poder aquisitivo lá em cima ou lá embaixo, porque cada um está no seu estágio. Tudo é necessário. Não é pecado ser rico, pecado é não saber ser rico. Acho que é muito fácil viver. Nós vivemos em um planeta maravilhoso, é o homem que tem que se ajustar à beleza do planeta. O planeta é lindo. Você olha na janela, olha uma flor e diz: “como pode a natureza ter criado tamanha beleza?”. Só que ela tem espinhos, geralmente. Então devemos ter cuidado quando damos um ramalhete de flores para alguém, se não damos com os espinhos afiados, para magoar as pessoas. É o que acontece hoje na sociedade. Qualquer coisa que um faz, qualquer coisa que der errado: “olha, eu fiz isso para fulano e fulano me fez isso”, quer dizer, então você não estava doando, você estava vendendo. Você está exigindo. Então não deixe a sua mão esquerda saber o que a mão direita deu. Siga em frente, siga em frente e respeita o tempo de cada um. Então se você me perguntar: “a religião é válida?”, sem dúvida, sem dúvida. Uma pessoa sem um parâmetro, sem fé, ela não pode ir muito longe. É na educação dos filhos, é lidar com seus vizinhos. É o teu parente mais próximo, é respeitar os animais, então tudo isso é um conjunto de coisas para que nós possamos ser melhores amanhã. Não sou uma fanática religiosa, não, eu sou uma observadora da filosofia, aquilo que me mostra verdade e base para caminhar. O espiritismo é uma filosofia que me dá essa base. Com muito orgulho.

## **HISTÓRIA DE JORGE – PARTE 1**

**Respondente:** olha, eu diria assim, que pra falar de solidariedade, ela não existe por si só. Ela exige outros fatores que despertam em você a solidariedade. No meu caso, por exemplo, eu começaria dizendo assim: fui uma criança pobre, humilde. Morava na zona rural, estudava e tinha que ir todo dia pra escola, pra cidade e ia, inicialmente, a pé, fui uns três anos a pé e depois ia de bicicleta. Então todo dia ia para a escola de bicicleta e cresci assim até os 22 anos, 21 anos quando terminei o meu ensino, hoje ensino básico, ensino médio, lá no norte do Paraná. Mas dentro dessa minha vida de criança, de adolescente, eu sempre fui motivado por querer, enfim, algo de bom para mim, melhorar minha vida. Não queria viver aquela vida que eu estava vivendo, não era aquilo que eu queria pra mim, queria coisas maiores, projetos assim, bem maiores e pra mim naquela situação era uma coisa inalcançável, inatingível, porque eu não tinha condições nem financeiras, não

conhecia nada, só conhecia a zona rural onde morava e a cidadezinha onde eu estudava. Mas eu sempre alimentei em mim esse ideal, sempre, sempre alimentei isso, sempre alimentava e o meu sonho era isso e eu vou fazer assim, eu vou fazer “assado”, ficava construindo sonhos, ideando pensamentos, sempre voltados pra isso, “que eu vou crescer, que eu vou ser um Doutor, que eu vou ser assim, que eu vou ser assado”, sabe? Ficava sempre construindo, diariamente construindo, bem isso na minha mente. Era uma coisa involuntária, aquilo saía e eu ia construindo, eu me prazeirava em construir aqueles sonhos. Então eu ia pra escola, eu voltava, demorava 1 hora de caminhada até chegar na escola, então nesse período eu ficava pensando nessas coisas. Aí já tinha uns 18/19 anos, por aí, um dos colegas de escola, que era, por sinal, muito amigo meu, a gente era amigo e começava a contar as coisas, ele tinha mais instrução que eu, tinha rádio, televisão e eu não tinha isso na minha casa, então ele começou a falar de uma cidade que chamava Curitiba. Eu falava: “nossa, que legal” e ele contava que lá era assim, que lá era assado, porque as irmãs dele vinham aqui fazer curso de professores, contava como era as coisas aqui e eu ficava assim: “nossa! Meu Deus! Que coisa maravilhosa!”, pensava “ah, eu quero morar nessa cidade”. Muito bem, então em um determinado momento a gente estava já prestes a se formar do curso técnico e no normal e realmente precisava de...porque não tinha mais escolaridade acima disso, então a gente tinha que tomar um rumo na vida. Então falei: “bom, o rumo é ir pra essa cidade” e aí pra dois colegas eu confidencializei: “ah a gente podia morar em Curitiba e tal. Os dois, um era esse que me falava de Curitiba e o outro era um outro colega. E ele falou: “é, então achou que é bom mesmo, a gente vai pra lá, vai estudar e não sei o que”. A gente ficava fazendo planos quando a gente se encontrava, às vezes, à noite. Encontrava com eles à noite porque eu morava no sítio. Então eu ia lá e conversava e a gente ficava fazendo sonhos, projetos e até deu sorte que eu era presidente da comissão de formatura e aí apareceu uma pessoa lá vendendo quadros de formatura. E daonde era o cara? Curitiba. Aí em função desse fato, no final do ano, lá por novembro, uma coisa assim, eu tive que vir a Curitiba para trazer as fotografias de todos os alunos, os colegas de classe. Recolher as fotografias, fazer o dinheiro, enfim, aquelas formalidades todas. E eu até peguei uma carona. E um desses amigos, que a gente ideava, veio junto comigo. O tio dele estudava aqui e tal, morava aqui e tal e a gente veio aqui. Viemos juntos, viemos de carro. Nossa! Foi assim, imagina o sonho dos sonhos, dos sonhos. É como hoje uma criança ir

para a Disney, foi vir pra Curitiba. Ficamos aqui acho que uns 4 dias, por aí, e acertei o negócio dos quadros. E aí, nessa viagem, a gente definiu o que a gente queria. Eu e esse colega. Eu falei pro outro colega que não tinha vindo e aí um quarto amigo, não, melhor, um terceiro colega falou: “não, mas se vocês forem eu vou também”. Então aí nós formamos um quarteto, aí um deles...os três moravam na cidade, só eu que morava na zona rural e um deles falou: “não, eu vou fazer o seguinte...”, uma cidade vizinha lá que era uma cidade melhor, parece até que estudavam lá também, “eu tenho uns amigos que fazem cursinho lá, vou perguntar onde que eles moram e tal, aí a gente pode morar juntos”. Ah, então ta bom. Aí um dia ele conversou ele e “olha, já descobri onde que eles moram e tal, eles moram numa república lá, é uma senhora que aluga lá uns quartinhos no fundo e tal e é bem barato”. Falei com meu pai e tal, meu pai falou: “olha, por um período eu consigo agüentar você, depois...”, aí eu falei: “não, aí a gente já vai trabalhar”. E assim viemos. Fizemos a mala, os quatro, aí um dos colegas nossos viria pra Curitiba pra trazer uns vereadores. Ele tinha uma Kombi de aluguel e a gente ficou sabendo que ele vinha pra cá, porque a cidadezinha era pequena, todo mundo sabia da vida de todo mundo. “Ah, então nós vamos juntos”. Então veio 4 vereadores e veio nós 4. Pagamos a viagem pra ele e tudo. E assim chegamos aqui no dia 14 de janeiro de 1974. Simplesmente com uma mala nas costas, era tudo que nós tínhamos. Dos 4, apenas 2 conheciam Curitiba, que era eu e esse meu amigo e os outros 2 não conheciam Curitiba. E aí nos ambientamos aqui e tal, fiz amizade com a dona dessa república. Na verdade não era bem república, era mais um pensionato. Ela morava na frente e no fundo ela fez umas casinhas e alugava os quartos para estudantes. E essa senhora foi muito gentil com todos nós, sabe? Ela nos ajudou muito, inclusive a gente ficou assim muito próximo e em um determinado momento ela até apresentou uma sobrinha dela que foi lá passear e tal: “venha aqui conhecer minha sobrinha, ela mora no interior do Paraná”. E fui lá conhecer a sobrinha dela. Desde o conhecimento dessa sobrinha, essa sobrinha virou minha esposa. E um dia também ela falou: “vou te apresentar meu filho e tal”, apresentou o filho dela e o filho dela disse: “eu trabalho no Estado e vocês não querem trabalhar no Estado? Tem concurso lá. Se vocês quiserem eu vou lá e vou indicar pra vocês”. E foi lá e nos indicou onde era, falou com quem deveria falar, aí nos inscreveu pro concurso e isso tudo assim seguido, sabe? Bom, pra você ter uma idéia, eu cheguei aqui em janeiro, lá por março fizemos o concurso, em maio a gente tava trabalhando no Estado, entendeu? Já

concurado. Dos quatro, os quatro fizeram concurso, três só que passaram, um não passou. E aí começamos a trabalhar, aí eu já tinha uma namorada, só que a namorada, assim, a gente só namorava por carta. Mas enfim, aí a partir disso eu comecei uma nova busca, digamos assim, muito grande dentro de mim para me encontrar. Então no meu trabalho, também, assim, eu fui muito bem recebido, fui muito, assim, já com coisa de um ano, um ano e pouco, eu já era subchefe do meu setor, até a despeito de outros colegas que tinha lá que fazia anos que estavam lá e tal. Então o chefe do setor gostou muito de mim e tal. Eu era um adolescente, né, assim, cheio de vida e já num instantinho eu já virei assessor, o nome, o assessor dele. Nossa, aquilo pra mim foi uma realização, sabe? E assim foi minha vida, sempre crescendo e eu cheguei a um momento da minha vida que eu comecei a pensar o seguinte: “bom, eu tenho feito todos esses progressos, mas sempre tem alguém que me ajuda, sempre tem alguém que estende a mão, sempre tem alguém que... eu não conseguiria fazer tudo isso sozinho, então as pessoas é que me proporcionam essa ascensão na vida”. Aí eu era, por exemplo, de denominação católica, freqüentava o catolicismo, as igrejas e tal, mas não era assim aquele assíduo, mas eu era católico, me identificava como católico e praticava o catolicismo. Mas aí foi chegando um momento de que eu achei que o catolicismo já não supria mais as minhas necessidades e aí eu comecei a buscar isso em outras denominações, então eu passei por um grande número de associações, de Igrejas, não vou dizer Igrejas, mas assim, denominações filosóficas, procurando me encontrar, enfim, entender melhor a vida, entender melhor os processos da vida e tal. E fazia isso, talvez com muita dificuldade, porque minha origem era muito humilde, então assim, eu fiquei muitos anos, assim, muito limitado, mas eu sabia que eu precisava alargar meus conhecimentos. E aí, enfim, procura por várias denominações, várias escolas filosóficas, eu conheci muita coisa, todas, evidentemente que, de um certo modo, me agregaram alguma coisa. E nesse momento todo, eu sempre observei que eu era uma pessoa, assim, eu tinha muita compaixão do meu semelhante, que era uma coisa...que era nato meu, estava comigo já. Então eu sempre tive essa compaixão, essa piedade dos outros, me apiedava do sofrimento alheio e tal. Não fazia nada ou quase nada, mas eu sentia aquilo dentro de mim, aquela emoção forte e tal. Então assim, eu fui passando por várias terminações e, evidentemente, que cada uma delas agregou alguma coisa na minha vida, sua filosofia, seu modo de ser. E aí motivado por...já estamos agora no

ano de 1998, eu já, inclusive, estava assim no auge da minha carreira, se é que existia o ápice, eu estava no ápice da minha carreira como funcionário público, alcancei o posto mais alto da minha organização e, nesse momento, eu tava assim no auge da minha carreira, do meu sucesso profissional, mas, em contrapartida, eu estava assim muito fragilizado, digamos, emocionalmente, eu tava passando uma grande crise motivada, evidentemente, por desacertos, decisões equivocadas da minha parte. E aí chegou um momento que eu tava assim em um momento insuportável da minha vida. E aí naquele momento assim, eu meditando, lembrei de um amigo: “puxa vida! Eu conheci essa pessoa e tal, muitos anos atrás”, isso já se fazia mais ou menos uns 12 anos que eu não via mais essa pessoa, é por aí, uns 12 anos ou mais, 12/13 anos. E aí lembrei dessa pessoa: “puxa vida! Será que se eu falasse com essa pessoa, será que ela poderia me dar uma luz?”. Aí eu chamei minha secretária. Minha secretária era uma pessoa assim de um bom relacionamento, era uma senhora muito elegante, uma pessoa de um conhecimento muito grande. Falei: “Dra. A senhora que é bem relacionada, a senhora conhece uma pessoa assim, assim, assim?”. Ela disse: “conheço”. Falei: “Você conhece?”. “Eu conheço”. “E você sabe onde eu posso achar ele?”. “Sei”. “Você pode fazer o favor pra mim de achar essa pessoa e botar ele no telefone que eu quero falar com ele?”. Então dali alguns minutos ele já estava ao telefone. Aí eu falei com ele e tal. Falei: “ô cara, quanto tempo! A gente tomou caminhos diferentes na vida e, amigo, é o seguinte... [ele nessas alturas já era aposentado] eu preciso da sua ajuda, preciso falar pessoalmente com você, será que você pode vir até aqui no meu trabalho?”. “Posso”. “Então eu vou mandar um motorista aí te buscar, me diz onde você tá que ele vai te buscar”. Aí ele foi lá e buscou, dali um pouquinho ele estava lá na minha frente. Aí a gente tomou café, bateu papo e eu falei: “ó, cara, eu tô numa situação, numa crise emocional muito grande. Nossa, eu tô assim, não sei o que fazer da vida”. Ele falou assim: “então faz o seguinte, nós temos aí uma instituição filosófica denominada espiritismo, vai lá, quem sabe lá você se encontra. Quem sabe você possa lá fazer carreira?”. Aí falei: “então tá bom”. Aí lá comecei, no dia seguinte já comecei a ir lá pra conhecer a casa, a escola e aí eu observei lá que foi o que mais me afinizou é que uma das coisas marcantes lá era exatamente o espírito de solidariedade, de fraternidade que ia de encontro com aquilo que eu sentia dentro de mim, que eu sempre tinha aquilo comigo, mas não sabia como fazer, aonde fazer, como praticar aquilo. Era uma coisa nata minha, era um sentimento meu, aflorado

em mim, mas eu não sabia como fazer aquilo. Não tinha...como é que eu vou fazer isso? Aonde? De que jeito? De que forma? E lá eu encontrei um...eu lá que havia essa possibilidade de praticar isso. E aí lá comecei então aos estudos, comecei a me inteirar das atividades da casa, já me agreguei a um grupo de trabalhadores. E aí chegou um momento, quando terminou o curso, os 2 anos de estudos preliminares, um cidadão lá na casa perguntou assim: “ agora, seguinte, o curso vai terminar e você gostaria de continuar na casa?”. Eu falei: “sim, eu gostaria”. “Você gostaria de fazer o que aqui?”. Eu falei: “ah, eu vou pensar e vou ver onde eu gostaria de trabalhar”. E aí eu fui ver lá nos departamentos quais eram as atividades que tinham na casa, aí ainda pensei assim: “bom, deixa eu ver aqui o que tem e vou escolher a que mais ajudar as pessoas e a mais humilde”. Aí olhei e vi todas as coisas que tinha e vi que o que era mais humilde, mais ajudava diretamente as pessoas, era uma determinada atividade, falei: “então é nessa que eu quero trabalhar”. E aí então comecei a minha atividade nessa escola filosófica praticando então a caridade e a solidariedade. E aquilo, evidentemente, que só veio aflorando em mim, só veio ampliando cada vez mais esse sentimento. Então passei lá nessa escola, nesse centro espírita por várias tarefas, por várias atividades, fiz diversos trabalhos, os mais diversos possíveis e já cheguei a dirigir a casa por 3 vezes. A direção da casa é uma eleição e já fui então eleito. Lá não tem chapa, você não tem a pretensão de ser o dirigente da casa. Tem um processo eletivo à parte de tudo aquilo que a gente conhece. Todo processo eletivo tem uma chapa, né? Ou tem 2 chapas e uma concorre e você é eleito por maioria, ou você é aclamado. E lá não tem chapa, a eleição lá é um processo curioso. Então pelo processo da casa, eu acabei sendo presidente da casa por 3 ocasiões. E sempre o que me motivou, o que me leva a despertar, o que mais me comove é exatamente esse sentimento, essa gratidão de poder retribuir aos outros aquilo que os outros fazem por nós; uns fazem voluntariamente, cada um faz de uma forma, outros fazem por profissão, por retribuição a um pagamento, outros fazem essa mesma caridade de forma... sem nenhum pagamento, mas o fato é que de uma forma ou de outra, a sociedade como um todo vive um ajudando o outro, não importa de que forma, se é sem remuneração, se é com remuneração, então sempre você é ajudado de alguma forma, de alguma sorte, por algum meio, para que você então se realize, se identifique com o ser humano, pra que você também se desperte, pra que você realize seus sonhos, pra que você se enxergue como ser humano. Então essa é



uma coisa que eu não só venho, digamos assim, instituindo na casa, de uma forma ou de outra, colaborando para que a casa faça cada vez mais esse tipo de ação solidária, como eu próprio, eu, particularmente, também, procuro cada vez mais também desenvolver esse sentimento, essa crença e materializar isso em ações. Então sempre estou fazendo, eu, particularmente, sempre estou fazendo isso e parece que quanto mais a gente faz isso, mais você é gratificado, mais você é recompensado; se não financeiramente, porque a gente não faz exatamente buscando a retribuição material, mas só a recompensa de você ver um irmão, irmã, um semelhante superar, conquistar ou adquirir alguma coisa e que você contribuiu direta ou indiretamente praquilo, já é uma grande realização íntima da gente. Então, assim, em poucas palavras, eu diria que minha vida nesse aspecto, no ponto de vista solidário, é isso. Então hoje eu procuro dar atenção a esse sentimento que eu tenho e trabalhar ele também, trabalhar praticando, dando testemunho daquilo que eu sinto, que eu penso, que eu creio, que é o meu ideal, exatamente dar um pouco de mim ao próximo, assim como o próximo também dá um pouco de si em benefício de mim também. Assim é a vida, nós não existiríamos sozinhos, nós não seríamos felizes sozinhos, nós não nos realizaríamos sozinhos, ninguém se realiza sozinho. Todos o nosso sucesso, nossas conquistas é graças à solidariedade ou à companhia de alguém, você nunca se basta sozinho. Então esse é o meu modo de ver a solidariedade e a fraternidade que são dois sentimentos muito próximos, duas virtudes muito próximas uma da outra.

**Entrevistadora: você falou das atividades da casa onde você trabalha. Poderia comentar um pouco mais sobre isso? Você poderia falar um pouco mais sobre essas práticas da solidariedade?**

**Respondente:** olha, eu vou dizer assim, vamos ver agora um projeto que eu estou muito entusiasmado e estamos desenvolvendo esse projeto na nossa casa. Falei de tantas outras atividades que a casa faz, mas essa acho que talvez vá ser o nosso ápice e também uma grande realização pessoal minha. Nós estamos criando na casa, vamos chamar de departamento da família. E o departamento da família, que a gente está estruturando, então o que a gente idealizou? Eu identifiquei 8 pessoas, inclusive eu, que tem essa sensibilidade, que tem esse viés social, caritativo. Então nós nos reunimos. Todas as semanas a gente se reúne por 1 hora, de forma virtual, para estudarmos ou debatermos o assunto família. Então nós temos uma literatura

filosófica espírita e estamos então estudando para ver como é que a gente vai então estruturar o nosso departamento. Então a gente já chegou assim a alguns denominadores ou algum plano de ação que a gente está elaborando e que esse plano de ação vai ser mais ou menos assim: então nós vamos identificar famílias e essas famílias podem ser qualquer família. Pode ser uma família em situação de vulnerabilidade social, pode ser uma família do bairro, que está passando por alguma dificuldade e pode ser uma família da própria casa, que lá tem muitos associados. Então o nosso propósito é fazer o seguinte: a gente pensa em fazer uma palestra por semana voltada para a família. Então quem vai ser o público? O público é toda a família. E quem é a família? A família pode ser o pai, pode ser a mãe, pode ser o pai e a mãe, o casal, pode ser o filho, porque ele também é da família, pode ser o pai, a mãe, ou seja, os pais e os filhos. Enfim, o fato é que todos nós nascemos e moramos numa família. Ninguém nasce sozinho e ninguém vive sozinho. Nós temos uma família. Ou provisoriamente pode estar sozinho por algum motivo. Mas o fato é que todo mundo tem uma família. Então a gente pensa em fazer uma palestra de aproximadamente 1 hora por semana para falar de família. E quais são os temas? As responsabilidades da família, falar sobre os compromissos da família, a solidariedade em família, o respeito em família, o auxílio que a família tem um para com o outro, as responsabilidades que os membros da família tem uns para com os outros, a vida da família na sociedade, a conduta moral e espiritual da família, a família e as drogas, por exemplo, que é uma realidade, a família e o problema sexual, que é outro problema que a sociedade enfrenta e por aí vai. Então a gente pensa em, uma vez por semana, em um auditório, fazer então uma palestra voltada à família, com o tema da família. A gente pensa mais: pensa também em fazer uma reunião também com a família. E quem é a família? Isso que eu já nomeiei. Fazer uma reunião aonde a gente faz uma introdução, uma prece e etc e já em seguida a gente vai fazer - o termo que estão utilizando por aí é roda de conversa. E o que é roda de conversa? Cada um vai expor a sua problemática. E, dentro desse grupo de família tem os freqüentadores e tem os colaboradores, ou monitores, ou, enfim, evangelizadores, a gente não sabe bem o termo que a gente vai dar. Enfim, mas não importa o termo. E essas pessoas que vão coordenar essa prosa, esse diálogo, são pessoas que tem conhecimento, que estudaram, que entendem exatamente do drama familiar, que entendem de filosofia, que entendem de religião, que entendem do drama familiar, que entendem de psicologia. Tem até

um médico que vai fazer parte desse programa. Então a gente vai ouvir as pessoas e, evidentemente, que cada um vai trazer a sua problemática. Então esse núcleo, essa reunião pode ter quantas pessoas? Claro, tem os monitores, vamos chamar assim, e tem esses que vão lá pra gente... que interessa a gente trabalhar. Que pode ser 1, pode ser 2, pode ser 10, pode ser 20. E aí se não der tempo, não der espaço para que todos falem, mas aqueles que ouvem aprendem com os que falam. É uma forma de aprendizado também. Então cada um vai expor o seu drama, sua problemática, seus conflitos e aí essa interação, esse diálogo, essa orientação vai então procurar, ajudar a procurar atenuar o drama, levando então conhecimento de como ele deve se portar para superar o problema, a problemática, quais os comportamentos, a conduta, as providências que poderia tomar. Então essa é uma outra atividade nesse assunto família. Uma outra atividade também nesse departamento família é essas famílias em situação de vulnerabilidade social; essas que estão, às vezes, nas sarjetas; essas que estão, às vezes, digamos assim, nas situações mais deprimentes, seja em qual situação seja. A gente também que ouvir essa família, essa pessoa. E quer ouvir de que jeito? Bom, essa, o drama maior dela talvez seja a comida, uma cesta básica, então a gente se propõe a dar isso. Às vezes é roupa; a gente dá. Às vezes é remédio; a gente dá o remédio. Às vezes pode ser, até mesmo, um bem doméstico, um fogão, uma cama; a gente dá isso. Pra que essa pessoa, nesse momento, resumindo tudo nesse departamento, com esses 8 colaboradores, não resolver o problema das famílias, mas, pelo menos, dar condições para que eles possam mitigar a sua dor, seja ela física, material, espiritual, psicológica, social, até mesmo de emprego. Teu filho precisa trabalhar? Não acha emprego? Então a gente vai procurar emprego para ele. Então esse é o projeto que está em curso, voltado para a solidariedade. Porque se eu tive, por exemplo, uma família que me acolheu e me amparou, me deu suporte, hoje eu vejo a importância da família e sei também que há famílias bem mais aquinhoadas moralmente, espiritualmente, financeiramente do que a minha, mas também tem piores. Tem famílias que não tem um pão para dar para o filho. Às vezes para dar esse pão precisa roubar, matar, esmolar, prostituir. Então a gente está com esse propósito de levar esse projeto em frente e eu acho que vai ser assim, no meu modo de ver hoje, com esse entusiasmo que estou, desse departamento, da criação dessa tarefa, acho que vai ser, assim, o ápice nosso e a gente vai trabalhar, exatamente, que a casa tem muitas atividades, mas eu acho que essa vai ser a mais elevada de

todas e estão dentro, então, dessa ação, dessa promoção social, dessa ajuda social e nós vamos fazer isso ao nosso conhecimento, com as nossas dispensas, com a nossa estrutura e não queremos ajuda de governo, de prefeitura e nem... apenas nós vamos fazer isso. Então esse é um projeto que a gente está trabalhando para realizar ele esse ano.

## **HISTÓRIA DE JORGE – PARTE 2**

**Respondente:** a minha história de vida é simples. Eu nasci em uma família humilde e a gente morava na zona rural, mas, mesmo morando na zona rural eu deslumbrava um mundo diferente para mim, não me via na zona rural. Eu observei que a minha tendência, a minha vocação era exatamente para sair daquela circunstância, enfim, procurar meios e formas de materializar novas possibilidades para mim mesmo. Eu era muito jovem, adolescente e comecei a trabalhar exatamente nesse meu sonho. Era um sonho assim, naquela circunstância que eu vivia, naquele momento, era uma coisa assim muito ambiciosa. Porque eu imaginava vir, digamos que para uma capital. Que capital? Não, não sei, uma capital. Eu me imaginava no meio de políticos, de autoridades. Mas que autoridades? Também não sei, mas me via nisso. E eu mentalizava isso. Eu construía sonhos em cima disso, muito embora naquela vida humilde. E sabia que para conquistar alguma coisa eu precisava estudar. Isso eu tinha plena consciência. E foi o que eu realmente fiz. Então eu me dedicava, dediquei o tempo que eu tinha aos estudos. Então fiz o primário, fiz o ginásio, depois fiz o normal, o colegial que acho que nem existe mais. Normal era para quem ia estudar e queria ser professor. E tinha o técnico de contabilidade que era para quem queria ser contador. Então eu fiz os dois. Estudava cedo no normal e à noite estudava o técnico para ser contador. Enfim, os horizontes foram se ampliando, foram se alargando e aí lá pelas tantas eu fiquei sabendo da cidade de Curitiba, mas, enfim, nunca tinha vindo aqui. E aí o universo conspirou, de sorte que eu passei a ser o presidente do grêmio estudantil. E o presidente do grêmio estudantil era exatamente o cara que se preocupava com as formaturas, com a formatura da turma. E aí como tal, precisava fazer, por exemplo, os quadros de formatura, aquelas coisas todas. E aí arrumaram para mim uma carona para eu vir a Curitiba ver exatamente essa história dos quadros. E assim eu vim, a primeira vez, para ver como a gente poderia adquirir os quadros. Aí depois foi um cara lá para vender os quadros e aí gostei muito daqui e tal, estava deslumbrado na época, aí

voltei com essa mesma carona. Ficamos aqui acho que uns dez dias. Nossa, achei assim, “é lá que eu quero, é lá”. E aí cheguei lá e comecei a fazer a cabeça daqueles colegas que eram mais próximos de mim e que tinham afetivamente mais condições financeiras e tal. E aí eu tinha três colegas e eu incuti na cabeça deles que seria bom a gente vir para cá, que era legal, que a gente ia se dar bem. E aí a gente começou a conversar com outros colegas de outras cidades, até que indicaram: “então você faz o seguinte, já que vocês querem isso, vocês ficam na pensão tal, no lugar tal, assim, assim, assado, que o pessoal de tal cidade fica lá, lá é muito legal, perto disso, perto daquilo”. E assim nós fizemos. E aí, claro que passei por muitas dificuldades, mas eu aprendi muito com essa experiência. Que, assim, para que você possa ser alguém na vida, você precisa ter amigos, precisa ter pessoas que te auxiliem, te ajudem. Observei também que os sonhos poderiam ser materializados. Eu observei com a minha própria experiência. Eu vi que fazendo daquela forma, construindo sonhos, de forma reiterada, você alimentando aquele sonho reiteradamente, era possível você materializar. Eu não conhecia nenhuma teoria, não conhecia nada, só sabia que se eu fizesse isso dava certo. E fui observando ao longo da minha vida, depois profissional, etc, que a gente para ser alguma coisa, você precisa ter alguém. Sozinho você não chegará a lugar nenhum e não será nada. E comecei a observar que o pouco que eu tinha conquistado era graças a mim, mas também com ajuda de pessoas, muitas pessoas. Uma indicação, uma ajuda, um empréstimo, avalizando alguma coisa, endossando nos bancos e etc. Pessoas que, às vezes eu nem conhecia direito e faziam aquilo por mim. E eu vi que isso que as pessoas faziam por mim eu recebia aquilo com muita humildade, falava assim “que bom que essa pessoa me fez isso, me ajudou. Já pensou se ele não faz isso por mim? O que que ia ser de mim? Como é que eu a fazer? Como é que eu ia comprar isso?”. Precisava de um avalista, as coisas assim da vida. E eu comecei a falar assim: “bom, essa gratidão eu preciso ter com as pessoas, porque assim como alguém me ajudou, essas pessoas me ajudaram ao longo da minha vida, desde muito jovem, vai chegar o momento que eu vou retribuir isso para as pessoas também. Porque é muito legal você receber isso, é muito bom receber isso. Então eu vou, quando tiver condições, na medida das minhas opções, das minhas posses, eu vou também fazer as mesmas coisas com os outros”. Porque eu vi que para a gente ter precisava doar alguma coisa, então na proporção que a gente dava a gente recebia. E foi assim. Então essa foi, digamos, a minha experiência particular, a

minha vivência íntima, própria. Eu mesmo fui a minha...onde eu forjei a minha própria experiência. Eu vi que aquilo dava certo daquela forma. Aquela atitude era a forma de se fazer as coisas para que você conseguisse materializar os teus sonhos. E aí evidentemente que, à medida que os anos foram passando, dentro das minhas possibilidades, foi aumentando o meu grau de solidariedade, de ajuda, de fazer o bem, de ajudar as pessoas, de ser solidário, de ser caridoso, de ser amigo. Aí à medida que os anos foram passando, eles foram ficando cada vez mais fortes. E assim foi. Então essa é a minha experiência, é a minha vivência. Em poucas palavras, exatamente isso. E aqui no centro, na casa espírita, eu entrei por outros motivos, eu entrei aqui para amenizar uma crise que eu estava passando, interna. E depois, à medida que o tempo foi passando, eu vi que aqui eu também poderia doar um pouco de mim. Eu não sabia o que fazia aqui direito, só vi que podia fazer. Aí eu fui ficando na casa, fui estudando e fui trabalhando, fui me doando. Porque eu falei: “puxa vida! É uma oportunidade que eu tenho de fazer exatamente com mais intensidade aquilo que eu sempre quis fazer. E que às vezes fazia, uma gotinha aqui, uma migalha ali e aqui eu vi que podia fazer com mais intensidade isso. E aí eu fui ficando e à medida que eu fui fazendo e mais e mais possibilidades foram aumentando para que eu também me doasse cada vez mais e eu me sentia feliz, me sentia realizado fazendo essas coisas. Eu via que era uma felicidade diferente da felicidade de outras coisas. Às vezes de um bem material ou de um momento passageiro. Eu via que a felicidade aqui era mais intensa e mais forte, mais duradoura que a felicidade, digamos, material. E aí, à medida que eu fui observando isso, eu fui aumentando e me doando cada vez mais para que eu retribuísse aquilo que a vida me deu. E aqui também continuo recebendo. À medida que eu me dão, também recebo, recebo em forma de felicidade, recebo em forma de saúde e de despertar mental, despertar intelectual. É uma troca, o próprio universo me retribui isso de várias formas, de momentos agradáveis. Então a solidariedade que eu pratico é exatamente essa. É uma espécie de gratidão de tudo que eu recebi na vida, das bondades que eu recebi na vida e que me foram muito caras, muitos marcantes, porque através delas que eu materializei meus sonhos. E a felicidade aqui, principalmente na casa espírita, ela não é só material, aliás, o material aqui às vezes é até o de somenos. A solidariedade maior aqui é exatamente a solidariedade espiritual, a solidariedade psicológica, o acolhimento, o carinho, o amor com que às vezes você se dedica às pessoas. Então, essa me parece que é a maior

solidariedade que a gente pratica aqui. É lembrando as pessoas. Que às vezes você lembra de uma pessoa, uma coisa assim que para você aquilo não foi nada, mas pra aquela pessoa, naquele momento, Ela fica assim: “gente do céu, era tudo que eu precisava na minha vida, nesse dia de hoje, como você foi bom para mim nesse aspecto. Pedi tanto a Deus para que acontecesse isso”. E às vezes para você que fez aquilo: “nossa, fazer isso foi tão bom pra aquela pessoa, nem sabia”. Então assim, claro, a gente faz também, pratica também essa solidariedade material, mas ela é até de somenos importante aqui pra gente hoje. E aprendi também que essa solidariedade do amor, do bem, ela é muito mais gratificante, não só pra quem recebe, mas também pra quem dá.

**Entrevistadora: ali nos meus resultados apareceu alguma influência familiar. Você poderia dizer como era a sua relação com seus pais e se eles tinham essa prática, como era a relação deles com a solidariedade e se isso te influenciou a seguir esse caminho?**

**Respondente:** olha, conscientemente, em partes, talvez sim. Mas assim, claro que os primeiros anos de vida que morei com meus pais...eu saí de casa muito cedo também...eu, na verdade, vivi até pouco com os meus pais, mas assim, eles também, dentro de suas possibilidades, e eram pessoas humildes, eles também praticavam essa solidariedade retribuindo para os vizinhos, às vezes uma troca de um serviço, às vezes o vizinho precisava buscar um animal, por exemplo, então o meu pai às vezes se prontificava: “não, eu vou junto com o senhor lá para buscar isso”. Às vezes precisava fazer uma cerca; essas coisas que tem lá na zona rural. Às vezes meu pai também se solidarizava. Ou às vezes um litro de leite, que a gente tinha vaca, então o meu pai dava para as pessoas, para as crianças, por um período grande de tempo. Dava para pessoas humildes que às vezes não podiam comprar um litro de leite. A gente tinha muito leite, então tirava o leite e vendia pelos frigoríficos e eu sei que ele dava leite para as pessoas que não tinham possibilidade de comprar, pessoas doentes, eu sei que ele dava. Dava e não cobrava nada. Dava assim, às vezes por anos a fio. Às vezes, na zona rural também é muito comum matar porco, porque o porco é uma forma de você ter a carne, você ter a gordura, a banha que eles chamam, então é característico da zona rural criar porco exatamente com esse viés de você ter o porco para você ter a carne, ter a banha e tal. E era costume dos meus pais dar, presentear os vizinhos, com um pedaço de carne, uma

lingüiça. Então eu via isso e achava legal. Assim como também meus pais às vezes ganhavam de um vizinho ou outro, quando o outro matava lá um porco, dava também um pedaço de carne. E eu via, a minha mãe sempre falava para ajudar os nossos vizinhos e eu achava legal isso. Mas eu fazia essas coisas, a minha solidariedade, não porque meus pais pediram, aí já era uma construção minha. Claro que direta ou indiretamente, obviamente deve ter me influenciado, mas assim, não sei exatamente, talvez inconscientemente. Inconscientemente pode ter me influenciado também esse espírito de solidariedade, de fazer o bem. Mas assim, não lembro exatamente, mas o pouco que eu vivi com eles tinha esse espírito de solidariedade para com o próximo. Então os pais, o lar, a família, de uma forma ou de outra sempre tem...auxilia os filhos ou influencia ou educa, talvez consciente ou inconsciente, porque os atos, os exemplos falam mais do que as palavras. Então cresci mais ou menos assim. O pouco que vivi com eles porque eu fiquei muito tempo fora.

**Entrevistadora: e essa sua relação com seus amigos, já que você entende a solidariedade pelo compartilhamento com outras pessoas, desde criança você já tinha essa concepção ou foi desenvolvendo com o decorrer da trajetória?**

**Respondente:** foi desenvolvendo. Essas pessoas que fizeram as coisas para mim ou por mim, grande parte deles, eu, às vezes, nem tive como retribuir aquilo que eles fizeram para mim, eu fui retribuir aquilo para outros. Então aqueles mesmos que fizeram alguma coisa por mim, talvez nem precisassem de um favor meu, de uma solidariedade minha. Aqueles que fizeram e que eu pude contribuir ou colaborar com eles, à medida das minhas possibilidades, da possibilidade também deles aceitarem a minha ajuda, minha solidariedade, eu a pratico. Mas a solidariedade mesmo, na verdade você a exerce, a pratica exatamente com quem você nem conhece, nem sabe quem é. Ou aquela pessoa que você, às vezes, nem espera. Então, assim, a solidariedade de um modo geral, pelo menos que eu pratico, a grande parte dela eu pratiquei para pessoas que eu não sei quem é, outras que eu vi poucas vezes, outras que talvez não tivessem feito nada por mim, mas eu fiz por elas, naquilo que eu podia fazer. Que tá exatamente a maior solidariedade, a maior virtude tá nisso, é fazer sem esperar nada em troca. Porque se eu fizesse em favor daquele que fez alguma coisa por mim, eu tava retribuindo praquela, mas eu fui fazer exatamente com outro, que, às vezes, eu não sabia nem quem era ou que não tinha feito nada



por mim, pra mim. E foi exatamente pra esses que eu fui fazer alguma coisa; ajudar ou estender a mão ou, enfim, fazer algo de levar a ele um conforto, uma palavra, um favor, um benefício. Foi exatamente pessoas que, vamos dizer assim, eles não tinham nenhum mérito comigo, mas tinham com o universo e o universo me elegeu para fazer aquela solidariedade para ele. Assim como aqueles que fizeram alguma coisa por mim, não fizeram por interesse, por nada, fizeram por amor, porque o que eu poderia retribuir para eles? Nada ou quase nada. Fizeram por amor, também. Então a religião também ajuda bastante você a despertar esse sentimento que às vezes está em nós, mas precisa de um exercício, de uma orientação. Então o fator religioso também ajuda você a despertar e fortalecer isso. O cristianismo, quando bem entendido, nos ajuda muito nesse sentido. Como tudo. Desde que você entenda o sentido. Não o sentido que você quer dar, o sentido que realmente é aquele ensinamento. Porque a gente vê, às vezes, muitas coisas aí que a pessoa quer dizer que ele falou isso. “não, ele não falou isso. Você que está querendo forçar no entendimento. Então a religião ajuda bastante você despertar virtudes.

## **HISTÓRIA DE DONA MARIA – PARTE 1**

**Respondente:** quando eu tinha sete anos, morava no Bacacheri, bairro Bacacheri, em Vila Tingui, e eu ficava olhando, vinha gente lá de Campina Grande pra cá e não tinha onde ficar. A minha mãe recolhia, repartia o pão, um ovo valia para 10 pessoas (risos) e eu fui pegando esse ritmo. A minha avó falava o que era repartir o pão, o que era saber dividir as coisas e eu fui pegando. Aí já fazia parte da Igreja São João Batista, na Vila Tingui e também já comecei ali a ajudar a limpar, servir e nunca mais parei, pegando coisa da rua, limpando, arrumando, fui pegando, pegando e faço até hoje. Repartir o pão, já fiz dois partos de rua, carrinheira, tava passando mal e eu recolhi, pus na minha cama e fiz o parto. Só deixei ir embora depois que melhorou. Já fiz voluntariado no leprosário São Roque, fiz voluntariado no hospital de tuberculoso. Casada, quando morava no Bairro Alto, eu vim aqui no Hospital das Clínicas e as mães que vinham de fora, não tinham onde ficar, eu levava pra minha casa, pro meu apartamento que era pequenininho, apartamento da COHAB, mas eu levava pra lá e sempre fiz isso. E tem pessoas da minha família que tem nojo do que eu... Então e não paro. Você vê, agora veio uma família do Nordeste com a criança doente, ficou 45 dias na UTI, aqui no Hospital das Clínicas. O que que eu fazia? Como não tinha conhecimento aqui, eu fui mais amiga, sou mais amiga e ajudando,

levando o nome para a Igreja, trazendo lembrancinha da Igreja e conversando. Graças a Deus o menino pegou alta, tá em casa já. E é assim que eu faço. O que eu peço pra Deus é saúde pra mim não parar e os de rua – você viu agora - eu paro, converso, dou atenção, dou tempo e muitos já mudaram, já não são mais de rua, já alcançaram os objetivos deles, só que daí eu não vi, acho que estão pra fora ou estão fazendo curso, mas esse também eu faço. Parar, dar tempo, dar atenção, dialogar. Não é porque é de rua, porque tá com mau cheiro que eu não vou dar atenção, muito pelo contrário, quem sou eu? E esse é o meu trabalho.

**Entrevistadora: eu queria saber o que te inspirou a fazer isso. Como foi sua infância, adolescência?**

**Respondente:** com 14 anos eu comecei a trabalhar no centro, lá na Dr. Muricy, numa confeitaria. Tinha dias, eu encontrava as pessoas que não tinham um dinheiro para comer – que antes não tinha essas doações – eu vinha a pé pra casa porque o dinheiro da passagem eu dava para comer. Desde os 14 anos de idade também e lá aonde eu trabalhava, na confeitaria, eu pedia, então sempre fazia uma doação, sempre. E acho que com 15 anos eu assumi sozinha a confeitaria, que eles tinham que viajar, eram gregos e eu assumi tudo com 15 anos. Coloquei gente para trabalhar, responsabilidade minha, mas sempre também, sempre dei um café, um pão. Aí só saí pra casar, daí casei, mas nunca parei. Aí engravidei, no primeiro filho, faleceu no meu braço, sem doença, sem nada, depois eu não podia ser mãe porque o meu útero era infantil. Aí tô no Hospital Evangélico, porque fui adotar, comecei a passar mal, eu tava grávida de 3 meses. Minha filha nasceu e ficou 8 meses internada e eu não parei. Aí que eu me dediquei mais ainda para a doação e para fazer voluntariado, principalmente dentro de hospital e sempre a ala que eu mais trabalhei em hospital, a ala dos homens porque ninguém queria esse tipo de trabalho. E eu não tenho estudo nenhum, nem o primeiro ano e sempre participei de tudo, de tudo mesmo. Agora já faz um tempinho. A OAB, se eu quisesse estudar, eles pagavam para mim, porque eu participei na Santos Andrade lá de uma palestra que teve e eles acharam bonito das minhas respostas e daí perguntaram se eu queria estudar e me fizeram doações. Eu disse: “não, me formar aos 100 anos” (risos), eu estou com 74 agora. Mas não paro, estou aqui com 3 sacos de roupas aqui e mais lá pra dentro, ajudando lá em Colombo e o que tá aqui vai pra Paranaguá, pra doação. E eu faço isso. Tem um carrinho, dou alimento também.

Não sei, enquanto Deus me der saúde eu vou à luta. E da Igreja do Perpétuo Socorro me conhecem, do Guadalupe, Igreja do Rocio, em Paranaguá e Aparecida. Recebo cartas em agradecimento pelo que eu faço e que eu não pare de fazer. E as duas filhas que eu tenho também fazem trabalho. A filha adotiva, um dia quase sem roupa para vestir uma de rua no centro, aí ligou para mim: “mãe, to sem nada aqui, fiquei com dó, assaltaram, levaram tudo, mãe, só não fiquei sem roupa aqui, mas dei tudo”. Disse: “bem que fez”. E a de Paranaguá também faz, sempre no lar de idoso, sempre fazendo voluntariado também. Então eu agradeço muito e mais um motivo para não parar e os vizinhos aqui tudo sabem. Você vê, do segundo prédio ali, a chave do apartamento tá aqui comigo. Sempre tá lá olhando, cuidando, então eu agradeço muito por isso. E você veja, de eu estar morando aqui, a minha responsabilidade, que eu vim cuidar da dona. Cuidei dela 15 anos, praticamente. E o pedido dela era que eu ficasse aqui pra olhar pelo sobrinho que mora do lado aí que a família morreu tudo. Tem uns primos só, uns grandões. E estou aqui.

**Entrevistadora: a sua mãe fazia trabalhos voluntários?**

**Respondente:** a minha família, como eu vou dizer para você? Fazia. Ela recolhia as pessoas e dava de comer, dava de vestir, mas não era parente, era só conhecido, era comadre ou era...fazia. E desde muitos anos atrás, eu tenho 74 e tinha sete anos, na época, então ela fazia, só que ela faleceu, infartou, daí meu pai morreu com 97, eu que cuidei até os últimos minutos; minha vó com 103 anos, eu que cuidei e aprendi com ela o significado de dar a mão ao próximo, porque ela foi escrava, então ela tinha sofrido muito e daí ela ia me passando como é que tinha que fazer para sobreviver e eu aprendi com ela. E você veja, daí tive a minha filha, 8 meses sofrendo com ela internada, melhorou, daí de presente ela queria uma irmã adotiva e eu adotei antes de nascer. Aí quando a adotiva estava com dois anos e meio, o meu marido faleceu. O que eu tinha, vendi tudo para tentar salvar ele, porque foi um acidente em Santos. Ele faleceu e eu fui à luta. Criei as duas, graças a Deus estão bem, mas sofri muito. Só que nunca ninguém me viu chorando, uivando, ao contrário, eu só me ajoelhava e agradecia a Deus e pedia saúde, o restou eu ia atrás. E foi o que aconteceu. E a filha adotiva é coordenadora de uma escola, casa de apoio de criança abandonada e casa de adolescente. E liga de manhã, liga de noite, ver se tá tudo bem, se tá tudo em ordem e a de Paranaguá, mesma coisa. Então esse é o trabalho que eu faço e se disser que estão precisando, eu tô indo. Eu

fui convidada, não faz muito tempo, se eu queria fazer voluntariado na Angola. Eu disse não, eu podendo ser útil aqui, fico por aqui. Daí minhas filhas pediram: “não, mãe”. O pessoal da Igreja do Santo Antonio no Bacacheri, que me conhecem também, daí minhas filhas disseram: “não, mãe, a sua obrigação é aqui, a Senhora vai pra fora e nós não vamos ter sossego”. Daí fiquei por aqui mesmo e sempre ajudando, sempre pronta.

**Entrevistadora: você me disse ali que sua avó te ensinou o que é estender a mão ao próximo. Você poderia explicar o que entende por isso?**

**Respondente:** nunca rejeitar pessoas. Porque desde a infância, a raça preta, a raça negra, sempre foi rejeitada, então ela falava pra mim: “que cor tinha Deus, alguém sabe? Não”. E outra, sempre ajudar o próximo, porque o amanhã a Deus pertence. Outra coisa que ela me ensinou e eu sigo até hoje: o valor do que vem da terra. Que jamais Deus iria pôr alguma coisa na terra se não tivesse valor. Quando estivesse de baixo astral, que fosse em uma árvore, conversasse com a árvore, ali tá a força. Mas que eu nunca medisse pelo próximo. Até doação de cabelo, eu tinha o cabelo pela cintura, cortei e doei. Sempre fiz isso e aprendi com ela. Meu Deus o que ela sofreu, com a quantia de filhos que tinha, superou tudo e foi até os 103 anos. Agora, dos 14 irmãos, a única que sempre deu atenção pra ela fui eu. Eu não quis estudar, não fui estudar pra ficar dando atenção pra ela e agradeço por isso. Claro que assim, sou bem ligada à leitura, mas coisas instrutivas, então é onde eu aprendi, também, bastante coisa. Nossa, eu sempre sempre fui assim e nunca tive medo de pegar doença, não. Nunca, nunca, nunca, nunca. E, também antigamente, usavam máscaras já. Máscara, luva, eu nunca usei, mesmo onde eu ia fazer voluntariado e, graças a Deus, nunca peguei nada. Lá, quando meu marido ficou 10 dias internado, em Santos, quem me ajudou e também me fez aprender esse tipo mais ainda, a irmã do Mario Covas que fazia voluntariado - só que a maioria não sabia - e a gente ficava juntas no hospital conversando e trocando idéias e eu tendo companhia, eu não tinha companhia. E sempre sempre tive amizade com pessoas da alta, só a única coisa, eu nunca quis aparecer. A Rede Globo foi na minha casa quando eu morava no Bacacheri. Ali tudo bem, porque era de uma casa de massas, daí eu expus a minha casa pra eles fazerem. E quando eu trabalhava, cozinhei bastante para o pessoal da Globo, principalmente os artistas quando vinham de fora. Nossa,

precisava ver, não era para mim, mas me sinto bem, nossa, como me sinto bem fazendo isso e dando continuidade não sei até aonde.

**Entrevistadora: o que você entende por solidariedade e qual o impacto desse seu trabalho na sua vida e na vida das pessoas?**

**Respondente:** na minha vida é o maior prazer eu poder ser útil ao próximo. Nossa, como eu me sinto maravilhosamente bem e ser útil, ser solidária, repartir, não só o pão, mas, às vezes, a pessoa tá pra baixo, esboçar um sorriso, um cumprimento, é remédio. Então eu vejo assim. Não sei se tô certa, mas eu vejo assim. A solidariedade é dar a mão, servir, ser útil... Nas favelas entrei bastante fazer o leite. Eu me dediquei inteiramente para fazer isso daí, fazer levantamento das pessoas que precisavam. Só o que eu pedia: nunca ser gravado. E eu fiz isso aí bastante em todas as favelas. Eu morei aqui no Capanema, nossa, o que eu servia ali. Até a minha filha, essa que mora em Paranaguá, era da idade da tua filha e não tinha medo, batiam, ela ia lá e servia, então pra mim isso daí é gratificante. E essa minha filha adotiva também faz esse trabalho. Aqui no hospital São Vicente também já fiz, só parei porque eu vi uma coisa lá que não gostei. Se eu vejo coisa errada, eu vou, converso, não adiantou? Tô fora. O padre que faleceu agora, padre Lourenço. Meu Deus do céu, a amizade que nós tínhamos. Que gratificante. Essa semana conversamos bastante com outro padre que tava ali e eu contando pra ele: chegava, a gente ia conversar, trocava uma idéia e ele fazia...só que os outros padres também não sabiam, não viam, mas ele dava dinheiro pros de rua tudo. Eu já fiz tanta coisa e não vou parar. Não vou. Você vê, tem uma morando comigo aqui, morava ali naquelas peças que tem para alugar ali e tava desempregada e ia ser despejada, não conseguia...eu recolhi. Trabalha num escritório lá perto do Shopping Estação e mora nessa peça aqui. Meu sobrinho, de Paranaguá, da família de bens aqui de Curitiba, vó, vô, tudo, mas não. Tá trabalhando aqui no Hospital de Clínicas e fazendo faculdade, mora aqui comigo, tá dormindo lá em cima. Daqui a pouco ele chega de Paranaguá, daí uma hora ele entra no serviço. Eu sou assim, não meço, mas nada por interesse, ao contrário, mais é pra ajudar.

**HISTÓRIA DE DONA MARIA – PARTE 2**

**Respondente:** comecei com sete anos de idade. Eu ia para a Igreja, fazia a catequese e a minha avó tinha 103 anos, não, tinha 100, morreu com 103 anos, mas

me ensinava tudo, o valor e o significado do que vinha da terra, o valor de amor ao próximo, tudo, alimentação, de Deus, ela amava muito. E daí eu fazia a catequese, saía da catequese e vinha ficar com ela em vez de eu estudar. Eu estudei um ano só. Depois nós tínhamos uma vizinha, da família dos Gulin, dono da Glória. Eles iam trabalhar e ela ficava sozinha. Eu pulava o muro, a cerca e ia lá cuidar dela (risos). Só arte, né? Mas nunca parei. [interferência/interrupção]. Mas então, eu continuo fazendo esse serviço, voluntariado. E eu não paro. Tá ali, 10 sacos de roupa, vieram de Colombo. Esses dias mandei 15 sacos para o Cotoengo. Lavo, arrumo, conserto e ajudo o próximo também. Então esse é o meu costume, meu ritmo e eu não paro. E repartir o pão. E ser mais...que nem muitos de rua passam, pedem uma comida. Eu dou, mas fico conversando, eu dou atenção. Tem dois que se formaram padres e hoje um passou aqui que está indo para a casa de apoio para se recuperar. Tem uns vizinhos que até tem vergonha de mim, tem nojo de mim, do que eu faço, mas é meu serviço, vou fazer o quê? Que nem agora, ela (a moça que estava em sua casa) está separando umas pecinhas de roupa, tem um filho, uma filha, daí leva. Mas são os únicos que entram aqui, que ajudam a fazer todo o serviço, lógico, pago, não é de graça, mas não é aquela exploração. Hoje você tem que contar até 100 em quem você recolhe.

**Entrevistadora: e você poderia falar um pouco mais sobre a sua avó?**

**Respondente:** então, ela era negra, cabelo por aqui (pela cintura), mas uma inteligência que se tivesse talvez estudo, não tinha tanta habilidade, tanta... então eu não largava dela, tanto que ela faleceu assim no meu braço, falando: “tô indo, fique com Deus, Deus que abençoe e nunca esqueça o que a vó ensinou para você”. Nós tínhamos fogão de lenha, daí ela que me ensinou a cozinhar. Ela que ensinava como é que tratava as plantas, as árvores, tudo, roupas, costurar, remendar, na época era remendo, ela que me ensinava tudo. E eu não me desligava dela. Então eu aprendi muito. Depois aprendi com o papai também. Nós em 14 irmãos, mas ninguém queria nada. E eu não. Papai era carpinteiro, era pedreiro. Eu acompanhava em tudo. Não tem o que eu não saiba fazer. Eletricidade, aqui eu mudei tudo sozinha. Eletricidade, carpintaria, tudo eu sei fazer. E sou ligada à leitura, mas coisas instrutivas. E você precisa ver o que eu ganho, os livros, as revistas, sobre medicina, tudo. Então eu sigo, eu continuo.

**Entrevistadora: e essa questão da solidariedade com a sua avó, como era?**

**Respondente:** eu dormia aos pés dela, do amor que eu tinha por ela e por mim, porque os outros não queriam saber, era velha...e eu não, eu sempre valorizei, então dormia aos pés dela. . Se ela precisava de alguma coisa eu estava pronta. E na época não tinha panela elétrica, panela de pressão, era tudo no fogão de lenha. Ela que me ensinava. Como é que fazia, o tempo, o valor, tudo. A única coisa que, agora mesmo eu estava falando para eles, que eu nunca aceitei, quando iam matar galinha, perto de mim não, eu não aceitava. Sempre me chamaram de arteira por causa disso. E amor ao próximo também. Por mais que fechasse a cara, não cumprimentasse, mas eu fazia a minha parte. Você veja que quando o Papa esteve aqui, no Brasil, em Curitiba, eu que cozinhei pra ele, porque ele era diabético e eu ajudava a Igreja São João Batista, na vila Tingui, daí eu que fiz a comida. Então eu viajo todo ano com os padres aqui do Perpétuo Socorro. Todo ano eu viajo com eles, nossa, que felicidade. Eles sabem que se precisarem eu estou pronta, então daí eu vou junto e fico no mesmo hotel, tudo. Nossa, eu me sinto bem. O padre Reginaldo também, se ele está em Paris, está na China, no dia do meu aniversário ele me telefona, nunca deixou passar em branco. Porque eu ajudei a cuidar do pai dele quando ele começou no Guadalupe. O pai dele ficava sozinho lá embaixo, daí não tinha com quem conversar, já era de idade. Eu ficava lá conversando com ele, matando o tempo. Você veja, fiz dois partos de rua, começou a passar mal, eu vi, recolhi, pus na minha cama e fiz o parto. Depois chamei um médico que era conhecido, agora não está aqui no Brasil, deu os parabéns do que eu tinha bem feito. Nossa, eu agradeço, agradeço mesmo. E não paro.

**Entrevistadora: e quais foram as principais lições que você aprendeu com sua família: seu pai, sua avó, para te incentivar nesse caminho da solidariedade?**

**Respondente:** educação, respeito, não cruzar os braços, não ficar assistindo novela e dar importância ao que Deus deixou. Isso eu continuo até hoje. E eles eram assim. A minha mãe faleceu cedo porque enfartou, mas cuidei da minha avó e cuidei do meu pai. Meu pai morreu com 97 anos. Nós em 14 irmãos, a única que sempre se dedicou inteiramente para eles fui eu. E tem duas irmãs que praticamente fui eu que terminei de criar. Uma mora em Paranaguá e a outra mora aqui em Colombo. Então eu que terminei de criar, elas me tem assim como se eu fosse mãe. E a minha filha adotiva, nossa. Agora ela veio morar um pouco aqui comigo, porque o meu neto está

com 13 anos e está no último ano. Ele é bem grandão, sabe? De informática assim é com ele. E ela também. Ela começou na Microlins, com 14 anos. Daí ela coordena a escola, casa de apoio de criança abandonada, casa de adolescente e de criança especial. Ela que faz tudo. Então eu admiro muito.

**Entrevistadora: e os seus netos, eles também...**

**Respondente:** esses que moram em Paranaguá são todos formados. Um é contabilista, a neta é radiologista em dois hospitais.

**Entrevistadora: mas eles também atuam nessa área social?**

**Respondente:** também. Meu neto tira uma vez por mês, um domingo, para lar de idoso, nem que seja para fazer companhia e a minha neta também. Sempre faz também esse tipo de trabalho. E a minha filha também ajuda as igrejas. Nossa, eu me sinto feliz. E não me deixam faltar nada.

**Entrevistadora: e você acha que se estivesse trabalhando no mercado formal, conseguiria fazer esse trabalho que faz na área social?**

**Respondente:** eu acho que sim, porque quando eu tinha 14 anos, eu trabalhava no centro, em uma confeitaria e eu sempre tinha tempo para alguém. Sempre quando eu saía do serviço, a responsabilidade era minha, com 14 anos, mas dava uma comidinha, dava um docinho, sempre, sempre achei tempo. Até no Cindacta, aqui na base aérea, eu cheguei a fazer voluntariado ali. Deus o livre e guarde um dia eu fazer alguma coisa errada, não adianta eu querer me esconder. Não tem quem não me conheça. Agora pouco veio pegar um menino aqui na frente, pra escola, o motorista fez assim (acenou). E eu fico feliz, fico feliz mesmo. Valorizar o próximo.

**Entrevistadora: e qual o impacto dessa solidariedade em sua vida?**

**Respondente:** me sinto maravilhosamente bem. Se precisarem de mim e eu não estiver disposta, eu não me sinto bem. Sabe, eu não fico assim...é que nem ali no Perpétuo Socorro, eu fico mais assim, andando, e tem as pessoas de idade, às vezes não estão bem ou então eu já vi uns entrando e querendo pegar a bolsa. E fiz voluntariado no leprosário São Roque e no hospital de tuberculose, no Jardim das Américas. Oito meses eu fiz. Nunca usei máscara, nunca usei luva, nada.

**Entrevistadora: e o que te ensina essa sua jornada?**



**Respondente:** aprender cada vez mais e sempre estar pronta ao próximo. Se eu estou morando aqui, o porquê? Foi um médico que falou de mim para o Sérgio. Toda semana passava uma aqui, porque ela estava na cama, não se mexia, não falava, só mexia com o olho. Daí eu vim aqui conhecer, mas quando cheguei aqui, meu Deus do céu. A mulher dormindo ali, só mexia com o olho, coberta de feridas, dormindo em cima da sujeira, nossa. Eu pedi para ele alugar um container, por ali na frente e se deixava eu tirar tudo. Ele concordou. Estou aqui há 20 anos.

**Entrevistadora: e o que aconteceu com essa mulher?**

**Respondente:** faz seis anos que ela faleceu.

**Entrevistadora: Você cuidou dela?**

**Respondente:** cuidei dela o tempo inteiro, só que em 45 dias ela já falava, comia sozinha e nós ficávamos conversando o tempo inteiro. E eu limpava tudo, eu cuidava de tudo. E ela falava...o pedido dela era que eu não saísse daqui, que eu não deixasse ninguém por a mão em nada e que eu fizesse o que eu bem entendesse. Só não deixasse o sobrinho sozinho porque ele não tem ninguém. Morreu tudo. As irmãs, a mãe e o pai, nunca casou porque não deixavam. Então eu cuido dele e ele cuida de mim. Só que ele não mexe uma folha pra cá sem que eu autorize. Quem manda sou eu.

**Entrevistadora: na última vez você mencionou que sua avó foi escravizada...**

**Respondente:** foi, foi negra e escrava

**Entrevistadora: ela te falava como era a questão do apoio entre eles**

**Respondente:** não, ela trabalhava e não reclamava, não tinha uma visão. O serviço era pesado, mas ela não reclamava, daí ela só me ensinava e eu ia junto com ela. Só que daí acho que com 70 anos ela parou. Lá em Campina Grande, morava lá.

**Entrevistadora: mas ela tinha outras pessoas trabalhando em regime de escravidão também?**

**Respondente:** não, não. Ela ficou viúva cedo e daí tinha todos os filhos pra criar. Antigamente não era que nem agora. Não lembro assim muito bem, mas ela ficou viúva muito cedo e daí criou os filhos sozinha. Então foi isso que eu aprendi com ela também. Fiquei viúva cedo e criei sozinha as filhas.

**Entrevistadora:** então as pessoas que te influenciaram a seguir por esse caminho foram seu pai e avó...

**Respondente:** nossa, nunca esqueci. Até tenho um quadro ali de São José, era do meu pai. Sempre cuidei, sempre.

**Entrevistadora:** seu pai também era religioso...

**Respondente:** também. E vovó explicava o significado que Deus aparecia na vida da gente, mas jamais a gente imaginaria que seria Deus. Ou vinha de mendigo, ou vinha de idade e aparecia. E aconteceu comigo. Eu e meu pai morávamos no Bacacheri, era véspera de natal. Nós estávamos na área esperando uns amigos para jantar lá em casa, um senhor bateu e perguntou se tinha alguma coisa para comer. Aí eu fiz um prato, dei sobremesa e perguntei se ele queria um suco ou queria água. Queria água. Terminou de comer, eu e meu pai nos olhamos assim, aí ele agradeceu e saiu. Não chegou a dar meia quadra e fez assim (sumiu). Então eu nunca esqueci, não esqueço. Tudo que a minha vó falava, sabe? E acontece, aconteceu e acontece.

## **HISTÓRIA DE LUCIANA – PARTE 1**

**Respondente:** meu nome é Luciana, eu sou engenheira civil e eu sempre quis fazer essa parte do voluntariado. Há 5 anos, no aniversário de uma amiga, eu, por acaso, sentei do lado de uma pessoa que não conhecia e ela falou que já fazia esse trabalho. Eu fiquei curiosa e falei: “posso ir junto?”. Ela: “pode. Amanhã vamos ter esse trabalho”. Então tá, então eu fui. A hora que estacionei meu carro na praça Tiradentes entrei em pânico. Eu senti pânico porque pensei assim: “meu Deus, como eu posso ir ali, do meu carro, da minha zona de conforto e vou descer – que era uma fila enorme – e vou descer aqui na praça Tiradentes?”. Eu pensei: “meu Deus”. Eu, assim, foi a primeira vez que tive medo, mas eu respirei e desci. A hora que desci, ela veio ao meu encontro, a pessoa que me convidou, e falou assim: “Luciana, você é nova aqui, você vai servir só os copinhos”. Eu peguei os copinhos e fui servir. À medida que eu fui servindo, lembro que tinha um senhor que olhou pra mim assim e falou assim: “Você é um anjo!”. Pronto, daí ele me desarmou assim por completo. A partir desse dia eu nunca mais parei de ir. Eu continuei no projeto dela por mais um tempo e daí eu senti a necessidade de montar mais um dia. Montei uma cozinha na minha casa para fazer as marmitas, só que foi crescendo muito a quantidade de voluntários. A gente alugou uma casa, próxima aqui. Junto com o Projeto Luz veio o

dos Médicos de Rua, que estão junto com a gente hoje. Foi enviado para somar e faz ações junto e a gente tem esse propósito de toda semana entregar a melhor comida, porque a gente faz uma comida assim de coração, a gente elabora cardápio uma semana antes, vai atrás dos itens e entregar, assim, com dignidade, na mão, entregar o refrigerante, o bolo, o doce e, além disso, sentar com eles e conversar. Assim, não é só você entregar comida direto; entregar e virar as costas. Não! Hoje a gente conhece pelo nome, eles já conhecem a gente, então criou aquele laço de amizade. Quando uma delas não vai, eles já perguntam: “ai, cadê?” ou “por que não está aqui?”. Então, assim, o voluntariado do projeto luz é um vínculo de amor ao próximo que a gente tem. E não só na praça Tiradentes, como em algumas comunidades que a gente entra. Durante a pandemia, a gente se propôs a fazer marmitas todos os dias, porque nos projetos a gente teve que parar e a gente falou assim: “não, vamos embora, vamos fazer!”. A gente começou a entrar nas comunidades, a gente nunca tinha entrado e começou a levar cestas básicas. E a entender também esse outro mundo deles, que é um mundo muito difícil, tem muita casa que não tem banheiro, sabe? Que é um jeito que vive que é assim. Eu fiquei muito chocada. E hoje a gente continua atendendo algumas comunidades e a praça Tiradentes. E a gente faz roupas pra eles, a gente faz moletom, a gente faz saco de dormir e a gente vai monitorando, inclusive quando eles estão doentes, então de vez em quando a gente leva remédios; tem que tomar antibióticos, eu vou passando na praça entregando antibióticos. Então é uma relação assim de afeto.

**Entrevistadora: e como começou tudo isso? O que te despertou esse desejo de ajudar?**

**Respondente:** na verdade eu sempre quis ajudar, fazer alguma coisa. Eu nunca descobri. O primeiro voluntariado que eu procurei foi esse, foi entrando junto com outro grupo e eu nunca mais parei... nunca mais parei e o legal é que assim, o projeto Luz, cada vez tem mais voluntários, mais pessoas com vontade de ajudar, a gente tem muita doação de alimentos, então é uma coisa assim que não para, ele é muito acreditado e com isso a gente consegue acolher muitas pessoas. A gente já conseguiu colocar 2 em uma clínica e estamos acompanhando, a gente consegue acompanhar as grávidas pra ver como elas estão, se elas estão fazendo pré-natal direito. Então, assim, a gente vai cuidando da vidinha deles mesmo que de longe.

**Entrevistadora: e como foi a sua vida antes do projeto? Como foi a sua infância e crescimento?**

**Respondente:** então, minha vida sempre foi muito tranqüila, muito boa, sempre estudei em colégios bons, daí me casei, tive 2 filhos e sou muito grata por tudo que eu tenho, então eu acho que eu, sim, tenho que retribuir, sabe? Pelo menos assim, pelo menos acolhendo essas pessoas e dando um pouco de oportunidade que nem eu tive, porque eu tive muitas oportunidades, abracei as oportunidades, claro que eu tive uma família muito estruturada, que o motivo deles...muitos que estão na rua, sempre não tem estrutura familiar alguma, sempre é um problema da família, além da droga, né? Porque a droga é uma coisa muito complicada. E a gente vê quando eles estão, assim, na rua, quando a gente vê menino novo na rua, a gente já tenta conversar e ver o que a gente pode fazer porque a gente tem uma...assim...acha que depois de 6 meses na rua é muito difícil de se recuperar a pessoa e se ela não tiver a família junto, ajudando, fica muito difícil.

**Entrevistadora: eu queria saber mais de você. Como é vivenciar a solidariedade no cotidiano?**

**Respondente:** a minha vida gira em torno da solidariedade, então, assim, o dia inteiro fazendo isso. Então, aqui é um prazer, a hora que a gente está fazendo os alimentos, a cozinha. Então, assim, você vê essa energia, todo mundo querendo levar o melhor para eles. Tem muitos dias que eu volto da entrega feliz, porque eu vejo que eles estão bem, outras não estão, agora tem dias muito tensos que eu volto, assim, acabada. Acabada porque a gente vê situações que não dependem da gente, que a gente vê pessoas largadas na rua, que a gente tenta acolhimento, tenta pelo menos, sei lá, assim, é uma forma de viver, sabe? Que nem um bichinho, assim, comendo com a mão, caído no chão, jogado e a gente chama os órgão competentes e eles não nos ajudam, então eu acho que não adianta só ter projetos bons, querendo ajudar, querendo dar acolhimento, a gente precisa de políticas públicas, porque senão o negócio não vai, porque a gente tem, como projeto, a gente tem um limite, a gente não entende como, tipo assim, eu sei acolher, sei abraçar, sei conversar, agora eu não tenho preparo pra pegar uma pessoa e internar, não posso, eu não sei essa outra parte, daí a gente precisava mais do poder público ajudando a gente. Se tivesse um trabalho conjunto, a gente ia poder ajudar muita gente.

**Entrevistadora: e o que você acha que seria necessário? Qual seria a função desse poder público e do resto da sociedade?**

**Respondente:** nossa, tinha que começar do zero, porque tá completamente...eu acho que assim, até eles perderam o rumo porque cresceu muito a quantidade de pessoas que estão em situação de rua, sabe? Cresceu muito e, assim, é muita droga, é muita droga, eles tem muito acesso à droga, a álcool e eu não sei nem por onde começar, mas eu sei que projetos bons sozinhos a gente só consegue fazer redução de danos, a gente acha que a gente reduz danos, só isso, porque a gente não consegue ir além disso.

**Entrevistadora: você teve motivação da sua família?**

**Respondente:** no começo não. No começo até me puxaram, falaram: “olha, acho que não dá, é perigoso”, mas hoje não, hoje tenho. Hoje minha mãe me apoia, minha família me apoia. Eu tenho a oportunidade de poder levar meus filhos para ver, ensinar pra eles agora que existe esse mundo, é gratificante, porque essa é a única forma de ensinar compaixão para eles, é você vendo que tem pessoas sofrendo do teu lado e que você tem que ajudar, nem que for com um olhar, a pessoa pedindo alguma coisa, baixe o vidro, fale “tudo bom? Não tem nada para dar”, mas sabe? Olhe pra ela. Quando a pessoa ta no chão, fique no mesmo nível, converse com ela. Eu acho que essa oportunidade pra mim já valeu tudo a pena.

**Entrevistadora: e como essa relação te transformou enquanto pessoa?**

**Respondente:** nossa! Eu sou outra pessoa. Dou muito mais valor a tudo, eu vejo o mundo de outra forma. Eu quero ficar só ao lado das pessoas que sintam essa mesma compaixão pelos outros, sabe? Nossa, mudou muito, completamente.

**Entrevistadora: e se tivesse que se desvincular do projeto, você como pessoa atuando nessa temática da solidariedade, como você se vê nesse processo todo?**

**Respondente:** eu não sei nem te contar, porque é uma coisa que foi indo e foi indo. Eu nunca quis um projeto assim, só queria ajudar as pessoas, é que parece que as pessoas do bem vão se unindo, mas hoje isso aqui é uma casa aberta onde quem quiser vir ajudar vem, sabe? Às vezes dá vontade de desistir, vou falar que às

vezes...hoje mesmo deu vontade de desistir porque às vezes a gente se sente muito impotente, então você faz, faz, faz e, de repente, pega fogo em uma comunidade, aquela comunidade do coração que você ajuda, que você tá sempre lá e você vê que você não pode fazer nada, sabe? Que a gente fica cobrando do povo: “olha, tem que limpar” e não sabem nem por onde começar. Então às vezes dá vontade, porque a gente sofre, a gente cuidar das outras pessoas e é muito difícil você chegar em casa, que nem na minha situação, eu vendo tudo que eu vejo na rua, tudo que eu vejo dentro da comunidade, eu chego na minha casa e olho assim pra tudo que eu tenho e falo assim: “meu Deus”. É difícil. Até você entender é difícil.

**Entrevistadora: você falou que tem filhos. Como eles encaram tudo isso?**

**Respondente:** então, tem um de 24 e outro de 17. O de 24 anos, ele me ajuda muito, mas ele me ajuda pela comunidade, quando tem que fazer entrega de cestas, essas coisas. O Meu de 17, desde que eu comecei, ele tinha 12 anos, ele já entrava em tudo comigo, então desde em boca de venda de drogas, para atender as pessoas, em todos os lugares ele ia comigo. Então até hoje, inclusive ele mora fora e eu tô levando as marmitas, quando vou visitar ele, a gente faz uma entrega de marmitas lá, porque ele fala que tem muitas pessoas em situação de rua e ele quer fazer uma entrega lá. Então ele gosta.

**Entrevistadora: então você vê que eles estão indo pelo mesmo caminho?**

**Respondente:** indo pelo mesmo caminho eu não sei, mas pelo menos são pessoas melhores. Aqui tem que ter muito amor. Você tem que abdicar de tudo para fazer isso, não tem outra vida. É o dia inteiro isso. Olha, agora a gente já tá costurando para fazer os negócios da Páscoa das crianças, então é uma coisa que é uma bola de neve, não tem fim.

**Entrevistadora: você abdicaria de tudo que está fazendo hoje?**

**Respondente:** eu acho que não. Não pararia. Não pararia porque, primeira coisa, voluntários tem que ser estimulados. Todo dia eles estão na dificuldade, você tem que sempre ir plantando uma sementinha: “ó, gente, precisamos, vamos, temos que ir” e a gente tem que estimular. A partir do momento que eu virar as costas e parar, o negócio para, então não tem como eu parar mais.

**Entrevistadora: você disse que, quando começou, procurou uma pessoa. O que te levou a procurar essa pessoa?**

**Respondente:** foi por acaso. Eu tava sentada, no aniversário de uma amiga e ela me falando que fazia trabalho voluntário, ela me falou que fazia marmitas para pessoas em situação de rua e eu falei assim: “ah, quero ir junto, quero conhecer” e foi meu primeiro trabalho voluntário e eu só segui a mesma coisa.

**Entrevistadora: você sente que faltava alguma coisa em sua vida?**

**Respondente:** ah, eu sempre quis ajudar. Eu sempre tive na minha mente, mas não sabia o que, sempre quis fazer alguma coisa para ajudar. Sempre quis procurar, mas acho que tive sorte, já procurei, achei e estou aqui até hoje.

**Entrevistadora: alguém te estimulou a fazer isso?**

**Respondente:** não, eu procurei e fui.

**Entrevistadora: eu tenho uma amiga que fazia entrega de lanches com recursos próprios e hoje ela tem uma outra visão, ela enxerga que o que falta é uma motivação e não a entrega de algum recurso.**

**Respondente:** antes de motivar eles tem vários processos a passar, porque assim, motivar é super fácil, só que primeiro você tem que consertar a vida deles, eles usam drogas ou eles são alcoólatras, eles têm que passar por vários processos antes de ser colocados no mercado de trabalho, então esse é o problema. Então a gente tá ali só pra tapar um buraco mesmo, isso eu sei, mas daí a gente pensa assim: “e se a gente não for?”, “e se a gente não fizer isso?”. Pelo menos é um momento que a gente tá lá, senta, conversa, dá carinho, mas pra colocar eles...e tem muitos que não querem trabalhar, tem muitos que não querem voltar pra casa, que gostam de morar ali. Então todos são casos e casos. Também não sei o que é o certo e o que é o errado. Cada caso é um caso.

**Entrevistadora: agora eu queria saber de você, o que você considera a solidariedade.**

**Respondente:** eu acho que é você se doar, doar o seu tempo. Você doar um bem material é super fácil, você pegar e dar uma cesta, tá doando do mesmo jeito, agora

você doar seu tempo preciso, daí isso é solidariedade. Nem que for assim, ir num asilo pra ficar conversando com os velhinhos. Isso é solidariedade. Pra mim é isso.

## **HISTÓRIA DE LUCIANA - PARTE 2**

**Respondente:** Sabe que até nem eu sei. Eu sou engenheira civil, trabalhei uma época com engenharia, mas assim, nunca me identifiquei. Eu fiz aquele teste vocacional, deu para essa área de assistência social. Meu pai não deixou. Falou que não era curso isso. Daí o que ele fez. Eu sou mais velha daquela época que os pais ainda conseguiam direcionar. Daí ele falou assim: Luciana, você pode fazer engenharia, medicina ou direito. Daí eu falei assim: “meu Deus, não gosto de nada, mas vamos lá”. Engenharia. Fiz. Não me arrependo porque o meu curso é, nossa, eu uso tanto hoje em dia, pra tudo, pra organização, sempre eu uso. Até no projeto, às vezes, eu uso, porque a gente constrói as casinhas, então eu faço projetinhos, enfim. Quando eu tive meu segundo filho, parei de trabalhar. Antes eu fazia só projetos de vigilância sanitária, daí eu parei de trabalhar porque estava corrido com as crianças. Daí quando eles cresceram, já estavam indo para a escola o tempo inteiro, eu falei: não, agora eu vou fazer o que eu quero. E fui buscando. Tentei fazer no Pequeno Príncipe, só que tinha que preencher um monte de papel e daí tinha que esperar e eu sou daquelas: vamos fazer, eu quero fazer já, agora. Daí por acaso, enquanto eu tava procurando, eu fui no aniversário de uma amiga, de 40 anos, e sentei do lado de uma senhora e eu não conhecia ela. Sentei do lado dela e ela disse: “ah eu faço um projeto social, eu entrego sopa na praça Tiradentes”. Eu olhei para ela e falei assim: “eu posso participar?”, ela: “lógico”. E assim, no dia seguinte eu já entrei no grupo e já tava super animada e queria. A hora que cheguei na praça Tiradentes eu tive minha primeira Síndrome do Pânico foi quando estacionei na praça Tiradentes e vi aquela fila. Porque eu nunca tinha tido contato. Daí tive pânico, eu não conseguia descer do carro. Eu pensei: “pronto, agora eles vão me assaltar, agora não vai dar certo, isso aqui é muito diferente”. Daí eu pensei: “não, Luciana, você chegou até aqui, agora você vai”. E fui. Desci, morrendo de medo, bem contida. Era uma fila, mas uma fila enorme assim e no carro ela abriu o porta-malas e foi entregando. Ela falou assim: “Luciana, você vai entregando copinho, só o copinho de plástico para cada um na fila, que a gente vai servindo suco”. Eu fui. Assim, bem de longe fui entregando. A hora que eu entreguei para um senhorzinho, bem no começo da fila, ele olhou para mim assim e falou: “nossa, você



é um anjo que apareceu na minha vida!”. Pronto, daí ele me desarmou completamente. Eu tava assim, um metro de distância das pessoas, já comecei a me aproximar. E eu fiquei encantada. Eu fiquei assim, nossa, encantada com aquilo. Só assim de olhar e conversar, tão pouco o que eu estava fazendo, eu consegui assim, sei lá, agradar uma pessoa, sabe? Eu cheguei em casa assim: “pronto, é isso que eu quero da minha vida, só vou fazer isso” e entrei no grupo. Entrando no grupo a gente viu que, assim, tinha mais dias que dava para fazer. Em 15 dias já estava fazendo na minha casa, com o mesmo grupo, então era um dia na casa dessa voluntária e um dia na minha casa. E isso a gente ia toda semana. Que eu comecei o voluntariado faz sete anos e comecei aqui em casa, só que dava muito trabalho, era uma sujeira e eu comecei a incomodar minha família. Daí meu marido falou: “isso não vai dar certo, Luciana. E é muito voluntário diferente entrando aqui, você não conhece, o condomínio vai começar a reclamar”. Falei assim “ah, ok”. Daí ele falou assim: “eu vou fazer assim, você gosta tanto disso que eu vou locar uma casa para você, ali perto da Tiradentes”. Ele locou uma casa e ali que a gente começou com tudo. Daí não parou mais. A gente começou com o Banho do Bem, que tava junto com a gente, que a gente levava o carrinho do banho e dava banho nas pessoas. A gente fazia triagem de roupa, lavava roupa. Era assim, uma coisa, o tempo inteiro fazendo isso. Veio a pandemia. A hora que veio a pandemia, eu acho que foi o melhor momento do Luz, o melhor. Eu digo assim porque a gente não teve medo. A gente se agarrou, foi uma força assim, sabe, parecia uma família e os outros projetos, a maioria, eles pararam. E a gente falou assim: “não, a gente não vai parar, não vai parar”. A gente fazia uma vez por semana, começou a entregar todos os dias. Todos os dias a gente entregava comida. Tinha muitos voluntários que faziam em casa, sanduíches, não eram nem voluntários do Luz, eram amigos. Faziam sanduíches, a gente ia passando de casa em casa buscando, a gente cozinhava. Nisso a gente ia pra Praça. No começo a gente ia toda paramentada, com avental, tudo, né? Daí eles olhavam pra mim e falavam assim: “Luciana, por que eles mandam a gente lavar a mão e manter o distanciamento? A gente não tem nem onde lavar a mão. Como a gente vai fazer isso?”. Daí eu ficava assim: “meu Deus, que injustiça”. A gente inventou uma pia, daí. A gente levava uma pia e levava a mão deles, passava álcool, mas a gente sabia que aquilo era só com o intuito deles não serem diferentes. Como todo mundo tinha que lavar a mão, para eles não ficarem diferentes perante a sociedade. E a gente lavava a mão, passava álcool em

gel. Tudo, né? Aí no começo mantinha o distanciamento e eles não pegavam o Covid. Porque assim, meu marido tem laboratório de apoio e ele vendia os testes de Covid. A gente levava o Matheus, que é um amigo nosso biomédico, fazia coleta, levava pro laboratório. E foi indo, indo, indo e foi entendendo porque eles não pegavam. Foram assim, pouquíssimos. Acho que um senhorzinho só morreu de Covid porque ele já tinha um problema. E a gente assim, nesses dois anos, trabalhou duro. A gente ia pras comunidades, entregava 500 cestas por mês, porque assim, os amigos viam que a gente estava ralando e eu tava determinada que a gente não ia parar de entregar comida, porque se a gente parasse muita gente não ia ter o que comer e assim a gente foi. A gente não pegou Covid. Ninguém pegou Covid. Eu antes era cética, não acreditava em nada, e hoje em dia eu acredito, porque não é possível. Com tudo que eu fiz, chegar perto, acolher, sabe? E não pegar nada. O que acontecia? A gente tinha aqueles decretos que não podia sair de casa. A gente conseguia, saía. A gente também tinha os médicos de rua. O Dr. Ricardo ia com a mochila, que os médicos de rua não podiam funcionar, porque eram profissionais, médicos, enfermeiros, que realmente eles estavam também atarefados nos hospitais. Eu ia com o Dr. Ricardo e a gente ia passando pela praça e ia vendo pelo menos feridas nos pés, que é porta de entrada de doenças. Então a gente ia e eu ia ajudando ele a fazer curativo. O Luz foi crescendo muito nessa época. Foi assim, nossa, emocionante, sabe? A gente não parou um minuto. Nunca ficou em casa, mas assim, a gente não fez isso desrespeitando as regras, não, porque a gente viu que realmente se a gente não desrespeitasse, as pessoas iam morrer de fome. Não era de Covid, eles iam morrer de fome. Então a gente deu o máximo e hoje a gente tem esse projeto lindo que já vai fazer 6 anos, existem muitos voluntários. A gente é muito acreditada. Não sei se as pessoas vêem que é tanto amor por esse trabalho e assim a gente é mantido somente com doações. Como eu te falei, o projeto Luz não aceita pix, não aceita doação em dinheiro, então a gente só aceita doações no que realmente a gente precisa e usa pra montar cestas básicas ou enxoval de bebê. Tudo que a gente consegue diretamente levar pras pessoas.

**Entrevistadora: Na minha pesquisa apareceu, mais de uma vez, a ideia de que a influência desse tipo de ação solidária veio da mãe. Eu queria saber como é a relação com a sua mãe e como é a relação da sua mãe com esse tipo de causa.**

**Respondente:** Nunca tive. A minha família nunca foi dessa parte social. Lógico que agora minha irmã participa muito, minha mãe participa muito, mas eu acho que assim, caiu no meu colo uma coisa que foi um presente, que eu tô realizada, mas assim, pra mim não foi essa coisa de mãe ou igreja, porque eu também não vou pra igreja. Sabe, não teve nada dessa parte. Foi uma coisa que eu queria, sempre quis. Eu sempre quis fazer a área social, eu só não sabia como. Graças a Deus apareceu.

**Entrevistadora:** **Você acha que se estivesse atrelada ao mercado formal, trabalhando na sua profissão, você conseguiria ter o mesmo desempenho que tem hoje no projeto?**

**Respondente:** Jamais iria conseguir levar um projeto que nem o Luz. Não tem como, porque o Luz me demanda , esse ano que eu tô mais tranqüila porque resolvi tocar a obra, mas o Luz me demanda o tempo inteiro. O tempo inteiro, porque assim a gente tem que motivar pessoas, porque voluntário é voluntário, ou ele ama, ou a gente tem que motivar. Então assim, além de motivar, a gente faz muita parceria com loja. Então a gente tem que, pra receber as doações, a gente visita muito as comunidades carentes durante a semana. Então durante a semana a gente está fazendo esse tipo de trabalho. A gente também acompanha as grávidas, muitas grávidas em situação de rua e a gente vai passando pela rua, vendo onde elas estão, como estão, porque até para cobrar delas, se elas estão indo no Mãe Curitibana ou não. Mas assim, a gente tenta acompanhar, mas não dá certo, porque muitas estão com sífilis, mas não sei, elas não entendem. Mas também elas vivem em um mundo que a gente só entende quando começa a conviver. São pessoas assim muito carentes de tudo, principalmente de afeto, principalmente. Porque assim, eu acredito muito que muitas delas estão ali em função da família que foi assim, alguma coisa que aconteceu na vida deles, traição, eu vejo um senhorzinho falando que foi traído, ficou desesperado, desiludido. O que eu escuto é essa parte. Claro que tem as pessoas que usam drogas, que daí a família também não agüenta, daí eles ficam na rua, mas assim é sempre um problema familiar que leva eles pra lá. Tem muitos também que não querem...tem muitos que são bem safados, que eles não querem compromisso com horário. Porque assim, se você passar na Tiradentes agora, eles estão lá tranqüilos, porque sabem que vai vir comida, todo dia tem comida e daí eles ficam jogando, ficam ali de papo, deitados na praça. Então

assim, é o estilo de vida que eles querem pra eles também. Então tem vários lados. Várias histórias, tem muitas histórias emocionantes.

**Entrevistadora: E você acha que entre eles existe uma rede de apoio, uma solidariedade ou só quando vocês vão lá?**

**Respondente:** Eles são assim... porque a Tiradentes tem uma regra: ali não pode bater em mulher, claro, não poderia nunca, mas ali não pode, então assim, muitas regras ali e eles se ajudam, claro, eles brigam muito porque eles bebem demais, então há muita briga. Mas do jeito que brigam já estão amigos, então eu acho que um apoia o outro. Eu acho, acho que eles tem. Porque mesmo assim, mesmo se você passar em uma marquise, eles dormem todos juntos porque sempre tem alguém que vai lá e bate, então eles preferem estar em grupo para proteção, inclusive.

**Entrevistadora: E quanto ao grupo de vocês, como é a construção da rede? Como chegam as pessoas até vocês?**

**Respondente:** Ai meu Deus, eu não sei, mas chegam e chega muito voluntário. Foi aquilo que eu te falei, eu não sei se a gente ama o que a gente faz e quando fala assim, conta história, chora, que as pessoas falam assim: “meu Deus, deve ser tão bom ir pro Luz”. Então eu acho que vai conhecer e todo mundo que conhece, gosta e fica. E sabe que assim, eu vendo, a gente conversando com as mais antigas, a gente vê que o Luz é terapia pra várias, porque a gente sempre acha que os nossos problemas são os maiores problemas do mundo, todo mundo. A hora que você chega no Luz, você tem que passar das duas até as seis cozinhando, brincando, então você vê pessoas de todos os níveis sociais, são mulheres super diferentes e você vê que todos os problemas são iguais. Então aquilo ali é uma terapia. É uma terapia, eu falo. Porque assim, você vê que todas as casas são iguais, os problemas são os mesmos, então é interessante, essa parte é muito interessante.

**Entrevistadora: Então normalmente são mulheres que entram no seu projeto.**

**Respondente:** É, a gente prefere mulheres. Tem alguns homens que entram, mas assim, é difícil. Porque se a gente pensar, nossa faixa etária são mais as aposentadas, até porque do horário, que é uma segunda à tarde, então são pessoas

que já não estão trabalhando ou que nunca trabalharam. A gente tem homens, mas que vão assim, seis horas da tarde, que vão direto pra praça.